



PLAY
with the
PHANTOM

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
AMANDA RICHARDSON

ÍNDICE

Índice.....	2
Sinopse.....	8
Aviso de conteúdo sensível	9
Recursos.....	10
Nota do autor.....	11
A Carta Fantasma.....	13
Ari.....	14
Um Fantasma à Beira do Abismo	21
Ari.....	22
Visitante Fantasma.....	31
Ari.....	32
Morte controversa de presidente de seguradora gera debate	37
O Fantasma Entre Nós.....	39
Ari.....	40
O Fantasma Anda Livre	43
O Fantasma à Mesa	45
Ari.....	46
Promessas Fantasmagóricas	50
Ari.....	51
Ameaça Fantasma	56
Ari.....	57
Águas Fantasma	63
Ari.....	64
Phantom apresenta	71
Ari.....	72
Sombra Fantasma.....	82
Ari.....	83
Quando o Fantasma Bate à Porta.....	89
Ari.....	90
Reivindicação do Fantasma	98
Maddox.....	99

Possessão Fantasma	102
Ari.....	103
Fantasma em carne e osso.....	109
Maddox.....	110
A Teia do Fantasma	113
Ari.....	114
Fome Fantasma.....	120
Maddox.....	121
Fantasma à Meia-Noite	124
Ari.....	125
Controle Fantasma	129
Maddox.....	130
Fantasma do Passado	135
Ari.....	136
Tentação Fantasma	145
Maddox.....	146
Não há como escapar do Fantasma.....	150
Ari.....	151
Marcado pelo Fantasma	157
Ari.....	158
Fantasma em suas veias	167
Maddox.....	168
Lembretes Fantasma	170
Ari.....	171
O Fantasma Espera	174
Ari.....	175
Tocada pelo Fantasma	178
Maddox.....	179
Fantasma no Retrovisor	187
Ari.....	188
Santuário do Fantasma.....	193
Ari.....	194

Um Fantasma Obsessivo	202
Maddox.....	203
O Fantasma Doméstico	209
Ari.....	210
Epílogo: O Futuro Fantasma	219
Ari.....	220

PLAY
with the
PHANTOM

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
AMANDA RICHARDSON

Brinque com o Fantasma
Amanda Richardson
© Copyright 2025 Richardson House Press LTD
www.authoramandarichardson.com

Revisão de texto: Rumi Khan
Design da capa: [The Pretty Little Design Co.](#)
Fotografia da capa: Ren Saliba

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou utilizado de qualquer forma sem a expressa autorização por escrito do autor, exceto para o uso de breves citações em uma resenha do livro.

CONTEÚDO

Sinopse

Aviso de conteúdo sensível

Recursos

Nota do autor

1. A Carta Fantasma

2. Um Fantasma à Beira do Abismo

3. Visitante Fantasma

Morte controversa de presidente de seguradora gera debate

4. O Fantasma Entre Nós

O Fantasma Anda Livre

5. O Fantasma à Mesa

6. Promessas Fantasmagóricas

7. A Ameaça Fantasma

8. Águas Fantasma

9. Phantom Presents

10. Sombra Fantasma

11. Quando o Fantasma Bate à Porta

12. A Reivindicação do Fantasma

13. Possessão Fantasma

14. Fantasma em Carne e Obra

15. A Teia do Fantasma

16. Fome Fantasma

17. O Fantasma da Meia-Noite

18. Controle Fantasma

19. O Fantasma do Passado

20. Tentação Fantasma

21. Não há como escapar do Fantasma

22. Marcado pelo Fantasma

23. Fantasma em suas Veias

24. Lembretes Fantasma

25. O Fantasma Espera

26. Tocado pelo Fantasma

27. Fantasma no Retrovisor

28. Santuário do Fantasma

29. Um Fantasma Obsessivo

30. O Fantasma Doméstico

Epílogo: O Futuro Fantasma

Agradecimentos

Sobre o autor

Também por Amanda Richardson

SINOPSE

Ela não faz ideia de que está sendo caçada... ou que o Fantasma já a reivindicou .

Ari

Eu achava que queria estabilidade, segurança, alguém que me transmitisse confiança. Durante dois anos, me convenci de que Asher — meu namorado impecável, previsível e perfeito — era suficiente.

Até que as cartas começaram. Enigmáticas. *Obsessivas* . Destinadas apenas a mim.

Então, conheço o irmão gêmeo de Asher. Maddox Cross. Um nome que ninguém pronuncia. Um criminoso condenado.

Asher me avisa para ficar longe, mas Maddox me desvenda, pedaço por pedaço, como se já conhecesse meus segredos.

E quando a verdade vier à tona, não terei que escolher entre dois irmãos.

Porque um deles nunca vai me deixar ir.

Maddox

Vinte anos numa cela mexem com um homem. Dão-lhe tempo. Tempo para pensar.

Tempo para recordar. Tempo para se obcecar.

Asher nunca mereceu Ari. Eu soube disso no segundo em que descobri sobre ela.

Ela não pertence ao mundo perfeito dele. Ela pertence ao *meu* — onde as boas moças são arruinadas e os homens maus não desistem.

Agora, estou aqui. Nos sonhos dela. No quarto dela. No escuro — tocando, saboreando, esperando.

Ela nunca estava correndo. Só estava esperando que eu a pegasse.

E agora que eu tenho?

Ela dirá meu nome no escuro, despedaçada e sem fôlego — até perceber que nunca deveria ter pertencido a mais ninguém.

Play with the Phantom é um romance completo, sombrio e independente, com diferença de idade e temas de perseguição. Possui um final feliz. Por favor, verifique os gatilhos.

AVISO DE CONTEÚDO SENSÍVEL

Este livro aborda temas que podem ser problemáticos para algumas pessoas.

Para obter uma lista completa, visite meu site aqui:

www.authoramandarichardson.com/gatilhos

Boa leitura!

RECURSOS

Isso é só para diversão, mas se você é uma pessoa visual ou auditiva, aqui está:

[playlist do Spotify](#)

[Painel do Pinterest](#)

NOTA DO AUTOR

Bem-vindo(a) ao *Brincando com o Fantasma*. Algumas informações rápidas antes de você começar...

Este livro contém **consentimento duvidoso/forçado**, particularmente durante uma cena crucial em que a protagonista acredita estar com seu namorado — apenas para descobrir mais tarde que se tratava de seu irmão gêmeo idêntico. Se isso não lhe agrada, pode parar de ler agora.
Ainda está aqui? Ótimo.

Este livro caminha por uma linha tênue e deliciosa — às vezes sombrio, às vezes engraçado, às vezes um pouco sincero demais. É picante. É caótico. Não finge ser moralmente imaculado. Se você gosta de **anti-heróis que destruiriam o mundo por quem amam**, Maddox Cross chegou para te destruir.

Se você gosta de perseguidores, homens obcecados, um pouco de consentimento duvidoso e muita tensão que te faz querer gritar num travesseiro, você está no lugar certo.

Maddox é completamente desvairado, no melhor sentido da palavra. Ele não é do tipo que pede permissão duas vezes. Uma vez que escolhe Ari, não há volta. Ele é obstinado em sua devoção, perigosamente protetor, e *ficará* esperando do lado de fora da sua casa com um buquê de miosótis e um sorriso arrogante.

Isso não é a vida real. É fantasia. Você terá seu final feliz, eu prometo.

E sim, Maddox faz coisas indizíveis com o frasco de perfume dela.

Apertem os cintos e aproveitem a viagem...

Beijos,
Amanda

Para todos os amantes de livros que se libertam de seus começos sufocantes.

Que seu meio e fim sejam repletos de sexo quente e intenso.

A CARTA FANTASMA

ARI

LAMBO minha mão e a levo entre as pernas, encontrando meu clitóris e o estimulando com os dedos freneticamente. Do outro lado da mesa, Asher observa. Sua expressão é neutra. Quase *educada*. Como sempre. Mesmo quando levanto a mão e a bato contra minha vagina, ele não reage. A ardência aguda me causa um choque elétrico e meu corpo inteiro estremece.

"Sim", murmurei, me esfregando com mais força. "Assim... exatamente..."

As sobrancelhas de Asher se erguem rapidamente.

Quando olho para baixo, o pênis dele ainda está mole.

Isso é um problema.

Fazendo uma pausa, endireito-me um pouco. "Há algo errado?"

Ele expira, girando os ombros como se estivesse se forçando a permanecer concentrado. "Ari, você não precisa se machucar."

Eu gemo enquanto me jogo de volta na cama, soltando um suspiro de frustração. "É essa a ideia, Ash. Eu gosto disso."

Sua boca forma uma linha fina, e resisto à vontade de revirar os olhos. Levando a mão entre as minhas pernas, pressiono dois dedos dentro de mim desta vez. Não é suficiente. Nunca é quando eu mesma faço isso.

Asher inclina-se para a frente, estendendo a mão em minha direção como se quisesse contribuir, mas eu afasto sua mão com um tapa.

"Preste atenção", rosno. "Gosto de coisas rápidas e intensas. E *brutais*. Não tenha medo de me machucar."

"Não vou te machucar", diz ele, revirando os olhos.

Minha frustração aumenta drasticamente.

Retiro a mão e faço um gesto para que ele tente. "Vamos lá. Tente de novo."

Seus olhos cinza-azulados me encaravam fixamente, e juro que consigo sentir a impaciência fervilhando sob sua personalidade afável de golden retriever.

Ele desliza sua mão grande entre minhas pernas, circulando meu clitóris molhado.

"Cuspa nisso", eu digo para ele.

Ele me encara como se eu tivesse sugerido algo ilegal. Em vez disso, ele insere um dedo na minha vagina e usa minha excitação como lubrificante.

Multar.

"Meu clitóris", eu oriento, colocando minha mão sobre o dele e pressionando. "Concentre-se no clitóris e você vai se dar bem."

Por que será que sou sempre eu quem carrega o fardo de garantir que tudo corra bem? Trabalho, vida... e agora, aparentemente, sexo. Nem na cama consigo ter um minuto de paz.

O dedo de Asher se move em círculos lentos e cuidadosos, e eu reprimo um gemido.

"Mais forte. Me bata. Aperte, se precisar."

"Ari—"

Eu gemi e afastei a mão dele. "Você sempre diz que está disposto a aprender o que eu gosto, mas sempre se frustra com o que eu tento te ensinar."

Ele passa a mão pelo rosto enquanto suspira. "Não podemos simplesmente... fazer isso normalmente?"

Aperto meus lábios. Qual a vantagem de um homem ter um pênis enorme se ele não sabe como usá-lo? Porque, claro, o pau dele é grande. Mas eu nunca cheguei ao orgasmo com ele. Nem uma vez. Sou do tipo que gosta de orgasmo clitoriano, e Asher não está nada contente em ter que aprender a identificar meus pontos sensíveis.

E, sinceramente, estou cansado de ensinar alguém que claramente não tem vontade de aprender.

Suspiro e inclino a cabeça. "É, claro. Então me foda."

Ele me beija, mas parece forçado, sua mão se contraindo em frustração ao acariciar o pênis. Leva alguns minutos — tempo demais — até que ele finalmente se posicione entre minhas pernas abertas.

Eu coloco a mão no peito dele antes que ele possa penetrar. "Deixa eu ficar por cima."

Ele acena com a cabeça imediatamente, e algo dentro de mim se desfaz. Ele sempre cede.

Deslizo para fora dele, caminhando em direção ao meu criado-mudo e abrindo a gaveta com um puxão. Pego meu estimulador de clitóris, porque se ele não se dá ao trabalho de aprender a fazer isso, pelo menos tenho essa invenção mágica. Subo de volta em cima dele, fico com as pernas de cada lado de sua cintura, mas não o deixo entrar em mim ainda. Em vez disso, ligo o vibrador e o pressiono contra meu clitóris.

A sensação me atinge instantaneamente. Eu me sobressalto, meu corpo se tensionando de prazer.

Asher geme embaixo de mim, suas mãos indo até meus quadris, me puxando contra seu pau.

Ao menos ele é bonito.

Com quase um metro e noventa e cinco de altura, ele é enorme comparado a mim, que tenho apenas um metro e cinquenta e sete. E claro, ele me faz sentir segura. Claro, o sexo é bom.

Mas estamos namorando há dois anos sem que nada aconteça, e eu continuo me perguntando por que ainda estou aqui.

"Ari", murmura Asher, apertando meus quadris enquanto deslizo contra seu membro. "Quero estar dentro de você."

"Então você saberá o que fazer."

Sua testa se franze levemente. Mas então ele me levanta, e eu posiciono seu pênis contra minha entrada. Não lhe dou tempo para me colocar delicadamente sobre ele.

Em vez disso, eu o derrubo com força.

"Porra", ele rosna. "Você está bem?"

Solto uma risada abafada enquanto me esfrego no pau dele. "Sou uma mulher adulta, Ash."

Então, inclino-me para a frente e sussurro em seu ouvido.

"E eu gosto quando você atinge meu colo do útero."

Asher solta um suspiro pelo nariz, balançando a cabeça. "Você é um psicopata do caralho."

Aumentando a potência do meu vibrador, deslizo para cima e para baixo no pau dele, movendo os quadris enquanto me levanto e volto a descer com força. A fricção intensa me leva ao ápice e jogo a cabeça para trás, perdida na sensação.

"Aperta meus mamilos", imploro. Ele estende a mão e torce delicadamente meu mamilo direito. "Mais forte."

Ele torce um pouco mais forte, mas não do jeito que eu gosto. Afasto a mão dele e agarro meu próprio seio, rolando o mamilo entre os dedos, beliscando-o do jeito que eu realmente gosto.

Dor e prazer, intensos e perfeitos.

Estou quase lá, e fecho os olhos enquanto o monto. Suas mãos apertam minhas coxas, e percebo pela mudança em sua respiração que ele também está perto do clímax. Gostaria que ele falasse obscenidades, ou gemesse, ou algo assim. É como se ele estivesse guardando tudo para si.

Silencioso. Distanciado. Sempre se contendo. Como se estivesse fazendo isso por obrigação, não por verdadeiro desejo.

Eu anseio por isso. Sempre anseio por isso. Mas ninguém parece retribuir esse desejo da mesma forma.

"Fale comigo", imploro, com a voz embargada enquanto abro os olhos. "Diga algo obsceno."

"Você é tão gostosa", diz ele, sem demonstrar qualquer emoção. "Tão perfeita, tão sexy."

"Me chame de sua vadiazinha", sussurro. Ajustando o sugador de clitóris *com precisão*, minha boca se abre em espanto enquanto o ângulo diferente faz meu clímax subir rapidamente.

"Jesus, Ari."

"Vamos lá, me faça esse favor. Só uma vez. Pela ciência."

Ele geme em vez de responder, então, como sempre faço depois do sexo, fecho os olhos e imagino um cenário diferente. Imagino alguém me *reivindicando*. Imagino os sons, e talvez até essa pessoa me empurrando para trás e assumindo o controle por cima de mim.

Imagino como seria sentir mãos fortes segurando as minhas acima da minha cabeça enquanto sou fodido sem piedade.

Às vezes, chego a imaginar que não é consensual. Que a pessoa com quem estou transando está me *possuindo* — me dominando. Me deixando impotente sob seu toque, perdida na mistura inebriante de medo e desejo.

Mãos fortes agarrando meus quadris, me forçando para baixo com mais força.

Um ritmo áspero e desesperado que me deixa sem fôlego, completamente à sua mercê, mesmo quando estou por cima.

"Estou chegando. Ah, droga —"

Meu orgasmo me atinge como uma maldita bola de demolição.

Eu me contorço contra ele enquanto a onda de êxtase me domina. O estimulador de clitóris extrai tudo de mim, e eu gemo, tremendo e me contraindo ao redor dele. Abro os olhos e não desvio o olhar enquanto a sensação me atravessa. Deixo o estimulador de lado, completamente exausta.

Eu o encaro, ainda sentada em seu pênis. "Você não gozou?", pergunto, movendo-me suavemente sobre ele.

Ele se mexe embaixo de mim, com a expressão tensa. "Tive um dia agitado no trabalho."

Então, ele me levanta e se senta, com os cabelos loiros escuros penteados para trás enquanto pega suas roupas. Eu o observo por um instante, admirando a forma como seus músculos se contraem nas costas, aquela bunda perfeitamente redonda na qual eu poderia quicar uma moeda, e aquelas pernas grossas e longas.

Ele veste as calças e algo se esvazia dentro de mim.

Você quer uma mamada?

Ele faz uma pausa. "Tenho uma reunião daqui a pouco. Preciso voltar para o escritório." Ele continua vestindo a camisa de botões, sem sequer me encarar.

Engoli em seco algo amargo, forçando um pequeno sorriso. "Talvez você pudesse vir aqui depois do trabalho e a gente assistisse a um filme?"

Ele sorri para mim, mas o sorriso não chega aos olhos. "Eu gostaria disso. Eu te ligo, tá bom?"

Dito isso, ele se inclina, dá um leve beijo na minha testa e sai.

Um minuto depois, a porta da frente se fecha com um clique. Eu fico olhando para o teto.

Sim. Ele não virá.

Me viro de lado, franzindo a testa para a minha cômoda. Uma sensação de decepção se instala no meu estômago.

Dois anos disso. Dois anos de um espaço cuidadosamente planejado, de permanecer à margem de algo real. E agora, nem sei como preencher essa lacuna — se é que ainda é possível.

Eu reprimo essa sensação desconfortável.

Então, levanto-me da cama e vou em direção ao banheiro.

Eu me limpo, visto meu pijama e vou até a cozinha para beber um copo d'água.

A correspondência de mais cedo ainda está em cima da bancada. Eu a folheio distraidamente — contas, propagandas indesejadas e um envelope com uma caligrafia que não reconheço. Paro, franzindo a testa. Não é uma conta, nem spam, nem um dos muitos cartões-postais que minha avó me manda de onde quer que ela esteja no mundo agora.

É um envelope branco.

Eu viro o envelope, procurando um endereço de remetente — *nada*.

Huh.

Sinto um aperto no estômago. Abro o envelope, deixando uma folha de caderno pautado cair sobre a bancada.

A caligrafia é apressada — nítida — como se tivesse sido escrita às pressas.

Pego o papel, leio as palavras com atenção, meu pulso pulsando de forma irregular.

UM,

Você não me conhece. Ainda não. Mas eu conheço você.

Sei como a luz deve incidir sobre a sua pele, como o mundo deve silenciar quando você passa por ele.

Eu te conheço como um homem conhece aquilo que nunca deveria ter tido – muito bem, muito profundamente, demais.

Dizem que o tempo muda um homem. Isso é mentira.

O tempo apenas aguça o que já existe.

E eu? Tive todo o tempo do mundo.

Te vejo em breve, anjo.

M

Soltei uma risada ofegante, embora não tenha chegado ao meu peito.

Desde que me mudei para o bangalô da minha avó, construído na década de 1920, tenho recebido uma boa quantidade de correspondências estranhas. Esta não é a primeira carta estranha que recebo desde que me mudei para esta casa. Quer dizer, minha avó nunca se casou, teve meu pai fora do casamento, viveu em uma comuna por vinte anos e, recentemente, decidiu passar seus anos de aposentadoria viajando de um país para outro.

E, sinceramente? Eu a admiro demais por isso.

Além disso, agora posso morar na casa dela pela metade do preço de outras casas na região.

Tiro uma foto rápida da carta para Frankie, minha melhor amiga. Depois, dobro-a e a coloco no balcão.

Ou eu tenho um perseguidor, ou este é mais um para a coleção da Anastasia.

FRANKIE

Meu Deus! Isso é muito sinistro. Você devia emoldurar.

Por que a vovó não recebe correspondência normal?

FRANKIE

Haha. Ela viveu bastante. Para ser sincera, estou com um pouco de inveja.

Eu também. Aqui estou eu, me masturbando até ficar sem camisinha na frente do Asher para que ele possa ver em primeira mão onde fica meu clitóris. Minha vida é tão glamourosa.



FRANKIE

FRANKIE

Eu deveria mandar para ele um livro sobre anatomia feminina.

Por favor, faça isso. Destaque o clitóris em amarelo e escreva "X marca o local" nas margens.

Sorrindo, volto para meu escritório em casa e abro meu e-mail. Recentemente, abri meu próprio escritório virtual de contabilidade e a caixa de entrada está cheia de consultas de clientes.

Algumas horas depois, eu estava terminando meu expediente quando meu telefone tocou.

ASHER

Ei, desculpe, mas não poderei ir hoje à noite. Podemos remarcar?

Faço uma careta ao olhar para a tela.

Sem problema. Até mais.

ASHER

Ari, vamos lá. Eu já pedi desculpas. Estou completamente exausta do que aconteceu mais cedo.

Sim, você trabalhou muito.

Silêncio.

Ele não responde.

Dou um sorriso irônico, jogando meu celular no balcão enquanto entro na cozinha.

Talvez seja porque ele é mais velho, mas às vezes o jeito de falar do Asher me lembra demais o meu pai. E, sinceramente? Nada acaba com a atração mais rápido do que a sensação de estar namorando um homem que fala como um e-mail corporativo. Ele é um amor. Estável. Previsível. Exatamente o que eu achava que queria há dois anos.

E é tão sem graça que chega a doer os dentes.

E eu? Definitivamente não.

Depois de esquentar um pouco de macarrão que sobrou, vou até a sala de estar, me aconchoo no sofá com meu iPad e começo a comer. Abro meu aplicativo de leitura e toco no e-book que estou lendo. Me acomodo debaixo das cobertas, me ajeitando para ficar confortável. Cinco páginas depois, a protagonista já está sendo perseguida pela floresta por um demônio de dois metros e meio de altura com intenções moralmente questionáveis.

Que vadia sortuda.

Após cinco capítulos e meio, meus olhos começam a pesar.

Depois de lavar rapidamente a louça do jantar, apago as luzes, ligo o sistema de segurança e verifico três vezes se as fechaduras de todas as portas e janelas estão trancadas. Já na cama, meu corpo está exausto, mas minha mente se recusa a calar.

Sobre o trabalho. Sobre Asher. Sobre aquela carta.

Tem algo nisso que me incomoda.

Não as palavras, nem mesmo o tom.

Mas a certeza disso.

Expiro o ar, afastando o pensamento. Se eu não pensar nisso, não pode me incomodar. Me aconchoo ainda mais nos cobertores, pressionando o rosto contra o travesseiro. Só que meu corpo também se recusa a calar a boca.

Sinto um calor persistente na parte inferior do estômago, uma dor entre as coxas que não passa. Solto um suspiro lento, apertando as pernas uma contra a outra. Minha

mente volta ao que aconteceu mais cedo. Não às mãos de Asher, nem aos seus beijos suaves.

Outra coisa.

Algo mais sombrio. Mãos firmes me agarrando. Arestas mais ásperas, gemidos roucos masculinos, sons de desespero. Dentes raspando minha garganta.

Prendo a respiração.

Engulo em seco, virando-me de bruços.

Minhas coxas se contraem novamente, meus dedos se apertam nos lençóis.

Jesus. Por que sou assim? Por que meu cérebro está programado para achar o perigo excitante? Por que a ideia de alguém ficar um pouco desequilibrado por minha causa é de alguma forma profundamente atraente? Provavelmente algo para se analisar na terapia. Mas não hoje.

Eu forço minha respiração a desacelerar, meu corpo a ficar imóvel.

E finalmente — *enfim* — eu adormeço.

UM FANTASMA À BEIRA DO ABISMO

ARI

A CARTA ESTÁ em cima da minha bancada da cozinha, exatamente onde a deixei ontem à noite.

Digo a mim mesmo que não estou evitando isso.

Mas também não o joguei fora.

Em vez disso, tomo meu café com uma normalidade deliberada e ensaiada. Verifico meus e-mails no celular, dou uma olhada rápida na agenda, finjo que minha manhã é como qualquer outra. Mas, a cada poucos minutos, meus olhos se voltam para o envelope.

Te vejo em breve, anjo.

As palavras não param de girar na minha cabeça, mesmo que não deversem. É só uma carta. Só um mal-entendido. Talvez até uma brincadeira.

Mas algo nisso fica na cabeça.

Não deveria.

Isso deveria me perturbar. E *de fato* me perturba.

E, no entanto...

Minhas coxas se pressionam enquanto tomo outro gole lento de café. Um calor intenso sobe pela minha barriga, agudo e indesejado. Há algo na ideia de ser observada, de alguém espreitando fora do meu campo de visão, rastreando cada movimento meu. Me desejando. Me *esperando*.

Meu pulso acelera, uma pulsação lenta e traiçoeira.

Eu poderia contar para o Asher. Eu deveria. Mas aí eu teria que explicar por que isso me incomoda. E por que, em alguma parte obscura e vergonhosa de mim, não me incomoda.

Então eu não.

Em vez disso, deslizo a carta para uma gaveta, fora da vista, mas não da mente. Meus dedos demoram-se nas bordas do papel, como se pudessem revelar algo mais se eu apenas os mantivesse por tempo suficiente.

Já fazia algumas horas do meu expediente quando meu telefone vibrou.

ASHER

Olá. Me sinto muito mal pelo que aconteceu ontem à noite. Posso te convidar para jantar hoje à noite?

Animando-me instantaneamente, respondo com um sorriso.

Hum, jantar? Parece chique, algo que um casal de verdade faz.

ASHER

Hahaha. Vou fazer uma reserva. Comida italiana, tudo bem?

Acho que vou permitir. Contanto que você não diga "deixa pra lá" de novo.

ASHER

Anotado. 19h?

Até logo, velho.

Larguei o celular, ainda sorrindo.

Um encontro *de verdade*.

Ultimamente, parece que Asher e eu estamos numa espécie de limbo de relacionamento, sem que nenhum de nós esteja totalmente dentro ou totalmente fora.

Mas talvez ele esteja tentando. Talvez ele esteja se esforçando. Já faz meses que não temos um encontro de verdade.

O resto do dia passa voando, e quando chego ao restaurante no carro de aplicativo que pedi, Asher já está me esperando à mesa, checando o celular.

Chego sempre alguns minutos atrasada. Deixo-o na expectativa. Lembro-o de que não sou uma certeza.

À primeira vista, ele parece o mesmo de sempre — camisa de botões com as mangas arregaçadas, cabelo penteado para trás, com toda a aparência de um empresário impecável com um cargo importante. É um homem que sabe qual é o seu lugar no mundo e nunca precisou lutar por ele. Meu coração até dá um salto, e me lembro de quando nos conhecemos, quase dois anos atrás, em um aplicativo de namoro.

Quase não consegui marcar o encontro para o café naquele dia.

Dezesseis anos mais velho. Mais próximo em idade dos meus pais do que de mim.

Lembro-me de ficar olhando para o perfil dele, com os dedos pairando sobre o botão de deslizar para a esquerda, pensando: "*Será que eu realmente quero ser a crise de meia-idade de alguém?*"

Mas ele não parecia velho quando conversávamos. Também não *aparentava* a idade, graças a genes espetaculares e uma rotina de cuidados com a pele irritantemente boa. Mais do que isso, ele era estável. Sólido. O tipo de homem que meu pai chamaria *de um bom investimento*. Sem joguinhos, sem caos, sem brigas noturnas que me deixavam soluçando no carro. Depois de anos com homens intensos e que me deixaram com cicatrizes, Asher me transmitia segurança.

E por um tempo, isso foi suficiente.

Até que deixou de ser.

Ultimamente, me pego olhando para ele, observando o jeito como ele sorri nos momentos certos. Sei exatamente o que ele vai dizer antes mesmo de ele falar. Antes, eu apreciava essa previsibilidade suave.

Simplesmente não sei ao certo quando a estabilidade começou a dar a impressão de estagnação.

E claro, há *a carta*.

Sei como a luz deve incidir sobre a sua pele, como o mundo deve silenciar quando você passa por ele. Conheço você como um homem conhece aquilo que nunca deveria ter tido — muito bem, muito profundamente, demais.

As palavras gravadas na minha pele muito tempo depois de eu ter guardado o papel no fundo de uma gaveta, o desejo cru e voraz emaranhado em cada linha. É aterrador, esse nível de obsessão. E, no entanto, por baixo do medo, há algo mais. Uma faísca. Uma lembrança de como era ser desejada — não apenas escolhida, não apenas amada, mas *cobiçada*.

Mas Asher não é assim. E talvez isso seja bom. Afinal, eu sou um adulto, caramba.

Eu me sento na poltrona em frente a ele, observando atentamente sua reação. O jeito como ele coloca o celular de lado, como se não estivesse apenas checando-o pela terceira vez seguida.

"Sentiram minha falta?", provoco, arqueando uma sobrancelha.

Seus lábios se contraem num gesto que deveria ser de divertimento. Mas há uma fração de segundo, tão rápida que quase não percebo, em que algo cintila em sua expressão.

Ali. Bem ali.

Um aperto nos lábios. Uma hesitação no olhar. Não é nada. Mas também é tudo. Meu estômago se contrai, meu cérebro já começa a imaginar os piores cenários como uma máquina que nunca desliga. Ele está se afastando. Ele está entediado. Ele vai terminar comigo durante os aperitivos.

Ou pior, ele está ficando por obrigação.

A parte lógica do meu cérebro, a contadora que ganha a vida lidando com números, me diz que estou sendo ridícula. Que é impossível analisar cada expressão facial, cada mudança de meio segundo na linguagem corporal, e presumir que isso signifique alguma coisa.

No entanto, ele está distraído, com os ombros tensos de uma forma que não tem nada a ver com o trabalho.

"Ei", digo, cutucando o pé dele por baixo da mesa. "Você parece estar pensando se deve se candidatar a um cargo político ou confessar um assassinato."

Isso provoca uma risada abafada, mas é uma risada tardia, como se ele precisasse pensar um pouco antes de falar.

"Dia longo", diz ele.

Ergo uma sobrancelha. "Ruim ou apenas chato?"

"Nenhum dos dois. Só... coisas de família. Estou um pouco distraído."

Faço uma pausa, girando o canudo na minha bebida. Já conheci os pais dele, Otto e Hannah, algumas vezes. São simpáticos, aposentados e moram nos arredores de San Diego, numa casa enorme.

Certamente não é motivo para tanta ansiedade quanto Asher parece demonstrar.

Eu deveria bisbilhotar. Quero bisbilhotar. Mas o jeito como ele aperta o copo com os dedos me faz hesitar.

Em vez disso, dou um gole e digo com leveza: "Então, jantar significa que eu te perdoo pelo que aconteceu ontem à noite, mas só se você se esforçar de verdade na conversa."

Os cantos externos de seus olhos azuis se enrugam, e um toque de divertimento brilha em suas íris. Mas então desaparece. Ele está presente fisicamente, mas também está em outro lugar.

Um segundo depois, ele me conta sobre o trabalho — sua reunião matinal, bem como um novo cliente difícil. No entanto, suas palavras parecem ponderadas.

Parece que ele está falando só por falar, porque eu pedi, em vez de realmente interagir comigo.

O garçom anota nossos pedidos, e eu continuo ouvindo Asher explicar a diferença entre duas normas contábeis que eu já não me importava há trinta segundos.

Concordo com a cabeça, girando distraidamente a taça de vinho, mas minha mente divaga. Normalmente, gosto de ouvi-lo falar — há algo reconfortante em sua constância. Previsível. Confiável.

Mas e esta noite?

Ele está dizendo tudo certo, mas não parece certo. Seja lá qual for o drama familiar que o está preocupando, parece que está realmente afetando seu psicológico.

Dou outro gole de vinho e decido sondar o terreno. "Sabe, li em algum lugar que assassinos têm mais probabilidade de trabalhar no setor financeiro do que em qualquer outra área."

Isso chama a atenção dele. O copo para a meio caminho da boca. Os olhos dele encontram os meus, os lábios se curvam num sorriso irônico, mas há uma fração de segundo — tão rápida que quase não percebo — em que a expressão dele se torna tensa.

"É estranho mencionar isso durante o jantar", diz ele, com a voz um pouco calma demais.

Dou de ombros. "Só estou dizendo. Você se encaixa no perfil."

Ele solta um suspiro forte pelo nariz. "Será?", pergunta, mas não há nenhum desafio real em sua voz.

Ele pega o copo e toma um gole mais longo do que o necessário, como se precisasse de um segundo a mais antes de olhar para mim novamente.

Meus dedos se apertam em torno da taça.

Eu estava brincando. Ele sabe que eu estava brincando.

Então por que ele me olha como se eu tivesse tocado em um ponto sensível?

Ari, não se apresse.

"Um homem de negócios certinho com um lado sombrio secreto?" Bato os dedos no copo. "Com certeza."

Ele ignora minhas brincadeiras. Um segundo depois, o garçom traz nossa comida e, pelos próximos minutos, comemos em um silêncio confortável. O risoto que eu pedi está incrível, e não consigo evitar um gemido alto enquanto limpo meu prato. Asher sorri, batendo o pé no meu de brincadeira por baixo da mesa.

Ele termina de comer o frango e, quando afasta o prato, espero que ele faça contato visual com o garçom para pedir a conta.

Em vez disso, ele faz algo inesperado.

"Então", diz ele, colocando o guardanapo sobre o prato. "Conte-me algo que eu não saiba sobre você."

Eu paro, pego de surpresa.

Uma risada baixa e surpresa escapa de mim. "O quê?"

Seus lábios se curvam levemente, mas não deixo de notar como ele se remexe na cadeira. "Estou falando sério. Estamos juntos há um tempo, mas sinto que... não sei. Talvez eu devesse fazer mais perguntas. Me esforçar mais."

Pisquei, inclinando a cabeça. Asher nunca foi ruim de papo, mas também nunca foi de se aprofundar na minha história pessoal.

"Você já sabe o básico", digo, brincando com o guardanapo. "Sou contadora, tenho um gosto questionável para reality shows, coleciono Polly Pockets antigas e tenho problemas não resolvidos com meu pai."

Ele dá uma risadinha discreta. "Certo. Mas eu me refiro a algo que eu já não saberia. E, por favor, Deus, não me diga que você coleciona algo ainda mais estranho do que as Polly Pockets."

"Ei. Eles não são estranhos", digo, sentindo uma pontada de dor no peito por um instante. Mas não dou mais detalhes. Por algum motivo, nunca contei a Asher por que os coleciono.

Eu o observo por um segundo, tentando entender de onde vem essa linha de questionamento. Mas ele está esperando minha resposta. *E* está realmente tentando. Tenho que reconhecer isso.

Eu me inclino para trás e bato os dedos na haste do meu copo.

"Certo. Vamos ver." Franzi os lábios, pensativa. Eu poderia contar a ele que, desde o ensino médio, todo domingo à noite passo algumas horas escrevendo e publicando fanfics eróticas com monstros em um site de ficção científica. Ou poderia contar a ele como me perco em teorias da conspiração até provavelmente conseguir escrever uma dissertação sobre o Aeroporto Internacional de Denver ou a colônia desaparecida de Roanoke.

Mas essas questões parecem muito pessoais, de alguma forma.

"Ah. Eu tinha um peixinho dourado chamado Titan quando tinha oito anos. Ele cometeu suicídio."

Isso me faz rir muito. "Jesus, Ari."

"O quê?", pergunto inocentemente. "Ele pulou do tanque no meio da noite. Foi uma tragédia."

Ele balança a cabeça, ainda rindo baixinho. "E eu pensando que você ia me dizer algo doce."

"Bem, você perguntou." Dou um gole de vinho, mas meu divertimento não se dissipa completamente. Ainda existe uma energia estranha entre nós, como se ele estivesse aqui, mas com a mente em outro lugar.

Ainda assim, isso é melhor do que antes. Pelo menos ele está tentando agora.

Ele se recosta na cadeira, observando-me por um instante, com uma expressão agora mais suave. "Sabe... acho que entendi."

Ergo uma sobrancelha. "Pegar o quê?"

"Você", diz ele simplesmente. Ele gira o resto do vinho na taça. "Você gosta de ser compreendido sem ter que se explicar."

Sinto uma leve dor no peito. "É, acontece. A maioria das pessoas sente isso."

Ele acena com a cabeça, concordando com o argumento. "Sim. Mas com você é diferente. Você não apenas deseja, você espera." Ele pousa o copo, com os dedos ainda encostados na borda. "E talvez eu não tenha sido muito bom nisso."

Pisquei os olhos, surpresa com a confissão. "Isso é muito... introspectivo da sua parte."

Ele esboça um pequeno sorriso, mas há algo inquisitivo em seu olhar. "Acho que estou dizendo que tentarei te entender melhor." Sua voz baixa ligeiramente.

A atmosfera entre nós se altera, ainda que por um instante.

Hum. Estou agradavelmente surpreso.

Mas também... desestabilizado. Por dois anos, Asher foi consistente. Não no sentido de estabilidade, mas no sentido de rotina. Previsível. Seguro. Então, por que agora?

Por que, depois de meses ignorando o fato de que eu praticamente tinha que planejar meu prazer para ele, ele está dizendo isso de repente?

Eu poderia fazer uma piada, transformar a situação em algo descontraído e leve, como sempre faço quando as coisas ficam muito sérias.

Mas eu não.

Em vez disso, apenas concordo com a cabeça e digo: "Isso seria ótimo".

"E já que estamos falando em nos conhecermos melhor... eu queria te perguntar uma coisa. Fique à vontade para dizer não. Minha mãe me mataria se eu não perguntasse."

Eu fico parado. "O que é isso?"

Passando a mão pelos cabelos, ele me olha com um olhar sombrio e contemplativo. "Eles te convidaram para viajar com a gente na semana que vem. Todo ano, eles alugam uma casa no litoral, em Malibu..."

Eu pisquei. Ele está me convidando para ir este ano? Ele foi no ano passado e não me convidou. Não que eu tenha perguntado por quê, mas mesmo assim.

"Você quer que eu vá desta vez?", pergunto com cautela.

Ele dá um sorriso pequeno, quase envergonhado. "Sim. Quer dizer, meus pais também estarão lá, mas..."

Uma excitação lenta e cautelosa começa a surgir em meu peito, mas me obrigo a manter uma expressão neutra. "E se eu *lhe perguntasse* se você realmente quer que eu vá... o que você diria?"

Ele aperta o copo com mais força, os nós dos dedos se contraindo apenas uma vez antes de expirar, a voz cautelosa. "Eu diria... seria muito bom ter você lá."

"Está bem", eu digo. "Eu vou."

Seus ombros relaxam um pouco, e aquele mesmo pequeno sorriso surge em seus lábios. "Bom."

Ele não prolonga o momento, apenas faz um gesto para que eu pague.

Poucos minutos depois, ele se oferece para me levar para casa em seu Honda Civic. A viagem é silenciosa, mas não desconfortável. É tarde, e os postes de luz piscam em feixes amarelos e difusos, o zumbido do motor preenchendo o espaço entre nós.

"Obrigado pelo jantar", digo, observando a costa do Pacífico se tornar um borrão lá fora, pela janela.

"Claro. Eu falei sério, sabe?"

Eu o encaro. "Sobre o quê?"

Seu queixo se move, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado. "Sobre prestar atenção no que você quer." Ele expira, os olhos ainda fixos na estrada. "Nem sempre acerto de primeira, mas posso aprender. Acho que me afastar um pouco vai ajudar."

"Sim. Talvez."

Ou talvez a viagem seja uma situação de "tudo ou nada", mas estou divagando.

Alguns minutos depois, Asher para o carro em frente à minha casa e coloca-o no modo estacionamento.

“Foi ótimo. E obrigada pelo convite”, digo, dando-lhe um rápido beijo na bochecha antes de me virar e pegar na maçaneta.

“Durma bem, querida.”

"Você também."

Saio do carro, fecho a porta atrás de mim e subo o caminho até o bangalô de dois quartos em estilo espanhol da minha avó. Sempre que me aproximo da porta, sorrio. Se eu prestar atenção, juro que ainda consigo ouvir meus gritinhos de criança quando minhas irmãs e eu corríamos do carro até a porta da frente sempre que a visitávamos.

Está praticamente igual a como era quando eu era criança, branca com detalhes em terracota. Pinteí a porta de um tom coral claro há alguns meses, mas fora isso, está intacta e é uma parte perfeitamente preservada da minha infância.

Uma das poucas partes boas, na verdade.

Me viro e aceno em despedida para Asher.

No instante em que as luzes traseiras do carro dele desaparecem na rua, o silêncio se instala.

Meus saltos tilintam no chão enquanto entro, desativo o sistema de segurança e jogo minha bolsa no balcão da cozinha. Eu deveria ir para a cama — tenho que trabalhar amanhã —, mas algo nessa noite parece inacabado.

Tiro os sapatos e caminho em direção ao banheiro, esticando os braços acima da cabeça. Talvez eu tome um banho, relaxe um pouco.

Meus passos são lentos.

Minha porta da frente estava trancada quando entrei. Eu sei disso porque usei minha chave para entrar.

Mas a porta dos fundos, aquela que dá para o meu pequeno pátio nos fundos, está entreaberta.

Eu congelo.

Por um segundo, meu cérebro tenta me convencer de que estou errada. Que eu tranquei a porta mais cedo — devo tê-la trancado antes. *Nunca* me esqueço de trancar a porta. Como mulher solteira que mora sozinha, tenho muita consciência da minha segurança. Mas a pequena fresta, a fresta de escuridão além da soleira, diz que eu me esqueci.

Uma sensação de inquietação percorre minha pele.

Engulo em seco, meus dedos se contraindo ao lado do corpo. Não. Não entre em espiral.

Provavelmente fui eu. Provavelmente esqueci.

Atravesso a sala rapidamente, fechando a porta com um empurrão e trancando-a bem, verificando a maçaneta duas, três vezes.

Meu reflexo se projeta no vidro escuro da porta do pátio — olhos arregalados, lábios cerrados com muita força.

Eu me obrigo a expirar.

Se alguém estivesse aqui, os sensores que instalei teriam detectado. Eu teria recebido um alerta no meu celular.

Me viro e apago a luz da cozinha, mas não sem antes pegar a maior faca que tenho e dar uma volta pela casa procurando por algo que possa ter sido roubado, só por precaução. Também verifico cada armário e fresta em busca de assassinos com machado antes de reativar o alarme.

Não é nada. Não houve nenhum alerta.

Levando a faca para o meu quarto, deslizo a lâmina para debaixo do travesseiro do outro lado da cama, por precaução.

Uma hora depois, estou me revirando na cama, tentando dormir. Estou demorando mais do que o normal para pegar no sono, e minha habitual leitura dos meus grupos de leitura de romance favoritos, que costumava me embalar para dormir, não está funcionando. Nem os vídeos sensuais ao vivo que costumo assistir.

A culpa é do vinho, do excesso de reflexão, da sensação de formigamento que ainda sinto na pele por causa do medo momentâneo daquela porta destrancada.

Mas, no fim, o cansaço vence.

Estou à deriva — meio consciente, entre a vigília e os sonhos — quando algo me puxa de volta.

Não é um som. Não exatamente.

Mais como uma mudança. Uma sensação de peso no ar.

Meus olhos se abrem lentamente, e o quarto está escuro. Silencioso.

Silêncio demais.

Aguço os ouvidos, tentando escutar. Nada se move. Nada range.

Mas meu pulso está lento e pesado, uma vibração profunda e instintiva sob a minha pele.

A sensação passa — ou pelo menos, é o que eu digo a mim mesmo.

É só a minha ansiedade. Estou tomando remédios agora e simplesmente esqueci como é sentir aquela descarga de adrenalina.

Costumava acontecer o tempo todo, digo a mim mesmo.

Viro-me de lado, coloco as mãos sob as bochechas e tento relaxar meu corpo.

Depois de um tempo, acabo adormecendo.

A segunda carta está na minha caixa de correio na manhã seguinte. Apenas meu nome, rabiscado com uma caligrafia desleixada e impaciente. Desta vez, não é anônima para 'A'. Quem quer que seja, sabe meu nome. Meu estômago se revira enquanto a abro, e uma flor seca de miosótis cai no chão. Eu a pego e prendo a respiração enquanto meus olhos percorrem as palavras dentro dela.

Ari,

Você tranca as portas à noite. Que bom. Mas as portas não me impedem de entrar, anjo.

Eles só te mantêm lá dentro.

Será que você já descobriu? Será que você já sentiu isso – o espaço ao seu lado na escuridão, o sussurro de algo quase ao alcance?

Sou paciente.

Posso esperar.

Mas quando você finalmente perceber quem eu sou, quando disser meu nome pela primeira vez, quero que se lembre de que eu já estive aqui.

Eu sempre estive aqui.

Durma bem, pequeno guerreiro.

M

VISITANTE FANTASMA

ARI

"FIQUE à vontade para ficar conosco", diz Frankie, arrancando pedaços de seu muffin e entregando-os a Lucia, sua filha de dezoito meses. "Sabe, temporariamente."

"Talvez eu compre uma arma", digo a ela distraidamente, mastigando o pão de banana que estou comendo, mas sem realmente sentir o gosto.

Frankie dá uma risadinha. "Você ao menos sabe usar uma arma?"

Reviro os olhos. "Claro que sim. Eu tive o Capitão América como pai."

Ela bufa. "A propósito, como vai o Sr. Clarke?"

Isso lhe rende mais uma revirada de olhos. "Ah, você sabe. Ainda acordando às 5h da manhã, ainda passando as calças jeans a ferro, ainda achando que emoções são uma conspiração do governo." Ela ri, e eu balanço a cabeça. "Sério, eu juro que o homem acha que glitter é uma ameaça à segurança nacional."

"O clássico Tenente Clarke."

"Clássico", concordo. "É uma pena que ele tivesse três filhas que não conseguiu moldar nas soldados perfeitas que sempre desejou."

Lucia ri, apesar de não entender, e eu sorrio de canto, estendendo a mão para ela e dando um toque no seu nariz, o que a faz gritar de novo de tanto rir.

"Em vez disso, ele ficou com você — contadora de dia, desajustada à noite", diz Frankie, com os olhos cinzentos brilhando. "Mas falando sério. Venha ficar com a gente. O Dante não se importaria", acrescenta, referindo-se ao marido.

Dou de ombros enquanto empurro o resto do bolo de banana para longe. Por um segundo, eu tinha me esquecido do motivo pelo qual convidei Frankie para tomar um café.

A segunda carta não foi uma coincidência. A primeira poderia ter sido um acaso, apenas mais uma correspondência destinada à minha avó e à sua vida cheia de aventuras.

Mas e a carta desta manhã?

Significa que quem enviou isso me conhece. Sabe onde moro e meu nome. Sabe o suficiente para me fazer sentir... observada. E eu ainda não me conformei totalmente com isso. Porque quem me mandaria uma coisa dessas? É uma pegadinha? Um estranho entediado? Talvez um ex-cliente irritado?

Já esgotei todas as possibilidades. Asher? Não. Não é o estilo dele. Muito dramático, muito enigmático. Ele é franco, direto, muito lógico para algo assim.

Frankie? Definitivamente não. Ela me inscreveria em um clube mensal de "Batata do Mês" e esperaria seis meses antes de me contar que era ela.

Endereço errado? Mas isso não explica como eles sabiam meu nome. O tom pessoal. A sensação de que tudo parece... intencional.

Isso deixa apenas uma opção: alguém que eu não conheço.

Alguém que *me conhece*.

E o que era aquela flor? Uma miosótis? *Que clichê*.

Mesmo assim, um arrepio lento percorre minha espinha, e eu o reprimo.

"Eu vou ficar bem. Sou faixa preta, lembra?", acrescento, erguendo os punhos em frente ao rosto. "Mas se eu desaparecer, saiba que meu assassinato foi premeditado."

Frankie riu com desdém. "Ari, estou falando sério. A carta era assustadora pra caramba. Pelo menos peça para o Asher ficar com você hoje à noite", acrescentou, entregando um copo d'água para Lucia.

Eu faço uma careta. "E dividir a minha cama? Não, obrigada. Ele rouba todo o cobertor."

"Seu relacionamento me deixa confusa", ela diz rapidamente, balançando a cabeça. "Vocês estão juntos há dois anos. Isso é muito tempo. Às vezes me pergunto se você está com ele só por conveniência."

Abaixo o olhar, traçando um contorno com o dedo na borda do prato. "Quer dizer, também estou com ele por causa da sua enorme..." Limpo a garganta, olhando para Lucia. "A sua enorme salsicha, quero dizer."

Ela ri baixinho novamente.

"Você ao menos contou para o Asher sobre as cartas assustadoras? Se ele soubesse, provavelmente se ofereceria para passar a noite aqui sem pensar duas vezes."

Eu nem sequer tinha pensado em contar para ele.

Esse pensamento me incomoda profundamente. Pedir ajuda nunca foi meu forte, mas... o que isso diz sobre mim, o fato de nem sequer ter me ocorrido?

Que eu não confio nele para lidar com isso?

Ou será que simplesmente não acho que ele se importaria o suficiente?

"Ainda estou considerando teorias paranormais", acrescento para quebrar o clima tenso.

"Será que eu quero saber?", pergunta ela, com voz arrastada.

Soltei uma risada abafada. "Bem, considerando que poderia ser um demônio vindo reivindicar minha alma, provavelmente não."

"Você está desequilibrado."

"Prometo que consigo lidar com isso", digo rapidamente, oferecendo-lhe um sorriso tranquilizador que não chega aos meus olhos. "Tenho meu sistema de alarme e uma faca enorme debaixo de um travesseiro na minha cama."

Frankie me lança um olhar inexpressivo. "Isso não é nada tranquilizador."

Eu sorrio, levantando as mãos. "Por que não? É uma faca grande. Você devia ver."

Lucia balbucia algo em linguagem infantil incompreensível, batendo o copo de treinamento na mesa, e Frankie revira os olhos. "Você é impossível."

"Eu sou uma sobrevivente", corrijo. "Fui criada pelo Capitão América, lembra? Ele praticamente nos fazia treinar combate no quintal."

Frankie solta um suspiro pesado, balançando a cabeça. "Não te entendo, Ari. Você diz que consegue lidar com isso, mas nem sabe o que é. Recebeu uma carta aleatória de um cara esquisito, sua porta estava destrancada e agora está fazendo piadas sobre esfaquear alguém. Se fosse eu, estaria morrendo de medo e já teria me mudado."

"Bem, se eu realmente *tivesse* que esfaquear alguém, esperaria que minhas piadas tornassem o boletim de ocorrência mais interessante."

"Ari."

Suspiro, abandonando minha expressão brincalhona pela primeira vez.

A verdade é que não quero pensar muito nisso. Porque se eu pensar, se eu me permitir admitir que alguém lá fora está me observando, colocando bilhetes na minha caixa de correio e talvez até entrando na minha casa, no meu refúgio, então terei que reconhecer que, na verdade, não tenho controle sobre essa situação.

E eu não sei como lidar com isso.

Então eu faço o que faço de melhor. Eu desconverso. Eu brinco. Eu finjo.

"Eu vou ficar bem, Frankie." Minha voz volta a ser leve, tranquila. "Sou teimosa demais para ser assassinada. Se alguém tentar, vou irritá-los até que me deixem ir."

Frankie me encara por um longo momento, depois suspira. "Só... tome cuidado, tá bem?"

Levanto minha caneca de café num brinde irônico. "Não sou sempre assim?"

Depois do meu encontro matinal para tomar café com Frankie, volto para casa para começar meu dia de trabalho, embora um pouco mais tarde do que o normal. Ao chegar em casa, olho ao redor, procurando por qualquer sinal de que alguém esteve aqui. Mas tudo está como eu deixei. Destranco a porta, entro e a tranco imediatamente atrás de mim antes de ativar o alarme. Normalmente não o ligo durante o dia — parece um pouco exagerado —, mas cada rangido, cada zumbido da geladeira, me causa um arrepio.

Após verificar minuciosamente se não há assassinos em série escondidos debaixo da minha cama ou no meu armário, começo a trabalhar.

Ou tente.

Qualquer ruído me assusta — carros passando, o som fraco da minha vizinha, Blythe, podando suas roseiras, o gorgolejo da geladeira antiga da minha avó. Nem mesmo com fones de ouvido consigo abafar o barulho porque, aparentemente, o medo me deixa hipervigilante e paranoica.

Faço o possível para cumprir minha lista de tarefas, apesar das mãos suadas e do coração acelerado.

Quando chega a hora do almoço, estou agitada e exausta. Vou até a cozinha, pronta para improvisar o sanduíche menos deprimente que eu conseguir, quando ouço alguém se mexendo do outro lado da porta da frente.

Eu congelo, com o pão em uma mão e a faca de açougueiro na outra, enquanto minhas palmas ficam suadas. Caminhando lentamente até a porta da frente com a faca na mão, fico à espera que o invasor bata ou faça alguma coisa, mas nada acontece, até que ouço o arrastar de botas se afastando. Uma rápida espiada pelo olho mágico me diz que quem quer que estivesse lá fora já foi embora, mas eu já vi filmes de terror. Sei que ele(a) pode estar escondido(a) em algum canto.

Eu espero.

E eu espero.

Minha respiração fica ofegante enquanto meu coração dispara contra as costelas. Reunindo coragem, abro a porta rapidamente, brandindo a faca, por precaução.

Não há ninguém aqui.

Franzindo a testa, saio para a varanda, examinando o quintal em busca de algo suspeito. Blythe, minha vizinha idosa, está regando suas rosas, seu chapéu de sol de aba larga projetando uma sombra sobre seu rosto.

Ela olha de relance e acena quando me vê.

Aceno de volta desajeitadamente, ainda com a faca na mão. "Ei, Blythe! Você viu alguém bater na minha porta há alguns minutos?", grito.

Ela me olha com os olhos semicerrados e faz um gesto para que eu me aproxime.

Com um suspiro, caminho descalço pela grama, com a faca atrás das costas.

"Desculpe, o que foi que você disse?", pergunta Blythe, levando a mão à orelha.

Aponto para a minha porta com a mão livre. "Você viu alguém bater na minha porta agora há pouco? Um homem? Uma mulher? Talvez um daqueles garotos que vendem barras de chocolate superfaturadas?"

Ela semicerra os olhos e coloca um dedo sob o queixo, dando leves toques pensativos. "Sabe de uma coisa? Acho que vi sim. Agora mesmo, não foi? Um homem alto, loiro. Lindos olhos azuis", acrescenta, piscando.

Meus pulmões se acalmam em alívio. "Ah, isso me lembra um pouco o meu namorado."

Blythe cantarola, encostada no muro do jardim. "Interessante", diz ela, olhando para mim com desconfiança.

Olho para mim mesma antes de voltar a olhar para ela. "O quê?"

"Ah, nada. É só que ele não parecia muito..." Ela franze os lábios.

"Muito o quê?" pergunto. Erguendo as sobrancelhas, espero que ela continue.

"Ele tinha um ar meio rude. Parecia que ia me perguntar se eu tinha um cigarro, sabe?"

A descrição me faz parar para pensar. Asher é impecável a ponto de brilhar. Ele não apareceria com uma aparência que não fosse perfeita, nem mesmo para uma visita sem aviso prévio.

Mas tinha que ser ele. Quem mais poderia ser, considerando a descrição *tão* detalhada de Blythe?

"Hum. Talvez ele estivesse tendo um dia ruim. Vou ligar para ele. Obrigada, Blythe!" digo, forçando um sorriso.

Enquanto volto para casa, com a faca ainda na mão, não consigo me livrar da sensação de que a descrição dela não corresponde exatamente ao Asher. Assim que entro, mando uma mensagem para o homem do momento.

Essa é uma pergunta estranha, mas você passou na minha casa há alguns minutos?

Para minha grande surpresa, ele me respondeu imediatamente.

ASHER

Não, passei a tarde inteira atolado em declarações de imposto de renda. Por que a pergunta?

Encaro a mensagem por um segundo a mais do que deveria, meus dedos se fechando em torno do celular.

Uma inquietação lenta e crescente me invade, mas a reprimo. Tem que haver uma explicação. Talvez a visão de Blythe não seja mais a mesma. Talvez algum cara aleatório estivesse apenas passando pelo bairro — um cara aleatório que se encaixa na descrição de Asher...

Talvez.

Engulo em seco, com o polegar pairando sobre o teclado.

Sem motivo aparente. Alguém bateu à minha porta e presumi que fosse você.

ASHER

Quem me dera fosse eu. Preferia estar com você do que afogada em planilhas.

A resposta dele deveria me confortar, mas não conforta. Largoo celular e esfrego os braços como se pudesse me livrar daquela sensação persistente de inquietação.

Não é nada. É só imaginação minha.

Mesmo assim, enquanto me movo pela casa, verificando as fechaduras com um pouco mais de atenção do que o habitual, não consigo ignorar a sensação que vibra sob a minha pele.

Blythe descreveu alguém. Alguém real.

E se não fosse Asher...

Então, quem diabos era?

MORTE CONTROVERSA DE PRESIDENTE DE SEGURADORA GERA DEBATE

San Diego Tribune , 30 de abril de 2005

A morte inesperada de Daniel Whittaker, presidente da GoldStar Health, certamente causou grande comoção na comunidade empresarial e gerou importantes debates. Com apenas 53 anos, sua vida chegou a um fim trágico em sua cobertura no centro de San Diego, no último domingo. Embora haja indícios de crime, as autoridades ainda estão apurando os detalhes.

Whittaker foi uma figura controversa que desencadeou importantes debates sobre o acesso à saúde. A empresa enfrentou críticas pelas suas políticas, e alguns funcionários chegaram a declarar publicamente que a política não oficial da GoldStar era "lucro acima das pessoas". A empresa enfrenta inúmeros processos por negar cobertura vital a pacientes vulneráveis, o que foi associado à morte de várias pessoas, incluindo crianças.

A investigação tomou um rumo dramático quando Maddox Cross, de 25 anos, um ex-fuzileiro naval que se tornou contratado de segurança, foi preso sob acusações de conspiração e obstrução da justiça. Cross teria acessado áreas restritas do prédio do escritório de Whittaker na noite da morte do presidente.

Os promotores alegaram que Cross estava ligado a um grupo de vigilantes anônimos que tinha como alvo executivos corruptos. Embora não houvesse provas suficientes para condenar Cross por assassinato, ele foi sentenciado a 20 anos de prisão por seu envolvimento no que as autoridades descreveram como um "esforço coordenado para intimidar líderes corporativos".

Embora a morte de Whittaker permaneça sem solução, a opinião pública continua dividida. Alguns veem Cross como um criminoso perigoso, enquanto outros o

consideram um Robin Hood moderno, destacando seu histórico de ajuda a veteranos e famílias carentes. Chegou-se até a lhe dar um apelido: o Fantasma.

A equipe jurídica de Cross se recusou a comentar, mas em uma declaração feita durante a sentença, Cross disse: "Há mais sangue nas mãos de Whittaker do que qualquer um quer admitir."

O FANTASMA ENTRE NÓS

ARI

"COMO ESTOU?", pergunto a Asher, girando em meu vestido branco de verão. O tecido é um linho branco estruturado, e é o que Frankie chama de meu vestido "de boa menina". O decote não é muito profundo, o comprimento não é muito curto e tem mangas bufantes adoráveis. Combinei com sandálias rasteiras nude e deixei meu longo cabelo castanho com ondas naturais.

"Você está ótima", diz Asher, voltando a olhar para o celular um segundo depois de seus olhos percorrerem meu corpo, enquanto ele está sentado na minha cama.

Pegando minha bolsa Prada rosa vintage, coloco meu celular dentro, em cima da minha mala, e vou até Asher.

Ele suspira enquanto guarda o celular no bolso, e suas mãos repousam em meus quadris.

"O que houve?", pergunta ele, franzindo a testa.

"Estou nervosa. Jantar com os pais é uma coisa, mas uma semana com eles? E se eles descobrirem que eu fico recriando cenas inteiras de tribunal de *Legalmente Loira* no chuveiro?"

Ele sorri com isso. "Você não faz isso de verdade, faz?" Eu o encaro com desdém em resposta, e ele dá uma risadinha. "Eles te adoram, Ari. É por isso que minha mãe me pediu para te convidar."

Meus olhos castanhos alternam entre os azuis dele. "Espero que sim. Porque eu gosto muito de você."

"Eu também gosto muito de você", ele murmura, apertando minha bunda e beijando minha barriga.

"Temos tempo para uma rapidinha?", pergunto, arqueando as sobrancelhas enquanto olho para ele.

Ele ri. "Infelizmente não. Prefiro não me atrasar, senão meu pai nunca mais vai me deixar em paz."

Ele se levanta, soltando as mãos da minha cintura, e sinto falta do contato. Pegando minhas coisas, ele caminha até a porta da frente para começar a carregar o carro. Dou uma olhada rápida na casa, certificando-me de que tudo está pronto para minha ausência por uma semana.

Meus olhos se fixam na gaveta onde guardei as duas cartas que recebi, e eu engulo em seco.

As cartas foram uma presença silenciosa e insidiosa durante alguns dias na semana passada, mas não houve mais nenhuma desde então.

Sete dias inteiros de completo silêncio no rádio.

Talvez isso deva me trazer alívio. Talvez eu deva me sentir mais segura, sabendo que quem quer que estivesse me observando — escrevendo para mim — finalmente perdeu o interesse.

Mas, em vez disso, uma sensação estranha e indesejável se instala na parte inferior do meu estômago.

Desapontamento.

Balanço a cabeça, afastando o pensamento tão rápido quanto ele surge. Eu *deveria* estar aliviada. Deveria ser grata por as mensagens estranhas e obsessivas terem parado. Mas uma parte sombria e oculta de mim — uma que prefiro não admitir — incomoda-me com o silêncio.

Depois de trancar a casa, Asher e eu entramos no carro dele. Ele me conta um pouco mais sobre sua família, e eu lhe dou toda a minha atenção. Aparentemente, hoje é o solstício de verão — um feriado que seu pai, Otto, celebrava na Suécia quando criança. Asher dirige com uma mão no volante e a outra no console central, e de vez em quando aperta minha coxa de leve. É uma sensação tão... familiar.

São três horas de carro até Malibu, onde os pais dele alugaram a casa de férias. E assim que entramos no portão da garagem, fico boquiaberto. A casa é maior do que eu esperava. Mais moderna também. Fica em um penhasco com vista para o oceano, toda de vidro e com vigas de madeira elegantes. É o tipo de lugar que pessoas com dinheiro reservam quando querem fingir que ainda estão conectadas com a natureza enquanto bebem vinho importado e ignoram e-mails.

O lugar é tão impecável quanto eu esperava, perfeitamente conservado e brilhando sob o sol do final da tarde.

"O que você acha?", pergunta Asher, passando o braço pelos meus ombros enquanto saímos do carro.

"Acho que isso explica muita coisa", brinco, sorrindo quando ele solta uma risada discreta.

"Vamos lá. Meus pais já estão lá dentro."

Eu já os conheci antes, claro. Hannah e Otto. Eles foram educados nas outras duas vezes em que jantamos com eles, acolhedores da maneira que pessoas criadas para zelar pelas aparências sempre são. Asher também é assim — reservado, controlado. Tudo na vida dele se encaixa em uma pasta organizada e organizada por cores, e os pais dele são exatamente iguais.

Asher pega nossas malas e me leva pela mão, conduzindo-me até a porta da frente. Ela se abre antes que cheguemos lá, e Otto sai para a varanda, sorrindo. O pai de Asher é um homem corpulento e, embora tenha cabelos brancos, ainda carrega a presença imponente de alguém acostumado a estar no controle.

"Que bom te ver de novo, Ari", diz ele, com a voz carinhosa, enquanto me puxa para um abraço breve, mas firme.

"Você também", respondo, oferecendo um sorriso. "Obrigada por me receber."

Hannah aparece na porta, juntando as mãos. "Só estamos esperando mais um, e aí nos sentaremos lá fora."

Dou uma olhada rápida em Asher enquanto franzo as sobrancelhas. Seu aperto em torno dos meus dedos se intensifica ligeiramente.

"Você o convidou?" A voz de Asher é fria, cortante o suficiente para fazer a sobrancelha de seu pai se erguer levemente.

"Claro que sim, filho. Somos uma família e devemos nos comportar como tal. Além disso, é pleno verão. Época de festa, não acha?" Otto dá um tapinha nas costas de Asher antes de entrar em casa, nos deixando ali parados.

Asher solta um suspiro, com os dedos tremendo ao lado do corpo.

"Você está bem?", pergunto baixinho, tocando seu braço.

Ele acena com a cabeça, rígido, mas não diz nada. Hannah nos faz um gesto para segui-la, guiando-nos pela casa até as portas abertas do pátio. O quintal é de tirar o fôlego, com uma elegante mesa de jantar posta com velas e flores frescas, o som do oceano se misturando ao suave murmúrio da piscina.

Asher está tenso ao meu lado, o corpo encolhido como uma mola prestes a arrebentar. Aperto sua mão. "Quem mais seus pais convidaram?"

Ele suspira, cerrando os dentes. "Meu irmão."

Paro no meio do passo. "Você tem um irmão?"

Asher aperta os lábios antes de assentir. "Eu nunca te contei porque não quero ter nada a ver com ele. Eu até mudei meu sobrenome para Harrison — o sobrenome de solteira da minha mãe — para que ninguém fizesse a ligação."

Há algo quase assombrado em sua voz, e me lembro de suas palavras da semana passada.

"Coisas de família. Estou um pouco distraído."

Franzi a testa, observando o movimento da sua garganta quando ele engole em seco. Seu humor estranho durante toda a semana deve ter sido por causa do irmão.

"Mas por quê? O que aconteceu?"

"Ari", ele diz, em voz baixa, "prometa-me que vai ficar longe dele, está bem? Ele é perigoso."

Meu estômago se revira. "Perigoso? Como?"

Antes que ele possa responder, a voz de Otto corta o ar. "Ah, aí está ele!"

Asher massageia as têmporas, e eu me viro lentamente em direção às portas dos fundos.

O homem parado na soleira da porta não é qualquer um.

Minha respiração falha. Meu pulso vacila.

Porque ele não é apenas o irmão de Asher. Ele é seu *gêmeo*.

Idênticos — perfeitamente idênticos.

Asher nunca me disse que tinha um irmão gêmeo idêntico.

A revelação permanece na minha mente, incômoda e perturbadora. Não foi algo casual que ele se esqueceu de mencionar. Foi algo que ele escondeu ativamente.

E agora, estou prestes a descobrir o motivo.

O FANTASMA ANDA LIVRE

San Diego Tribune , 29 de abril de 2025

Após 20 anos atrás das grades, Maddox Cross, o ex-especialista em cibersegurança que se tornou criminoso condenado, foi libertado da Prisão Estadual de San Quentin no início desta semana. Cross, agora com seus quarenta e poucos anos, foi condenado em 2005 por conspiração e obstrução da justiça relacionadas ao assassinato de Daniel Whittaker, presidente da GoldStar Health, cuja morte causou grande comoção no mundo corporativo e jurídico.

Na época, o assassinato de Whittaker foi tão sensacional quanto polêmico. Executivo poderoso com um longo histórico de alegações de corrupção, Whittaker foi encontrado em sua luxuosa cobertura com um único tiro na cabeça — um assassinato a sangue frio. O caso ganhou repercussão quando uma denúncia anônima levou as autoridades a Cross, um ex-fuzileiro naval que se tornou consultor de segurança cibernética e não tinha antecedentes criminais. Apesar das fragilidades das provas forenses e da ausência de testemunhas diretas, Cross foi condenado em grande parte devido a evidências circunstanciais e a uma acusação que o retratou como um hacker justiceiro que fez justiça com as próprias mãos.

Mas, nos anos que se seguiram à sua condenação, o caso só se tornou mais obscuro.

Evidências cruciais do caso de vinte anos atrás, como imagens de câmeras de vigilância, registros digitais e transações financeiras, desapareceram dos arquivos da polícia e do tribunal. As autoridades estão perplexas, e o desaparecimento das provas apenas enfraquece a acusação contra Cross. Quando pressionados a comentar o assunto, os agentes da lei citaram repetidamente “problemas técnicos” e “discrepâncias nos arquivos”, uma explicação que especialistas jurídicos e jornalistas investigativos consideram, no mínimo, conveniente.

“É como se as provas contra ele tivessem sido apagadas da existência”, disse um ex-promotor que trabalhou no caso, mas preferiu permanecer anônimo. “Não se perde assim um rastro digital e forense inteiro. A menos que alguém o tenha feito desaparecer.”

Ao longo dos anos, Cross manteve uma postura quase silenciosa em relação à sua condenação. Ao contrário de muitos presos que lutam por sua exoneração, ele nunca apelou, nunca solicitou liberdade condicional, nunca falou com a imprensa — como se estivesse esperando o tempo acabar.

Esse momento finalmente chegou.

Sua libertação, embora esperada, reacendeu a curiosidade pública e uma inquietação silenciosa. Cross era conhecido por suas conexões na deep web, sua expertise em criptografia e a suposta habilidade de fazer pessoas — e provas — desaparecerem. Sem perspectivas de emprego formal e com uma fortuna que as autoridades nunca conseguiram rastrear, especula-se muito sobre para onde ele irá — e o que fará em seguida.

Quando os repórteres entraram em contato com Cross após sua libertação, ele deu apenas uma resposta antes de desaparecer na multidão:

“A liberdade não é algo que se conquista. É algo que se toma à força.”

E agora, após duas décadas, Maddox Cross, também conhecido como o Fantasma, finalmente tirou a sua.

O FANTASMA À MESA

ARI

“ARI, ESTE É MADDOX.”

O ar se transforma no instante em que ele pisa completamente no pátio dos fundos.

Não sei o que eu esperava quando Otto anunciou sua chegada, mas não era isso.

Por um instante, meu cérebro se recusa a processar o que está acontecendo. Por que Asher nunca mencionou isso? Por que eu nunca o conheci nas outras vezes em que jantamos com os pais dele? As semelhanças são inegáveis — o mesmo maxilar anguloso, a mesma altura, os mesmos olhos azul-acinzentados da cor da tempestade. Mas enquanto Asher é meticuloso, Maddox é desconstruído de uma forma que parece proposital. Suas tatuagens espreitam por baixo das mangas arregaçadas de sua camisa Henley cinza-escura, serpenteando até suas mãos grandes. Sua postura é relaxada, porém controlada. O mesmo rosto de Asher, mas com traços mais definidos.

Diferente.

Ele olha para mim, e algo dentro de mim se trava. Não é exatamente medo. É algo mais pesado. Reconhecimento, talvez? Mas isso não faz sentido.

Seus olhos me percorrem lentamente, e preciso me controlar para não me mexer desconfortavelmente. Um sorriso lento e malicioso surge em seus lábios, e tenho a nítida sensação de que ele sabe algo que eu não sei.

Meu pulso acelera.

Ele dá um passo à frente, estendendo a mão. "Ari. Muito prazer em conhecê-la."

Hesito por uma fração de segundo antes de pegar em sua mão. Seus dedos se fecham em torno dos meus, quentes e fortes, seu aperto firme o suficiente para que eu perceba.

Eu pigarreio. "Prazer em conhecê-lo, Maddox."

Seu sorriso irônico se aprofunda, mas antes que ele possa dizer qualquer coisa, Asher se coloca entre nós, com a postura rígida. "Você não precisa falar com ele."

Maddox não desvia o olhar enquanto cantarola. "Vamos lá, irmão. Isso não é muito hospitaleiro."

A tensão entre eles é imediata, palpável. Maddox parece completamente indiferente, seu divertimento contido por trás de um sorriso arrogante, enquanto o maxilar de Asher está tão tenso que parece que vai estalar. Olho para os dois ao mesmo tempo, sentindo um aperto no estômago.

Percebendo a mudança, Hannah dá um passo à frente com um sorriso radiante. "Vamos nos sentar", diz ela. "Eu trago a comida."

Ela coloca a mão no meu ombro antes de desaparecer lá dentro, e Otto gesticula em direção à grande mesa de jantar posta no pátio. Asher puxa a minha cadeira e, assim que me sento, Maddox senta-se ao meu lado, ignorando completamente o olhar fulminante do irmão.

“Então, Ari”, diz Maddox, esticando o braço por cima do encosto da cadeira. “O que você faz?”

Pisquei, surpresa com a objetividade do seu olhar, mas antes que eu pudesse responder, Asher se pronunciou: "Ela é contadora pública certificada."

Maddox não tira os olhos de mim, assentindo com a cabeça como se já soubesse. "Garota dos números. Inteligente."

Abro a boca para responder, mas Asher me interrompe, com a voz seca. "Pare de interrogá-la."

Maddox nem sequer olha para ele. Seus olhos permanecem fixos em mim, à espera.

Antes que eu possa responder, Hannah retorna, colocando os pratos na mesa com uma facilidade impressionante. A mesa se enche de comida: batatas com endro, almôndegas suecas, salmão defumado. O aroma é aconchegante, rico em manteiga e ervas.

"Já faz muito tempo que não temos uma refeição assim juntos", diz Otto, soltando um suspiro de satisfação.

Asher permanece em silêncio, seus dedos tamborilando uma vez contra a mesa antes de pararem. Eu o encaro, pressentindo o eco de algo não dito, mas antes que eu possa perguntar, Otto se vira para mim.

"Você já experimentou comida sueca, Ari?"

Eu balanço a cabeça, oferecendo um pequeno sorriso. "Não posso dizer que sim, mas parece incrível."

Hannah sorri radiante. "Fico tão feliz que você pense assim, querido."

Dou uma mordida nas batatas com endro e meus olhos se arregalam involuntariamente. "Meu Deus", murmuro enquanto os sabores atingem minha língua. Alho, alecrim fresco, azeite. "Isso é incrível."

Maddox dá uma risadinha, e o som envia uma onda de consciência que percorre meus nervos.

"É a bebida favorita do Maddox também", acrescenta Otto, dando um gole em sua bebida.

As palavras ressoam com peso.

Uma hesitação paira entre nós, uma fração de segundo em que algo muda. Aperto o garfo com mais força enquanto olho para Maddox. Ele já está me observando, com uma expressão indecifrável.

Algo está errado.

Não sei o quê, mas sinto isso na pele.

Me obrigo a desviar o olhar, concentrando-me no meu prato, na forma como os ombros de Asher ficaram rígidos.

"Vocês não se veem com frequência?", pergunto, mantendo um tom de voz casual.

Mais silêncio, e então Asher suspira antes de responder.

"Não", diz Asher, em tom definitivo.

Dou uma olhada em Maddox, esperando uma resposta semelhante, mas, em vez disso, ele sorri lentamente. "Eu estava... fora por um tempo."

O jeito como ele diz isso me arrepia.

Tem algo de errado nisso.

Meu cérebro já está processando as possibilidades, tentando entender a sensação que tenho no estômago. O jeito como todos, de repente, estão evitando se olhar. O jeito como Maddox está me observando, esperando uma reação.

"O quê, você estava na cadeia ou algo assim?", brinco, dando um gole no meu vinho. Otto pigarreia. Hannah bebe um gole generoso de seu copo. Asher estremece.

E Maddox sorri.

É lento. Divertido. Algo sombrio brilha em seus olhos.

"Algo assim."

O ar muda novamente, denso e sufocante. Aperto os dedos em volta da taça de vinho enquanto meus pensamentos giram na minha mente.

Era uma brincadeira, mas todo mundo está agindo como se eu tivesse pisado num fio desencapado. "Sério?", pergunto, quase incrédula.

Maddox sustenta meu olhar por um segundo a mais, como se estivesse deixando a gravidade da conversa se instalar. Então, como se a tensão não estivesse sufocando a mesa, ele pega o prato de salmão defumado e casualmente coloca um pouco no prato, completamente à vontade.

Asher solta um suspiro profundo, cerrando o punho sobre a mesa. "Não precisamos fazer isso agora", murmura.

Maddox nem sequer lhe dirige a palavra. "Você devia experimentar as almôndegas, Ari", diz ele suavemente, deslizando o prato para a minha frente. "É uma receita de família."

O jeito como ele fala de família me dá um nó no estômago.

Dou uma olhada no prato e depois volto a olhá-lo. Sinto as mãos suadas, mas me esforço para parecer indiferente, para combinar com o tom casual que ele demonstra com tanta naturalidade. "Você se interessa muito pelas minhas escolhas alimentares", comento levemente, espetando um dos pedaços com o garfo.

Ele sorri de canto. "Você me parece alguém que gosta de ser cuidada."

Uma onda de calor inesperada e frustrante surge no meu peito. Encho a boca com a comida, mastigando mais devagar do que o necessário enquanto tento resistir à estranha atração que Maddox exerce. A almôndega é rica, saborosa e deliciosamente frustrante.

Ele observa, claramente aguardando minha reação.

Engulo em seco e pego minha taça de vinho. "É bom."

Maddox cantarola, satisfeito. "Eu te disse."

Do outro lado da mesa, Asher pigarreia. "Não me lembro de você ser tão falante, Maddox."

Maddox finalmente, preguiçosamente, dirige o olhar para seu irmão gêmeo. "Talvez você simplesmente nunca tenha escutado."

As palavras são enganosamente leves, mas percebo a aspereza por trás delas. A tensão entre eles é palpável, carregada de ressentimento acumulado ao longo dos anos. Hannah se remexe desconfortavelmente. Otto suspira.

"Agora não é hora de discutir", interrompe o pai, mas sua voz carece de firmeza. Isso me faz pensar se talvez essa seja uma velha discussão, uma da qual ele está cansado de arbitrar e com a qual já está acostumado.

Maddox pega sua bebida e toma um gole lento. "Você tem razão." Seu tom relaxou — relaxou *demais* — e havia algo de zombeteiro nisso. "É hora de comemorar." Seus

olhos voltam para mim e um sorriso divertido surge nos cantos de seus lábios. "Diga-me, Ari, o que exatamente você vê no meu irmão?"

Asher se enrijece ao meu lado. "Qual diabinho é o seu problema, Maddox?"

Mas Maddox apenas espera, com os olhos fixos nos meus, expectante.

Eu deveria ignorar. Deveria cortá-lo. Mas há algo em seu olhar que me faz hesitar — algo sombrio, algo presunçoso. Como se ele já tivesse decidido que não vai gostar da minha resposta.

Umedeço os lábios e pouso o garfo com cuidado. "Asher é um bom homem", digo com voz calma.

Maddox inclina a cabeça, me observando. "Bom", ele repete, como se estivesse saboreando a palavra. "Seguro."

Eu hesito. "Sim."

Seu sorriso irônico é lento, como se eu tivesse acabado de confirmar algo para ele. "Então você gosta de segurança?"

Asher se irrita. "Chega."

Seu tom, porém, carece de força, e ignoro a sensação de desconforto no estômago — não apenas de inquietação, mas de algo próximo à decepção. Como se uma parte de mim esperasse que Asher encerrasse a discussão, que colocasse Maddox em seu devido lugar, que *vencesse* essa luta antes mesmo de começar. Mas ele não faz isso.

E talvez, no fundo, eu já soubesse que ele não faria isso.

Mantenho os olhos no colo, evitando contato visual com Asher.

Maddox o ignora, inclinando-se ligeiramente para que Hannah, Otto e Asher não ouçam suas próximas palavras. "Você não me parece alguém que busca *segurança* ." Ele está tão perto que sua respiração roça minha orelha.

Prendo a respiração. Há algo na maneira como Maddox diz isso, no jeito como sua voz baixa, como se estivesse revelando algo que eu nem sabia sobre mim mesma. Meus dedos se fecham no meu colo.

"Não sei o que você quer dizer", sussurro, olhando diretamente para ele para mostrar que não estou com medo.

Maddox sustenta meu olhar por mais um instante, depois recosta-se na cadeira, espreguiçando-se preguiçosamente. "Claro que não."

Asher nos observa atentamente, e eu me remexo na cadeira.

A conversa muda de rumo depois disso. O papo furado de Hannah sobre o casamento recente de um parente distante já é bastante perturbador, e Otto pergunta a Asher sobre o trabalho. Mas durante todo o tempo em que conversam entre si, sinto a presença inabalável de Maddox ao meu lado.

Ele não fala comigo.

Ele simplesmente espera — como um predador paciente observando sua presa.

Como se ele soubesse que a perseguição é inevitável.

E pela primeira vez em muito tempo, me pergunto se sou eu quem está sendo caçado.

PROMESSAS FANTASMAGÓRICAS

ARI

ENCARO o pequeno quarto onde Otto havia deixado minha mala mais cedo. É charmoso, com um ar de casa de praia. Muitos detalhes em branco e conchas, com um banheiro na parede oposta à cama. Mas não é a decoração que me intriga.

É a cama. Uma cama *de solteiro bem pequena*.

Virando-se para Asher, ele coça a nuca e me lança um olhar de desculpas.

“Meus pais são bem tradicionais”, explica ele, arrastando os pés. “Meu quarto fica logo ali no final do corredor —”

“Quartos separados?” pergunto, arqueando uma sobrancelha. “Eles sabem que você está quase nos cinquenta —”

“Tenho quarenta e cinco anos, Ari”, ele diz com um tom sério, me encarando com raiva. “E eu sei. Não é o ideal, mas temos que respeitar as regras deles.”

Mordo a língua e aceno com a cabeça uma vez. “Tudo bem. Mas existem regras contra andar escondido por aí?” pergunto, lançando-lhe um sorriso cúmplice.

Ele balança a cabeça e desvia o olhar, mas não responde imediatamente. Então, após uma pausa, ele suspira.

“Ari, acho melhor não fazermos isso... sabe, nesta viagem.”

Meu sorriso irônico desaparece. “Espere. *De verdade?* ”

Ele dá de ombros como se não fosse nada demais. “Só não quero criar um clima estranho. É só uma semana.”

Encaro-o por um segundo, sentindo uma tensão no peito. *Só uma semana?*

Que romântico.

Forço um pequeno aceno de cabeça, reprimindo a frustração. “Claro. Tanto faz.”

Devia ter levado meu vibrador.

Ele se inclina e me dá um beijo casto nos lábios. “Sinto muito pelo meu irmão”, acrescenta, revirando os olhos. “Parece que vinte anos atrás das grades não fizeram nada para amenizar sua arrogância. Se você se sentir desconfortável —”

“Asher”, digo baixinho, colocando a mão em seu peito. “Eu sei me virar. Prometo. Mas obrigada.” Mesmo assim, suas palavras de antes ainda ecoam na minha mente.

“Prometa que você vai ficar longe dele, tá bom?”

“Ele é perigoso.”

Quero perguntar por que ele foi preso, mas ao mesmo tempo não quero saber.

“Certo. Bom, tenho algumas reuniões amanhã de manhã, então fique à vontade para entrar”, diz ele, já a meio caminho da porta. “Meus pais estarão por aqui.”

Assinto lentamente, mas algo nisso parece... estranho. Não *conheço* bem os pais dele. Esperava poder contar com ele para me guiar durante toda essa semana, mas agora parece que tenho que me virar sozinha.

“Certo”, murmuro. “Vou apenas... me sentir em casa.”

Ele me lança um sorriso cúmplice antes de passar a mão pela boca. “A propósito, vamos fazer uma troca de presentes amanhã. Tipo um amigo secreto, só que para o solstício de verão.”

Sinto um frio na barriga. “O quê? Droga, eu não comprei presente para ninguém.”

“Tudo bem, podemos resolver isso amanhã, ok?”

A culpa, pesada e sufocante, entope minha garganta. Adeus à boa impressão...

Ele me dá um beijo rápido na cabeça e se vira para sair. Assim que a porta se fecha atrás dele, suspiro e vou até minha mala. Provavelmente levei roupas demais, mas não fazia ideia do que me esperava esta semana.

Ao abrir a tampa, meu estômago se revira pela segunda vez.

Uma meleca pegajosa e oleosa cobre o interior da minha bolsa. Eu gemo, levantando minha regata de seda favorita, agora arruinada, e descubro que meu óleo facial e xampu explodiram, encharcando metade das minhas roupas. Consigo salvar algumas coisas, mas já sei que vou precisar de outras, já que ficaremos aqui por uma semana.

Suspiro, resignada. " *Definitivamente* não era assim que eu imaginava que essa viagem seria", murmuro baixinho.

Pegando minha nécessaire, limpo o máximo que consigo antes de jogar as roupas estragadas num canto do quarto. Parece que terei que ir às compras amanhã.

Talvez eu vá sozinho.

Ou talvez eu não tenha escolha.

Pelo menos vou poder comprar um presente de solstício de verão enquanto estiver fora.

Um rangido suave soa do lado de fora da minha porta, e eu congelo. Meus olhos se voltam para a maçaneta, mas ela permanece imóvel. Talvez seja apenas a casa se acomodando. Ou talvez seja alguém passando no corredor.

Sacudindo a poeira, peguei uma camiseta larga e limpa do lado intacto da minha mala e me troquei rapidamente antes de me preparar para dormir. Alguns minutos depois, apaguei a luz e me deitei, me aconchegando sob os cobertores.

A casa está silenciosa. Silenciosa demais.

Ao fechar os olhos, algo persiste nas margens dos meus pensamentos, como uma coceira que não consigo alcançar. Meu corpo está inquieto e não consigo me livrar dessa sensação sinistra.

Eu me revirei na cama. Virei de um lado para o outro. Olhei para o relógio.

Dez da noite

Tirando meu Kindle de debaixo das cobertas onde o havia guardado, tento ler, mas meus olhos percorrem a mesma página repetidamente. Resmungando, jogo as cobertas para o lado e olho as horas.

23h42

Isso é inútil. Se estou acordado, posso muito bem estar *fazendo* alguma coisa. Colocando os e-mails do trabalho em dia, ou aprendendo francês. *Qualquer coisa*.

Tomo um Ambien, que costumo usar quando tenho dificuldade para dormir, e depois puxo meu laptop para a cama. Tenho uns trinta minutos antes de fazer efeito, então é melhor ser produtiva.

Ao acessar minha conta de fanfics, uso a senha do Wi-Fi que Asher me enviou por mensagem enquanto verifico os comentários recentes da história que estou escrevendo. É uma mistura de *Eragon* e *Game of Thrones*. Minha personagem principal está de

joelhos diante de um híbrido de dragão de dois metros de altura, implorando para que ele destruía sua vida.

Em pentâmetro iâmbico.

Porque tenho alcance.

Os comentários me fazem rir enquanto me viro na cama.

Mamãe? Desculpe. Mamãe? Desculpe.

Absolutamente insano por causa dessa loucura desenfreada. Por favor, escreva mais rápido.

Estou genuinamente preocupado com sua saúde mental, mas de uma forma positiva.

A última me faz rir ainda mais. *Eu também, amiga.* É o que dá escrever erótica no estilo de Shakespeare.

Na metade de um capítulo e seis cenas rimadas depois, meu telefone vibra e o nome de Asher aparece na tela.

ASHER

Ei. Acho que meio que te ignorei antes, e me desculpe. Talvez eu apareça mais tarde para uma diversão leve para maiores de 13 anos?

Eu pisquei ao ler a mensagem, meus olhos já pesados. O Ambien está começando a fazer efeito.

Tudo bem. Mas eu tomei um Ambien, então você não pode me responsabilizar por nada que eu diga ou faça.

Sua resposta é quase imediata.

ASHER

Haha. Ok. Talvez amanhã?

Meus lábios se curvam num leve sorriso. Quero responder à mensagem, mas o esforço parece demasiado grande.

Sim. Só preciso dormir agora.

As palavras ficam ligeiramente desfocadas na tela, e eu me deito e fecho os olhos por um tempo que parece durar apenas um segundo.

"Então durma. Eu cuido de tudo."

A voz é suave, familiar, suficientemente parecida com a de Asher para fazer sentido na névoa do Ambien.

Meus lábios se entreabrem para responder, mas meu corpo parece pesado, afundando cada vez mais no colchão. O sono me envolve, quente e lento, até que não tenho mais certeza se meus olhos estão fechados ou se o quarto está apenas escuro.

Talvez ambos.

Talvez nenhuma das duas.

Não sei quanto tempo se passa antes de eu sentir — o colchão afundando ao meu lado.

Abro os olhos, mas minha visão fica turva, as formas se misturam às sombras.

"Asher?" murmurei, a palavra pesando na minha língua.

A figura se inclina para mais perto, uma mão roçando minha bochecha. O calor do toque me acalma, mas algo nele parece... diferente.

"Shhh", murmura a voz, baixa e suave. "Volte a dormir."

Eu pisco os olhos, tentando focar em seu rosto, mas é difícil distinguir algo além do contorno escuro.

Juro que vejo um padrão escuro e giratório em seu pescoço, mas não consigo focar o suficiente para determinar com certeza se estou vendo coisas de novo ou não.

"Você veio ao meu quarto", sussurro, mais uma afirmação do que uma pergunta. Meus membros estão pesados, minha cabeça confusa demais para questionar o porquê.

"Eu precisava te ver", ele diz suavemente.

Sorrio levemente, meus olhos se fechando novamente. Não sei se estou acordada ou sonhando quando sinto suas mãos em meus braços, puxando o cobertor para me cobrir ainda mais. Seu toque demora, percorrendo meu ombro e subindo até acariciar minha bochecha.

"Você está com um cheiro diferente", sussurro, minha voz quase inaudível.

"Será?", ele pergunta.

As palavras ecoam de forma estranha, como se estivessem ao mesmo tempo muito perto e muito longe.

Tento rir, mas sai um riso fraco. "Sim." Ele dá uma risadinha suave, e o som se espalha pela sala. "O que é tão engraçado?"

"Nada, anjo. Volte a dormir, está bem?"

"Você nunca me chamou assim antes", digo a ele, sentindo o sono me dominar.

Sinto a cama se mover quando ele se inclina para mais perto, seus lábios roçando minha têmpora. É uma sensação... estranha.

Mas é o Asher. Eu consigo vê-lo com meus próprios olhos. Mal consigo ver, mas é ele.

"Durma", ele sussurra.

Assenti com a cabeça, o movimento lento, e deixei a escuridão tomar conta.

Quando acordo, a primeira coisa que noto é a sensação de peso nos meus membros. O Ambien sempre faz isso — me deixa grogue e sem saber onde os sonhos terminam e a realidade começa.

Sento-me lentamente, piscando contra a luz do sol que entra pelas cortinas. Levo um segundo para me orientar.

Asher. Casa de praia. Malibu.

Sorrio ao lembrar de como ele me aconchegou na cama ontem à noite, de como sua risada contagiante me fez sentir segura.

Mas, enquanto esfrego os olhos para espantar o sono, algo me incomoda nas bordas da memória, como uma melodia quase esquecida. O jeito como ele me tocou, seus lábios

na minha têmpora, a rouquidão suave da sua voz. Tem algo nisso que parece... estranho. Eu estava sozinha quando adormeci.

Não era?

‐Nada, anjo. Volte a dormir, está bem?‑

Uma pontada de inquietação percorre minha espinha enquanto pego meu celular, enviando uma mensagem para Asher antes mesmo de ter a chance de repensar minha decisão.

Gostei da noite passada. ;)

Ele leva alguns minutos para responder, e quando responde, não é o que eu esperava.

ASHER

O que você está falando?

um frio na barriga. *Será que sonhei com isso?* Acho que não seria a primeira vez que o Ambien me faz sonhar com algo bobo.

Hum. Acho que deve ter sido o Ambien que me fez ter alucinações de novo.

Três pontos aparecem e depois desaparecem. Então, finalmente –

ASHER

Quanto Ambien você tomou?

Mordo a parte interna da minha bochecha ao ouvir seu tom condescendente.

A quantidade normal.

ASHER

Você já me disse antes que isso te faz fazer coisas estranhas. Lembra daquela vez que você pediu uma pizza inteira e esqueceu dela até o entregador chegar? Ou daquela vez com a cabra?

Eu suspiro.

Nunca vou me livrar da má fama da cabra, n ?

ASHER

Você tentou adotar uma cabra pelo Craigslist. Uma cabra de verdade, Ari. O que você acha? Você não   você mesmo quando usa essas coisas. Você não deveria estar usando.

 . Diga isso para a minha ins nia.

Eu solto o ar, passando a mão pelos cabelos. Encaro as mensagens dele novamente, e aquela sensação de desconforto não desaparece.

Porque, por mais que eu tente usar a lógica para chegar a uma conclusão, sei de uma coisa com certeza.

Asher nunca me chamou *de anjo*, então de onde diabos veio essa alucinação?

AMEAÇA FANTASMA

ARI

O AR DA MANHÃ ESTÁ FRESCO, mas o sol tem aquele calor baixo que me diz que vai esquentar mais tarde, quando a neblina marítima se dissipar. A luz do sol filtra-se pelas janelas altas da casa em feixes densos enquanto entro na cozinha, recém-banhada e vestindo a mesma roupa de ontem. Hannah e Otto já estão sentados à mesa de jantar, tomando café e lendo o jornal. Asher não está em lugar nenhum, mas isso não é surpresa. Ele mencionou ter uma reunião esta manhã, embora eu esperasse que ele pelo menos tomasse café da manhã comigo antes de se dedicar ao trabalho.

Pego uma xícara de café e sigo em direção ao escritório, onde o encontro exatamente como esperava: sentado em uma grande mesa de madeira, com o laptop aberto e o telefone pressionado contra a orelha.

"Asher", digo baixinho, entrando.

Ele não levanta o olhar. Em vez disso, ergue um dedo, sinalizando para eu esperar. Meu estômago se revira, o gesto provocando uma sensação pequena e amarga na minha garganta. Não é a primeira vez que ele faz isso em uma ligação importante, mas, de alguma forma, aqui, onde não conheço ninguém além dele, dói mais.

Fico ali parada, sem jeito, mudando o peso de um pé para o outro enquanto ele continua falando, completamente absorto na conversa. Os minutos passam e, quanto mais tempo fico ali, mais me sinto como um estorvo em vez de sua namorada. Finalmente, ele digita algo no computador, olha para mim e coloca a mão sobre o telefone.

"O que é isso?", pergunta ele, em tom seco.

Engulo o nó de decepção na garganta. "Preciso ir às compras. Minhas roupas —" Expiro, forçando uma risadinha. "Digamos que elas não sobreviveram à viagem."

Ele franze a testa, mas sua atenção já está voltando para o laptop. "Você pode pegar uma carona por aplicativo?"

Eu pisquei. "Eu... eu realmente não sei me orientar por aqui."

"Vou te mandar o endereço de um bom shopping center", diz ele, já voltando a atenção para a tela. "A gente se fala depois, tá bom?"

Hesito, esperando — só por um segundo — para ver se ele muda de ideia. Se ele me olha direito, se vê o jeito como estou parada aqui, me sentindo completamente desconfortável. Mas ele não muda.

Eu aceno com a cabeça, embora ele mal esteja olhando para mim. "Certo."

Me viro e saio, apertando os lábios enquanto volto para a cozinha. Eu não deveria estar chateada. Sei que Asher está ocupado no trabalho. Mas mesmo assim, pensei...

Você precisa ir a algum lugar?

A voz é profunda, suave, cortando meus pensamentos como uma lâmina.

Maddox.

Me viro e o encontro encostado no balcão da cozinha, uma caneca na mão, me observando com aquela expressão indecifrável. Sua presença é avassaladora, mesmo quando ele não está fazendo nada além de ficar parado ali. Ele tem ombros largos e, embora eu saiba que são gêmeos, parece mais alto que Asher. Seu físico é pura

musculatura definida e uma contenção contida. As tatuagens em seus antebraços e mãos se movem levemente conforme ele se mexe, fazendo meu pulso palpitar de um jeito que prefiro não admitir.

Ele não sorri. Não oferece nada além de uma observação silenciosa e ponderada.

Por um instante, não sei como responder. Algo em sua atenção me faz sentir exposta.

"Eu... é... sim. Explosão de xampu."

"Detesto quando isso acontece", diz Hannah, erguendo os olhos do jornal.

Maddox ergue uma sobancelha, lenta e deliberadamente, mas não diz nada.

Cruzo os braços. "Não é nada demais."

"Você devia levá-la, Maddox", interrompe Otto, pousando a xícara de café. "Ela provavelmente ficaria entediada com a gente."

Algo brilha no olhar de Maddox. Diversão. Como se ele soubesse exatamente o que eles estão fazendo.

Eu balanço a cabeça. "Tudo bem. Eu posso simplesmente —"

"Eu levo você", interrompe Maddox, com uma voz que não admite discussão.

Meus lábios se entreabrem, mas nenhum som sai. Ele não está perguntando. Ele está *dizendo*.

Hesito, lançando um olhar para o corredor onde Asher ainda está trancado em sua reunião. Eu deveria dizer não. Eu deveria insistir em encontrar meu próprio caminho.

Mas a ideia de vagar sozinho por uma cidade desconhecida não é exatamente atraente.

E Maddox...

Solto um suspiro forte. "Tudo bem. Mas eu estou dirigindo."

Um sorriso lento e irônico surge em seus lábios. "Não, você não é."

Antes que eu pudesse argumentar, ele já estava se afastando do balcão e pegando as chaves do gancho perto da porta.

Você vem?

Não sei por que o sigo.

Mas eu pego minha bolsa e minhas sandálias de onde elas estão perto da porta da frente.

Maddox dirige um SUV preto elegante, provavelmente alugado, já que duvido que ele tenha tido um carro depois de vinte anos preso. Ele não fala muito enquanto entramos na Pacific Coast Highway, e eu percebo dolorosamente o quão silencioso o carro é. Não há rádio, nem conversa fiada. Apenas o zumbido baixo do motor e a maneira firme e intencional com que ele dirige.

Dou uma olhada de soslaio para ele. Ele está concentrado, relaxado de uma forma que me deixa inquietante, como se tivesse total controle de cada momento.

"Como você tem permissão para dirigir?" Eu pergunto sem pensar. "Quer dizer... legalmente?"

Seus lábios tremem, como se ele estivesse tentando não sorrir. "Recuperei minha carteira de motorista uma semana depois de sair da prisão."

Assenti com a cabeça, sem saber o que mais dizer. "Bem... obrigada por me trazer."

Ele finalmente lança um olhar para mim, com um olhar penetrante. "Parece que você teve uma escolha."

Eu paraliso por um segundo antes de soltar uma risadinha pequena e sem jeito. "O que isso quer dizer?"

Ele não responde. Apenas sorri de forma irônica, voltando sua atenção para a estrada.

Passam-se alguns minutos antes de chegarmos a uma praça de compras a céu aberto. Ele estaciona sem perguntar para onde quero ir, desliga o motor e sai do carro antes que eu consiga processar que já estamos aqui.

Apresso-me a acompanhá-lo, subindo na calçada enquanto ele se dirige para uma das boutiques de luxo que ladeiam a praça.

"Normalmente não compro em lugares assim", digo, observando as etiquetas de grife nas vitrines. "Estava pensando em algo mais —"

"Isso serve", ele interrompe, segurando a porta aberta para mim.

Tem algo no jeito que ele me olha que me deixa sem fôlego. Como se ele já soubesse que eu vou ouvi-lo.

Hesito, mas entro, e o ambiente fresco e climatizado me envolve.

E o Maddox? Ele vem logo atrás de mim.

A loja é elegante, silenciosa, com araras de peças cuidadosamente selecionadas penduradas a poucos centímetros umas das outras. *Nossa, que lugar chique!* Observo as prateleiras, já sabendo que terei que tomar cuidado para não gastar demais.

Maddox passa por mim, pega um vestido do cabide e o ergue. "Experimente este."

Eu pisquei. "O quê?"

Nossos olhares se encontram, e antes que eu possa perguntar se ele está brincando, ele continua: "Vai combinar com seus olhos."

Dei uma risadinha, dividida entre o divertimento e a pura incredulidade. "Você está falando sério? Você nem conhece o meu estilo."

Seus olhos percorrem meu corpo preguiçosamente, e o jeito como ele me olha deveria ser ilegal. Sinto o rastro de eletricidade que seu olhar deixa na minha pele e me remexo desconfortavelmente sob seu olhar.

"Eu sei o que vai ficar bem em você."

O jeito como ele fala me dá um nó no estômago. Eu deveria discutir. Deveria revirar os olhos e ignorá-lo. Asher *jamaís* escolheria roupas para mim — ele mal repara no que estou vestindo em um bom dia.

Em vez disso, pego o vestido e vou pisando duro até o provador enquanto ele dá risadinhas.

Idiota.

A boutique está silenciosa, exceto pelo zumbido suave de uma música instrumental e o ocasional farfalhar de cabides deslizando nos expositores. Quando visto o vestido, examino-o com uma expressão de desagrado. É um elegante vestido preto de alcinha, bem mais ajustado do que os que costumo usar. E, no entanto...

E, no entanto...

Que se dane ele. Eu adoro. E *realça* meus olhos castanhos, droga.

Soltando um rosnado baixo, abro a porta do provador apenas o suficiente para colocar a cabeça para fora e dizer isso na cara dele, mas ele está *bem ali*, segurando um monte de cabides.

Arranco-os da mão dele sem dizer uma palavra.

Uma roupa se transforma em sete, e logo estou no caixa com mais do que pretendia comprar. Ele sabia meu tamanho... algo que me lembro de perguntar a ele mais tarde, porque é estranho. E, com exceção de uma saia *bem* reveladora, estou comprando tudo o que ele escolheu para mim. Tudo de alta qualidade — seda e cashmere, algodão fino que parece manteiga, linho que parece caro demais e uma calça jeans que, de alguma forma, abraça meu bumbum e meus quadris nos lugares certos.

Procuo minha carteira na bolsa, mas antes que eu possa pegá-la, Maddox se adianta e entrega seu cartão ao caixa.

"Espere — Maddox, não."

Ele nem sequer olha para mim. "Não desperdice seu fôlego."

Vejo a caixa jogar alguns conjuntos de lingerie rendada e sutiã combinando na sacola também, e reviro os olhos. A transação é concluída antes que eu possa questioná-la, e o total me faz arregalar os olhos. É um valor altíssimo, quatro dígitos — mais do que eu *já* gastei com... qualquer coisa. A caixa me entrega as sacolas, e Maddox as pega sem dizer uma palavra. Meus dedos se contraem ao meu lado.

"Eu poderia ter pago pelas minhas próprias roupas", murmuro enquanto saímos.

"Você poderia ter feito isso", concorda ele com naturalidade, levando as sacolas em direção ao carro. "Mas você não fez."

Eu franzo a testa. "Porque você não me deu escolha."

Ele para junto à porta do passageiro, lançando-me um olhar rápido, com o olhar firme. "Você poderia ter lutado com mais afinco."

Sinto um arrepio de calor na pele. Não sei o que dizer sobre isso, porque a pior parte é —

Ele tem razão.

Eu não deveria ter gostado tanto daquilo, da maneira como ele assumiu o controle, como decidiu as coisas sem hesitar. Isso deveria me incomodar. E *me* incomoda.

Deixei que ele fizesse isso.

E eu não sei porquê.

"Além disso, a roupa íntima é totalmente inadequada."

Ele sorri de canto, destrancando o carro. "Exatamente por isso que o escolhi."

Idiota.

Com uma carranca, estendo a mão para alcançar a maçaneta, mas me lembro do presente de verão. "Ah, espere. Preciso comprar um presente", digo rapidamente.

Ele arqueia uma sobrancelha e, droga, isso não deveria ser tão atraente. É injusto, na verdade, o quão bonito ele é. Seu rosto é tão parecido com o de Asher, mas ao mesmo tempo completamente diferente. O mesmo maxilar anguloso, os mesmos olhos azuis marcantes. Mas enquanto Asher é polido como pedra, Maddox é áspero como granito ou lava... o que o torna ainda mais perigoso por causa disso.

Meu estômago revira quando ele deixa seu olhar vagar brevemente até meus pés, e é como se meu corpo o reconhecesse antes que minha mente pudesse processar, como uma versão distorcida da memória muscular. Como um truque pregado por meus próprios instintos, me embalando em uma falsa sensação de familiaridade — de segurança porque ele é o gêmeo do meu namorado e eu reconheço Asher em suas feições.

Porque nenhuma outra explicação faz sentido.

Nada mais explica por que meu pulso dispara quando ele dá um passo lento e deliberado em sua direção, tão perto que minhas costas se pressionam contra o carro dele. Sinto-me encurralada, mas não tenho certeza se quero fugir.

"Certo. Vou esperar aqui", murmurou ele, com um sorriso de canto de boca enquanto me lançava um olhar cúmplice.

Empurro-o para o lado e vou até a loja de plantas ao lado da boutique que acabamos de esvaziar, e um minuto depois, estou voltando para o carro com uma pequena planta-cobra embrulhada em papel pardo. Imagino que quem receber o presente vai gostar de uma planta resistente e fácil de cuidar.

Dou uma olhada nele enquanto me aproximo do carro. Sua expressão é indecifrável, mas há algo por trás dela — confiança, ou arrogância, talvez?

Maddox abre a porta do passageiro para mim, esperando. Não oferecendo, não sugerindo — *esperando*. Como se já soubesse que eu o obedeceria. Hesito, apenas por um segundo. O aroma forte de couro e leves traços de colônia pairam no ar entre nós, algo familiar me incomodando. Eu não deveria gostar do olhar expectante dele, como se soubesse que eu obedeceria.

Eu engulo em seco e entro.

Ele coloca minhas malas no porta-malas, e eu me remexo no banco, com os braços cruzados sobre o peito e a planta aos meus pés. Ele não liga o rádio quando saímos do estacionamento — de novo. Não quebra o silêncio com conversa fiada — de novo.

Ele não precisa.

A viagem de volta para casa é silenciosa, quase sinistra. Maddox segura o volante com uma facilidade quase preguiçosa, mas há controle em sua postura, na maneira como seus dedos se flexionam contra o couro. O silêncio se estende, denso e opressivo. Sinto um arrepio na pele.

Finalmente, quando já estávamos a alguns quarteirões da casa de férias, ele falou: "Você gostou disso."

Viro a cabeça bruscamente na direção dele. "O quê?"

Os cantos dos lábios dele se contraem, não chegando a ser um sorriso. "Não se faça de desentendida comigo, Ari." Meu pulso dispara e, de repente, sinto calor por todo o corpo. "Você gostou de abrir mão do controle."

Eu ri sarcasticamente, mas não pude negar o rubor que se espalhou pelo meu peito. "Você é insuportável."

"Eu tenho razão."

Solto um suspiro profundo, virando-me para olhar pela janela. Odeio não ter uma resposta na ponta da língua. Odeio a sensação de que meu rosto pegou sol demais, e odeio que haja um fundo de verdade em suas palavras que eu me recuso a admitir.

Maddox troca as marchas sem esforço, seus dedos flexionando ao redor do volante.

Engulo em seco, mantendo os olhos fixos na estrada à frente. "Você não me conhece."

Ele solta um murmúrio baixo de divertimento. "Não?"

Eu não respondo.

Quando chegamos à garagem, Asher já estava lá fora. Ele observou enquanto estacionávamos, e seu maxilar se contraiu ao ver Maddox abrir a porta do meu carro.

"Você deixou que ele a levasse?", pergunta Asher, com um tom cortante na voz.

Me irrita com a escolha de palavras dele. "Foi ideia dos seus pais", digo, passando por ele e entrando.

Não tenho energia para discutir sobre algo que nem sequer vale a pena discutir.

Mas, assim que chego à porta, olho para trás.

Maddox fica para trás, sua presença prolongando o momento o suficiente para deixar Asher desconfortável. Ele já está com minhas malas nas mãos e pisca uma vez para Asher, cujo rosto fica vermelho vivo, num tom arroxado de raiva.

Bom, isso promete ser divertido.

Não olho para trás novamente, mas consigo sentir — a tensão crepitante entre eles, uma guerra invisível travada em silêncio. Não quero ser testemunha de qualquer tipo de drama familiar em que estejam envolvidos.

ÁGUAS FANTASMA

ARI

ASHER me encontra na biblioteca, no segundo andar, murmurando um pedido de desculpas sobre Maddox. Percebo que ele ainda está bravo, mas não sei o que fazer. Quando tento tocar sua mão, ele a rejeita.

"Minha mãe quer ir à praia. Você gostaria de ir com a gente?" Sua voz é monótona, como se ele estivesse dizendo as palavras sem realmente senti-las.

"Claro. O dia está lindo", digo, na esperança de que o sol o anime.

"Te encontro na porta da frente em dez minutos?", pergunta ele, finalmente olhando para mim.

"Certo." Ele acena com a cabeça uma vez e, quando se vira para ir embora, eu seguro sua mão, puxando-o de volta. "Ei, você está bem?"

Ele suspira, e algo em sua expressão se desfaz. "Estou bem. Eu só não... eu não esperava que o Maddox estivesse aqui, só isso. Ainda estou furioso com meus pais por terem sugerido que ele te levasse... E se algo acontecesse com você?", pergunta ele, inclinando a cabeça.

Eu deveria me sentir lisonjeada por sua proteção, mas, em vez disso, sinto uma pontada de irritação. "Estava tudo bem. Fomos a uma boutique local, escolhi algumas roupas, fim da história. Você estava trabalhando. O que mais eu deveria fazer?"

Asher abre a boca para argumentar, mas eu aperto sua mão com força. "Ei. Maddox é seu irmão, quer você goste ou não. E isso significa que eu preciso aprender a aceitá-lo."

A mandíbula de Asher se contrai. "Ele... Ele foi gentil com você, pelo menos?"

Hesito. "Legal" não é a palavra que eu usaria.

Dominante, imponente, *intenso*.

Mas guardo isso para mim.

"Sim", respondo simplesmente. "Ele estava bem."

Asher solta um suspiro, assentindo rigidamente. "Tudo bem. Te vejo em dez minutos."

Observo-o enquanto ele se afasta, uma estranha sensação de aperto se instalando em meu peito.

Sacudindo a poeira, caminhei pelo corredor e entrei no meu quarto, fechando a porta atrás de mim. Fui até minha mala, peguei um maiô e já estava pensando se deveria usar aquele que ainda tinha um leve cheiro de xampu de lavanda ou talvez um dos meus vestidos novos que estavam cuidadosamente em cima da minha cama, ainda dentro das sacolas de compras.

Maddox deve ter deixado minhas coisas novas enquanto eu e Asher estávamos conversando. Será que ele ouviu alguma coisa?

Meu celular toca, o som agudo cortando o silêncio do meu quarto. Pisquei, meu pulso já acelerado pela inquietação enquanto olhava para a tela.

Número desconhecido.

Hesito antes de abrir a mensagem, esperando spam, algum alerta automático, qualquer coisa menos —

(858) 667-9960

Você gostou mais do que admite.

Uma sensação lenta e rastejante percorre meu corpo, enviando um zumbido estático enquanto encaro as palavras, o significado penetrando como uma pedra que cai nas profundezas do meu estômago.

Eu sei exatamente de quem é.

Meus dedos apertam o telefone com força, meu aperto quase tremendo. O ar no quarto parece denso demais, parado demais, como se as paredes estivessem se fechando.

Digo a mim mesmo que não é nada. Que é só o Maddox brincando comigo. Me provocando, me testando.

Expiro lentamente, forçando meus pensamentos a se acalmarem. Para ele, tudo isso não passa de um jogo. Um jogo que eu deveria ignorar. Deveria deletar tudo. Deveria bloquear o número. Deveria fazer qualquer coisa, menos o que estou fazendo.

Digito uma resposta, meus dedos se movendo antes que minha mente consiga acompanhar.

Vá para o inferno.

Eu cliquei em enviar.

A resposta chega quase instantaneamente.

(858) 667-9960

Já estou aqui, anjo. Só estou esperando por você.

Um arrepio percorre meu corpo. *Anjo*.

A palavra persiste, envolvendo meus pensamentos como fumaça. Minha respiração falha, e por uma fração de segundo, minha mente salta para um lugar onde não deveria. Um lugar absurdo. As cartas na minha casa...

Te vejo em breve, anjo.

Você tranca as portas à noite. Isso é bom. Mas as portas não me impedem de entrar, anjo. Elas só te impedem de entrar.

"Nada, anjo. Volte a dormir, está bem?"

Mas não. Isso é ridículo.

Solto um suspiro profundo, pressionando o botão liga/desliga até a tela ficar preta na minha palma. É hora de me desconectar da realidade hoje. Já perdi tempo demais deixando isso me afetar. É um apelido bobo. Um apelido genérico. Aliás, caras aleatórios já me chamaram de anjo antes.

E Maddox?

Acabei de conhecê-lo.

Não tem jeito.

Balanço a cabeça, afastando o pensamento, atribuindo-o à coincidência e à minha própria paranoia. Mesmo assim, sinto um arrepio na pele enquanto me arrumo, meu corpo funcionando no piloto automático. Tiro o biquíni com aroma de lavanda da mala e o visto, o leve perfume floral me acalmando. Normal. Rotina.

Não vou deixar uma mensagem idiota estragar meu dia. Ele só está tentando me manipular por causa dessa rivalidade que ele tem com o Asher.

Não vou deixar.
Não vou.
Mas o problema é...
Ele já fez isso.

O cheiro de sal e protetor solar impregna o ar enquanto piso na areia quente, com meu maiô úmido grudado na pele. Consegui enxaguar a maior parte do xampu derramado, mas ainda persiste um leve aroma de lavanda, impregnado no tecido azul-escuro.

Dou uma olhada na beira da praia, onde Asher está parado à sombra de um grande guarda-sol, com o celular já na mão. Seus pais estão a poucos metros de distância, estendendo toalhas e preparando um pequeno cooler com bebidas. Maddox, é claro, observa tudo em silêncio.

Aperto os lábios e jogo minha bolsa em uma cadeira dobrável próxima, que provavelmente colocaram para mim. O sol está quente contra minha pele, e ajusto as alças do meu biquíni antes de me sentar.

Hannah sorri para mim enquanto se acomoda na cadeira. "Então, Ari... Asher disse que você abriu seu próprio negócio? Se não me engano, você trabalhava para uma empresa da última vez que nos vimos."

Eu sorrio e aceno com a cabeça. "Sim, agora tenho meu próprio escritório de contabilidade. Comecei há alguns meses, depois de trabalhar para uma grande empresa."

Antes que eu pudesse explicar melhor, Asher se move para o meu lado e levanta os olhos do celular. "Ela também é boa nisso."

Eu pisquei os olhos e Hannah murmurou em aprovação. "Isso é maravilhoso, querida. Mulheres independentes são uma força a ser reconhecida."

Otto dá uma risadinha, abrindo uma cerveja gelada. "Não é à toa que você mantém o Asher na linha."

Ao ouvir o nome dele, dou uma olhada rápida no meu namorado, mas, mais uma vez, ele está tão concentrado na tela do celular que não presta atenção na conversa. Meu estômago se revira. Isso deveria ser férias, mas aqui está ele, ainda atolado no trabalho.

Sentada na toalha, inclino-me para trás apoiando-me nos cotovelos e deixo o sol bater na minha pele com os olhos fechados. Estou besuntada com protetor solar fator 50, então não sinto nenhuma culpa por absorver um pouco da tão necessária vitamina D. Meu pescoço formiga e, quando abro os olhos, vejo Maddox me observando com uma camiseta branca e uma sunga preta. As espirais escuras de tinta que percorrem seus braços contrastam fortemente com a camiseta branca, mas não me dou tempo para admirá-las.

Ele está a poucos passos de distância, silencioso e imóvel, seu olhar azul penetrante percorrendo meu corpo de uma forma que me causa um arrepio. Não de vergonha, mas de consciência.

"Você é de San Diego, certo?", pergunta Otto.

Eu me endireito e me viro para ele, oferecendo um sorriso caloroso. "Sim, eu cresci lá. Bem, mais ou menos. Meu pai era militar, então nos mudamos muito antes de nos estabelecermos lá."

Asher nem sequer levanta os olhos do celular. "Ela tem duas irmãs mais novas que moram em outro estado", acrescenta. "Uma está na faculdade e a outra na pós-graduação."

Eu cerro os dentes.

Não é mentira. Nem sequer é ofensivo. Mas algo na forma como ele *responde* por mim — sem hesitar, sem sequer verificar se eu queria falar por mim mesma — me incomoda profundamente.

Hannah acena com a cabeça em aprovação. "Estou tão feliz que Asher tenha conhecido uma garota tão legal e normal."

Seu olhar se volta para Maddox, cujos lábios se contraem levemente em divertimento.

Como se ele pudesse me desvendar completamente.

Não sei por que isso me causa uma sensação de aperto no peito, mas de repente, me sinto presa.

Presa entre uma mãe que já decidiu quem eu sou, um namorado que fala por cima de mim e um homem cujo silêncio pesa mais do que as palavras.

De repente, o ar fica denso demais, quente demais. O sol bate forte em mim e sinto minha pele se encher de suor frio.

Me levanto com um impulso, sacudindo a areia da parte de trás das minhas coxas. "Vou dar um mergulho."

Ninguém contesta.

Nem mesmo Asher. Ele nem sequer levanta os olhos do celular.

Caminho em direção à água, pisando em conchas espalhadas e areia quente até chegar às ondas. O oceano invade a minha praia, lambendo meus tornozelos, fresco e reconfortante.

Dou mais um passo à frente, deixando as ondas envolverem minhas pernas, minha pele superaquecida absorvendo o alívio.

Após alguns minutos, sinto uma presença atrás de mim. Não preciso me virar para saber quem é. Ele não fala imediatamente, me dando o silêncio de que eu tanto precisava. Em vez disso, entra na água, silencioso como uma sombra, deixando as ondas rolarem sobre seus pés enquanto contempla o horizonte ao meu lado.

Sua existência é impossível de ignorar.

Consigo senti-lo ali, firme, deliberado, à espera. Quase como se o meu corpo estivesse sintonizado com as vibrações dele, de alguma forma.

É como se o ar estivesse crepitando e estalando.

Deus, eu odeio isso.

Finalmente, sua voz corta o som da maré. "Asher sempre faz isso?"

Dou uma olhada nele, surpresa ao ver que está sem camisa. *Meu Deus. Ele deve ter passado toda a pena na prisão fazendo flexões na barra fixa.*

"Fazer o quê?"

Seus olhos se voltaram para os meus, penetrantes, avaliativos. "Fale por você."

Uma leve pontada de irritação surge no meu peito. Não por causa dele, mas pela verdade contida em suas palavras.

Respiro fundo lentamente, voltando meu olhar para a água. "Não é assim."

"Não é?"

Não respondo. O silêncio entre nós se prolonga, mas não é desconfortável. É algo diferente. Algo mais intenso. Deixo meu olhar percorrer seu corpo, absorvendo a tinta que se estende de suas clavículas, subindo pelo peito, descendo por ambos os braços, até os dedos. Linhas pretas se entrelaçam em desenhos intrincados, algumas partes se fundindo perfeitamente com outras, como se tivessem sido adicionadas ao longo do tempo. A tinta desaparece sob o cós de sua bermuda de banho preta, e me pergunto até onde ela vai.

Tenho que me esforçar ativamente para *não* ficar olhando para o corpo do irmão gêmeo do meu namorado, mas por baixo da tatuagem existe músculo puro e cuidadosamente esculpido.

É difícil *não* notar.

"Quanto tempo levou para fazer essas tatuagens?", pergunto, apontando com a cabeça para ele.

Maddox olha para os próprios braços, flexionando levemente os dedos antes de deixá-los relaxar.

"Anos."

Eu traço os padrões com os olhos, atraída pela maneira como a tinta se move com o movimento de seus músculos.

"Eles deixam você fazer tatuagens na prisão?"

Sua expressão não muda, mas algo transparece em seu olhar. "Algo."

Inclino a cabeça, aguardando.

Ele suspira, passando a mão pelos cabelos úmidos. "Algumas dessas coisas vieram antes. O resto... eu conquistei."

Antes.

A palavra paira no ar entre nós, e tenho a nítida impressão de que o "*antes*" carrega um peso maior do que apenas uma cronologia.

Aperto meus lábios, a curiosidade me consumindo. "Como você os ganhou?"

Seu maxilar se contrai levemente e, por um instante, penso que ele não vai responder. Mas então —

"Porque eu precisava me lembrar das pessoas que não consegui salvar." Sua voz é firme, mas ouço a fragilidade por baixo dela.

A maneira como ele diz isso tem um efeito que cria uma sensação estranha entre nós.

Meus dedos se contraem ao meu lado, a curiosidade me corroendo, exigindo mais. Mas antes que eu possa perguntar, Maddox se aproxima. Apenas um pouco. O suficiente para que sua presença pareça mais pesada.

"Sabe", ele murmura, com a voz calma e indecifrável, "eu enxergo através da fachada que você está usando para os meus pais."

Prendo a respiração.

Olho para ele de cima a baixo, franzindo a testa. "Com licença?"

Sua expressão não muda, mas seu olhar se torna mais penetrante.

"Você me ouviu", diz ele, inclinando levemente a cabeça. "Você é uma boa atriz, isso eu admito. Educada. Doce. A namorada perfeita." Sua voz fica mais baixa, como se estivesse me contando uma piada interna. "Mas essa não é a sua verdadeira essência, não é?"

Uma sensação lenta e indesejada de calor sobe pelo meu pescoço. Não por vergonha – por outra coisa.

Reviro os olhos, tentando ignorar a estranha força de suas palavras. "Você me conhece há... o quê? Um dia? Não aja como se já me conhecesse por completo."

Ele murmura, incrédulo. "Não?" Seus olhos azuis não se desviam dos meus. "Então me diga. Asher já percebeu o quão inquieta você está?"

Abro a boca, mas nada sai. Ele espera. As ondas invadem nossos tornozelos, rodopiando entre nós, e digo a mim mesma que é por isso que me sinto desequilibrada. Não por causa dele.

Não porque ele esteja certo.

Cruzo os braços, resistindo à vontade de me mexer inquieta sob seu olhar. "Não sei onde você quer chegar."

Maddox dá um sorriso irônico, como se soubesse de tudo. Como se soubesse exatamente o que se passa na minha cabeça e estivesse apenas esperando eu perceber.

"Você age como se não quisesse mais nada, mas eu vejo. Sei que é por isso que você está namorando meu irmão. Namorado perfeito. Emprego perfeito. O que vem depois... um casamento perfeito, uma casa bege perfeita, alguns filhos perfeitos?" Sua voz é baixa, carregada de um ar de quem sabe de algo, algo perigosamente próximo da verdade.

Sinto um aperto no peito. Tudo isso soa... *horrível*.

"Eu não sou perfeito", digo automaticamente.

"Não", ele concorda. "Mas você com certeza tenta ser."

As palavras me atingem em cheio. Meu estômago se revira. Quero discutir. Quero dizer algo incisivo, algo cortante.

Mas não. Porque não consigo pensar em uma resposta à altura.

Maddox também percebe isso. Seu sorriso se aprofunda, apenas um pouco. Ele muda o peso de um pé para o outro, expirando enquanto volta seu olhar para a água.

"As boas moças são as que mais desmoronam", diz ele distraidamente, quase como se estivesse falando consigo mesmo.

Engulo em seco, sentindo algo apertado se enrolando na parte inferior do meu estômago. "Eu não sou –"

"Uma boa menina?", interrompe Maddox suavemente.

Seus olhos voltam a encontrar os meus.

Não gosto da forma como meu pulso reage.

Não gosto da forma como minhas coxas se contraem com qualquer coisa. Que merda está acontecendo agora?

Não gosto do jeito como ele fala, como se já soubesse a resposta.

Seu olhar permanece fixo em mim, esperando que eu prove que ele está certo.

E, pela primeira vez, não tenho certeza se consigo.

"Ari!"

Ao ouvir meu nome, sobressalto-me, piscando enquanto o feitiço se quebra.

A voz de Asher se sobrepõe ao som das ondas. Quando me viro, ele está sentado em sua cadeira sob o guarda-sol, com o celular ainda na mão.

Ele gesticula preguiçosamente na minha direção. "Quer dar uma volta? Tenho trinta minutos antes de uma ligação."

Uma chamada.

Não se trata de tempo juntos. Não se trata de "Quero passar tempo com você".

Eu solto o ar, passando a mão pelos meus cabelos úmidos. "Claro!", grito de volta.

Quando olho para trás e vejo Maddox me observando. Imóvel, paciente. Um caçador deixando sua presa chegar às suas próprias conclusões.

Viro-me e sigo em direção a Asher, mas a cada passo, as palavras de Maddox me perseguem.

"Você age como se não quisesse mais nada, mas eu vejo que sim."

E a pior parte? Nem sei ao certo o que significa "mais".

PHANTOM APRESENTA

ARI

ALGUMAS HORAS DEPOIS, quando o sol fica forte demais, quente demais, sufocante demais, todos nós voltamos para dentro de casa.

Asher acabou encurtando nossa caminhada porque tinha outra ligação para a qual precisava se preparar, e eu passei a próxima hora e meia torrando ao sol, deixando o calor atenuar a inquietação que ainda pulsava em minhas veias.

Hannah, Otto e Maddox conversam casualmente, mas eu me desligo da maior parte da conversa, me espreguiçando na toalha e tentando relaxar o corpo.

Eu mal consigo.

Então, quando Asher menciona a troca de presentes de verão, meu estômago se revira de nervosismo.

Assenti com a cabeça, engolindo em seco, mas mesmo enquanto subia as escadas para me trocar, a sensação de desconforto persistia.

É ridículo. É só uma troca de presentes. Ainda estou um pouco chateada por Asher não ter mencionado isso antes. Quase parece que ele me excluiu de propósito. Como se eu fosse uma reflexão tardia, ou talvez não tão importante quanto eu pensava. Não deveria me incomodar tanto, mas essa sensação incômoda não passa.

Meus dedos ainda apertam a sacola onde a planta-cobra está, cuidadosamente embrulhada em papel pardo e amarrada com barbante.

Supõe-se que seja simbólico — resistente, fácil de cuidar, impossível de matar. Segundo minha rápida pesquisa na loja, combina com a ideia do solstício de verão, de novos começos, da vida que continua.

E, no entanto...

Uma voz familiar e insistente sussurra no fundo da minha mente.

E se não for bom o suficiente?

E se a pessoa que receber o presente não se importar com plantas? E se ela achar que é preguiçoso, que foi feito em cima da hora ou que é impessoal?

Eu não deveria deixar essas inseguranças me afetarem, mas elas afetam.

Afinal, sou a filha mais velha. Pensamos demais. Medimos tudo. Tentamos fazer tudo certo, mesmo quando ninguém está olhando.

Mesmo quando ninguém mais se importa.

Expiro o ar, pressionando a mão na têmpora. Talvez eu devesse ter escolhido outra coisa. Algo mais caro, algo mais difícil de encontrar, algo que demonstrasse que me esforcei mais.

Mas então... a voz de Maddox invade meus pensamentos.

"Você é uma boa atriz, isso eu admito. Educada. Doce. A namorada perfeita. Mas essa não é a sua verdadeira essência, não é?"

Engulo em seco. Odeio que as palavras dele não me deixem em paz. Odeio que ele tenha me olhado por um dia e meio inteiro e, de alguma forma, tenha me desvendado por completo.

Afasto esse pensamento e passo as mãos sobre o laço de barbante, endireitando-o.

É apenas uma planta.

É apenas uma troca de presentes.
Nem tudo é tão sério quanto eu imagino.
Obrigada, ansiedade.

Tomo um banho rápido e, durante todo o tempo, não consigo parar de pensar em Maddox.

O jeito como seu cabelo loiro escuro estava despenteado e selvagem — tão diferente do estilo curto e arrumadinho que Asher usa.

Penso na forma como seus músculos ondulavam a cada movimento, como se ele tivesse passado toda a sua pena de prisão aprimorando-os até a perfeição.

Eu teria que ser cega para não achá-lo atraente. Quer dizer, eu estou namorando o irmão gêmeo dele.

Depois de tomar banho e me trocar, faço uma careta ao vestir o vestido de linho azul-escuro que Maddox escolheu — macio como manteiga, soltinho de um jeito que eu jamais escolheria para mim. Mas a cor combina com meus olhos escuros e minha pele dourada, e com o calor lá fora, maquiagem parece desnecessária. Meu cabelo, ainda cacheado da praia, cai pelas minhas costas, intocado.

Endireito os ombros, forço um sorriso ensaiado e natural e desço as escadas.

E, no entanto...

A sensação de mal-estar ainda persiste.

Asher está me esperando no pé da escada e sorri enquanto me abraça pela cintura.

"Você está tão bonita", diz ele, beijando o topo da minha cabeça. "Desculpe por ter que encurtar nosso passeio."

Abro a boca para dizer que está tudo bem quando Hannah aparece na esquina. "Ah, querido, isso é para a troca de presentes?", ela pergunta, sorrindo.

Assenti com a cabeça, entregando-lhe a planta embrulhada.

"Que gentileza da sua parte. Vamos para a sala de estar", ela sugere.

Hannah nos conduz à sala de estar, onde Otto e Maddox já estão sentados. Não deixo meu olhar se demorar muito na camiseta cinza-escura e surrada e na calça jeans preta de Maddox.

A mesa de centro está repleta de pequenos presentes cuidadosamente embrulhados, uma demonstração modesta, porém atenciosa, de tradição.

Acomodo-me no sofá ao lado de Asher, encolhendo as pernas. O nervosismo de antes ainda persiste no meu estômago como borboletas que escaparam do viveiro.

Hannah bate palmas. "Muito bem, vamos começar, certo?"

"Como funciona?", pergunto.

"Sorteamos um nome e essa pessoa recebe o presente que escolhemos", explica ela.

Ela estende a mão para a tigela com os nomes e retira um pedaço de papel. Seus olhos brilham.

"Ah! É o Otto." Ela sorri e entrega a ele um pequeno pacote cuidadosamente embrulhado.

Otto abre a caixa, revelando uma pequena bússola antiga. Sua expressão suaviza. "Eu adorei, querida", murmura ele, dando um beijo na bochecha de Hannah.

Expiro lentamente, ajeitando-me na cadeira. O jeito como eles se olham, tão naturalmente sincronizados, me causa um desconforto no peito. Nunca agi assim com ninguém.

Otto estende a mão para o próximo nome. "Maddox."

Maddox recosta-se, com uma expressão indecifrável, enquanto Otto lhe entrega uma caixa fina e quadrada, embrulhada em papel pardo. Ele a abre, revelando um diário de couro.

Ele passa o polegar pela capa, mas seu rosto não revela nada. "Obrigado", diz simplesmente, olhando para Otto.

Otto acena com a cabeça, um tipo de orgulho forçado brilhando em seus olhos.

Maddox coloca o diário ao lado dele e, em seguida, estende a mão para dentro da tigela. Seus lábios se curvam levemente ao ler o nome.

"Asher."

Asher fica imóvel ao meu lado enquanto Maddox lhe entrega um pequeno presente embrulhado em papel branco. Ele rasga o papel, revelando um livro de ficção histórica. Asher dá um sorriso forçado para Maddox antes de colocar o livro de lado, e eu me encolho ao olhar para Maddox em busca de sua reação, mas Maddox permanece sentado estoicamente. Eu sei que eles não estão nos melhores termos, mas Asher nem sequer olhou a contracapa do livro — simplesmente o descartou como se não significasse nada.

"Obrigado", diz ele, com voz seca. Levando a mão à tigela, sorri ao me mostrar meu nome escrito no pedaço de papel.

Meus olhos se animam quando ele me entrega uma pequena caixa embrulhada em papel branco impecável.

Meus dedos trabalham na fita, desatando-a cuidadosamente, uma inexplicável sensação de expectativa se instalando em meu peito.

Quando finalmente consigo abrir a tampa, minha empolgação diminui.

Um chaveiro.

É de couro, simples, com um trevo de quatro folhas gravado em um dos lados. É... bonito... de um jeito prático.

"Ah, obrigada, Ash."

Ele se inclina e beija minha têmpora. "Achei que todo mundo poderia usar um chaveiro bonito."

Assinto com a cabeça, pegando a última tira de papel. "Hannah", digo, largando o papel e pegando o presente que escolhi.

Ela me dá um sorriso caloroso enquanto abre o presente. "Uma planta", murmura, inclinando a cabeça. Meu pulso acelera. Eu sabia que não era grande coisa. Eu deveria ter comprado outra coisa, algo melhor, algo... "Ah, Ari. Eu adoro plantas-cobra", acrescenta, e eu me deixo abater de alívio.

"Que bom. Eu não tinha certeza — se eu tivesse tido mais tempo —"

Maddox levanta o olhar, fixando-se nos meus. "Combina com ela. Ela tem uma estufa e tudo mais."

Hannah estende a mão para o último presente sobre a mesa. "Oh! Parece que sobrou um."

Ela pega o pacote — uma caixa um pouco maior, embrulhada em papel azul escuro. Maddox estende a mão e agarra a caixa primeiro.

Sua voz é calma, suave. "Isso é para Ari."

Silêncio.

O ar parece mudar, uma tensão se instala no ambiente. Hannah olha para Otto, que observa a troca de olhares atentamente.

Asher franze a testa. "Espere. Você comprou um presente para a Ari?"

Maddox aperta levemente a caixa. Ele não hesita, não recua.

"Ninguém disse que eu não podia."

Um *som lento e abafado* ressoa no meu peito enquanto meus dedos se apertam em torno do chaveiro no meu colo.

Olho para os dois ao mesmo tempo: Asher, tenso ao meu lado; Maddox, indecifrável do outro lado da sala.

Os olhos de Maddox se voltam para os meus, por um breve instante.

E mesmo que ninguém mais saiba o que tem dentro da caixa, de repente sinto como se ele estivesse guardando um segredo entre os dedos.

Uma feita especialmente para mim.

Maddox permanece em silêncio enquanto pego o presente dele e rasgo o embrulho, meu pulso acelerado. O papel dá lugar a uma bola de plástico bolha, bem acondicionada, como se o que estivesse dentro fosse delicado, importante.

Desdobrando-o lentamente, mal consigo segurar o objeto antes que ele caia das minhas mãos.

Minha respiração fica presa na garganta.

Oh meu Deus.

Sinto Asher se inclinar para mais perto, olhando por cima do meu ombro. "O que foi?"

Mas ainda não posso responder — minhas mãos estão tremendo demais.

Viro a embalagem, leio o rótulo, verifico, verifico novamente, porque não há como —

Mas é verdade.

É uma Polly Pocket vintage. Não qualquer uma, mas um dos conjuntos mais raros de todos os tempos — a coleção Jewel Secrets da Bluebird Toys.

Novo na embalagem. Perfeitamente conservado.

Meu Santo Graal.

Não me atrevo a olhar para Maddox.

Como diabos ele sabia?

"Um brinquedo?", pergunta Asher, com a voz quase incrédula. "Você comprou um brinquedo para a minha namorada?"

Pisquei os olhos, saindo do meu transe apenas o suficiente para virar a cabeça em sua direção.

"Não é só um brinquedo", sussurro, minha voz trêmula, minha garganta doendo de um jeito inesperado. Aperto meus lábios, tentando suprimir o peso repentino e avassalador da emoção que pressiona minhas costelas.

Eu não choro por qualquer coisa.

Mas por um segundo aterrador, acho que talvez sim.

Olho para baixo novamente, passando os dedos sobre o plástico ligeiramente descolorido, a embalagem delicada que, de alguma forma, sobreviveu a décadas intocada.

É perfeito.

É meu.

E Maddox sabia disso.

Asher suspira. "Então... vale muito dinheiro ou algo assim?"

Maddox se ajeita na cadeira. Calmo. Imperturbável. Totalmente no controle deste momento.

Sua voz é suave, mas suficientemente incisiva para cortar. "Não se trata de dinheiro", diz ele calmamente.

Seus olhos se voltam para os meus, apenas por um segundo. Tempo suficiente para enviar uma onda de eletricidade pelas minhas veias.

"Talvez se você prestasse atenção, saberia que está no topo da lista de desejos públicos da sua namorada", continua Maddox, com um tom descontraído, carregado de discreto divertimento.

Asher fica rígido ao meu lado.

Respiro fundo, desviando o olhar de Maddox e desejando que meu coração se acalme.

Ele tem razão. Eu tinha isso em todas as minhas listas de desejos há muito tempo. Nunca pensei que um dia o teria. Mas o Maddox — de alguma forma, *inexplicavelmente* — conseguiu para mim.

O que não faz sentido nenhum.

Como diabos ele sabia?

Nos conhecemos há pouco tempo. Minha lista de desejos não é exatamente um segredo, mas também não é algo que as pessoas descubrem por acaso. Ele foi procurá-la? E se foi... por quê?

Engulo em seco, tentando disfarçar o nó na garganta. "É mais sentimental do que qualquer outra coisa", digo, passando os dedos pelo plástico mais uma vez.

Mas isso não é bem verdade, não é?

Porque agora, neste momento, isto significa mais do que qualquer coisa que alguém já me tenha dado.

Eu jamais contaria isso para o Asher, mas eu tinha o mesmo conjunto. Eu tinha uns três ou quatro anos quando minha avó me levou para fazer compras. É uma das minhas primeiras lembranças — caminhando pelos corredores de brinquedos, esperando para escolher alguma coisa. Minha irmã caçula tinha acabado de nascer, então minha avó me levou para a casa dela — a mesma casa onde moro atualmente.

Passei o dia inteiro brincando com o conjunto Jewel Secrets. Amei mais do que qualquer outra coisa que já amei antes.

E quando meu pai veio me buscar, ele me fez jogar fora.

Nem me lembro mais o motivo, mas, conforme fui crescendo, percebi que era porque ele priorizava disciplina, praticidade e "utilidade" acima de tudo que considerava superficial. Ele via todas as coisas femininas e de princesa como inúteis — até mesmo indulgentes. Mais tarde, na adolescência, ele passou a enfatizar a obediência em tudo o que eu fazia.

Nunca teve a ver com o brinquedo.

Era uma questão de controle. De me moldar em alguém que não questionasse a autoridade, que não fizesse escolhas egoístas, que não perdesse tempo com coisas que traziam prazer em vez de funcionalidade.

E eu era a filha mais velha. Tinha que ser forte. Tinha que ser responsável. Tinha que ser perfeita. Não havia espaço para delicadeza. Não havia espaço para erros. Não havia tempo para ser uma menininha que só queria ficar com seu brinquedo favorito.

Como adulta, me permito alguns prazeres fúteis, como bolsas vintage, brinquedos antigos e cafés gelados de oito dólares. Ganho bem no meu emprego e lutei contra a infância difícil que vivi sempre que pude.

Porque se eu não fizer isso?

Se eu parar de provar para mim mesma que posso ter coisas bonitas e desnecessárias só porque as quero, então talvez eu nunca tenha realmente escapado.

Hannah bate palmas, quebrando a tensão. "Bem, acho que foi uma troca adorável, não acha?"

Asher murmura algo baixinho, mas Hannah ou não o ouve ou opta por ignorar.

"O almoço deve estar pronto em cerca de trinta minutos", ela continua, levantando-se da cadeira. "Preparei alguns sanduíches abertos e aquela salada de pepino que você gostou da última vez, Ari."

Forço um pequeno sorriso, ainda atordoada pelos últimos minutos. "Isso parece ótimo."

Otto segue a esposa em direção à cozinha, Maddox sai da sala sem olhar duas vezes, e Asher permanece apenas o suficiente para olhar para o celular antes de suspirar.

"Tenho uma ligação daqui a pouco. Assuntos de trabalho. Você vai ficar bem sem mim?"

Eu o encaro, piscando os olhos, e então dou uma olhada ao redor do quarto aconchegante e iluminado pelo sol. "...É, Ash. Acho que vou sobreviver."

Ele nem percebe meu sarcasmo. Em vez disso, acena distraidamente com a cabeça, já distraído, já com a cabeça em outro lugar. E assim, de repente, ele se foi.

Soltei um suspiro lento e controlado. De repente, a casa parece quente demais, abafada demais. Preciso de ar.

Por um tempo, vagueio sem rumo, deslizando os dedos pela borda do parapeito da janela, espiando a cozinha arrumada, a sala de estar perfeita demais. Tudo é encantador, cuidadosamente selecionado.

Tudo, menos eu.

Por que Asher me trouxe aqui? Para observá-lo trabalhar? A constatação dói mais do que eu gostaria de admitir. Esfrego meus braços, tentando afastar a sensação, mas ela persiste.

Preciso de ar. Preciso pensar.

Deixando a Polly Pocket fechada sobre a mesa, saio pelas portas do pátio, permitindo que a brisa do oceano refresque o calor que sobe sob minha pele.

O quintal está silencioso, o som das ondas um ritmo lento e constante contra os penhascos. Expiro, tentando me centrar, mas antes que eu consiga me acalmar completamente —

Sinto um leve aroma de algo forte, terroso, inconfundível.

Erva.

Sigo o aroma, contornando a casa, onde o terreno se inclina ligeiramente antes de se nivelar perto das falésias.

Maddox está lá, encostado no parapeito, com o oceano se estendendo imponentes atrás dele.

Um cigarro de maconha pende entre seus dedos, a fumaça se espalhando preguiçosamente no ar de verão.

Ele não olha para mim imediatamente, apenas leva o cigarro aos lábios, inala lenta e profundamente, segura a fumaça e depois expira, com os rastros de fumaça turvando a nitidez de suas feições.

Ele parece completamente à vontade.

Como se ele pertencesse a este lugar.

Como se sempre tivesse pertencido a este lugar.

Cruzo os braços sobre o peito. "Não imaginava que você fosse desse tipo."

Maddox cantarola, ainda sem olhar para mim. "E que tipo é esse?" Sua voz tem o tom de alguém que não se surpreende em me encontrar aqui com ele.

"Do tipo que... sei lá. Ficar chapado no meio do dia durante as férias em família?"

Isso me rende um sorriso lento por cima do ombro dele, e a cena me deixa sem fôlego. "Você está presumindo que isso é só por diversão."

Me remexo, observando como seus dedos enrolam o baseado, a facilidade com que o segura.

"Você está dizendo que é medicinal?", provoco, arqueando uma sobrancelha.

Maddox se vira e se encosta no corrimão, finalmente olhando para mim — olhando para mim *de verdade*.

Eu me remexo sob seu olhar atento. Há algo nele que me faz sentir que ele sabe mais sobre mim do que demonstra — apesar do presente que acabou de me dar. É como se ele já tivesse passado um tempo dentro da minha mente. A sensação é quase sufocante, pressionando cada centímetro do meu corpo, buscando algo que não sei como nomear.

"Estou dizendo que isso facilita as coisas."

Tem algo na maneira como ele diz isso que me incomoda.

Em vez disso, mudo o peso do corpo, lançando um olhar para a casa. "Se Asher soubesse que você está fazendo isso aqui fora..."

Maddox ri baixinho, um riso baixo e indiferente.

"Se o Asher soubesse metade das merdas que você está pensando de verdade, ele ia pirar."

Eu congelo.

Meu pulso falha, depois acelera, depois falha novamente. "Com licença?"

Maddox inclina levemente a cabeça, observando-me, com o olhar tranquilo. Embora sua expressão permaneça neutra, há algo em seus olhos que me causa um nó no estômago.

Ele levanta o cigarro entre dois dedos, girando-o preguiçosamente, estudando a brasa como se ela guardasse uma resposta. Impulsionando-se para longe do corrimão, ele caminha até ficar bem na minha frente. O azul escuro do oceano atrás dele realça o azul gélido de seus olhos. Os olhos *de Asher*.

"Você e eu." Sua voz é lenta, pausada. "Não somos como eles."

Estreito os olhos e cruzo os braços. "Eles?"

Ele dá um sorriso irônico, mas não há humor nenhum nisso. "Você sabe de quem estou falando. Pessoas como o Asher. Pessoas que se encaixam em caixinhas bem definidas, que nunca pensam muito sobre o porquê de fazerem o que fazem. Pessoas que seguem as regras."

Mudo o peso do corpo, resistindo ao impulso de me remexer sob seu olhar. "E você acha que me conhece o suficiente para me colocar em uma categoria diferente?"

Seus lábios se contraem. "Eu não acho. Eu *sei*."

Dei uma risada curta e incrédula. "Ah, é? E o que exatamente você acha que sabe?"

Maddox sustenta meu olhar por um instante, depois exala uma baforada lenta de fumaça, sua voz baixando o suficiente para me dar uma sensação de enjoo.

"Você age como se estivesse satisfeita. Como se tivesse tudo resolvido. O emprego estável, o namorado fiel, a vidinha segura. Mas lá no fundo?" Ele se inclina para frente, os olhos faiscando. "Você está morrendo de fome. Por mais. Por alguém que te veja. Por alguém que te leve a sério quando você parar de fingir que quer esse tipo de vida."

Eu fico tenso, mas não desvio o olhar.

"Você foi ensinada a aceitar menos", ele murmura. "A se contentar com as migalhas que as pessoas te dão e chamar isso de amor. Mas você não quer migalhas, quer, Ari? Nunca quis. Você simplesmente nunca pensou que pudesse pedir mais."

Eu franzo a testa. "Eu não sou —"

"Você se importa. Talvez seja por causa da sua criação, ou talvez seja pelo fato de você sempre ter tido que ser forte pelas suas irmãs. Elas são mais novas que você, não é?" Eu inclino a cabeça para trás, surpresa por ele se lembrar disso. "Você finge que está tudo bem — finge que é mais fácil assim — mas, no fundo?"

Sua voz, um sussurro rouco em meio ao estrondo das ondas, o fez pousar o baseado no corrimão de metal. Cruzou os braços, observando-me com a mesma expressão indecifrável.

Será que esse cara passava o dia fazendo flexões na barra fixa na prisão? Porque os bíceps dele provavelmente conseguiriam arremessar pedregulhos por cima dessa grade.

Você está inquieto(a). Está esperando que alguém lhe dê permissão para viver a vida que sempre quis. A vida *que realmente* quis. Não a vida que você deveria ter... mas aquela que você deseja mais do que a sua próxima respiração.

Droga.

Essas palavras tocam em algo muito pessoal. *Muito, muito pessoal.*

Respiro fundo, cruzando os braços para esconder o tremor nos meus dedos. "Essa é uma grande suposição."

Maddox simplesmente dá de ombros, casual, com desdém. "Não é uma suposição."

Eu balanço a cabeça, irritada. "Por que você age como se me conhecesse?"

Seus olhos me percorrem rapidamente, avaliando-me, antes que ele levante o baseado novamente.

"Meu trabalho era ler as pessoas." Sua voz é leve, mas há algo sombrio se aninhando em suas bordas. "Na época em que eu estava no Corpo de Fuzileiros Navais."

Eu pisquei. Isso me pegou de surpresa. Eu não fazia ideia de que ele era fuzileiro naval.

"O quê, tipo interrogatórios?"

Ele esboça um sorriso irônico, mas este não chega aos olhos. "Às vezes."

Uma pausa. Espero que ele explique melhor, mas ele não o faz.

Maddox estende o baseado na minha direção, com a voz baixa e suave. "Então vai."

Eu fico olhando para ele.

Então, na ponta em chamas, a lenta espiral de fumaça.

Toda a minha razão me diz para ir embora. Para dizer não, para voltar para dentro e sentar com Hannah e Otto e fingir que pertencço a um mundo como este. Mas é exatamente isso, não é? Eu não pertencço. E Maddox sabe disso.

Então estendo a mão, meus dedos roçando nos dele enquanto pego o baseado de sua mão.

Eu não uso drogas. Bebo? Claro. Já cheguei a tomar uma ou duas garrafas de vinho depois de um dia longo. Mas drogas? Não faço esse tipo de coisa. Meu pai teria me deserdado se soubesse que eu fumava maconha.

Mas...

Penso em Asher, preso às suas ligações, às suas reuniões intermináveis, ao seu mundo perfeitamente estruturado.

Penso em como me moldo e me adapto para me encaixar nisso — em como estou *entediada*, mas tentando fazer meu pai feliz me estabelecendo.

Penso na Polly Pocket, na sensação de ser verdadeiramente vista pela primeira vez em anos.

E como Maddox nunca me pediu para fazer nada além de ser eu mesma. Como ele simplesmente *sabe* coisas sobre mim, como que tipo de roupa fica bem em mim e quais são todas as minhas verdades ocultas.

Até mesmo aquelas que eu nunca tinha contado para o Asher.

Eu deveria me sentir incomodada com as observações e suposições dele, mas não me sinto. É até meio... *agradável*. Parece que, perto do Maddox, eu consigo quase me desapegar da responsabilidade à qual me apeguei a vida inteira.

E então —

Pego o cigarro de maconha da mão dele, levo-o aos meus lábios e trago.

Maddox observa tudo.

A fumaça queima, mas não tanto quanto a pergunta que sobe à minha garganta. Expiro lentamente, virando-me para ele. "Como você sabia?" Minha voz sai mais baixa do que eu pretendia. "Por causa da lista de desejos."

Ele me observa por um instante, depois dá de ombros, como se a resposta fosse óbvia. "Não são difíceis de encontrar, para quem quiser vê-las." Sua voz é calma, casual, mas algo na maneira como ele diz isso me faz sentir um aperto no peito.

Seu olhar permanece fixo em mim, indecifrável. "A maioria das pessoas não presta atenção. Não de verdade. Elas ouvem o que querem, veem o que lhes convém. Mas se você souber onde procurar, o que ouvir..." Ele para de falar, com o significado bem claro.

Eu engulo em seco. "E você?"

Seus lábios se contraem. "Para as coisas que importam, absolutamente."

As palavras se instalam entre nós, carregadas de algo que não consigo nomear.

Deveria me deixar desconfortável — o jeito como ele vê as coisas que ninguém mais vê, o jeito como ele me vê. Mas, em vez disso, me sinto... bem. Atenciosa de um jeito que eu nem sabia que desejava.

Porque com Maddox, eu não preciso representar um papel. Não preciso suavizar minha personalidade ou me diminuir para me encaixar na imagem que outra pessoa tem de mim. Ele não espera que eu sorria, concorde com a cabeça e carregue o fardo sem reclamar.

Ele não espera que eu seja fácil.

Ele só quer que eu seja autêntica.

E, contrariando toda a lógica, estou começando a gostar da companhia dele.

SOMBRA FANTASMA

ARI

NAQUELA NOITE, depois de tomar banho e vestir minha camiseta larga que Hannah lavou e secou com tanto carinho para mim, finalmente relaxei. A casa estava silenciosa, todos em seus quartos. Depois de borrifar um pouco de perfume atrás da orelha — exatamente como minha avó me ensinou — deitei na cama de solteiro aconchegante, olhando para o teto, com os pensamentos confusos.

Hoje, algo pareceu... diferente.

Como uma mudança para a qual eu não estava preparado.

Enquanto meus olhos se fecham lentamente, digo a mim mesma para deixar para lá. Para parar de pensar demais. Para esquecer como Maddox me observou durante o almoço e depois no jantar antecipado de salmão grelhado, pão de alho e abobrinha. Para esquecer a Polly Pocket em cima da minha cômoda, toda embrulhada no plástico bolha em que veio. Para esquecer como Maddox parece ter me avaliado em apenas dois dias.

Depois que terminei de fumar com ele, ele me deixou sozinha em um canto da casa, e eu só o via nas refeições. Nunca me senti chapada, mas definitivamente me senti mais relaxada ao longo do dia, o que eu gostei. E agora?

São pouco mais de oito da noite e me sinto completamente desperta. Pego meu celular e faço uma chamada de vídeo com minha melhor amiga, Frankie. Ela atende no primeiro toque e reconheço seu escritório assim que ela aparece na tela.

"Oi", diz Frankie, sem olhar para a tela do computador, mas sim para a manta de bebê que está dobrando delicadamente. Desde que uma influenciadora compartilhou o link da sua loja de mantas de bebê, ela tem trabalhado sem parar para atender aos pedidos. "Como estão as férias na praia?"

"Tem sido... estranho", digo lentamente.

Ela finalmente olha para a tela, e suas sobrancelhas franzidas me dizem que ela está preocupada. "Por quê?"

"Bem, Asher tem um irmão gêmeo idêntico."

Frankie fica boquiaberto. "Sério? Como é que ele nunca te contou?"

Eu sorrio de canto. "Porque o irmão gêmeo dele esteve na prisão."

Frankie bufa. "Sua vida, cara. É uma loucura. Igualzinha à da vovó Anastasia. E como é o gêmeo?"

"Maddox", esclareço.

"Nossa. Que nome legal. Ele parece ser um gato. Estou imaginando o Asher com muitas tatuagens, talvez cabelo mais comprido e aquele ar de criminoso misterioso."

Eu solto uma gargalhada. "Você está perto. Mas ele não tem cabelo comprido."

Frankie dá de ombros, carregando uma pilha de tecido bege com estampa de arco-íris até sua máquina de costura do outro lado da sala. "Ah, bem, não posso estar certa cem por cento das vezes", brinca ela, sentando-se à mesa e começando a cortar o tecido em grandes quadrados. "Então, por que tem sido estranho? Me conta."

Dou uma olhada na porta fechada do quarto, pensando se devo dizer alguma coisa em voz alta agora que meu namorado e toda a família dele estão sob o mesmo teto que eu.

"Bem, para começar, ele é todo... misterioso", digo, falando baixo para que ninguém me ouça. "Ele me levou para fazer compras hoje porque meu shampoo vazou na mala. Ele escolheu todas as minhas roupas. E pagou por elas. Como se eu fosse a garota-propaganda dele."

Frankie levanta a cabeça. "Isso é... Hum. Seria estranho se eu dissesse que é meio sexy?"

Dou uma risadinha. "E ele tem sido tão... misterioso não é a palavra certa. É como se ele me conhecesse. Me *conhecesse*, me conhecesse. Hoje fizemos uma troca de presentes com todo mundo, e ele me deu a Polly Pocket que eu sempre quis."

Frankie deixa cair o tecido que está costurando, e sua boca se abre em um grande "O". "A coleção Segredos das Joias?!"

Assinto solenemente.

"Caramba, Ari. Você queria esse conjunto há anos."

"Eu sei. E tem mais uma coisa..." Hesito, sem saber se devo dizer alguma coisa. Mas se eu não contar para alguém, vou enlouquecer. "Ele me chamou de anjo."

Frankie faz uma pausa, franzindo a testa. "Espere. Você acha que Maddox poderia ser seu perseguidor supersecreto?"

Dou de ombros. "Diga-me que estou louca por sequer ter esse pensamento. Quer dizer, eu o conheci ontem."

Ela passa a mão pela boca enquanto olha para a câmera do computador. "Talvez ele soubesse de você na prisão. Ele é próximo de Asher?"

Eu balanço a cabeça negativamente. "Na verdade, não. Parece que eles têm uma rivalidade estranha. E tem mais uma coisa. Acho que talvez ele tenha entrado no meu quarto na primeira noite em que estive aqui. Mas eu estava sob efeito de Ambien, então talvez eu estivesse alucinando?"

Ela levanta as mãos e ri. "Sabe, essas coisas fazem a gente fazer coisas estranhas. Uma vez você me mandou uma mensagem com uma análise de cinco parágrafos sobre por que a lua provavelmente está nos julgando", acrescenta, com um sorriso irônico.

Balanço a cabeça, sentindo-me estranhamente inquieta. "Isto foi diferente."

"Ele é... perigoso? Tipo, você está preocupada? Porque eu largo tudo agora mesmo e dirijo direto para Malibu para buscar você, sua linda garotinha, se você disser que sim."

Eu rio. "Não, estranhamente. Não me sinto desconfortável perto dele. Sinto como se o conhecesse há uma eternidade."

Frankie me observa por um instante antes de assentir. "Certo. Então vamos analisar isso passo a passo."

"Destrinchar o quê?"

"Seu perseguidor é o Maddox. Ele não assinou com a letra 'M'?"

Meu estômago embrulha. "Meu Deus! Eu tinha me esquecido completamente desse detalhe horrível."

“De nada”, diz ela secamente, e continua. “Certo, então é bem provável que seja o Maddox. Agora, só precisamos descobrir por quê.”

Esfrego as têmporas, tentando entender tudo aquilo. “E se for ele? E se for algum tipo de joguinho psicológico estranho?”

Frankie levanta as sobrancelhas e volta para o computador onde estamos fazendo uma chamada de vídeo. “Mas por quê?”

A porta do escritório de Frankie range ao abrir, e Dante, seu marido, entra carregando uma caneca de algo fumegante, como um espectro sombrio de eficiência de um metro e noventa e três de altura.

“Um latte de avelã”, diz ele, entregando-lhe a caneca.

“Obrigada, meu bem”, murmura Frankie, sem desviar o olhar da tela enquanto digita a uma velocidade que deveria ser ilegal.

“Olá, Dante”, digo preguiçosamente.

Ele acena, mas não vai embora. Permanece ali, avaliando. Sempre foi assim — perspicaz demais, sagaz demais, poderoso demais, daquele jeito silencioso e inquietante que só homens como ele conseguem ser.

“Você devia perguntar a ele sobre Maddox”, diz Frankie, com os dedos deslizando rapidamente sobre o teclado.

Sinto minhas bochechas esquentarem. Dante é... intimidador. Não porque ele tenha me feito algo, mas porque ele é muito controlado, muito certinho. Um psiquiatra renomado, mal-humorado a ponto de ser lendário, e podre de rico para completar. Frankie jura que ele era obcecado por ela muito antes de eles ficarem juntos, e honestamente? Eu acredito.

Ele observa a esposa por um instante, algo obscuro e indecifrável piscando em seus olhos antes de se virar para mim diante da câmera.

“Quem é Maddox?”, ele pergunta.

Hesito, lançando um olhar para Frankie, mas ela continua digitando, como se não tivesse acabado de me jogar aos lobos.

Eu pigarreio. “Eu... é... não é nada.”

Dante não pisca. Ele apenas espera.

É isso que acontece com ele. Ele não pressiona. Ele nem se mexe. Ele simplesmente observa você por tempo suficiente para que, eventualmente, você comece a falar só para preencher o silêncio.

Eu solto o ar. “Provavelmente é uma estupidez.”

“A maioria das coisas são assim”, diz ele secamente, dando um gole no café de Frankie e fazendo uma careta. “Continue.”

Eu lanço um olhar para Frankie, mas agora ela está sorrindo, achando graça. Traidora.

Me remexo na cadeira e então conto tudo para ele — das anotações ao encontro com Maddox e às coisas estranhas que ele me disse. Quando termino, Dante ergue uma sobrancelha, mas não reage de outra forma. Hesito. Parece ridículo quando digo tudo em voz alta. Espero que ele me ignore, que diga que eu estava sonhando, que estava sob efeito de Ambien, que imaginei tudo.

Em vez disso, ele me observa, seu silêncio se prolongando o suficiente para acelerar meu pulso.

"O que diziam os bilhetes?", pergunta ele finalmente.

Engulo em seco antes de transmitir as duas mensagens que recebi.

"Você precisa de um segurança ou algo assim", murmura Frankie.

Soltei uma risada abafada. "Por favor. Eu tenho spray de pimenta e escolhas de vida questionáveis. E não se esqueça da faixa preta."

"Ari", diz Frankie, com voz repreensiva.

"Também... tenho problemas de raiva. Mas vou ficar bem."

Frankie arqueia uma sobrancelha. "Você é um contador, não o James Bond."

"É isso que o governo quer que você pense." Eu sorrio, olhando para Dante, que apenas suspira. Ele detesta meus discursos sobre teorias da conspiração e, felizmente, já está acostumado com nossas conversas malucas. Mas Frankie tem razão.

"Você acha que Maddox deixou os bilhetes?", ele pergunta.

"Não sei", admito.

Dante expira pelo nariz, um brilho afiado em seu olhar. "Bem, existem duas possibilidades. E qualquer bom detetive lhe dirá que a explicação mais simples geralmente é a correta."

Ouvir isso tão claramente me dá um nó no estômago.

"Quem deixou isso queria que você soubesse que te conhecia, mas não estava interessado em ver sua reação imediata. No entanto, com base no que você me contou sobre as coisas que Maddox disse e fez..." Ele para de falar. "Há uma boa chance de ele ser o seu homem."

Algo frio e pesado se instala no meu peito.

Frankie franze a testa. "Então você está dizendo que isso é tipo... coisa de perseguidor de outro nível? Vindo de um cara que acabou de sair da prisão?"

Dante não confirma nem nega. Ele apenas me observa.

"Talvez. Por que ele foi preso?", pergunta Dante.

Sinto os pelos dos meus braços se arrepiarem. "Na verdade, não sei."

"Pois bem, descubra", Frankie praticamente sibila. "E talvez pare de ignorar os sinais de alerta antes que você se torne o próximo episódio *do Dateline*."

"Que reconfortante", digo a ela, com sarcasmo na voz. Recebo uma mensagem e franzo a testa para a tela. "Preciso ir. O Asher acabou de me mandar uma mensagem. Te mantenho informada, tá? E se encontrarem meu corpo em uma vala... bem, diga a eles que eu sempre tive uma queda pelo vilão."

Frankie geme. "Jesus Cristo. Você é *exatamente* o tipo de garota sobre a qual fazem aqueles documentários do tipo 'por que ela simplesmente não foi embora?'"

Eu rio. "Te amo."

"Também te amo."

Aceno para Dante antes da chamada do FaceTime cair e, antes de abrir minhas mensagens, abro rapidamente uma nova janela do navegador e pesquiso o nome de Maddox.

Provavelmente devo descobrir por que ele foi preso.

Aparece um artigo intitulado "O Fantasma Anda Livre", mas assim que clico no link, meu telefone vibra com outra mensagem de Asher.

ASHER

Olá. Só passando para dar um alô.

Você está bem?

Franzi a testa. Não é exatamente um convite *para vir ao meu quarto, estou com saudades*, mas pelo menos ele está reconhecendo que eu existo.

Sim, estou bem. Você vai vir me dar boa noite? ;)

Três pontos aparecem e depois desaparecem.

Então-

ASHER

Tenho que acordar cedo amanhã. Acho melhor que nós dois durmamos bem esta noite.

E Ari... nós conversamos sobre isso. Eu não quero que a gente fique se escondendo como se fôssemos adolescentes. Não é justo para nenhum de nós.

Encaro a tela, sentindo o calor subir pelo meu pescoço. E se eu quiser me esgueirar por aí como uma adolescente? Será que ele já pensou nisso?

Um dia inteiro dele distraído, ausente, absorto no trabalho e em quaisquer pensamentos que a presença de Maddox estivesse despertando em sua mente — e agora, quando finalmente tem tempo, ele escolhe não ter?

Respiro fundo lentamente, tentando me acalmar.

Mas em vez de responder à mensagem, em vez de convencê-lo a me dar migalhas de informação, desliguei o telefone.

Sem resposta. Sem convite. Se ele me quiser, sabe onde me encontrar.

E se ele não fizer isso?

Ah, bem. Recuso-me a implorar pela atenção do meu próprio namorado.

Pego o frasco de Ambien na minha bolsa, engulo um comprimido a seco e me enrolo debaixo das cobertas.

Se ele aparecer, ótimo. Se não, eu resolvo isso amanhã. Pego meu Kindle debaixo das cobertas e abro o livro que estou lendo — um romance sombrio e perturbador onde a heroína está amarrada a uma cadeira, ofegante e trêmula, enquanto o vilão, aquele de quem ela vem fugindo nos últimos oito capítulos, desliza uma faca pela parte interna da sua coxa, sussurrando coisas obscenas em seu ouvido.

Me mexo um pouco, pressionando minhas coxas uma contra a outra enquanto viro a página.

São sempre os vilões. Sempre.

Tem algo na maneira como eles agem. Na forma como sabem o que querem — quem querem — e não se desculpam por isso.

Trinta minutos depois, meus olhos começam a pesar e meu Kindle escorrega das minhas mãos. A última coisa de que me lembro é do quarto escurecendo, meus membros ficando pesados e minha mente mergulhando naquele sono profundo e nebuloso.

Até-

Algo muda. Um estalo no ar silencioso.

Um peso no ar.
Me mexo levemente, oscilando entre a vigília e o sonho.
Está completamente escuro.
E tem alguém aqui.

QUANDO O FANTASMA BATE À PORTA

ARI

É PEQUENO. Quase imperceptível.

O mais leve clique de uma porta se abrindo.

Sinto um nó na garganta. "Asher?" Saio da cama e fico parada ali, sem saber o que fazer.

Passos cadenciados e familiares. Meu coração desacelera. A tensão diminui o suficiente para que eu consiga conter o início de um ataque de pânico.

Porque eu conheço esse caminho.

É Asher.

Engulo em seco, encarando a figura sombria parada perto da porta do quarto. Alto. Robusto. Escuro demais para distinguir qualquer coisa, exceto a forma como preenche o espaço.

Ele fala em voz baixa.

"Eu não conseguia parar de pensar em você."

O jeito como as palavras saem da boca dele me causa um arrepio na espinha. Mais profundo que o normal. Mais intenso.

"Você me deu um susto danado", sussurro, soltando um suspiro profundo. Ele se aproxima.

"Eu sei", ele murmura. "Sinto muito. Deixe-me compensar você."

Eu deveria estar fazendo perguntas, como por exemplo, por que diabos ele demorou mais de uma hora para vir ao meu quarto.

Mas eu não sinto. Porque, por algum motivo, o espaço entre minhas pernas está latejando. Ele se aproxima até ficar bem ao meu lado. Franzo a testa enquanto o encaro, a escuridão embaçando seus traços, tornando tudo mais suave, mais nebuloso — como um sonho.

Seu toque é quente e firme, enquanto ele segura meu queixo entre os dedos, inclinando meu rosto para cima, em direção ao dele.

Um suspiro lento e trêmulo escapa de mim.

Finalmente .

Meu corpo está pesado, quente, flexível. O Ambien me faz flutuar, sem amarras, afundando na sua força onírica.

Asher finalmente chegou, finalmente me dando o que eu queria. Ou não? Eu o encaro, piscando os olhos, enquanto o quarto se inclina, se transforma ao nosso redor. Um polegar roça meu lábio inferior, lento, possessivo e inflexível, como se testasse a maciez antes de reivindicá-la.

"Por que você —"

Sua outra mão vem até minha garganta, os dedos se curvando o suficiente para me fazer perceber sua força, seu controle. Não o suficiente para machucar, apenas o suficiente para me lembrar quem está no comando. Meu pulso acelera sob seu aperto. Seu polegar roça meu pulso, lento, preciso. Me arrepio toda.

"Shhh", ele murmura, a única sílaba soando como um aviso.

E quando ele se inclina para perto, com sua respiração quente contra meus lábios, eu me esqueço completamente de como respirar.

Deixei que ele me empurrasse contra a parede do quarto. Deixei que ele separasse minhas pernas com um joelho. Deixei que ele controlasse o momento antes mesmo que eu tivesse a chance de entendê-lo.

Quando suas mãos encontram meu corpo — fortes, firmes, possessivas de um jeito que Asher nunca é — meus pensamentos se fragmentam.

Ele me toca como nunca antes. Em algum lugar, nos recônditos nebulosos da minha mente, a consciência desperta. Uma voz distante sussurra que algo está errado. Que isso não faz sentido. Mas é silencioso demais, distante demais para compreender. O Ambiente torna tudo lento e fluido, a realidade escorrendo por entre meus dedos como seda. O toque de suas mãos, a maneira deliberada como exploram, reivindicam, tomam, abafa tudo o mais.

Minha respiração falha quando sua palma desliza suavemente pela minha coxa nua, lenta e deliberadamente.

Sem hesitar.

Sem cuidado.

Como se ele soubesse exatamente o que está fazendo.

Como se já tivesse feito isso antes — porque é claro que já fez.

Uma névoa de calor me invade, dissolvendo a resistência em algo mais sombrio, mais pesado. Os alarmes soam abafados, distorcidos, transformando-se em algo diferente. Algo que apenas intensifica minha excitação.

O calor suave da sua mão me faz estremecer. Estou vestindo apenas uma camisola larga — sem calcinha, sem sutiã. Percebo no instante em que suas mãos roçam meus mamilos arrepiados, notando que estou nua por baixo da camisola. Uma inspiração silenciosa, quase imperceptível, escapa dele — aguda, contida — como se estivesse me absorvendo, como se estivesse memorizando a sensação do meu toque.

Quando seus dedos finalmente pressionam minha cintura, seu aperto se intensifica, por um instante, como se ele não conseguisse se conter. Um som baixo ressoa em seu peito — não exatamente um gemido, não exatamente um suspiro — mas algo entre os dois, algo primitivo.

Ele levanta as mãos, puxando minha camisa por cima da minha cabeça, e eu levanto os braços até ficar nua diante dele.

"Porra, Ari", ele sussurra, a voz rouca, quase como se a palavra arranhasse sua garganta. Suas narinas se dilatam, seu peito sobe e desce com respirações pesadas e irregulares, como se ele estivesse faminto por isso — por mim.

Sua língua desliza sobre o lábio inferior, lenta e deliberadamente, como se estivesse saboreando a ideia de mim antes mesmo de tocar minha pele.

"Você não tem ideia do que me faz." Sua voz é baixa, quase reverente, mas há uma aspereza por trás dela — algo perigoso, algo possessivo.

"Só levou dois anos para você perceber", retruco, tentando não dar um sorriso irônico.

Não quero estragar isso, *seja lá o que for*.

Ele não diz nada. Estende a mão para mim, os polegares roçando a pele sensível logo abaixo dos meus seios, e por um breve instante, seu toque se detém. Seus dedos se flexionam, um tremor sutil o denunciando antes que ele expire pelo nariz, recompondo-se.

E mal consigo respirar.

Meu coração dispara e a excitação se acumula entre minhas pernas com a maneira como ele está tomando a iniciativa.

Será que ele está tentando me entender melhor?

Se for assim... eu apoio *totalmente*.

Suas mãos percorrem meu corpo lentamente, com mais segurança, mais firmeza do que nunca.

E é exatamente isso.

Eu já implorei por isso antes — para que ele parasse de ser tão cauteloso, parasse de esperar por permissão.

E agora?

Ele finalmente está.

Seus dedos roçam minhas coxas, lenta e deliberadamente, uma fricção quase suave demais.

Seus lábios roçam meu pescoço, sua respiração quente contra a minha pele. Sinto aquele mesmo cheiro desconhecido. O mesmo da última vez que tomei Ambien. É mais intenso que o cheiro de Asher — mais como uma floresta, mais poderoso. Ele me envolve, e eu gemo quando ele passa as mãos entre minhas pernas.

"Você é diferente", murmuro, meus dedos traçando a linha nítida de seu maxilar, a barba por fazer áspera sob meu toque.

Uma inspiração profunda. Uma expiração lenta.

"Isso é ruim?"

Hesito, meu cérebro nadando na névoa densa e aveludada do Ambien. Não . *Sim* . Eu não sei. Pisquei para ele, seu rosto borrado nas bordas, oscilando entre o foco e o desfoque como um sonho que não para quieto.

Não é real. *Talvez seja* real.

Meus pensamentos parecem escorregadios, instáveis, como se eu estivesse tentando me agarrar à água. "Não", sussurro. "Só que... não como você."

Ele fica imóvel por um instante.

Então... um zumbido baixo, um som que não deveria me causar uma sensação de calor no estômago, mas causa.

"Você está cansada", ele murmura. Suave. Tranquilizante. Uma mentira envolta em seda. Talvez ele tenha razão. Talvez seja só o Ambien distorcendo minha realidade, fazendo tudo parecer diferente, fazendo-o parecer diferente. Porque este é Asher. Eu reconheceria sua voz, sua *presença* em qualquer lugar.

Ele pressiona seu peso contra mim, e o pensamento se dissipa.

Eu me inclino sobre ele, deslizando minhas mãos por seus braços, sobre os músculos cobertos pela roupa, sem nada à mostra.

Meus dedos roçam por baixo do cós da calça dele — ou pelo menos tentam. Mas antes que eu consiga descer mais, ele segura meu pulso. O movimento é suave, controlado — mas firme.

Eu sorrio de canto. "Desde quando você é tímido?"

"Não sou", murmura ele, mas não a solta.

Em vez disso, ele me beija, um beijo tão profundo que apaga a pergunta, que a torna irrelevante. Sua língua invade minha boca, quente e possessiva, e me faz gemer.

Tem algo diferente. O jeito como ele me segura — sem cuidado, sem hesitação. O jeito como ele me beija — como se estivesse tomando, não dando. E aí, o gosto — não está certo.

Nada mal. Só... inesperado.

Um toque de algo mais esfumaçado, algo mais intenso, algo totalmente desconhecido.

Mas o pensamento se dissipa tão rápido quanto surge, engolido pela névoa.

Deixo minhas unhas arranharem o tecido fino de sua camisa. Ele emite um som — baixo, rouco, algo entre aprovação e contenção. Mas ele não me impede. Apenas se move mais rápido. Mais faminto. Suas mãos puxam minha cintura para mais perto até que eu esteja pressionada contra ele, e eu fico na ponta dos pés enquanto agarro sua camisa, *precisando* de mais.

Então ele coloca a mão em volta do meu pescoço novamente.

Nem muito apertado. Nem muito frouxo. Apenas o suficiente para me deixar tonto, para fazer meu pulso falhar.

Um aperto lento e indulgente, como se ele estivesse testando algo. Como se finalmente estivesse me tocando exatamente como sempre quis.

"Deus, sim", eu gemo, a dor entre minhas coxas se instalando baixa e profunda, uma pulsação latejante de necessidade que me faz estremecer.

Sinto minha pele muito quente e repuxada.

Estou encharcada — pingando água nas minhas coxas, fazendo com que cada movimento pareça escorregadio e desconfortavelmente molhado.

Quero que ele veja. Que sinta. Que absorva.

Mal tenho tempo de soltar um suspiro antes que sua boca esteja em minha garganta, seus dentes roçando a pele sensível, suas mãos agarrando minhas coxas, separando-as à força.

Sua voz é baixa, grave, faminta.

"Era isso que você queria, não era?"

Um arrepio percorre meu corpo.

Isso é.

Eu deveria me perguntar por que ele finalmente cedeu. Por que agora, depois de todo esse tempo, ele finalmente está me tocando do jeito que eu sempre implorei?

Mas eu não.

Porque quando seus lábios percorrem meu corpo, quando seu aperto se crava em minhas coxas, quando ele se ajoelha diante de mim, acomodando-se entre minhas pernas, todos os pensamentos se desfazem.

E então ele passa a língua no meu clitóris pulsante.

Sua respiração quente roça a parte interna das minhas coxas, suas mãos me afastando ainda mais, seu toque reverente e obsceno ao mesmo tempo.

Ele lambe minha fenda uma, duas vezes.

Mordo o lábio, meu peito subindo e descendo rapidamente enquanto um meio gemido, meio rosnado, escapa dos meus lábios. A ardência aguda da barba por fazer me surpreende por um segundo, porque Asher não tem barba.

Seu aperto se intensifica. "Sente-se no meu rosto."

Antes que eu tenha a chance de assimilar o que ele está dizendo, ele se deita no chão. *Deita-se* bem no meio do maldito quarto.

Eu e o Asher só transamos na cama. E ele *nunca* me pediu para sentar no rosto dele.

"Não fuja de mim agora", ele rosna, com a voz suave como veludo. "Quero que você se foda. Quero que você molhe minha boca."

"Cinzas-"

"Senta na minha cara, pequeno guerreiro."

Pequeno guerreiro. Esse é um apelido incomum, e nunca foi algo que ele tenha me chamado.

Hesito, mas ele continua deitado no chão, com os braços ao lado do corpo, mal visível na escuridão.

Asher. Meu namorado, um doce de pessoa que só me fez sexo oral algumas vezes, está me pedindo para sentar no rosto dele?

"Preciso te provar de novo. Agora mesmo."

Uma pausa lenta e sinistra. Então — "Ou eu posso morrer, porra."

Meu corpo inteiro se contrai.

Um calor intenso percorre meu corpo entre as pernas, num ritmo longo e pulsante. Já estou desesperada por fricção, pela língua dele, por qualquer coisa que alivie a dor.

Solto um suspiro trêmulo enquanto tropeço em seu corpo grande e me sento sobre seu peito. Hesito por um instante, mas ele não me dá tempo para pensar. Segurando minhas coxas com firmeza, ele me puxa para cima e me posiciona exatamente onde quer. Minha respiração falha, e uma mistura intensa de confusão e excitação me invade. Tento me levantar um pouco, mas suas mãos me prendem, me mantendo no lugar.

Apesar de estar por cima, estou completamente à mercê dele.

"Fique aí mesmo", ele rosna, a voz rouca, quase desesperada, roçando meu centro dolorido. Seus dedos se cravam em minhas coxas, me mantendo exatamente onde ele quer — onde ele precisa de mim. "Você não foge disso, Ari. Não quando estou morrendo de vontade de você. Não quando preciso de você mais do que do meu próximo suspiro."

Então a língua dele está em mim —

E todo e qualquer pensamento coerente desaparece.

Jogando a cabeça para trás, deixo que ele segure meus quadris contra o rosto enquanto me delicia com o meu prazer. A textura áspera da sua barba por fazer só me excita ainda mais, e eu gemo quando ele me puxa para baixo, pressionando cada centímetro do meu corpo contra a sua boca — e o seu nariz.

“Com certeza.”

Por um instante, me pergunto se vou sufocá-lo.

Sua língua penetra minha vagina, me perfurando repetidamente enquanto os sons mais eróticos preenchem o ar.

"Ai – merda – Asher", gemi.

Ele fica imóvel.

Seus dedos cravam-se na parte carnuda dos meus quadris antes que uma de suas mãos grandes cubra minha boca com delicadeza, mas firmeza. O som se perde contra a palma da sua mão.

“Shhh, anjo.”

Meu corpo inteiro se incendeia com o contato, com o gosto da sua pele, quente e salgada. A ameaça de sermos ouvidos, a consciência de quem está logo ali no corredor, só me deixa mais molhada. Eu movo meus quadris contra a boca dele, desesperada, a respiração falhando atrás da sua mão.

E então, sua voz, baixa e grave, vibra contra mim. "Não diga o nome dele enquanto estiver cavalcando meu rosto."

As palavras penetram fundo em mim, causando uma sensação quente e pesada no estômago.

Prendo a respiração contra a palma da sua mão. Quando ele me solta, eu me entrego completamente a ele. Meu corpo se move por conta própria, o instinto sobrepondo-se ao pensamento. Meus quadris se movem com mais força contra seu rosto, minha pele corada e eletrizada.

Seus polegares roçam a base da minha coluna, exatamente onde me arqueio para ele, exatamente onde começo a tremer.

"Como devo te chamar?", sussurro, sem fôlego, um pouco atordoada. Não posso negar – estou adorando esse novo jogo que estamos jogando. A intimidade misturada com domínio. O poder que ele exerce e a liberdade que sinto ao entregá-lo a ele.

Ele pondera minha pergunta por alguns segundos. "Chame-me de Fantasma", diz ele finalmente, a palavra lenta, suave, deslizando de sua língua como se estivesse testando a sensação.

A palavra permanece entre nós.

Sinto um aperto no estômago – excitação, inquietação, algo que não consigo definir. Reconhecimento, talvez.

Fantasma?

Algo me incomoda, mas o Ambien não me permite acompanhar o pensamento.

Soltei uma risada sem fôlego, uma tentativa frágil de disfarçar. "Isso é... dramático."

Uma risada roça minha pele. "Talvez." Sua voz é baixa, perspicaz, quase divertida. "Mas acho que combina comigo, não acha?"

Eu pisquei os olhos, desorientada com a mudança repentina em seu comportamento.

"Tudo bem, meu bem", sussurro febrilmente. "Vamos fazer uma pequena encenação ou algo assim?"

Ele dá uma risadinha baixa, sombria e repleta de divertimento.

“Claro”, ele murmura, passando a língua sobre meu clitóris inchado. “Vamos nessa.”

Suas mãos apertam meus quadris, os dedos se flexionando, me puxando para frente até que eu sinta a força bruta dele sob mim. O jeito como ele me segura ali, me mantém exatamente onde ele quer, me causa um arrepio por todo o corpo.

Eu deveria me mexer, deveria respirar, deveria dizer alguma coisa — mas então ele geme.

Baixo. Áspero. *Bruto*.

O som vibra contra mim, sua boca implacável contra a minha. Sua língua lambe, gira, reivindica, e eu arfo, agarrando seus cabelos, os quadris se movendo para frente por instinto. Ele grunhe com o movimento, as mãos endurecendo, me guiando com mais força e rapidez contra sua boca. A pressão se acumula dentro de mim, quente e intensa, e mal consigo me sustentar enquanto o prazer me domina completamente.

"Ai, meu Deus", sussurro entre soluços, arqueando as costas enquanto o orgasmo me atravessa, cru e avassalador, meu corpo tremendo em seus braços. Um gemido baixo escapa de sua boca, vibrando contra meu centro, enviando outra onda de prazer que me percorre.

O mundo gira, minha visão embaça nas bordas, meu corpo inteiro se contrai, treme, se desfaz de uma vez. O calor lambe minha pele como uma chama, meu pulso troveja nos meus ouvidos enquanto o prazer atinge o ápice, transbordando, imparável, incontrolável. Minhas coxas tremem ao redor da cabeça dele, meus dedos agarram seus cabelos como se fossem a única coisa que me prendesse à realidade.

E mesmo assim, ele não para.

Seu corpo inteiro se contrai sob o meu, seus dedos cravando na minha carne, sua cabeça pressionando ainda mais entre minhas coxas enquanto outro gemido rouco e gutural escapa de sua garganta. Ele se contorce sob mim, um movimento brusco e incontrolável, um som desesperado e suplicante escapando de sua garganta. O aperto em minhas coxas se crava na minha carne — quase a ponto de machucar — seus dedos se flexionando, tremendo. Sua respiração falha contra minha pele, quente e irregular, e então eu sinto.

O tremor súbito e sutil do seu corpo. A forma como ele se tensiona sob mim, o gemido profundo e aveludado vibrando em seu peito. Um segundo depois, um suspiro baixo e trêmulo escapa de seus lábios, e todo o seu corpo se retesa.

Ele acabou de...

A ficha cai como um choque. Ele perdeu o controle. Completamente.

Por minha causa.

Sua testa pressiona meu estômago, sua respiração ainda irregular. Mas então — ele ri. Baixo. Sombrio. Sem constrangimento — *satisfeito*. Possessivo. Insaciável pra caralho.

Essa constatação me causa um nó no estômago, faz algo sombrio e possessivo se contorcer dentro de mim.

Ele simplesmente gozou nas calças.

Eu o fiz desmoronar.

Por um instante, o único som no quarto é a nossa respiração ofegante e irregular. Sinto o peito dele subir e descer como se ele estivesse tentando recuperar o controle, como se estivesse tentando processar o que diabos acabou de acontecer.

O calor suave e nebuloso do Ambien me puxa de repente, insidioso e delicado. Minhas pálpebras tremem, pesadas, meu corpo implorando para ceder ao sono. Mas eu resisto. Pisquei rapidamente, tentando me agarrar a este momento, ao calor avassalador dele, à pulsação que ainda ecoa pelos meus membros.

"Porra", ele murmura, a voz tão baixa que me causa outro arrepio na espinha. Seus dedos se flexionam em meus quadris, lentos e preguiçosos agora, como se ele estivesse memorizando a sensação de me tocar.

"Espero que você saiba que ainda não terminei com você."

Mas então ele se mexe.

Um movimento lento e deliberado enquanto suas mãos deslizam das minhas coxas, percorrendo minhas pernas e deixando um rastro de calor. Ele se senta, a respiração ainda pesada. Está tão escuro que não consigo vê-lo.

Eu pisco os olhos, ainda turva, meu corpo ainda vibrando, tremendo, necessitando. "Espere —"

Ele solta um suspiro profundo, como se estivesse em guerra consigo mesmo, depois segura meu queixo entre os dedos, inclinando meu rosto para cima. Seu polegar roça meu lábio inferior, seu toque áspero, mas deliberado.

"Ainda não", murmura ele. Ele se mexe, ajustando as calças, seus movimentos tensos, contidos, como se parar agora fosse a coisa mais difícil que já teve que fazer.

"Da próxima vez, Ari?" Sua voz está mais baixa agora, quase uma promessa. "Não serei gentil."

E então, antes que eu consiga encontrar minha voz, antes mesmo que eu consiga processar completamente o que acabou de acontecer, o Ambien me puxa, pesado e insistente.

O sono me arrasta para o fundo, e não consigo deixar de me perguntar se tudo isso foi realmente verdade.

REIVINDICAÇÃO DO FANTASMA

MADDOX

O QUARTO ESTÁ ESCURO, banhado apenas por filetes de luar que se infiltram pelas cortinas. A casa está silenciosa, um silêncio que só se faz na calada da noite.

E ela está bem ali.

Esparrada na cama, emaranhada nos lençóis, sua respiração suave e regular. Alheia. *Confiante*.

Expiro lentamente, observando o movimento lento do seu peito, a forma como a barra da sua camisola subiu pelas coxas, provocando-me com vislumbres de pele lisa e nua. O seu perfume permanece no ar – quente, familiar, com um toque inconfundível dela. Baunilha, lavanda... e eu.

Meu pau se contrai ao lembrar do que fiz mais cedo. Como perdi o controle, como enterrei meu rosto entre suas coxas e a fiz se desfazer na minha língua. Como ela ofegou, gemeu e cedeu tão fácil, tão perfeitamente, pensando que eu era ele.

Eu deveria ir embora.

Eu já tinha me sujado toda antes, gozando tão forte que vi estrelas. Deveria ter sido o suficiente para aliviar a tensão. Para me manter satisfeita por mais um tempinho.

Mas não foi.

Nem de perto.

Meus dedos se flexionam ao redor do frasco de vidro em minha mão, frio e delicado contra a palma da minha mão. O perfume dela.

Encontrei-o em cima da cômoda, a tampa ligeiramente torta, como se ela o tivesse usado antes de dormir, deixando o perfume impregnar sua pele.

Levo o perfume ao nariz, inspiro profundamente, deixando-o misturar-se com o calor natural do ambiente. A fragrância familiar me envolve, penetrando na minha pele, na minha corrente sanguínea, como se eu pudesse absorvê-la de dentro para fora.

Caminho até ela e me sento na cadeira perto da janela, observando-a e me tocando com uma das mãos enquanto levo meu nariz ao cheiro do seu perfume com a outra.

Acaricio meu pau preguiçosamente. Ele já está duro de novo, pressionando contra minha cueca velha, e uma inspiração profunda escapa dos meus dentes enquanto movo minha mão devagar e com firmeza.

Insaciável pra caralho.

Meu corpo ainda se lembra de como ela apertou minha língua, do gosto dela nos meus lábios, de como ela se mexia para mim. Tudo meu, e ela nem sabe disso ainda.

Aperto-a ainda mais, inclinando-me para trás enquanto reprimo um gemido. Observo-a se mexer enquanto dorme, os lábios entreabertos, como se pudesse me sentir aqui. Como se, no fundo, seu corpo já soubesse a quem pertence.

Imagino acordá-la assim. Deslizando para debaixo dos lençóis, entre suas coxas, substituindo minha mão pelo calor dela.

Penetrou sua vagina perfeita em uma única estocada longa.

Será que ela resistiria? Será que ela se inclinaria para mim como antes? Será que ela sussurraria meu nome em vez do dele?

Cerrei os dentes, meus movimentos ficando mais bruscos e rápidos, um rosnado baixo vibrando no meu peito. Olhei para o frasco de perfume e um pensamento doentio invadiu minha mente antes que eu pudesse impedi-lo.

Eu sorrio de canto, diminuindo o ritmo dos meus movimentos, passando o polegar sobre a ponta inchada do meu pênis, espalhando o líquido pré-ejaculatório pela haste.

E se ela me carregasse em sua pele?

Não apenas pelo cheiro dela.

Mas mais profundamente.

Soltei um suspiro pesado, meu estômago se contraindo enquanto apertava o frasco na mão livre. Minha mente girava com a ideia dela acordando, se arrumando, borrifando esse perfume nos pontos de pulsação.

Sem saber, ela me roçava em seus pulsos, em sua garganta, em suas clavículas.

Um gemido baixo e gutural escapa da minha garganta enquanto a pressão na minha coluna se intensifica, até se romper. Meus músculos enrijecem, minhas coxas se contraem enquanto o calor me invade em ondas agudas e incontroláveis. Meu pau pulsa violentamente em minhas mãos, e então — eu gozo.

Duro .

Cordas grossas escorrem pela minha mão, respingando na minha barriga enquanto meu corpo inteiro trava, se contraindo uma, duas vezes — impotente diante da força. Meus dedos apertam o frasco de perfume com força, sem quebrá-lo, mas quase. A tensão percorre cada músculo, tremendo, brutal, imparável. Rangei os dentes, o gosto dela ainda presente, e não parei até que cada gota tivesse sido usada. Quando acabou, fiquei ofegante, selvagem e destruída, com os nós dos dedos doendo de tanto apertar o vidro, como se fosse a única coisa que me prendia ao momento, em vez de me fazer atravessar o quarto e tomar o que é meu.

Porra .

Os tremores secundários percorrem meu corpo, minha pele úmida de suor, meu pulso martelando contra as costelas. Minhas pernas estão instáveis, meu peito sobe e desce com respirações irregulares, mas ainda assim, não me movo. Não consigo me mover. Ainda não.

Não enquanto ela estiver bem ali.

Não enquanto a prova da minha obsessão ainda estiver quente e pegajosa entre meus dedos.

Respiro fundo, deslizando a mão pelo abdômen e espalhando o resto do meu prazer pela pele. O ar parece pesado, o cheiro de sexo se mistura com o perfume dela, o calor dela... dela.

Sinto um aperto no estômago quando meu olhar se volta para a garrafa na minha outra mão.

E assim, sem mais nem menos, esse mesmo pensamento perverso cria raízes.

Eu desrosqueio a tampa. Eu deveria limpar. Eu deveria parar.

Um sorriso de satisfação surge em meus lábios enquanto mergulho os dedos na minha própria bagunça e deixo algumas gotas grandes deslizarem para dentro do frasco, misturando-as ao líquido dourado pálido.

Quando ela acordar, não terá ideia do que está esfregando na pele.

Mas eu irei.

E cada vez que ela tocar o pulso, cada vez que sentir aquele aroma doce e familiar, ela estará me usando.

Me carregando.

Marcando-se como *minha* .

Soltei um suspiro lento e coloquei a garrafa de volta exatamente no mesmo lugar onde a encontrei.

Então, lançando um último olhar para sua figura adormecida, volto para as sombras.

POSSESSÃO FANTASMA

ARI

A BATIDA FORTE na minha porta me arranca do sono como um tiro. Meu corpo estremece e, por um segundo desconcertante, não sei onde estou — se ainda estou sonhando, se a noite passada realmente aconteceu, se o calor que ainda ferve entre minhas pernas é real ou apenas o efeito residual de uma alucinação.

Mas então —

"Ari?", perguntou Asher, com sua voz firme, porém cautelosa.

Levanto-me às pressas, tentando desembaraçar os lençóis que ainda estão enrolados nas minhas pernas. Meu corpo inteiro vibra, os nervos estão à flor da pele, a pele repuxada, e uma parte de mim ainda espera o fantasma do seu toque.

"Ari?" Outra batida na porta.

Caminho até a porta e a abro. Minha cabeça ainda está girando — deve ser cedo. Quando olho para Asher, ele está me encarando com uma expressão culpada.

"Olá", ele diz cuidadosamente, seus olhos me examinando lentamente. Uma onda de calor me percorre.

"Bom dia", respondo, cruzando os braços e tentando não sorrir.

Ele suspira e passa a mão pelos cabelos. "Eu só queria pedir desculpas pelo que aconteceu ontem à noite. Eu apaguei cedo e —" Ele expira, quase envergonhado. "Vou compensar você hoje à noite, tá bom?"

Isso com certeza me acorda.

Uma onda de compreensão me atinge tão forte que quase me engasgo. O gosto da boca dele. A sensação das mãos dele. O jeito como ele me tocou, como se já tivesse feito isso mil vezes em sua mente.

"Não diga o nome dele enquanto estiver montando no meu rosto."

"Chamem-me de Fantasma."

Era Maddox?

De jeito nenhum. Foi o Ambien. Só podia ser. E não seria o primeiro sonho erótico que eu tive com Ambien, então essa é a explicação mais lógica, certo?

Uma sensação horrível se aperta no meu estômago, náusea e pânico se misturando na minha garganta. Minhas mãos tremem enquanto contraio meus bíceps, e forço meu rosto a fazer algo que espero que se assemelhe à decepção por não ter sido ele quem estava aqui ontem à noite.

Meu Deus. Preciso sair deste quarto. Preciso de ar.

"Hum, tudo bem. Vou tomar um banho e depois te encontro lá embaixo", pergunto, inclinando a cabeça e tentando parecer indiferente.

Não faço ideia se estou falhando ou tendo sucesso, mas quando Asher acena com a cabeça uma vez e me dá um beijo na testa antes de ir embora, tudo o que sinto é alívio.

Espero alguns segundos antes de voltar para o meu quarto, fechar a porta e pegar um dos vestidos que Maddox me comprou ontem. Depois de trocar minha camisola pelo vestido o mais rápido que consigo, passo as mãos pelos cabelos.

Preciso encontrar Maddox e ter certeza de que não estou ficando louca. Que não foi *ele*. Que foi só um sonho, só uma brincadeira do meu subconsciente idiota. Tem *que* ser.

Abrindo a porta com tanta força que ela quase bateu na parede, saí furioso para o corredor.

E dei de cara com uma parede de músculos sólidos.

Maddox.

Ele me agarra antes que eu possa reagir — uma mão forte segura meu pulso, a outra se apoia firmemente no meu quadril, me mantendo no lugar como se esperasse que eu viesse procurá-lo.

Solto um suspiro, mal tendo tempo de registrar o calor intenso em seu olhar antes que ele se mova.

Ele me puxa pelo corredor tão rápido que eu tropeço, minha respiração falhando quando ele chuta a porta do quarto, me arrasta para dentro e me pressiona contra ela assim que se fecha.

O ar fica mais denso.

Cada célula do meu corpo se contrai, meus músculos se travam enquanto a realidade de sua proximidade — seu tamanho, seu calor, seu cheiro — me atinge em cheio.

Aquele aroma familiar de couro, fumaça e algo mais sombrio.

Algo familiar.

Meu Deus. Era *ele*.

Ele não está me segurando com delicadeza. Não, esse aperto é possessivo. Deliberado. Como se a noite passada tivesse lhe dado permissão para não repetir o que ele não tem intenção de fazer.

Bato com as palmas das mãos contra o peito dele, pressionando contra a parede de músculos, mas é inútil. Ele não se move um centímetro. Apenas inclina a cabeça, os olhos percorrendo meu corpo, o olhar tão pesado que poderia muito bem ser um toque físico.

"Algun problema, pequeno guerreiro?" Sua voz é baixa, zombeteira, carregada de divertimento.

Encaro-o com raiva, minha respiração vindo em rajadas curtas e irregulares. "Você... você estava no meu quarto ontem à noite."

Um sorriso lento e deliberado.

"E?"

"E?" Meu pulso dispara violentamente. "Você... você..." Balanço a cabeça, apertando com força o tecido da camisa dele. "Aquilo foi... Deus, eu pensei que você fosse o Asher!"

Ele murmura, inclinando a cabeça. Despreocupado. "Eu sei."

Sinto um nó no estômago.

Sem remorso. Sem hesitação. Apenas os fatos.

"Você —" Engulo em seco, minha voz tremendo. "Você me deixou pensar —"

Seus dedos roçam meu osso do quadril, quase imperceptivelmente, mas ainda assim possessivos demais. "Eu não deixei você fazer nada, Ari."

Não consigo respirar. Não consigo pensar.

Porque isso não é medo.

Deveria ser.

Mas não é.

"Você não me impediu", sussurro, odiando o quão ofegante minha voz soa. Que crua.

Seus dedos apertam, puxando-me contra ele, peito com peito, quadril com quadril, e eu solto um som baixo e estrangulado.

"Não." Sua voz baixa. "Eu não fiz isso."

Sua boca está muito perto, seu corpo muito sólido, muito quente, muito *Maddox*.

Tudo o que Asher não é.

Tudo aquilo que Asher jamais será.

Um arrepio percorre meu corpo — um perigoso calafrio de compreensão. Porque a pior parte? Eu não me arrependo. Nem da forma como ele me tocou. Nem da forma como reagi. Nem mesmo da forma como quero mais, de sentir como ele ficou rígido embaixo de mim e soltou aquele gemido gutural.

Fecho os olhos com força por um instante, como se isso pudesse afastar a imagem que rondava minha mente. Ele me tocou do jeito que eu tanto desejava. Do jeito que eu pedia a Asher há anos. Só que com Maddox, eu não precisei pedir nem dar nenhuma instrução.

Ele simplesmente sabia.

Ele deve ter visto meus pensamentos estampados no meu rosto, porque seu sorriso irônico se aprofunda e seus dedos deslizam para cima. "Você quer que eu diga, não é?"

Meu estômago revira. "Como assim?"

O polegar dele roça a parte de baixo do meu seio, provocando. Sem tocar, mas perto o suficiente para me prender a respiração. "Todas as coisas que você gosta. Todas as coisas que ele nunca se deu ao trabalho de aprender."

Eu continuo indo.

Ele ri baixinho, sua respiração quente contra minha têmpora enquanto se inclina para frente. "Coitadinha. Você deve estar tão tensa depois de dois anos de missão e silêncio."

O calor sobe às minhas bochechas, minha garganta arde. Porque, *dane-se ele*, ele tem razão.

"Cala a boca!", respondo bruscamente, virando a cabeça para trás, desesperada por espaço, por clareza, por algo que não seja o efeito vertiginoso que ele causa.

Maddox apenas sorri. "Diga-me que estou errado."

Aperto meus lábios. Porque não consigo. E ele também sabe disso. O peso do seu olhar é insuportável, sufocante em sua intensidade. Como se ele estivesse me lendo, vendo tudo o que tento esconder.

Então eu digo a única coisa que posso: "Eu não sou sua."

Seus olhos me encaravam fixamente, mas ele permanecia em silêncio. E então, um sorriso lento e malicioso surgiu em seu belo rosto.

"É mesmo?" Ele se inclina para mais perto, a voz quase um sussurro. "Então me diga por que você está usando as roupas que eu escolhi e comprei para você... por que você cheira a mim..." O polegar dele desliza pelo meu quadril, onde os hematomas da noite

passada começam a aparecer. "...e por que eu consigo sentir você tremendo sob o meu toque, como se você não visse a hora de eu fazer isso de novo?"

Soltei um suspiro forte e irregular, mas não tenho resposta.

Porque ele tem razão. *De novo*.

"Devia chamar a polícia e denunciá-lo", sussurro, com o coração disparado.

Era Maddox.

Era Maddox.

Ai meu Deus, eu sentei no rosto do irmão gêmeo do meu namorado enquanto ele me fazia sexo oral.

"Provavelmente."

Franzi a testa e, de alguma forma, sua indiferença casual só me deixou mais irritada. "Você acha isso engraçado? Que você pode simplesmente... simplesmente entrar no meu quarto como um perseguidor desequilibrado e..." Minha voz falhou, meu pulso acelerando na garganta. "Meu Deus. Era você. As cartas... Blythe vendo um cara parecido com o Asher..."

Olho para Maddox como se o estivesse vendo pela primeira vez.

"Só para te avisar, eu tenho faixa preta e vou te dar uma surra se você tentar me machucar —"

"Te machuquei?" Sua voz baixa, carregada de aspereza, algo quase... ofensivo.

Ele se inclina para mais perto, seu corpo pressionando o meu, sólido, inflexível, o calor dele penetrando na minha pele como uma marca. Meu pulso falha, me traindo.

Então, seus lábios roçam minha orelha, sua respiração quente contra minha pele. "Anjo, a única maneira de eu te machucar seria se você implorasse. Se você se ajoelhasse, olhasse para mim com esses olhos lindos e desesperados e me pedisse com jeitinho."

Um arrepio agudo e traiçoeiro percorre minha pele.

"E mesmo assim?" Seus dedos roçam meu queixo, erguendo-o até que minha respiração fique presa entre nós. "Eu me certificaria de que você amasse cada segundo disso."

Não consigo respirar. Não consigo... pensar. Tudo isso está tão errado, mas por que parece tão... inevitável?

Como se eu sempre tivesse sido destinada a acabar aqui, presa entre ele e a porta, afogando-me na tempestade de sua presença, suas palavras me envolvendo como fumaça.

"Eu consigo sentir, sabe?", ele murmura, seus dedos traçando uma linha tênue em minha garganta, sem pressionar — apenas me lembrando que ele podia. Que eu o deixaria. "O jeito que seu pulso acelera. O jeito que sua respiração falha toda vez que me aproximo."

Engulo em seco, minha garganta resistindo ao seu toque. "Você está imaginando coisas."

Maddox dá uma risadinha baixa e cúmplice. "Hum." Seus lábios roçam minha têmpora. "Se isso é verdade, Ari, então por que você ainda está aqui? Por que não gritou... ou fugiu?"

Porque eu não quero.

A ficha cai como uma onda, e, *caramba*, acho que ele também percebe.

"Você tem noção do que fez?", pergunto, minha voz um sussurro embargada. "Eu não sou uma pessoa que trai. Não é da minha natureza."

Aquele sorriso irônico voltou, afiado e impenitente, cortando-me como uma lâmina. E agora, sob a luz impiedosa do dia, eu o vejo.

A diferença.

Asher é impecável, com traços suaves e um charme natural, um homem que nunca precisou lutar por nada na vida. Seu rosto é imaculado, sem marcas de sofrimento, exceto pelo pequeno inconveniente de uma reserva de jantar atrasada ou um cliente difícil. Mas Maddox...

Maddox é esculpido a partir de algo mais bruto, lapidado em algo mais afiado. Um homem forçado a se tornar um predador para sobreviver.

Está no jeito como ele se move — controlado, deliberado, sempre calculista. Está na forma como seu corpo se tensiona, tenso como se estivesse sempre à espera da próxima luta. Até mesmo seus traços, tão idênticos aos de Asher em teoria, foram moldados em algo completamente diferente. As mesmas maçãs do rosto proeminentes, o mesmo queixo forte, mas mais duro. *Mais áspero*. Seus olhos azuis não apenas veem, eles avaliam, me despindo com um único olhar. Seu cabelo loiro-escuro, um pouco comprido demais, lhe confere uma imprudência casual que Asher jamais se permitiria.

E eu também sinto isso agora — a maneira como a presença dele por si só altera o ar, tornando-o mais pesado, mais denso. Mais perigoso.

"É mesmo?" Sua voz é suave, uma navalha envolta em seda. "Porque do meu ponto de vista—" Sua mão desliza preguiçosamente pelo meu quadril, o polegar roçando a barra do vestido que *ele* escolheu para mim. "—você não era apenas uma participante disposta. Você estava desesperada por isso."

Respiro fundo, meu corpo me traindo enquanto um calor intenso sobe entre minhas coxas. "Eu não sabia que era *você*", respondo bruscamente, ignorando a forma como meu pulso acelera ao seu toque.

Seu sorriso se aprofunda, predatório. "Talvez não." Seus dedos pressionam levemente minha cintura, exatamente onde ele me segurou contra o rosto ontem à noite, as pontas dos dedos sobre os dois hematomas que tenho certeza que vão aparecer ainda mais tarde. "Mas me diga, Ari—se você realmente acreditava que era o Asher, então por que finalmente pareceu certo?"

"Devo te colocar de volta na jaula, onde você pertence", eu disse entre dentes, tentando me soltar de seu aperto.

Maddox murmura, inclinando a cabeça, seus olhos azuis brilhando com algo sombrio. "Você não vai."

Soltei uma risada sem fôlego e sem humor. "Você acha mesmo que eu não vou? Pode apostar."

Seus lábios se contraem, um lampejo de divertimento cruzando seu rosto como se fosse algum tipo de jogo, como se eu fosse uma mosquinha irritadiça que o diverte. Como se eu não estivesse ameaçando mandá-lo de volta para a prisão perpétua.

"Você não vai. Porque você gostou."

Eu fico rígido. "Vai se foder."

"Você já fez isso." Sua voz é baixa, presunçosa. Seu polegar roça meu lábio inferior. "Bem... minha boca, pelo menos."

O calor me invade o rosto, uma mistura de fúria e algo muito mais perigoso. Empurro-o no peito e, desta vez, ele me solta, dando um passo para trás e gesticulando em direção à porta, como quem diz: " *Vá em frente e corra, mas eu vou te pegar eventualmente.*"

"E da próxima vez? Você estará totalmente acordado(a) para isso."

A resposta dele me causa arrepios, e a excitação escorre pela parte interna das minhas coxas. Respiro fundo enquanto abro a porta dele e volto correndo para o meu quarto, fechando e trancando a porta antes de me sentar na cama e apertar as coxas, como se isso pudesse apagar a sensação de que meu corpo ainda vibra, ainda anseia por algo que não deveria.

Meu pulso está frenético, irregular, martelando contra minhas costelas. Pressiono as palmas das mãos contra o rosto, tentando afastar o calor, as vertiginosas sequelas do que acabou de acontecer.

Era Maddox. Era *Maddox* .

E a pior parte?

Ainda consigo senti-lo — sua respiração contra a minha pele, o toque de suas mãos, a rouquidão em sua voz quando fez aquela promessa.

"*Da próxima vez? Você estará totalmente acordado(a) para isso.*"

Um som abafado escapa de mim, algo entre um palavrão e um gemido.

Porque mesmo agora, trancado no meu quarto, separado por paredes, pela razão e pelo bom senso...

Acho que quero que haja uma próxima vez.

FANTASMA EM CARNE E OSSO

MADDOX

A NOITE ESTÁ SILENCIOSA, exceto pelo som distante das ondas quebrando na costa. Do meu lugar no pátio, observo a água se estender em direção ao horizonte, o luar fragmentado em sua superfície como vidro estilhaçado. Ari tem me evitado o dia todo — o que é fofo. Como se ela realmente achasse que me ignorar mudaria alguma coisa. Como se ela achasse que isso reescreveria a noite passada.

O que já foi posto em movimento.

O cigarro entre meus dedos está apagado. Eu não fumo, não de verdade. Mas gosto da sensação. Da lembrança de que eu poderia, se quisesse. A liberdade parece instável, como se eu tivesse passado tanto tempo me afogando que me esqueci de como respirar.

Eu poderia ter ido para qualquer lugar depois de San Quentin. Qualquer cidade, qualquer direção. Deixado tudo para trás. Mas não o fiz. Vim para cá.

Para ela.

Tiro a foto do bolso, as bordas amolecidas por mais de um ano de manuseio constante. *Ari*. Seu sorriso na foto é pequeno, inseguro, os dedos curvados como se ela não soubesse o que fazer com eles. Minha mãe a enviou há mais de um ano, junto com algumas outras. Uma atualização casual. Ela disse que Ari era a namorada de quem Asher nunca falava. Na foto original, ela estava ao lado do meu irmão, mas eu o tirei da foto há muito tempo.

Aposto que Asher nunca reparou como os olhos dela se enrugam quando ela força um sorriso. Como se ela estivesse tentando ocupar menos espaço. Mas eu reparei.

Por mais de um ano, trancada em uma cela, tracei as linhas do seu rosto. Memorizei cada sombra, cada curva suave. Construí-a na minha mente, peça por peça, até que ela se tornou mais do que uma imagem.

Ela se tornou minha razão. Uma razão para me manter alerta. Uma razão para sair. Uma razão para vencer.

E então eu fiz.

Saí da prisão e a primeira coisa que fiz foi encontrá-la. Observei seus movimentos, seu jeito de se portar, como Asher simplesmente não a notava. Não via o que eu via.

Ari passou a vida inteira sustentando o mundo. Carregando um peso que ninguém mais consegue ver. Percebi isso na primeira vez que vi a foto dela — a tensão nos ombros, o jeito como ela se posicionava, como se estivesse se preparando para algo. Como se estivesse sempre se antecipando à próxima expectativa, à próxima exigência, ao próximo problema que precisa resolver. Isso não é algo que se aprende da noite para o dia. É algo que se internaliza, que se torna parte de você ao longo dos anos.

Eu sei disso porque já vi esse olhar antes.

Toda vez que eu me olhava no espelho.

E uma vez antes disso — com alguém que eu amava.

Alguém que eu *perdi*.

Alguém que costumava sorrir assim mesmo — radiante, mas um pouco cautelosa demais. Alguém que nunca se colocava em primeiro lugar, que dava e dava até não sobrar nada.

Ari nunca teve permissão para se livrar desse peso. E quando eu a tomar, quando eu a desmembrar pedaço por pedaço, ela finalmente entenderá o que é ser livre.

E puta merda — ontem à noite...

A forma como ela se desfez por minha causa...

O jeito como ela sussurrou um apelo no escuro, pensando que eu era meu irmão...

Um suspiro lento escapa dos meus pulmões enquanto deslizo o polegar pelas bordas desgastadas da foto.

É claro que ela vai lutar contra isso. Ela vai resistir. Ela vai dizer a si mesma que é leal, que está apaixonada por Asher, que não quer isso.

E talvez ela até acredite. Mas eu não preciso da crença dela.

Preciso que ela *se renda*.

E isso? É só uma questão de tempo.

Ela não é como Asher. Ela não é refinada, previsível ou entediante. Ela é uma guerreira. E Asher? Ele é apenas mais um fardo que ela carrega. Mais um peso que lhe disseram para suportar. Ele não a valoriza. Não a merece. Ele pensa que pode mantê-la presa em sua vida perfeita e impecável sem nunca perceber que ela está escapando por entre seus dedos.

Mas eu vejo isso.

Tenho acompanhado tudo acontecer.

O último mês, desde que saí da prisão, tem sido um turbilhão de imagens de câmeras de vigilância e vigilância silenciosa — seguindo-a por becos, observando quando ela pensava estar sozinha. Seu sistema de segurança era ridiculamente fácil de invadir. Desativá-lo à noite? Moleza.

Comecei no Corpo de Fuzileiros Navais, depois migrei para a segurança privada — trabalho como contratado que pagava melhor e exigia menos questionamentos. Aos 25 anos, eu já estava mais envolvido do que a maioria jamais chega. Criptografia, redes de hackers, espionagem corporativa. Alguns me consideravam um criminoso. Outros me viam como um fantasma na máquina, derrubando executivos corruptos e ajudando veteranos e suas famílias.

Eles nunca provaram que eu tive qualquer envolvimento na morte de Whittaker. Mas eu estava lá. Entrei no prédio dele na noite em que ele morreu, sem dúvida. As acusações de assassinato não se sustentaram, mas vinte anos por conspiração e obstrução da justiça? Essa se sustentou. Disseram que eu fazia parte de um esforço coordenado para intimidar líderes corporativos. Talvez eu fizesse mesmo.

A prisão não me deteve. Eu administrava minha operação de dentro, mantinha minha equipe afiada e o dinheiro fluindo. Agora estou livre — e mais rico do que nunca. Voltei ao meu papel como se nunca tivesse saído.

E as defesas de Ari?

Eles não tiveram a menor chance.

Conheço a rotina dela melhor do que ela mesma. Sei quando ela toma café, como ela batuca os dedos no balcão quando está impaciente, o jeito como ela morde o lábio inferior quando está pensativa.

Eu sei como ela dorme — encolhida de lado, com os braços em volta de um travesseiro, como se estivesse se protegendo do frio.

Conheço o jeito como ela se move pelo mundo, cautelosa, mas alheia a quantos olhares a observam. A como os meus nunca a abandonaram.

Ari está cansada. Ela tem sustentado tudo por tanto tempo que nem percebe que pode deixar ir.

É isso que eu vou fazer. Vou fazê-la se libertar. Vou mostrar a ela que ela não precisa tomar as decisões, nem ser a forte, nem cuidar de todos os outros.

Agora ela é minha responsabilidade de cuidar dela.

Mesmo que ela ainda não tenha se dado conta disso.

A TEIA DO FANTASMA

ARI

A TERCEIRA MANHÃ na casa é pior que a primeira.

Acordo grogue, com o corpo quente demais e os membros rígidos por uma tensão da qual não consigo me livrar.

Frustração.

Passei a noite passada sozinha — e não sei por que isso me incomoda.

Não deveria. Deveria ser um alívio.

Engulo em seco, tentando afastar o pensamento enquanto jogo as cobertas para o lado, mas o desconforto persiste, causando uma coceira sob a pele.

Ele não voltou ontem à noite.

Digo a mim mesma que devo ser grata por ele não ter voltado ao meu quarto. Que isso significa que talvez — *talvez* — eu possa fingir que nunca aconteceu. Talvez eu tenha imaginado o jeito como ele me segurou, gemeu contra a minha pele como se estivesse me adorando — como se estivesse faminto.

Encaro o teto, respirando fundo para aliviar a dor surda e incômoda entre as pernas. Ele está me manipulando. Entrando na minha cabeça. E está funcionando.

Pego meu laptop na mesa de cabeceira e abro um mecanismo de busca antes que eu possa hesitar.

Maddox Cross.

Hesito antes de clicar em pesquisar, mas meu dedo se move antes que minha mente possa impedi-lo.

E então —

Uma manchete.

O sangue foge do meu rosto enquanto leio rapidamente as primeiras linhas. Meu pulso dispara, cada batida como um martelo contra minhas costelas.

A morte inesperada de Daniel Whittaker, presidente da GoldStar Health, certamente causou grande comoção na comunidade empresarial e gerou importantes debates. Com apenas 53 anos, sua vida chegou a um fim trágico em sua cobertura no centro de San Diego, no último domingo. Embora haja indícios de crime, as autoridades ainda estão apurando os detalhes.

Oh meu Deus.

Continuo lendo, minha respiração falhando enquanto as palavras se misturam.

A investigação tomou um rumo dramático quando Maddox Cross, de 25 anos, um ex-fuzileiro naval que se tornou contratado de segurança, foi preso sob acusações de conspiração e obstrução da justiça. Cross teria acessado áreas restritas do prédio do escritório de Whittaker na noite da morte do presidente.

Os promotores alegaram que Cross estava ligado a um grupo de vigilantes anônimos que tinha como alvo executivos corruptos. Embora não houvesse provas suficientes para condenar Cross por assassinato, ele foi sentenciado a 20 anos de prisão por seu envolvimento no que as autoridades descreveram como um "esforço coordenado para intimidar líderes corporativos".

Vinte anos.

O artigo é antigo, mas o choque não. Eu sabia que Maddox estava na prisão, sabia que Asher nunca falava sobre isso. Mas isso?

Eu leio rapidamente as últimas linhas, com as mãos tremendo.

Embora a morte de Whittaker permaneça sem solução, a opinião pública continua dividida. Alguns veem Cross como um criminoso perigoso, enquanto outros o consideram um Robin Hood moderno, destacando seu histórico de ajuda a veteranos e famílias carentes. Algumas pessoas até lhe deram um apelido: O Fantasma.

Não consigo respirar.

Desço a página, meus dedos tremendo enquanto clico em outro artigo, um deles ainda mais escondido nos resultados da busca. Este não é sobre Daniel Whittaker — é sobre Maddox.

Um breve perfil de sua vida antes da prisão.

E foi aí que eu vi — uma foto.

O artigo tem vinte anos, a qualidade da imagem é ruim, mas é ele. Um Maddox mais jovem, de uniforme, segurando uma menininha.

Sinto um frio na barriga.

Ela não deve ter mais de dois anos, seus bracinhos em volta do pescoço dele, a cabeça encostada em seu ombro. Ela parece ter a idade da Lucia. *Meu Deus*. A expressão dele não é a que eu conheço — os sorrisos maliciosos, os risinhos zombeteiros. Ele está mais terno aqui. Os lábios pressionados contra o cabelo da menina, os olhos fechados como se estivesse inalando seu perfume.

A legenda me atingiu como um soco.

Maddox Cross, de 23 anos, fotografado com sua falecida filha, Lila Cross, de 2 anos, durante sua última missão.

Tarde.

Filha.

Um rugido de sangue ecoa nos meus ouvidos.

Há outra foto — desta vez, de uma mulher. Ela é linda. Olhos castanhos expressivos, um sorriso radiante e natural. Sua mão repousa no peito de Maddox, os dedos se curvando sobre o coração dele.

Elaine Cross, de 23 anos, amada mãe e esposa, faleceu tragicamente três semanas após sua filha, em 2005.

Putá merda.

Meu estômago se revira, uma sensação dolorosa e desorientadora. De repente, tudo o que ele me disse começa a se reorganizar na minha mente.

Você me lembra alguém.

Acho que vou vomitar.

Eu digito Elaine Cross e aparecem vários artigos em sites de tabloides.

Lila Cross. Quatro anos de idade. Teve o tratamento negado pela GoldStar Health. Faleceu em um centro de cuidados paliativos pediátricos. Elaine Cross. Encontrada morta em sua casa três semanas depois. Considerada suicídio.

Minha visão fica embaçada.

Há outra foto dos três, escondida sob um texto extenso — uma foto antiga de família tirada antes de tudo desmoronar. Maddox está mais jovem nela, de rosto liso, vestindo seu uniforme do Corpo de Fuzileiros Navais, olhando para a câmera com a confiança

tranquila e segura de alguém que ainda tinha um futuro. Elaine está ao lado dele, com o braço entrelaçado no dele. E então há Lila.

Um bebê com bochechas rechonchudas e os olhos azuis penetrantes de Maddox.

Fico olhando para a tela até minha visão ficar embaçada.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentada, respirando com dificuldade, o peito apertado. Porque, de repente, Maddox não era apenas o irmão mais velho e perigoso de Asher. Ele não era apenas o criminoso, o condenado, o homem que invadiu meu quarto e me destruiu no escuro.

Ele é um pai que perdeu a filha. Um marido que enterrou a esposa. Um homem que teve tudo arrancado dele antes de ser trancafiado em uma cela por duas décadas.

Meu estômago se revira violentamente. Engulo em seco, tentando conter o nó na garganta, mas ele não se move.

Isso muda tudo.

Isso significa que eu não o conheço de forma alguma.

E, no entanto, uma parte de mim se pergunta se eu realmente cheguei a conhecer Asher.

Me obrigo a fechar o laptop, mas o estrago já está feito.

Porque agora, quando eu olhar para Maddox, não verei apenas o ex-presidiário arrogante e presunçoso que me provoca com promessas que não deveria estar fazendo.

Vou ver o homem que enterrou o seu mundo inteiro.

E eu não sei se isso o torna mais perigoso... ou mais humano.

Enquanto tomo banho e me arrumo, vestindo uma saia e blusa de linho amarelas que são ao mesmo tempo elegantes e casuais, digo a mim mesma que preciso manter essa informação em segredo. Principalmente enquanto seco meu cabelo e o prendo em um rabo de cavalo, não deixo meus olhos percorrerem o look que Maddox escolheu para mim. Não deixo minha mente pensar em como seus olhos me devoraram desde o momento em que nos conhecemos.

Mas saber disso? Saber o que aconteceu...

Isso muda alguma coisa.

Depois de borrifar um pouco de perfume no pescoço, desço as escadas. Asher já está à mesa de jantar, meio concentrado no laptop, meio comendo o café da manhã.

Hannah me recebe com um sorriso radiante quando entro, já tomando seu café no seu lugar de sempre.

"Bom dia, meu bem."

Consigo esboçar um pequeno sorriso, mas algo parece estranho. A dor surda da informação recém-adquirida pesa no meu peito e, por algum motivo, a normalidade tranquila do café da manhã só piora a situação.

Dirijo-me à cozinha, com a intenção de me servir um café, mas paraliso ao passar pelo arco.

Maddox está lá.

Ele está sem camisa, com uma toalha úmida sobre o ombro, o suor ainda grudado na pele do treino que acabou de fazer. Suas tatuagens ondulam sobre os músculos

definidos e firmes enquanto ele se move, esticando os braços acima da cabeça antes de pegar uma garrafa de água na geladeira.

A visão dele me perturba.

Não porque eu esteja com medo.

Porque algo quente se enrola no meu estômago antes que eu possa impedir.

Meu corpo se lembra com muita facilidade — da firmeza dele sob minhas mãos, da sensação da sua respiração entre minhas coxas.

Seu olhar azul penetrante se volta para mim enquanto ele abre a garrafa de água. Um sorriso lento e irônico surge em seus lábios quando ele me flagra encarando-o.

"Viu algo que gostou, anjo?"

Sinto o calor subir às minhas bochechas, mas levanto o queixo. "Quem me dera."

O sorriso de Maddox é preguiçoso, presunçoso. Ele pousa a garrafa deliberadamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, como se já tivesse vencido. Então, inclina a cabeça levemente, a voz baixa, suave — uma ameaça silenciosa envolta em veludo.

"Será?"

As palavras serpenteiam pelo espaço entre nós, penetrando na minha pele como calor.

Sinto um frio na barriga.

Eu devia ir embora. Devia dizer algo cortante, algo para fazê-lo calar a boca. Mas minha língua está pesada, meu cérebro inútil. Além disso, não consigo parar de imaginar a versão mais jovem dele. A versão mais feliz, mais despreocupada.

Como se pressentisse minha dificuldade, Maddox se aproxima. Perto demais.

O cheiro dele me envolve — suor limpo, algo amadeirado, algo inconfundivelmente dele.

Eu dou um passo para trás, ele dá outro para a frente.

Minha respiração falha, meu pulso fica instável.

E então —

"Ari?"

Dou um pulo ao ouvir a voz de Asher vinda da mesa de jantar. Os lábios de Maddox se contraem como se ele estivesse se divertindo com a facilidade com que me assustei.

Eu pigarreio e contorno-o, pegando meu café sem olhar para ele novamente.

Eu o observo durante o café da manhã, mas Maddox não olha para mim. Não esboça um sorriso irônico, não me empurra. Mas eu o sinto, o espaço entre nós denso de coisas não ditas.

Depois do café da manhã, Otto sugere irmos até a cidade. Há um mirante próximo com um pequeno mercado a uma curta caminhada, uma maneira fácil de passar algumas horas. Enquanto caminhamos até lá, fico perto de Asher — não porque eu queira, mas porque Maddox está me observando novamente. É como se ele estivesse me

provocando de propósito — me ignorando quando lhe dou atenção, mas só me observando quando sabe que não posso olhar para trás.

Já me acostumei a evitá-lo. Ontem fiz isso perfeitamente, e ele não insistiu. Uma pontada de decepção me atravessa enquanto caminhamos sem rumo pelos boxes.

Não importa — eu não sou dele, apesar do que ele afirma.

O ar é fresco e o mercado está animado — vendedores oferecem frutas frescas, joias artesanais e pequenas lembranças. O mirante se estende até uma vista deslumbrante do oceano, com um penhasco íngreme no topo.

Estendo a mão para Asher e aperto-a três vezes enquanto caminhamos até o mirante à beira-mar, a algumas centenas de metros de distância. Hannah e Otto estão me contando tudo sobre as ilhas visíveis ao longe, mas não estou prestando muita atenção.

Durante todo o tempo, sinto o olhar de Maddox nas minhas costas — esperando, observando, me deixando imersa na minha própria consciência da presença dele. Afasto minha mão de Asher e me aproximo da beira do penhasco. A brisa açoita minha saia, meu coração dispara quando uma rajada de vento quase me derruba.

"Ari", a voz de Asher interrompe bruscamente atrás de mim.

Olho para trás, percebendo seu olhar fulminante. "O quê?"

Seu maxilar se contrai. "Tenha cuidado."

Reviro os olhos. "Não vou cair, Asher. Só estou olhando."

Voltando-me para o oceano, respiro fundo, deixando o ar salgado preencher meus pulmões. O ar está carregado de maresia e areia quente, e de repente me sinto tão relaxada. Sempre amei o oceano. Não apenas por sua beleza, mas pelo que ele representa. Parece... infinito. Incontrolável. *Selvagem*. Tudo aquilo que nunca me foi permitido ser. Quando criança, eu precisava ser constante para minhas irmãs mais novas. Precisava ser confiável. A calmaria em meio à tempestade. Não havia espaço para o caos. Não havia espaço para erros.

Não há espaço para eu simplesmente... ser.

Mas o oceano? Ele não se importa com expectativas.

Ela desmorona. Ela incha. Ela devora, dá e tira sem pedir permissão.

Talvez seja por isso que sempre me senti atraído por isso.

Porque, por mais que eu precisasse ter controle em todos os outros lugares, aqui? Aqui, eu finalmente posso respirar.

Abro os olhos no exato momento em que outra forte rajada de vento me pega de surpresa.

E então eu escorrego.

A terra sob meus pés se desfaz mais rápido do que consigo reagir, meu equilíbrio desaparece enquanto a gravidade me puxa para a frente.

Eu grito, mas a queda nunca acontece —

Porque Maddox me cativa.

Suas mãos se fecham em torno da minha cintura, puxando-me contra seu peito com uma força brusca e dominante.

Meu pulso dispara contra as costelas. Meu corpo inteiro treme. Respiro fundo, meu peito subindo e descendo enquanto me agarro aos seus antebraços.

Por um segundo, nenhum de nós se mexe.

Então Maddox expira, uma respiração lenta e controlada contra meu pescoço. "Você realmente precisa ter mais cuidado, anjo."

Eu estremeço, e seu aperto se intensifica ao meu redor.

Por cima do meu ombro, ouço Asher bufar. "Jesus, Ari. Você não pode quase se matar por um segundo?"

Me afasto de Maddox, ainda ofegante, e me viro para encarar Asher. "Não fiz por mal", respondo secamente.

Asher franze a testa.

Maddox apenas sorri de forma irônica.

E enquanto estou entre eles, com o coração ainda acelerado, percebo que não foi Asher quem me salvou. Não foi Asher quem reagiu primeiro, quem se moveu sem pensar, quem me segurou antes que eu pudesse atingir os penhascos irregulares lá embaixo.

Era Maddox.

Asher estava muito ocupado me repreendendo.

Maddox estava muito ocupado garantindo minha segurança.

FOME FANTASMA

MADDOX

OBSERVO Ari se movimentar pelo quarto. Por sorte, esse ponto de vista me proporciona uma visão bastante privilegiada do interior do quarto dela. Se eu estivesse em casa, teria câmeras escondidas com uma transmissão perfeita de 360 graus em alta resolução, capturando cada movimento de seus dedos, cada mudança de peso. Aquelas imagens granuladas em preto e branco de câmeras de segurança com as quais a maioria das pessoas está familiarizada? Isso é trabalho de amador. Meu sistema é de nível militar. Indetectável. Uma rede fechada que ninguém — nem mesmo a CIA — conseguiria invadir.

Infelizmente, já que estou aqui, terei que usar meus próprios olhos.

Eu a vejo pegar uma toalha e, conhecendo sua rotina noturna, sei que ela vai tomar um banho.

Eu poderia ter colocado uma pequena câmera portátil ali. Uma câmera simples e indetectável, disfarçada na faixa de iluminação LED ou dentro da saída de ar.

Mas eu não fiz isso.

Porque até eu tenho limites que não ultrapasso.

A moralidade não é algo a que me apego, mas a privacidade? Isso é diferente.

Após vinte anos num inferno de segurança máxima, sei o que significa ter cada movimento vigiado, ter a dignidade arrancada centímetro por centímetro, de forma humilhante.

Há coisas que simplesmente não se tiram de uma pessoa.

Expiro pelo nariz, girando os ombros, afastando a lembrança.

Encaro o abismo escuro até que um movimento em sua janela chama minha atenção.

Ari volta para o quarto, a pele úmida do banho, uma pequena toalha mal cobrindo suas curvas.

Um calor intenso percorre meu estômago, agudo e imediato. Já estou duro pra caralho, e nem sequer a toquei ainda esta noite.

Olhando para baixo, dou a ela sessenta segundos para se vestir, e são os sessenta segundos mais longos da minha vida.

A luz do quarto dela se apaga, então apago o baseado que estou fumando e volto para dentro de casa. Conhecendo-a, ela deve estar lendo no Kindle, e eu estou morrendo de tédio, então, assim que volto para o quarto onde vou dormir, entro na conta dela pelo meu celular.

Uma pequena vantagem de ser um dos melhores especialistas em cibersegurança que já existiram.

Meus lábios se curvam num sorriso irônico ao ver o que ela está lendo.

" *Estou com sede do Monstro Terrível* ", digo em voz alta.

Um romance com temática de monstros. Balanço a cabeça, divertida, e imediatamente sincronizo minha página com a dela.

Já que estamos aqui, por que não ler junto?

Recosto-me na cama, com uma das mãos repousando distraidamente sobre a coxa enquanto folheio as próximas páginas.

Então, cheguei à frase que muda tudo.

"Incline-se, mortal."

Solto um suspiro de espanto quando sua mão grande envolve meu pescoço, as garras cravando-se na pele sensível logo acima do meu pulso.

A língua de Thor desliza para fora, e ele se inclina para que ela roce minha bochecha, e eu me remexo enquanto ele aperta meu pescoço com mais força.

"Quer saber o que minha língua pode fazer, meu bem?"

"N-não", digo rapidamente, tentando disfarçar minha crescente excitação.

"Consigo sentir o cheiro do seu lubrificante e quero prová-lo."

Porra.

Ela está se tocando com isso?

Tem algum problema em querer saber?

Silenciosamente, coloquei meu celular de lado e saí do quarto. Estou descalço e, felizmente, todos aqueles anos no Corpo de Fuzileiros Navais me ensinaram uma coisa: *furtividade*. Caminhando até a porta dela, girei a maçaneta devagar, já sabendo que ela não vai ranger graças à minha técnica.

A porta se abre apenas uma fresta, e eu espero que meus olhos se acostumem. E quando se acostumam...

Ari se mexe na cama, a luz do Kindle iluminando seu rosto e pescoço. Seus olhos percorrem a página com avidez, as pernas se pressionando uma contra a outra.

Então, a mão dela desliza por baixo dos lençóis.

Respiro fundo em silêncio, meus dedos se apertando contra a moldura da porta.

Ela é—

Um gemido suave escapa de seus lábios. Meu pau dá um pulo. *Jesus Cristo.*

Consigo perceber a mudança em sua expressão, a leve curvatura de seus quadris, a tensão em suas coxas.

Ela está se tocando. Com isso. Com garras, com monstros, com a ideia de ser devorada. Com a ideia de alguém assumindo o controle dela.

Não penso, não hesito. Abaixo a mão, puxando as calças de moletom, e meu pau dolorido salta para a minha palma.

Meu pulso dispara na base da minha garganta, minha respiração silenciosa enquanto me acaricio lentamente. A respiração dela acelera. Mais rápida. Mais necessitada. Parece que estamos compartilhando isso, mesmo que ela não faça ideia de que estou observando.

Eu lambo a palma da minha mão, que envolve meu pênis, girando levemente enquanto meus quadris se movem para frente.

Eu deveria estar dentro dela.

Eu deveria estar saboreando-a, fazendo-a gozar na minha língua até que ela esteja soluçando, exausta e desesperada.

Em vez disso, estou aqui. *Assistindo*.

Aperto o aperto, acompanhando seu ritmo, minhas carícias se sincronizando perfeitamente com a cadência lenta e necessitada de seus dedos. Minha respiração falha quando ela morde o lábio, seu corpo se tensionando, seus movimentos se tornando

mais desesperados. Minhas próprias carícias aceleram, deslizando lisas e ásperas sobre meu membro dolorido, meus pés se elevando do chão enquanto o calor que se acumula em meu ventre pulsa, agudo e implacável.

Não consigo parar de observá-la. Não consigo parar de imaginar como ela ficaria se eu estivesse entre as pernas dela — se fossem meus dedos, minha boca, arrancando aqueles sons perfeitos de sua garganta.

Minha mão livre mergulha no bolso, os dedos roçando o pedaço de renda que eu havia roubado mais cedo, quando ela estava lá embaixo.

A calcinha dela.

Levo-as ao meu nariz, inspirando profundamente enquanto acelero o ritmo das minhas carícias, acompanhando a forma como ela prende a respiração, como suas coxas tremem, como ela se desfaz por mim sem nem mesmo perceber.

Seu corpo enrijece. Suas costas se arqueiam. Sua cabeça inclina-se para trás.

E quando ela geme — suave, necessitada, completamente despedaçada —

Eu perco a cabeça completamente.

Um gemido silencioso vibra no meu peito. Meu corpo enrijece, a tensão se intensifica, aguda e quente, antes de explodir — elétrica, incontrolável, como um fio desencapado. Jatos quentes de sêmen cobrem minha mão, meus quadris se erguem em movimentos desesperados e irregulares enquanto o nome dela escapa dos meus lábios em um sussurro reverente.

Que ela seja amaldiçoada.

Ela se vira e continua lendo, de costas para mim. Limpo meu pênis e minha mão com a calcinha dela antes de guardá-la de volta no bolso. Lentamente, em silêncio, caminho pelo corredor de volta para o meu quarto. Assim que entro, me jogo na cama, meu corpo ainda vibrando de tensão. Não é suficiente. Nem de longe. Eu deveria me sentir satisfeito. Deveria ter terminado por hoje.

Mas eu estou longe demais disso.

Porque observá-la não basta.

Preciso senti-la. *Respirá* -la. Saboreá-la.

Decido que já chega de observá-la, porque agora tudo o que quero é consumi-la, corpo e alma.

FANTASMA À MEIA-NOITE

ARI

LEVE E matinal me envolve, permitindo que eu me afunde ainda mais no edredom quentinho. Sinto como se estivesse flutuando naquele espaço calmo, entre o sono e a vigília, onde o tempo parece desaparecer. O lugar onde as horas parecem minutos e tudo é aconchegante e reconfortante. A princípio, presumo que seja o edredom roçando minha pele, despertando meus sentidos levemente.

Mas então algo puxa o edredom lentamente para baixo do meu corpo, e algo roça a curva do meu quadril, traçando linhas lentas e deliberadas que me arrancam das profundezas confortáveis do sono. Minha respiração falha, a névoa em minha mente se dissipa à medida que a consciência começa a surgir.

Eu me mexo, meu corpo respondendo instintivamente, mesmo enquanto a confusão cintila nas margens da minha consciência. Os lençóis parecem diferentes. O ar parece carregado. E aquele toque — possessivo, sem pressa — não é meu.

Um arrepio percorre meu corpo, meu pulso acelera enquanto meus sentidos despertam completamente. A cama afunda ao meu lado, uma lenta mudança de peso. Não é um acidente.

Tem alguém aqui.

E eu não consigo me mexer. Não por medo — não totalmente. Mas porque, em algum lugar, bem no fundo da minha alma, eu sei quem é.

Minha pele arde onde ele me tocou, um fantasma de calor persistindo mesmo quando sua mão para de funcionar.

Sua respiração roça minha bochecha, e sinto um leve traço do perfume de Maddox. Couro. Almíscar. Um ligeiro toque de pinho.

Engulo em seco, a respiração falhando, meu corpo se tensionando sob o peso da constatação. Um tremor percorre meu corpo e, como se o pressentisse, seus dedos se flexionam contra minha pele, pressionando um pouco mais. Ele me aperta com um aperto lento e possessivo contra meu quadril.

O calor de sua respiração roça minha têmpora, e então — um sussurro. "Shh."

Uma única sílaba, quase inaudível, mas que eu sinto mais do que ouço.

Pisquei para a escuridão, meu corpo congelado no lugar, entre o medo e algo perigosamente próximo da excitação.

Tento acalmar minha respiração, diminuir o ritmo acelerado do meu pulso.

Mas então seus dedos se movem novamente.

Um arrasto lento e cadenciado sobre a pele exposta da minha coxa que vai me matar. Sem empurrar. Sem tirar. Apenas lembrando.

Exalo com dificuldade, meu corpo me traindo. Minhas coxas se contraem enquanto minha respiração falha. Ele se move ao meu lado, sólido e inescapável, o calor do seu corpo pressionando minha espinha.

Sua presença não é apenas próxima.

Está por toda parte.

Um dedo calejado traça a curva da minha cintura. Preguiçoso. *Sem pressa*, como se tivesse todo o tempo do mundo. Enquanto desce lentamente, através dos meus cachos

escuras até o botão pulsante que preciso que ele toque mais do que minha próxima respiração, um gemido rouco escapa dos meus lábios.

E assim, de repente, a realidade irrompe pela névoa. *Asher*.

A lembrança dói, aguda e repentina, cortando o calor que se acumula no meu estômago. Eu não deveria estar fazendo isso. Eu não deveria querer isso. Mas então o dedo de Maddox desce, circula exatamente onde eu mais preciso dele, e a culpa?

Ele se estilhaça.

Ela se afoga na dor de tanta vontade de ver o que acontece. A pressão se intensifica, fica mais intensa, até não restar nada além da necessidade.

Sem lógica.

Sem regras.

Só *ele*.

Um zumbido de satisfação ressoa em seu peito. "Boa garota. Tão carente de mim. Agora, vire-se."

Me desvencilhando de seu aperto, me viro, tentando não me enroscar nos lençóis. Quando finalmente consigo, prendo a respiração ao vê-lo deitado ao meu lado.

Esta noite, ele está vestido de preto. Um moletom com capuz. Calça jeans escura.

Meu pulso acelera, um calor sobe pela minha barriga.

O quarto não está completamente escuro esta noite. Esqueci de fechar as cortinas. O brilho suave do poste de luz lá fora filtra pela janela, iluminando o suficiente para que eu o veja. Meus olhos catalogam os olhos azuis familiares. As maçãs do rosto proeminentes. A leve ruga entre as sobrancelhas.

As tatuagens... o sorriso *malicioso*.

Franzo a testa em confusão quando sua mão se aproxima da minha boca. Seu polegar pressiona meus lábios, insistente, até que eu os abra sem pensar. O gosto salgado da sua pele inunda meus sentidos, e a vergonha se alastra, quente e aguda, no meu peito.

Que audácia.

A pura e implacável arrogância dele.

E, no entanto, minha língua pressiona seu polegar como se o estivesse convidando para entrar em minha boca.

Encaro-o na escuridão enquanto sugo seu polegar cada vez mais fundo na minha boca — não porque eu queira lhe dar essa satisfação, mas porque quero desafiá-lo da única maneira que sei. Um desafio silencioso e perigoso.

Meu corpo me trai, faminto por ele, mesmo agora. Mesmo quando eu deveria sentir nojo. Mesmo quando eu deveria estar pensando em *Asher* e no fato de que ele e seus pais estão logo ali no corredor.

Eu deveria me afastar. Eu deveria morder. Eu deveria empurrá-lo para longe de mim e dizer que cansei desse joguinho.

Mas eu não. Porque estou cansado.

Cansado de fazer a coisa certa. Cansado de escolher a opção mais segura. Cansado de fingir que não quero mais.

Mas estar cansado não significa estar fraco. Não esta noite.

Meu coração dispara, furioso e desesperado ao mesmo tempo. Porque ele não veio ontem à noite. E eu odeio que isso me incomode. Eu deveria ser grata por ele ter ficado longe. Mas, em vez disso, fiquei me revirando na cama, inquieta, ansiando por algo que não deveria desejar.

A culpa é intensa, mas não o suficiente para me fazer parar.

O polegar dele escorrega da minha boca, e quando ele o arrasta pelo centro da minha garganta — devagar, possessivo — eu estremeço como se fosse a primeira vez que alguém me tocasse ali.

“Você sentiu minha falta”, ele diz baixinho, com a respiração quente contra minha têmpora. “Não sentiu?”

Eu não respondo. *Não consigo*. Se eu falar, vou desmoronar.

Porque eu fiz.

Eu realmente sentia muita falta de como ele me fazia sentir pequena — protegida. *Desejada*.

Mas aquela pontada familiar de culpa surge novamente. Eu deveria ser leal. Boa. Confiável. A forte. Aquela que nunca baixa a guarda.

Mas aqui, com ele, eu posso ser egoísta. Posso desejar.

“Eu não fiz isso”, tento dizer, mas as palavras são muito fracas, muito incertas.

“Você não precisa mentir”, ele murmura, roçando o nariz na concha da minha orelha. “Eu entendo. Você não queria sentir minha falta.” Ele faz uma pausa enquanto sua mão se achata contra minha caixa torácica, quente e reconfortante. “Mas você sentiu.”

Minha respiração falha. Ele diz isso como se não fosse algo de que eu devesse me envergonhar, e se eu não estivesse tão irritada, talvez até achasse isso revigorante.

Seus dedos deslizam até minha cintura, a palma da mão se espalhando sobre meu quadril.

“Diga-me que não”, ele sussurra. “E eu irei embora.”

Um silêncio se estende entre nós. Meu pulso bate forte contra a ponta de seus dedos; ele deve sentir a violência com que meu coração me trai, o quanto me esforço para ficar imóvel, para manter o controle.

Mas não há controle. Não com ele. Não aqui. Não quando cada centímetro do meu corpo implora para que eu o deixe ir.

A pior parte? Ele sabe disso. O sorriso dele me diz isso. O toque dele me diz isso. E quando o polegar dele roça mais para baixo, o suficiente para sentir a antecipação trêmula na minha virilha, eu surto.

“Vai se foder”, eu sussurro, as palavras saindo impetuosas e impotentes, carregadas de frustração, fome e algo perigosamente próximo da rendição.

E isso me assusta demais.

Arranco meu pulso de sua mão, recuando como se pudesse criar distância entre nós, entre essa atração que se recusa a ceder.

Mas sua mão se estende para a frente, agarrando meu pulso.

O movimento é suave, sem esforço.

Ele não está exatamente me impedindo. É mais como se ele estivesse me lembrando quem está no controle.

"Me solta", rosno.

Outra risada sinistra. Mais grave desta vez, como se ele estivesse gostando. Como se soubesse exatamente como isso vai terminar.

"Eu deixo você ir..." Ele se inclina, sua respiração quente contra minha bochecha. "...se você puder provar que já não está toda molhada por mim."

Aquele desgraçado.

Eu movo os quadris e aperto as coxas, e consigo *sentir* o quanto já estou molhada.

Meus lábios se fecham e ele sorri novamente.

"Eu sabia."

"Que se dane você —"

Mas antes que as palavras finalmente saiam dos meus lábios, a mão dele já está sobre a minha boca.

Firme. Possessiva. Me desafiando a *morder*.

Encaro-o, minha respiração curta e ofegante. Seus dedos se flexionam contra meu maxilar, um toque lento e indulgente de controle.

"Você pode tentar lutar comigo, pequeno guerreiro." Sua voz é baixa, áspera como veludo, arrastando-se sobre minha pele como uma promessa. "Eu sei que é isso que você faz. O que você sempre fez." Sua outra mão traça minhas clavículas, descendo, as pontas dos dedos roçando minha pele nua. "Sempre carregando tudo. Sempre no controle. Sempre tomando as decisões. Sempre se conformando, se moldando ao que os outros esperam de você em vez de lutar pelo que você merece."

Um arrastar lento e calculado dos seus nós dos dedos pela minha garganta.

"Mas você não precisa fazer isso comigo."

Meu peito se expande, meus pulmões se esforçam para reter o oxigênio. De repente, esqueço como respirar. Ele se inclina ainda mais, seus lábios roçando levemente a concha da minha orelha.

"Você não precisa lutar comigo, Ari. E eu sei que você não quer." Um arrepio percorre meu corpo. "Você não precisa pensar." Seu aperto se intensifica o suficiente para fazer meu pulso falhar. "Não comigo."

Engulo em seco, meu corpo dividido entre a rendição e a resistência.

Sua boca roça a curva do meu queixo, suas próximas palavras lentas, precisas, devastadoras.

"Deixe-me cuidar de você."

CONTROLE FANTASMA

MADDOX

ELA AINDA ESTÁ LUTANDO CONTRA ISSO. Lutando *contra mim* .

Sua respiração está trêmula, seu corpo tenso junto ao meu, mas consigo sentir seu pulso vibrando contra a ponta dos meus dedos. O jeito como suas coxas se apertam, buscando fricção. O jeito como seu corpo sabe o que quer, mesmo que ela ainda não admita.

Eu me posiciono sobre ela, pressionando meu peso contra seu corpo, lenta e deliberadamente, até que ela esteja completamente imobilizada sob mim. Estendo a mão e abro suas pernas, de modo que me acomode entre suas coxas macias e nuas.

Levantando sua camisola, rosno ao olhar para sua vagina perfeita.

“Espere — ” As mãos dela vão para o meu peito, empurrando — mas não há força real nisso.

Resistência apenas por resistir.

Deixei que ela fingisse por um segundo.

Eu a deixei sentir que tinha uma escolha.

Então, movo meus quadris contra os dela, meu pau duro pressionando contra seu centro quente. Respiro fundo, imaginando que estou realmente afundando em seu calor apertado.

Não hoje à noite, mas em breve...

Meus movimentos são lentos — *intencionais* .

Ela solta um suspiro de espanto.

As unhas dela cravaram na minha camisa, e eu soltei uma risadinha baixa e cúmplice.

“Ainda estamos fingindo que você não quer isso, anjo?”

Ela inspira com dificuldade, a respiração presa na garganta. Eu movo meus quadris novamente, o suficiente para que ela me sinta. Meu membro rígido pressiona contra seu centro mais uma vez, separados apenas pelo tecido da minha calça.

Ela não deveria estar tão molhada assim.

Mas ela está lá. Eu sinto isso através da minha calça jeans — o calor dela, o calor úmido que penetra o tecido, grudando em mim como uma marca.

Seu corpo a está traindo de todas as maneiras possíveis.

Seus quadris se movem contra meu pau — instintivo, desesperado por mais. Seguro seus dois pulsos e os pressiono contra o travesseiro acima de sua cabeça, mantendo-a ali com uma das mãos.

Não para a conter.

Só para lembrá-la de quem está no controle.

Ela se contorce, a respiração agora irregular, e enquanto inclino minha cabeça em direção à dela, sorrio contra seu pescoço. Deslizo minha língua pela lateral direita de sua garganta, lenta e deliberadamente, saboreando o calor de sua pele. E então — eu mordo.

Não foi difícil. Apenas uma pressão lenta e precisa dos meus dentes contra o ponto de pulsação dela.

Ela arfa, o corpo se contraindo contra o meu. "Jesus—" ela sibila, mas o som não carrega nenhuma raiva.

Eu sorrio de canto. "Quase lá, anjo. Tente de novo."

O peito dela pressiona contra o meu, mas não acontece nada.

"Eu nunca disse que você podia me tocar", ela diz com a voz rouca.

Dou uma risadinha contra a garganta dela, esfregando-me nela novamente.

"Você também nunca me disse para parar."

Ela solta um suspiro, se mexendo sob mim, lançando um olhar fulminante mesmo enquanto seu corpo a trai.

"Eu não pertencço a você", ela cospe, com a voz tensa, forçada, como se estivesse tentando convencer a si mesma.

Perfeito. Continue tentando, anjo.

Inclino a cabeça, deslizando o nariz ao longo de seu queixo, inspirando profundamente. "Você pode mentir para si mesma, mas não pode mentir para mim."

Ela se enrijece, sua mente lutando contra a verdade que seu corpo não pode negar.

Dou uma mordidinha na garganta dela de novo, só para ouvir aquele pequeno suspiro, só para sentir como ela se estremece embaixo de mim.

"Você pode lutar comigo o quanto quiser, pequena guerreira." Eu me inclino, pressionando meu peso contra ela. Um dos meus dedos desliza pela sua lateral, devagar, provocando, parando logo abaixo das costelas. O outro segura suas mãos acima da cabeça. "Mas seu corpo já sabe a quem pertence."

Ela inspira profundamente e seus quadris se movem, buscando atrito.

Então ela solta uma risadinha discreta, balançando a cabeça. "Você só fala besteira."

Sorrio contra a pele dela. *Deus, como adoro a garra dela.* Os quadris dela se movem, quase como se ela estivesse tentando escapar. Mas, ao fazer isso, ela só se esfrega com mais força em mim.

Ela percebe isso ao mesmo tempo que eu.

Seus olhos se arregalam, sua respiração falha.

Eu murmuro, baixo e satisfeito. "Resistir só te faz querer mais, não é? Você já sonhou em ser possuído assim antes, não é? A ideia de eu fazer isso é uma das suas fantasias mais profundas e obscuras. E você estava esperando por isso." Para o meu irmão te foder até você perder a consciência, do jeito que você quer. Não é verdade?"

Seus lábios se entreabrem, seja para negar ou para me xingar. Não a deixo. Em vez disso, pressiono-me contra ela novamente, deixando escapar um gemido baixo.

E então o corpo dela cede *completamente*, permitindo que eu me acomode entre suas coxas.

Eu me esfrego nela, devagar no começo, provocando. Só o suficiente para ela soltar um gemido. Eu sinto isso em toda a minha alma, o jeito como ela começa a tremer. Seja de medo, desafio ou... pura e absoluta excitação.

O calor se acumula na parte inferior do meu estômago, a dor lenta e brutal de desejá-la por tanto tempo me invade, até que tudo em que consigo pensar é em encontrar meu alívio. *De novo.*

Ela inclina a cabeça para trás, expondo a garganta.

Uma rendição silenciosa.

Mas eu quero mais.

Eu me movo contra ela novamente, girando meus quadris, pressionando-a ainda mais contra o colchão. Suas coxas tremem e sua respiração falha.

Murmuro contra sua pele, minha voz rouca e possessiva. "Cada vez que você se contorce, cada vez que você luta contra mim, você só pressiona essa sua doce bucinha com mais força contra meu pau."

Ela aperta as pernas em volta da minha cintura enquanto seu corpo se arqueia contra o meu. Não tenho pressa. Apenas continuo me movendo. Esfregando-me contra ela.

Lento.

Profundo.

Eu rebolo meus quadris contra ela, deixando-a sentir o quanto ela me excitou. O quanto eu estou desesperada.

Um gemido áspero e dilacerante sobe pela minha garganta. Ela está tão louca por mim. Já é minha em todos os sentidos que importam.

Ela solta um gemido trêmulo, seus dedos se contorcendo contra minha mão acima de sua cabeça.

Meu autocontrole se esvai, desfazendo-se a cada movimento lento e torturante de seus quadris. Um tremor me percorre, meus músculos se contraem enquanto encosto minha testa na dela, pressionando com mais força agora, buscando atrito, buscando-a.

Uma onda de calor me percorre, um pulso agudo de prazer crescendo rápido demais, forte demais. Minha respiração falha, um som rouco contra os lábios dela, e eu consigo sentir — a beira, o maldito precipício — estou bem ali. Meu pau pulsa, a pressão insuportável, o calor úmido dela tornando impossível me conter.

Um som baixo, silencioso e gutural escapa da minha garganta, meus quadris se movendo involuntariamente. Vou gozar. Porra, vou gozar só com isso — só com ela. Com o jeito que ela se agarra a mim, com o jeito que o corpo dela se move como se já me pertencesse.

E eu não sei se quero parar com isso.

Sua cabeça inclina-se para trás contra o travesseiro, seus olhos se fechando com força.

Ela solta um suspiro de espanto, com o corpo todo paralisado.

E então — ela se desfaz sob meus pés.

Porra .

Sinto acontecer. O aperto suave e pulsante de suas coxas ao meu redor, a forma como seu corpo se contrai. Eu me esfrego contra ela com mais força, buscando meu próprio orgasmo, me deixando afogar nela. E então me dou conta.

Duro. Violento. Incontrolável.

Um gemido rouco escapa da minha garganta enquanto meu corpo se contrai. O prazer me invade, pulsante, quente e intenso. Meus músculos se tensionam, meu pau lateja enquanto gozo dentro das minhas calças jeans, intocado, apenas por senti-la assim.

Mal consigo me manter de pé enquanto meu corpo estremece, cada grama de autocontrole arrancada de mim.

Ela sente isso.

Ela sabe.

E, caramba, se isso não torna tudo ainda mais excitante.

Por um instante, o único som no quarto é nossa respiração irregular e pesada. Deixo minha testa encostar na dela mais uma vez, meus dedos ainda em volta de seus pulsos. Então, me afasto o suficiente para olhá-la. Seus lábios entreabertos, seus olhos ainda turvos, sua respiração ainda trêmula. Passo o polegar por sua bochecha.

Ajeito-me, soltando um suspiro profundo, lançando-lhe um último olhar. Ela encara o teto, atordoadas, sem fôlego, completamente exausta. Pressiono meus lábios contra sua têmpora, demorando-me. Então, afasto-me, rolando para o lado e sentando-me.

"Você está bem?" pergunto, com o pulso acelerado ao pensar que talvez eu a tenha machucado, ou...

"Estou bem", diz ela, sentando-se. Sua voz é seca, quase desafiadora. Ela não olha para mim. Apenas ajeita a blusa e joga o cabelo para um lado como se fosse um escudo, piscando como se estivesse tentando processar o que diabos acabou de acontecer. Seu olhar se volta para a porta, para o corredor escuro e vazio além dela. Quase consigo ouvir seus pensamentos a mil. Sua voz vacila. "Mas não deveríamos ter feito isso."

Então me levanto, ajeitando meu moletom com capuz, minha voz baixa e firme. "Provavelmente não."

Espero que ela diga algo mais, mas ela não diz nada, então tento amenizar a situação.

"Essa já é a segunda vez, anjo."

Minha voz está rouca, tensa, ainda tentando assimilar a devastação do que ela acabou de me fazer.

Ela franziu a testa, a respiração ainda irregular. "Duas vezes?"

Eu sorrio de canto. "Que eu gozei nas calças por sua causa."

Um rubor sobe pela garganta dela, e eu adoro isso.

Então, ela solta uma risada fraca — leve, leve demais. "Não deixe isso subir à cabeça. Você não é o primeiro cara que não conseguiu se controlar comigo."

As palavras são casuais. Descuidadas. Mas soam sem impacto. Sua bravata não chega aos seus olhos. Não quando finalmente encontram os meus. Há um lampejo de algo por trás deles — pânico, talvez. Ou culpa. Ou medo do que ela acabou de deixar acontecer.

E, caramba, eu sinto isso. O tremor nos dedos dela enquanto ela enxuga as palmas das mãos nas coxas nuas. O jeito como as pernas dela não param quietas.

Ela está se descontrolando. Só não quer que eu veja.

Eu não me mexo. Deixo-a ter a ilusão de espaço. Deixo-a fingir que ainda tem controle sobre o seu mundo, mesmo enquanto ele lhe escapa por entre os dedos.

Mas e depois?

Seus olhos descem até onde eu ainda estou me ajeitando, a mancha escura na minha calça jeans inegável. Ela solta um suspiro trêmulo, e um leve sorriso irônico surge no

canto de sua boca, mordaz e afiado apesar da turbulência ainda estampada em seu rosto.

O rubor ainda sobe pela sua garganta. Sua bravata é frágil, um escudo que mal resiste à tempestade que ruge por trás dos seus olhos, mas está lá. E, caramba, isso só me faz me apaixonar ainda mais.

Uma onda de surpresa me percorre. Eu me inclino, deixando-a sentir o calor da minha respiração contra seus lábios inchados enquanto seguro seus quadris com firmeza.

“Não serei tão paciente assim de novo, pequena guerreira.” Faço uma pausa, apenas o suficiente para que as palavras penetrem, apenas o suficiente para senti-la estremecer sob mim. “E da próxima vez?” Pressiono meu polegar contra seus lábios úmidos e trêmulos, deslizando-o pelo seu queixo. “Você vai me implorar para não ser.”

Com isso, aproximo minha boca de seu ouvido, a voz baixando para algo letal. “Durma bem, anjo. Não ouse sonhar com mais ninguém além de mim”, murmuro, meus dedos roçando sua garganta, um carinho lento e perigoso.

Uma inspiração profunda. Um lampejo de algo sombrio e conflituoso em seu olhar.

Ótimo. Quero *que* ela questione tudo. Quero que ela me deseje.

Inclino a cabeça, deslizando o nariz pelo contorno do seu pescoço antes de depositar um último beijo ali. Depois, afasto-me, endireitando-me e ajeitando o capuz do meu moletom. Antes de sair, olho para ela — ainda deitada na cama, o corpo exausto, a respiração irregular.

E eu sorrio ao sair do quarto dela, ainda me sentindo totalmente fora de controle e completamente insaciável quando se trata de Ariana Clarke.

FANTASMA DO PASSADO

ARI

ASHER, Otto e Maddox já tinham ido embora quando entrei na cozinha na manhã seguinte, e a casa estava mais silenciosa do que desde que chegamos.

Segundo Hannah, Maddox e Otto estão se exercitando.

E Asher?

Ele está trabalhando no computador, no escritório em casa, que fica ao lado da cozinha. A porta está fechada, então não consigo vê-lo, mas consigo ouvi-lo falando com alguém em uma chamada de vídeo.

Ele está gritando, então sei que não é uma boa ideia.

Hannah suspira enquanto se serve de mais café, tamborilando os dedos na lateral da caneca. Ela parece querer dizer algo, mas não insisto.

Pego uma xícara no armário, sem perguntar nada de propósito. Porque não é problema meu. Por outro lado, tecnicamente estou namorando um dos filhos dela e ficando com o outro.

Meu Deus, estou tão ferrado.

Dou uma olhada em direção ao pátio dos fundos, onde o leve tilintar dos pesos ecoa da academia doméstica do lado de fora.

Maddox.

Engulo em seco, voltando a atenção para o meu café que está sendo preparado.

"Espero que esteja tudo bem com o Asher e com o trabalho dele", digo casualmente.

"Eu também", ela diz baixinho. "Parece ser algo sério. Algo sobre informações confidenciais de clientes da empresa dele terem sido hackeadas. Aparentemente, milhões de dólares estão em risco."

"Que droga", digo, sentando-me ao lado dela.

Ela afasta a expressão preocupada. "Então, você está se divertindo, Ari?"

Assinto com entusiasmo. "Sim, estou. É lindo aqui."

"É sim." Ela pousa a xícara de café e pigarreja. "O Asher trabalha demais, não é?"

Soltei uma risada abafada. "Já estou acostumada."

Hannah me observa por um instante, com um olhar caloroso e perspicaz. Então, ela suspira, pegando sua xícara de café novamente. "Sabe, querida... você merece alguém que tenha tempo para você. Que te coloque em primeiro lugar."

Pisquei os olhos, surpresa com a mudança repentina na conversa.

"Nós amamos o Asher", ela continua, com a voz cuidadosa e ponderada. "Ele sempre foi determinado. Focado. Mas... bem, relacionamentos precisam de mais do que boas intenções." Ela toma um gole, os olhos suaves encontrando os meus. "Nós gostamos de você, Ari. E entenderíamos se—" Ela faz uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado. "Se algum dia você sentisse que era demais. Se algum dia você precisasse de mais do que ele está disposto a dar."

Uma pontada aguda me atinge o peito.

Forço um pequeno sorriso, baixando a cabeça. "Não é nada disso. Eu sei que Asher se importa comigo à sua maneira."

Mesmo enquanto as palavras saem da minha boca, sinto a mentira se instalar pesadamente entre nós. Porque é assim mesmo. Talvez sempre tenha sido. Eu simplesmente nunca tive ninguém para me mostrar a diferença.

Só depois de Maddox.

Sinto como se estivesse à beira de um precipício, com muito medo de pular, com muita vergonha de admitir que já pulei.

Mas o que eu devo dizer para Hannah? Que o problema não é apenas a distância de Asher ou sua agenda lotada, mas que eu já deixei outra pessoa tocar partes de mim que Asher nunca tocou? Que eu queria o outro filho dela? Que eu quero Maddox, não Asher?

"Não tenho dúvidas de que ele se importa com você", ela concorda prontamente. "Mas palavras e esforço nem sempre são a mesma coisa."

Uma sensação de peso se instala no meu estômago.

Antes que eu pudesse responder, outra voz cortou o ar. "Conversa interessante", disse Maddox, entrando na cozinha, seus olhos azuis encontrando os meus. "Sobre o que estamos conversando?"

Hannah suspira, mas não diz nada. Ela apenas me lança um olhar. Um olhar que não consigo decifrar.

Maddox dá um sorriso irônico, mas eu ignoro o jeito como ele está me olhando.

"Eu estava pensando que poderíamos ir ao Píer de Santa Monica hoje", sugere Hannah, mudando de assunto novamente antes de piscar para mim.

Assinto com a cabeça, forçando um sorriso, mas meu estômago ainda está embrulhado. As palavras de Hannah tocam em algo dentro de mim, algo que não quero examinar muito de perto. Mas antes que eu possa refletir sobre isso, Asher entra na cozinha, já vestido com uma camisa social impecável, checando o celular como se a conversa no cômodo não existisse.

"Eu dirijo", diz ele distraidamente. "Preciso atender uma ligação no caminho."

Maddox ri baixinho. "Claro que sim."

Dou uma olhada entre eles, mas Asher parece não notar a provocação. Ele simplesmente pega seu café e atende outra ligação no celular enquanto sai da sala, já distraído.

Hannah sai, presumivelmente para se arrumar.

O olhar de Maddox se volta para o meu, e aquele sorriso irônico surge novamente em seus lábios. "Você ouviu minha mãe", ele murmura. "Você merece coisa melhor."

Sinto o calor subir pelo pescoço e, ao passar por ele, revirei os olhos enquanto subo as escadas para me arrumar.

O sol brilha quente sobre o píer, projetando longas sombras pelo calçadão. O ar está impregnado com o aroma de sal marinho, frituras e açúcar — bolinhos de funil, algodão-doce, pipoca caramelizada. Uma onda de nostalgia me invade. Não venho aqui

desde criança e, por um instante, me permito aproveitar o momento. O caos, as cores, a multidão vibrante, os artistas de rua, os jogos eletrônicos piscantes, os brinquedos de neon giratórios... o som das risadas e das ondas quebrando se misturam na cacofonia perfeita do verão.

Hannah, Maddox e Otto seguem à frente, apontando para diferentes barracas de comida, enquanto Asher fica para trás comigo, já em outra ligação. Nossos dedos se entrelaçam levemente, e apesar de estarmos em um lugar romântico, a situação parece tão *pouco romântica*.

Estou inquieta. Inquieta. Cada vez que olho para Maddox, sinto algo se apertando dentro de mim. A sombra da noite passada persiste na minha pele — o jeito que ele me tocou, o jeito que ele me fez desmoronar. E a pior parte?

Estou começando a sentir muita falta dele.

Não quero me importar, não quero reconhecer a dor disso. Mas não consigo evitar.

E talvez seja isso que mais me assusta. Não o desejo em si, mas a ausência de culpa.

Estou caminhando de mãos dadas com Asher, nossos dedos entrelaçados, e tudo em que consigo pensar é na boca de outro homem em meu corpo. Sua voz em meu ouvido. Seu perfume ainda impregnado em minha pele.

Não deveria me sentir mal de vergonha? Não deveria me sentir arruinado por isso?

Claro que existe culpa. Uma sensação baixa e constante de culpa dentro de mim. Mas não é pelo que eu fiz; é pelo que deixei se dissipar na complacência. Não foi isso que a Frankie disse? Que eu só estava com o Asher porque era fácil?

Dois anos, esse é o tempo que estou com o Asher. Esse é o tempo que passei dizendo a mim mesma que isso é estabilidade. Que amor significa compromisso. Que eu não precisava de fogos de artifício, apenas de consistência.

Mas e o Maddox?

Maddox é um turbilhão de fogo e eletricidade.

Pela primeira vez, me mostraram o que é possível — e como *deve ser* a sensação de plena satisfação sexual.

Eu nunca consegui ter orgasmo sem ajuda. Sempre preciso usar as mãos ou algum brinquedo.

Mas já é a segunda vez que Maddox me faz gozar sozinho.

A pior parte — a parte com a qual ainda estou tentando me reconciliar — é que me sinto mais compreendida em cinco minutos com Maddox do que em dois anos com o homem com quem pensei que um dia me casaria.

O que isso diz sobre mim?

Eu achava que estava construindo um futuro com Asher. Achava que sabia como seria minha vida. Havia a suavidade da rotina dele. A previsibilidade da vida dele, a ambição, as expectativas. Mas agora, me pergunto se não venho me retraindo silenciosamente há meses, escondendo partes de mim só para manter a paz. Só para impedi-lo de ir embora.

Eu deveria me afastar de Maddox. Eu deveria respirar fundo, me recompor, descobrir o que diabos estou fazendo.

Mas tudo o que eu quero é voltar à noite passada e deixar que ele me arruíne novamente.

Paramos perto da entrada da roda-gigante, uma das maiores atrações do píer. Uma suave brisa do oceano sopra, mais fresca que o calor do sol da tarde.

"Quem está viajando com quem?", pergunta Otto, observando a fila sinuosa.

Hannah entrelaça seu braço no dele. "Vamos juntos."

Maddox solta um suspiro pelo nariz, enfiando as mãos nos bolsos. "Vou pular essa", murmura, quase como um pensamento tardio. Seu olhar se volta para a imponente roda-gigante e, pela primeira vez, vejo algo indecifrável cruzar sua expressão.

"Você não gosta de altura?", pergunto, inclinando a cabeça.

Seu maxilar se contrai. "Gosto de ter controle sobre o que me rodeia."

As palavras são sussurradas, quase perdidas na algazarra do calçadão, mas soam mais pesadas do que deveriam. Algo aperta meu peito.

Dou uma olhada rápida em Asher, já prevendo que ele será o que se sentará ao meu lado. Ele desliga o telefone e sorri para mim.

"Você está comigo", diz ele, com a voz suave, sorrindo enquanto coloca a mão na minha lombar.

Não sinto falta do jeito como a mandíbula de Maddox se move, e de como seus olhos se voltam para onde a mão de Asher está nas minhas costas.

Aceno com a cabeça para Asher e engulo em seco, sentindo-me subitamente culpada por... tudo.

Eu não sou infiel. Não ultrapasso limites. Não traio as pessoas que amo.

Então, por que meu estômago se revira com algo perigosamente próximo do arrependimento?

Por que minha pele ainda formiga onde Maddox me tocou? Por que ainda sinto o peso do corpo dele sobre o meu, seu perfume me envolvendo como uma segunda pele?

Engulo em seco, forçando-me a sorrir para Asher enquanto ele me guia em direção à roda-gigante. Era isso que eu queria, não era?

Para estar em segurança. *Protegido*. Com alguém previsível.

Mas... por que tenho a sensação de que algo dentro de mim está se desfazendo?

O telefone de Asher toca, e ele me dá um sorriso pequeno e arrependido. Uma ligação de trabalho, então. Ele olha para a tela, faz uma careta, mas, pela primeira vez, não atende imediatamente.

Mal percebo, absorto em meus pensamentos, com os olhos acompanhando a lenta rotação da roda-gigante à nossa frente. Estamos a apenas alguns grupos da frente da fila.

Quando o telefone toca novamente — agudo e insistente — ele pragueja baixinho. Desta vez, não hesita.

"Desculpe, preciso ir", diz ele, já se afastando. "Podem ir sem mim, ok? Encontro vocês depois."

Eu me enrijeço. "Espere, mas —"

"Desculpa, amor", ele diz por cima do ombro, com o telefone pressionado contra a orelha. "Já volto."

E assim, de repente, fiquei ali parado, com o peito doendo.

Uma presença se move ao meu lado.

Maddox.

Não preciso olhar para saber que ele está me observando.

“Acho que isso significa que você está comigo, anjo.”

Sinto um aperto no estômago.

Antes que eu pudesse argumentar, Hannah já estava nos conduzindo em direção à fila. "Vamos, vamos. Vai ser divertido!"

Encaro Maddox enquanto damos um passo à frente, mas desta vez ele não esboça um sorriso debochado. Sua arrogância habitual desapareceu, substituída por algo mais controlado, mais calculado. Seus ombros estão tensos, seu maxilar travado.

Não exatamente medo. Mas algo parecido.

Como se ele estivesse se forçando a fazer isso.

Como se ficar preso em uma pequena gôndola balançando, suspensa bem acima do cais, fosse a última coisa que ele desejasse.

Mas quando ele me flagra observando-o, sua máscara volta ao lugar. O sorriso irônico retorna, lento e deliberado.

Como se isso fosse inevitável.

Como se eu fosse a única coisa que o impedisse de se virar.

Um minuto depois, entramos na pequena gôndola e a barra de segurança trava em nossos colos. A roda-gigante avança, lenta e firmemente, elevando-nos bem acima do píer.

Maddox se mexe ao meu lado e, de repente, fico hiperconsciente de tudo.

Seu cheiro me atinge primeiro: sabonete limpo, couro e algo mais escuro que se instala no meu estômago. Seu braço roça no meu, um toque aparentemente acidental, mas o calor é abrasador. Espalha-se sob a minha pele como fogo, deixando cada centímetro do meu corpo tenso e hipervigilante.

Mantenho os olhos fixos na paisagem, mas tudo o que consigo sentir é ele.

É quase imperceptível a princípio — uma tensão sutil nos ombros, o jeito como as mãos se flexionam contra as coxas. Mas quando subimos, com a roda balançando levemente com o vento, eu sinto de novo. Seu peito sobe e desce rápido demais, os nós dos dedos empalidecendo contra a barra de metal.

A rigidez em sua postura.

Respirações longas, profundas e tranquilizantes.

Maddox Cross não tem medo de nada.

Mas isto? Isto o perturba.

A vista é de tirar o fôlego — a imensidão do oceano, a areia dourada estendendo-se ao longo da costa. Mas tudo o que consigo sentir é o calor de Maddox ao meu lado.

Mantenho o olhar fixo à frente, com os braços firmemente cruzados.

"Você está louco", pondera ele, com a voz baixa, tingida de divertimento.

“Não estou zangado.”

"Você é."

"Eu só..." Solto um suspiro forte, odiando a sensação de inquietação. "Não é nada demais. Eu só... achei que ia viajar com o Asher."

Maddox dá uma risadinha, profunda e baixa, mas há algo forçado nela. "Pensou que estaria mais segura com ele, né?"

Meu pulso dispara.

Não é isso. Nem de perto.

A verdade é que eu queria que o Asher aparecesse para mim pelo menos uma vez. Eu queria a roda-gigante, o sol, as fotos bobas e os beijos preguiçosos lá em cima, como num encontro clichê. Eu queria uma lembrança com ele.

Engulo em seco, piscando para o oceano enquanto a decepção pesa sobre meu peito.

Mas Maddox me observa como se já soubesse de tudo. Como se eu fosse transparente, fácil de decifrar. Como se ele soubesse que não se trata de segurança, mas sim de eu ainda me agarrar à esperança de que Asher finalmente me faça sentir que venho em primeiro lugar.

A gôndola balança levemente quando a roda para para deixar os passageiros desembarcarem lá embaixo. O maxilar de Maddox se contrai. Seus dedos se agarram à borda do assento por um instante, antes de soltá-los.

"Você me evitou o dia todo", diz ele, inclinando levemente a cabeça, seus olhos azuis penetrantes, avaliando a situação. Ele veste uma camiseta branca, calças pretas e uma jaqueta de couro preta que fica *incrivelmente bem* nele.

Eu me enrijeço.

É claro que ele percebeu que eu passei a manhã na praia com meu Kindle. E que em qualquer momento em que estivesse acordada, eu ficava o mais longe possível dele.

"Você acha que me ignorar vai mudar alguma coisa?", ele continua.

A gôndola balança novamente, e desta vez eu vejo — o jeito como o corpo dele fica rígido por meio segundo. O jeito como ele expira lentamente, como se estivesse se forçando a permanecer relaxado.

Maddox Cross, um ex-fuzileiro naval inabalável, não apenas não gosta de alturas. Ele *morre de medo*.

A constatação me pega de surpresa, e eu o observo com o canto do olho.

Eu engulo em seco. "Não sei do que você está falando."

Maddox dá um sorriso irônico, mas não insiste. Ele apenas me observa, com um olhar perspicaz.

Uma rajada de vento sopra, gelando meus braços nus. Eu tinha vestido a calça jeans nova e uma camiseta curta mais cedo porque estava quente e ensolarado, mas agora que estamos tão alto, está muito mais frio. Além disso, a neblina está começando a chegar.

Eu estremeço antes que possa me controlar.

Maddox percebe. Claro que percebe. Antes que eu possa reagir, ele tira a jaqueta de couro.

"Aqui está", murmurou ele, inclinando-se para a frente e colocando-o sobre meus ombros.

Eu congelo. "Não preciso disso", digo, mas não me mexo para tirá-lo.

"Não me importo", murmura ele, a voz lenta e sombria como uma promessa. Seus dedos roçam a gola, um toque deliberado e possessivo. "Deixe-me cuidar de você do jeito que você merece."

Prendo a respiração. Maddox me observa, os dedos ainda perto da gola da jaqueta, os olhos azuis percorrendo meu rosto como se estivesse memorizando cada reação. Mas quando a roda range e balança novamente, ele se mexe, o queixo se contraindo. Ele olha para o céu aberto ao nosso redor antes de voltar a me encarar.

Algo muda entre nós.

Uma força. Um peso.

E então meu celular vibra. Eu me assusto, tentando tirá-lo do bolso às pressas. Uma mensagem de Frankie.

FRANKIE

Olha só isso!

(Artigo relacionado) Justiça ou vingança? Maddox Cross: o homem por trás do caso mais controverso da década

Engoli em seco, meus dedos pairando sobre a tela enquanto dava uma olhada no título do artigo que ela acabara de me enviar. Digitei rapidamente uma resposta. Eu a mantive informada sobre a situação — exceto pelo encontro à meia-noite — e estávamos aos poucos lendo as centenas de artigos sobre Maddox. Encontrei a foto do casamento dele com Elaine e até a antiga página dela no LiveJournal.

Senti como se estivesse sendo violada, mas, de alguma forma, quero saber mais sobre ela — e sobre *ele*.

Maddox percebe como meu corpo todo se tensiona. E então ele fala, com a voz baixa, como se soubesse de algo. "Você me pesquisou, não foi?"

Levanto a cabeça bruscamente e vejo que ele está olhando para o meu celular. *Droga.*

Eu engulo em seco. "Eu —"

Ele sorri de canto. "Encontrou o que procurava?"

Sinto um aperto no peito. Não respondo. Maddox inclina levemente a cabeça, me observando. Então seu sorriso irônico desaparece. Só um pouco.

Ele esteve tão seguro de si durante toda a viagem, e esta é a primeira vez que vejo algo que se assemelhe a vulnerabilidade.

E... eu não detesto isso. A ideia de ele ter medo de alguma coisa — de ter um passado difícil — suaviza tudo entre nós, e sinto algo parecido com empatia florescer em meu peito.

Ou talvez... afeto.

Que diabos?

"Lila tinha quatro anos", diz ele, com a voz agora mais baixa e rouca. "Ela ficou doente por meses. Negaram-lhe tratamento o tempo todo." Uma pausa. Um suspiro profundo. "Ela morreu esperando por uma resposta."

Eu fico olhando para ele.

Seu queixo se move. "Elaine não conseguiu conviver com isso", continua ele, agora mais baixo. "Três semanas depois de termos segurado nossa filha nos braços pela última vez, ela deu um tiro na própria cabeça."

Meu estômago embrulha.

Meu Deus. É cem vezes pior ouvir isso dele.

Pela primeira vez, Maddox não está provocando. Pela primeira vez, vejo algo cru em sua expressão — algo mais pesado, algo perigoso de uma maneira completamente diferente.

Um homem que perdeu tudo.

E talvez, só talvez, ele nunca tenha parado de procurar algo para compensar isso.

A roda-gigante dá um solavanco leve ao diminuir a velocidade, e Maddox se mexe ao meu lado, apertando os nós dos dedos contra a barra de metal.

Toda essa jornada...

Ele se sentiu desconfortável o tempo todo, não é? Mas em nenhum momento disse uma palavra sobre isso. Em nenhum momento deixou transparecer.

E de repente, me lembrei: ele nem ia participar. Iria ficar de fora completamente, sendo o azarão.

Mas assim que Asher se afastou e eu fiquei ali parada, sozinha, Maddox não hesitou. Deu um passo à frente, sem dizer uma palavra, e sentou-se ao meu lado sem me dar escolha.

Ele prefere enfrentar o medo paralisante da roda-gigante do que me deixar subir sozinha.

Me atinge, de forma aguda e suave ao mesmo tempo.

Engulo em seco, meu peito apertando enquanto o observo — a tensão em sua mandíbula, o jeito como seus dedos seguram o balcão, a cautela com que mantém o olhar fixo à frente. Não havia percebido isso antes, não com a maneira como ele me provocava, me empurrava, me observava como sempre faz. Mas agora? Eu vejo.

O leve tremor em seus dedos. O jeito como seus nós dos dedos se contraem quando a gôndola balança um pouco. O jeito como sua respiração fica um pouco mais lenta, mais controlada, como se ele estivesse se esforçando para manter a calma.

Franzi a testa, ajustando-me um pouco na cadeira. "Por que você veio comigo?", perguntei suavemente, mantendo a voz calma.

Maddox não olha para mim de imediato. Seu olhar permanece fixo no horizonte, o oceano se estendendo numa imensidão infinita abaixo de nós. Por um segundo, acho que ele não vai responder. Então, sua garganta se move e seus dedos se contraem contra a coxa.

"Teria sido pior ver você ir embora sem mim", ele murmura, com a voz mais rouca que o normal.

Meu peito dói, e uma onda de calor me invade, misturando-se com algo mais, algo mais profundo. Eu não deveria me sentir assim. Não deveria deixar isso me afetar.

Mas acontece sim.

Maddox engole em seco, finalmente desviando o olhar para o meu. Seus olhos azuis são penetrantes, avaliativos, mas há uma aspereza sob a superfície.

Uma expressão desprevenida, apenas por um segundo.

"Vai me chamar de idiota por isso?" A voz dele fica mais baixa. É para ser uma brincadeira, mas consigo sentir o peso por trás dela.

Balanço a cabeça e tento engolir em seco, apesar do nó na garganta. "Não", sussurro. "Eu —"

Eu... o quê? Eu aprecio isso? Sinto algo perigosamente próximo da admiração pelo homem que deveria ser meu inimigo? Não sei o que dizer, então faço a única coisa que posso.

Eu me aproximo, diminuindo a distância entre nós o suficiente para que nossos joelhos se toquem, para que o calor dele penetre na minha pele. O olhar de Maddox desce para meus lábios, apenas por um segundo, antes de ele expirar e desviar o olhar.

A montanha-russa diminui a velocidade à medida que nos aproximamos da base, mas eu não me mexo. Ele também não.

Quando o teleférico finalmente para completamente, ele me olha de novo, com algo indecifrável na expressão. Então, inclina o queixo em direção à saída.

"Vamos lá, anjo", ele murmura. "Vamos te trazer de volta para terra firme."

Acho que não me sinto em terreno firme desde que nos conhecemos .

E mesmo ao sair do brinquedo, mesmo ao avistar Asher me esperando a poucos metros de distância, de braços cruzados, com o celular ainda na mão...

Eu não tiro o casaco do Maddox.

Eu deveria. Eu sei que deveria.

Mas eu não.

TENTAÇÃO FANTASMA

MADDOX

EU SEI que ela virá se juntar a mim no pátio naquela noite, antes mesmo de ela chegar. Consigo ver sua sombra hesitar no corredor, e a inspiração lenta seguida de uma longa pausa me dizem que ela está ponderando.

É como se ela estivesse se convencendo do contrário antes de finalmente ceder.

Dou um sorriso de canto enquanto trago lentamente o baseado entre meus dedos, deixando a fumaça quente e ardente invadir meus pulmões. A porta range ao se abrir atrás de mim, e ouço seus passos suaves enquanto ela se aproxima.

Eu não me viro.

Em vez disso, solto uma longa e preguiçosa baforada de fumaça e espero. A hesitação dura pouco desta vez, pois ela fala assim que se junta a mim junto ao parapeito com vista para o oceano.

"Você está se escondendo do resto de nós? Ou está apenas esperando que os drones do governo disfarçados de gaivotas retornem com informações?"

A voz dela é mais suave do que eu esperava. Não é acusatória. Apenas observadora. Mas essa pequena mordida afiada? Eu gosto.

Solto uma risada abafada, levando o baseado aos lábios novamente, sem pressa para responder. "Talvez eu goste da vista. Talvez eu goste do silêncio", acrescento, balançando a cabeça. "E talvez as gaivotas tenham razão."

Ela emite um som baixo, algo como meio divertimento, meio exasperação.

Você vai compartilhar?

Sorrio com isso e finalmente me viro para encará-la. Ela está a poucos passos de distância, braços cruzados, o luar projetando sombras prateadas sobre sua pele. Minha jaqueta ainda está pendurada em seus ombros. Ela não a devolveu. E pelo jeito como está jogada sobre ela, suspeito que não pretende devolvê-la tão cedo.

Abri ligeiramente as pernas enquanto estendia a articulação em direção a ela. "Já é a segunda vez esta semana. Não te imaginava uma garota má, anjo."

Ela revira os olhos, mas mesmo assim dá um passo à frente, arrancando o objeto da minha mão. "Não sou."

Eu murmuro, observando-a levar o cigarro aos lábios, a ponta brilhando em tons de laranja na penumbra. Sua garganta se move enquanto ela inala, e, caramba, por que isso faz meu pau se contrair?

Ela expira, os lábios entreabertos o suficiente para deixar a fumaça escapar lentamente. "Mas também não acho que preciso ser boazinha o tempo todo."

Um sorriso lento e malicioso surge nos meus lábios. "Ah, é?"

Ela não responde. Apenas dá outra tragada antes de me devolver o cigarro.

Mantenho os olhos fixos nela enquanto pego o comprimido, deixando meus dedos roçarem nos dela. Seu pulso acelera com o contato. Consigo vê-lo vibrar contra seu pescoço delicado.

Eu sorrio de canto. "Então me diga uma coisa, Ari."

Ela se encosta no parapeito da varanda, o olhar desviando-se para o oceano. "O quê?"

"O que você quer?"

Ela solta um suspiro profundo, um riso curto escapando de seus lábios. "O que você quer dizer?"

Dou outra tragada lenta, expirando antes de inclinar a cabeça para ela. "Quer dizer, o que você realmente quer? Da vida. De si mesma. Dele."

Não preciso dizer o nome de Asher. Nós dois sabemos de quem estou falando.

Ari fica imóvel, apertando o corrimão com os dedos. "Essas são perguntas capciosas."

Dou uma risadinha. "Eu consigo lidar com isso."

Ela solta um suspiro, sua expressão mudando, como se estivesse ponderando se deveria ou não me dar uma resposta sincera.

"Eu quero paz."

A entrada é tão silenciosa que quase não a ouço.

Meu sorriso irônico se desfaz um pouco. "Paz?"

Ela acena com a cabeça, o olhar ainda fixo nas ondas. "Quero acordar um dia e não sentir como se o mundo estivesse me oprimindo. Quero parar de pensar em todos os outros antes de mim. Quero..." Ela hesita, depois balança a cabeça. "Não sei. Só não quero ser responsável por tudo o tempo todo."

Eu a encaro. E por um segundo, eu vejo — o cansaço, o peso pressionando-a, os anos sendo a forte, a confiável.

Ela continua. "Meu pai era rígido. Não nos permitiam coisas fúteis. Eu tinha que ser um bom exemplo para minhas irmãs. Entrei na faculdade e fiz mestrado logo de cara. Nunca tive a chance de simplesmente... *respirar*. A vida da minha mãe gira em torno do meu pai. Tudo o que ele quer, ela quer também. Ela nunca esteve realmente do nosso lado, sabe? Ela era uma boa mãe, mas não tem o hábito de pensar por si mesma. Não somos tão próximas assim." Ela suspira, balançando a cabeça. "Mas a pior parte? Eu nem sei quem eu seria sem tudo isso. Se eu tivesse tido tempo para ser eu mesma, em vez de quem meu pai esperava que eu fosse... *quem* eu seria agora?"

Permaneço em silêncio, observando-a, permitindo que ela me dê esse pedaço de si mesma.

Ela solta uma risada sem humor. "É como se eu tivesse sido criada para ser útil antes mesmo de me permitirem... simplesmente existir. Para sempre a filha do tenente."

A raiva que me consome é aguda, imediata.

"Isso é uma grande mentira." Minha voz é rouca, carregada de aspereza. "Você não é só uma ferramenta para os outros usarem, Ari. Nem seu pai. Nem Asher. Nem ninguém."

Seu olhar se volta para o meu, buscando algo. Não sei o que ela está procurando, mas quero que ela encontre. Quero que ela entenda.

"Você não precisa ser forte o tempo todo." Estendo a mão, roçando meus nós dos dedos em sua bochecha. Suavemente. Devagar. "Você não precisa carregar tudo sozinha."

Ela engole em seco, a respiração trêmula. "E quem vai carregar isso para mim?"

Não hesito. "Eu."

Ela me encara por um segundo, piscando os olhos antes de bufar e virar o rosto. "É, é o que todas dizem. Homens são todos iguais."

Eu a observo por alguns segundos — observo como ela constrói aquele muro tão alto que pensa que eu jamais conseguirei escalá-lo. "Seu pai te fez sofrer muito, não é?"

Ela fica tensa. "Não quero mais falar sobre ele."

"Que pena." Me aproximo, baixando a voz. "Aposto que ele te fez pensar que você tinha que ser perfeita. Que você não podia pedir ajuda. Que o amor era algo que se conquistava sendo útil."

Ela prende a respiração, mas não olha para mim. "Você não sabe nada sobre mim."

"Eu sei mais do que você pensa." Estendo a mão, afastando uma mecha de cabelo do seu rosto. Ela se encolhe, mas não se afasta. "E eu sei que você está cansada, anjo. Eu consigo ver. Você está exausta até os ossos."

Seus lábios se entreabrem ligeiramente, sua garganta lutando contra a vontade de engolir. "Eu deveria estar com o Asher." Sua voz é baixa, mas há algo oco nela. Como se ela estivesse se convencendo. "Ele é estável. Ele é seguro. Era isso que eu deveria querer."

Eu ri sarcasticamente, balançando a cabeça. "E como isso está funcionando para você?"

Seu maxilar se contrai. Ela se vira, mas eu não a deixo. Meus dedos agarram seu queixo, forçando-a a me encarar.

"Não sei por que você está fazendo isso. Você não pode me ter."

Eu sorrio de canto, inclinando-me para a frente até que nossos narizes quase se toquem. "Observe-me."

Ari balança a cabeça, a angústia estampada em seu rosto. "Eu não consigo fazer isso."

"É claro que pode." Meu aperto se intensifica levemente, não o suficiente para machucar — apenas o suficiente para fazê-la sentir. *Fazê-la me sentir*. *Fazê-la acreditar* em mim.

Sua respiração está irregular. Suas pupilas estão dilatadas, seus lábios entreabertos. Ela está lutando contra si mesma, e nós dois sabemos disso.

"Estou namorando seu irmão", ela sussurra, numa última tentativa de usar a lógica.

Soltei uma risada baixa e rouca. "Não me importo nem um pouco."

Ela se inclina na minha direção. Seus dedos se contraem ao lado do corpo, como se quisesse me agarrar. Como se quisesse me puxar para perto.

Meu polegar desliza pela sua mandíbula, meu aperto firme. Seu pulso bate rápido contra meus dedos. Ela expira trêmula, a língua saindo para umedecer os lábios.

"Você é impossível."

Inclino a cabeça, minha voz baixando. "Sou inevitável."

Uma longa pausa. O mundo silencia ao nosso redor, o oceano ruga à distância, mas tudo o que ouço é a sua respiração. Tudo o que sinto é o calor da sua pele sob meus dedos, o calor que irradia do seu corpo, a maldita atração magnética que nos une desde o momento em que a vi.

Eu poderia beijá-la agora mesmo. Ela sabe disso. Eu sei disso.

Mas então... ela dá um passo para trás.

Ela inspira profundamente, piscando como se estivesse despertando de um transe. "Devo entrar."

Deixei minha mão cair, com um leve sorriso de escárnio. "Corra enquanto ainda pode, pequena guerreira." Observei sua respiração falhar, revelando sua traição. Inclinando-me, deixei meus lábios pairarem logo acima de sua orelha, perto o suficiente para que ela sentisse o calor da minha respiração. "Mas nós duas sabemos que você não vai longe."

Seu corpo está rígido, tenso, mas ela não se move. Deslizo meus nós dos dedos lentamente pelo seu braço, deleitando-me com o estremecimento que ela sente ao meu toque. O ar entre nós é denso, eletrizante. Ela espera que eu faça o próximo movimento, porque, em sua mente, ela não está me perseguindo. Ela é a vítima, e eu sou o vilão.

E que se dane, qualquer coisa que ela precise pensar para ceder está ótimo para mim.

"Quando você estiver pronta para parar de mentir para si mesma, você sabe onde me encontrar." Minha voz é baixa, firme, carregada de uma certeza que não deixa espaço para dúvidas. Passo meus dedos suavemente sobre seu queixo, um toque enganosamente delicado. "Mas estou ficando muito cansada de ver você fingir que não quer isso tanto quanto eu."

Um músculo da mandíbula dela se contrai, mas mesmo assim ela não se afasta.

Era o que eu pensava.

Inclino a cabeça, observando-a, deixando que o véu das minhas palavras a envolva. "Então continue correndo, se é isso que você precisa fazer. Mas não se iluda." Aperto-a com mais força, o suficiente para garantir que ela esteja ouvindo. "Porque quando você finalmente ceder?" Minha voz assume um tom sombrio e possessivo. "Eu estarei aqui. Esperando."

Ela me encara, mas não há nenhum veneno real em seu olhar. Apenas frustração. E raiva.

Sem dizer mais nada, ela se vira e entra.

Dou outra tragada lenta no baseado, observando-a desaparecer pela porta, e não consigo conter o sorriso que surge em meus lábios.

Ela está se descontrolando. E mal posso esperar para ver isso acontecer, porque assim que isso acontecer...

Ela é minha.

Totalmente.

Completamente.

Para sempre.

NÃO HÁ COMO ESCAPAR DO FANTASMA

ARI

MADDOX NÃO ENTRA mais no meu quarto, o que é ótimo.

Está tudo bem.

Adormeço rapidamente e, quando acordo, a luz da manhã filtra-se suavemente pelas cortinas. Por um segundo, espero sentir algo diferente. Uma mão apertando minha coxa. Uma voz murmurando em meu ouvido. Um corpo sólido demais, familiar demais, Maddox demais.

Mas quando olho ao redor, sinto um nó no estômago.

Porque não é o Maddox que está sentado na beira da minha cama.

É Asher.

Ele sorri para mim, com os cabelos loiros ainda úmidos do banho, já vestido com bermuda cáqui e uma camisa polo ajustada. Impecável. Bem arrumado. Seguro.

Uma dor profunda se instala no meu peito.

"Pensei que pudéssemos dar uma caminhada?", pergunta ele, com a voz suave e cautelosa. Como se talvez estivesse se esforçando.

Assinto com a cabeça, checando meu celular. São pouco mais de oito horas. Ele me espera lá embaixo e eu me visto rapidamente com shorts de linho branco e uma regata preta antes de escovar os dentes. Desço as escadas e entro em uma casa vazia, onde Asher está encostado na porta da frente, me esperando. Pego um suéter grande, calço minhas sandálias e o sigo para fora, pelo caminho estreito até a praia.

A areia ainda está fresca sob meus pés, a brisa da manhã acariciando meus cabelos enquanto caminhamos pela tranquila orla. Minhas sandálias estão penduradas em uma mão, e a outra está enfiada no suéter para me aquecer.

É lindo aqui fora. A neblina está começando a dissipar, e o céu azul surge por entre a névoa cinza-clara, aquecendo minha pele sempre que se move o suficiente para deixar o sol passar. Quase não há ninguém na praia, e é tão tranquilo. Deveria ser agradável. Mas algo pesado paira entre nós.

Asher fica quieto a princípio, com as mãos nos bolsos, o olhar se voltando para mim como se estivesse procurando as palavras certas.

Finalmente, ele solta um suspiro profundo. "Estive pensando em nós."

Olho para ele de relance, meu pulso disparando. "Sim?"

Ele acena com a cabeça, o maxilar tenso. "Eu sei que tenho estado distraído ultimamente. O trabalho tem sido... intenso."

Não digo nada.

"Não quero te negligenciar, Ari", ele continua, com a voz pausada. "É só que... esse vazamento de dados está me deixando maluco. E eu sei que nem sempre te dou a atenção que você merece."

Essas palavras deveriam me fazer sentir algo. Esperança. Alívio. Talvez até gratidão. Em vez disso, uma estranha e familiar sensação de entorpecimento se instala dentro de mim. Não é a primeira vez que ele diz algo assim. Na verdade, é quase um padrão — me puxando para mais perto, prometendo se esforçar mais, passar a noite aqui e agir mais como um parceiro comprometido — antes que o trabalho volte a atrapalhar.

Antes que ele se afaste novamente.

Assenti com a cabeça, aguardando. Ele fez uma pausa, chutando a areia. Então, soltou uma risada baixa, quase amarga.

"Acho que presumi que você entendesse." Ele me olha então, franzindo a testa. "Você sempre foi independente. Forte. Não precisa que eu fique te vigiando o tempo todo, né?"

Uma pontada aguda me atravessa o estômago. "Eu não preciso de você. Mas isso não significa que eu não queira ser desejada. Não apenas quando é conveniente. Não apenas quando é *fácil* ." Engulo em seco, sem saber como expressar o que realmente penso. "Acho que só estou me perguntando aonde isso vai dar."

Algo transparece em sua expressão, mas não sei se é culpa ou frustração. "Sim. Eu também estava me perguntando a mesma coisa."

"Então, o que você está dizendo?" pergunto, com a voz cautelosa. Meu coração dispara, meus dedos apertam as mangas do meu suéter.

Asher solta um suspiro, passando a mão pelos cabelos. "Estou dizendo que quero ser melhor, Ari. Quero mesmo. Mas meu trabalho é—" Uma pausa. Um encolher de ombros, impotente. "Ele sempre virá em primeiro lugar. Espero que você entenda."

Um baque surdo e ressonante ecoa no meu peito. Aí está. Honesto. Brutal. *Definitivo* . O clássico prego no caixão.

Não sei por que estou surpreso.

É sempre assim, não é? Meu pai era igualzinho — trabalho em primeiro lugar, família em segundo. Cresci vendo minha mãe se retrair, moldando seus desejos e necessidades à agenda e às prioridades dele. E eu? Fui treinada desde cedo. A filha mais velha, a responsável, a que resolve tudo. Aprendi que o amor não é algo que se dá de graça, é algo que se conquista. Que se luta. Que se busca.

E eu estou tão cansada de correr atrás disso. Estou tão *cansada* de fingir que está tudo bem.

Desvio o olhar, encarando as ondas, engolindo em seco para conter o nó que se forma na minha garganta. "Não acho isso justo comigo", murmuro, minha voz quase inaudível em meio ao som das ondas quebrando.

Ele se enrijece. "O que você quer dizer?"

Respiro fundo, tentando me acalmar. *Eu mereço mais*. E não estou falando do Maddox. Não mereço mesmo. Não se trata dele. Trata-se de *mim* . Do fato de eu ter passado dois anos me moldando na namorada perfeita, tranquila e compreensiva. Do fato de eu nunca pedir demais. De eu nunca exigir mais do que ele está disposto a me dar.

Porque, lá no fundo, eu sabia. Eu sabia que ele nunca me escolheria.

Então, eu me certifiquei de que ele nunca precisasse fazer isso.

A constatação disso me dá um nó no estômago, mas Asher não parece chateado.

Soltei um suspiro trêmulo e finalmente encontrei seu olhar. "Acho que sempre esperei que você acordasse um dia e decidisse que eu era suficiente para ser sua prioridade."

Ele apenas acena com a cabeça, como se eu estivesse confirmando algo que ele sempre suspeitou. Algo que, no fundo, ele também já sabia.

"Eu nunca quis te atrapalhar", diz ele depois de um instante.

Dei uma risadinha amarga. "Não. Você só queria me manter esperando de fora."

Seus lábios se comprimem em uma linha fina. "Isso não é verdade."

Ergo uma sobrancelha. "Não é? Acho que nós dois sabemos onde isso vai dar", digo baixinho. "Só estamos com muito medo de dizer em voz alta."

Ele acena com a cabeça. "É. Acho que você tem razão. Então... o quê? É isso?"

Engulo em seco e concordo com a cabeça. "É isso aí. Cansei de tentar me encaixar em uma vida que nunca teria espaço para mim, Asher."

Ele me olha com cautela, como se estivesse tentando decidir se estou brava. Então estendo a mão para ele, tentando mostrar que não estou brava.

Chega .

Meus dedos se enrolam nos dele, suave e firmemente. "Sem ressentimentos", digo, oferecendo um sorriso fraco e triste. "Simplesmente não consigo mais fazer isso."

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o celular dele vibrou. Ele olhou para a tela, suspirou e soltou minha mão.

"Preciso atender", ele murmura. "A gente conversa mais tarde, tá bom?"

Eu não respondo. Porque não vamos responder.

Enquanto ele se afasta, com o telefone pressionado contra a orelha, eu me abraço. O

oceano se estende infinitamente à minha frente, as ondas quebrando na costa.

Hannah sugere que jantemos em um dos restaurantes à beira do penhasco. Presumo que Asher ainda não tenha contado à família sobre o nosso término, porque ninguém diz nada. E depois de passar a manhã e a tarde inteira relaxando na praia, é bom tomar um banho e me vestir.

O trajeto de carro é curto, apenas cinco minutos ao longo da costa.

E o restaurante é deslumbrante — janelas do chão ao teto com vista para o oceano, mesas à luz de velas cobertas com linho impecável, o murmúrio suave da conversa se misturando ao tilintar das taças de vinho e dos talheres.

Eu deveria me sentir feliz por estar aqui. Em vez disso, tudo o que sinto é um desconforto. Porque Asher não é diferente. Ele nunca será diferente. E enquanto o observo, barbeado e impecável, sei que ele não é mais o que eu quero.

Do outro lado da mesa, Maddox está me observando. Percebo a leve inclinação de sua cabeça enquanto me sento, admirando o vestido *que ele* escolheu para mim dias atrás — um vestido de algodão vermelho escuro com alças finas e decote quadrado.

E quando o celular de Asher vibra pela terceira vez durante o jantar, eu nem me abalo. Apenas levanto minha taça de vinho, mantendo o olhar fixo em Maddox enquanto tomo um gole lento e deliberado.

Porque se Asher quer se distrair, então talvez eu também queira.

Maddox está mais arrumado. Arrumado *demais*. É injusto. Estou acostumado a vê-lo de moletom preto e tatuagens, acostumado com o jeito que ele se porta, como um predador à espreita.

Mas e esta noite?

Esta noite, ele veste uma camisa preta impecável, com as mangas arregaçadas até os antebraços, exibindo suas tatuagens. O botão de cima está desabotoado, a gola aberta revelando uma pequena faixa de pele dourada e as saliências marcantes de suas clavículas. Seu cabelo, geralmente uma bagunça indomável, está penteado para trás de um jeito que o faz parecer quase respeitável.

Quase.

Mas seus olhos ainda o denunciavam.

Eles ardem sob a luz fraca, um azul intenso e implacável que me paralisa sempre que cometo o erro de olhar para ele — o que acontece com frequência.

Porque, caramba, eu não consigo parar de olhar. É irônico estar sentada aqui ao lado do Asher, que era meu namorado até umas oito horas atrás, comendo um bife de sessenta e cinco dólares, com um vestido que o Maddox escolheu.

Seu sorriso irônico me diz que ele também sabe disso.

Deus, como eu o *odeio*.

Estou distraída demais para aproveitar o jantar. Asher está à minha esquerda, meio absorto no trabalho, assentindo com a cabeça para algo que Otto está dizendo. Hannah está falando sobre uma vinícola que ela e Otto visitaram no ano passado. A conversa é perfeitamente educada.

Perfeitamente seguro.

E do outro lado da rua?

Maddox.

Silencioso. Observando-me.

Recuso-me a olhar para ele, mantendo o foco na minha taça de vinho. O vermelho intenso gira na luz enquanto a giro entre os dedos, tentando ignorar o calor que lambe minha pele.

Está tudo bem. *Está tudo ótimo*.

Até que o celular de Asher vibre novamente sobre a mesa.

Ele suspira, olhando para a tela. Depois para mim. Já se desculpando antes mesmo de dizer uma palavra.

"Preciso levar isso."

Claro que sim.

"Vá em frente", murmuro, dando outro gole no meu vinho.

Ele se inclina para beijar minha têmpora. Eu me encolho antes que possa me conter. Seus olhos se arregalam, confusos, mas não digo nada. Não preciso. Ele me lança um olhar suplicante, e percebo que ele espera que eu entre no jogo.

Esperando que eu continue fingindo ser sua namorada, apesar de termos terminado nosso relacionamento na praia hoje mais cedo.

Tudo para inglês ver.

Seus lábios se comprimem num sorriso discreto, e então ele sai discretamente para o pátio para atender a ligação.

Otto e Hannah estão relembrando a viagem que fizeram à Itália dois anos atrás, completamente alheios ao que aconteceu, mas eu mal estou prestando atenção.

Minha pele está ardendo, e consigo sentir o olhar de Maddox sobre mim.

Duro apenas dez segundos antes de finalmente olhar em sua direção.

Maddox recosta-se na cadeira, com o cotovelo apoiado no braço e os dedos repousando no queixo. Ele não fala; não precisa.

Aquele sorrisinho? Aquele que aparece no canto dos lábios dele? Diz tudo.

Aperto meu copo de vinho com força. "O quê?"

Ele inclina a cabeça, me analisando. "Só queria saber por quanto tempo você vai deixar ele te tratar como se você fosse um detalhe insignificante", sussurra.

Uma pontada aguda se instala nas minhas costelas. E imediatamente, a lembrança desta manhã me atinge como uma onda.

Vejo a linha costeira novamente — a névoa suave se dissipando, a amarga constatação se instalando em meu peito quando Asher me disse, com clareza, que o trabalho sempre viria em primeiro lugar. O peso dessas palavras ainda me oprime, pesado e implacável.

Eu deveria dizer alguma coisa. Qualquer coisa. Mas o que eu diria? Que eu sabia que era verdade? Que eu já sabia disso há algum tempo? Que mesmo assim eu ainda estou aqui?

Odeio a sensação de aperto no estômago. A forma como minhas coxas se pressionam sob a mesa, como se meu corpo estivesse me traindo — não apenas por causa das palavras dele, mas porque Maddox vê. Ele vê tudo.

Não é só que Asher se esqueça de mim, mas que eu o tenha deixado fazer isso.

A voz dele fica mais grave, só para mim, igualzinha à da roda-gigante. "Cuidado, Ari. Se você continuar me olhando assim, vou começar a achar que você quer que eu te arruine aqui mesmo, neste restaurante."

E a pior parte? Eu sei.

O calor na minha barriga se espalha como fogo em palha seca, subindo pela minha espinha, dando um nó na minha garganta. Eu já deveria estar acostumada com as provocações dele, com o jeito lento e deliberado com que ele me desnuda apenas com palavras. Mas não estou. Nunca estou.

Meus dedos apertam ainda mais a taça de vinho. Forço-me a desviar o olhar, a me concentrar em algo — *qualquer coisa* — que não seja o homem à minha frente e a forma como meu pulso dispara a cada palavra que ele diz.

Preciso de um segundo. De respirar. De um pouco de espaço.

Empurro a cadeira para trás e pego minha bolsa. "Vou ao banheiro."

Maddox não diz uma palavra. Mas quando olho para ele, seu sorriso é preguiçoso, como se ele já soubesse algo que eu não sei. Como se ele estivesse me deixando ir só para ver o que eu farei em seguida.

Desgraçado.

Caminho em direção ao banheiro, cabeça erguida, coluna reta, como se tivesse tudo sob controle. Mas, no instante em que entro, minhas mãos se agarram à borda da pia, minha respiração fica acelerada.

Eu não deveria me sentir assim. Não aqui. Não agora. Não por causa dele.

Meu reflexo me encara de volta — pele corada, olhos arregalados e selvagens, lábios entreabertos.

Estou com uma aparência péssima. E não é por causa do vinho.

Meu telefone vibra.

(858) 667-9960

Será que estamos brincando de gato e rato?

Porque acho que já ficou claro que eu sempre vou te alcançar.

Um suspiro profundo escapa dos meus lábios. Meus dedos pairam sobre o teclado. Eu não deveria responder. Eu *não deveria*.

Mas meus dedos se movem antes que meu cérebro consiga acompanhar.

Você só fala. Vamos ver se você consegue cumprir o que promete, grandalhão.

Apertei o botão de enviar antes que pudesse repensar a situação.

Uma pausa. Um instante de silêncio onde a única coisa que ouço é a pulsação do meu próprio coração nos meus ouvidos e o tilintar da porcelana do restaurante.

Então-

(858) 667-9960

Que comece o jogo, anjo.

Meus dedos tremem sobre a tela. Eu não esperava que ele hesitasse, mas isso me causa uma sensação estranha por dentro. Agradeço por ele ter perguntado, mas de alguma forma isso torna tudo mais real. Menos fantasia.

Tenho certeza?

Asher está lá fora, trabalhando. Distraído. Priorizando tudo, menos eu. *Como sempre*. Por dois anos, fui paciente. Fui compreensiva. Fui *boa*. E para quê? Para um homem que sempre me colocará em segundo plano? Para um relacionamento que parecia mais uma obrigação do que uma escolha?

Além disso, terminamos hoje de manhã. Ou, pelo menos, *quase* terminamos. Ele está muito ocupado para conversar sobre isso desde então.

Maddox não é nada disso. Ele é o caos. A incerteza. A fome. Mas ele está aqui. *Me vendo*. Me desejando com uma ferocidade que me aterroriza e me fascina ao mesmo tempo.

E desta vez — *só desta vez* — quero pegar algo para mim.

Estou esperando.

Nem sequer recebo uma resposta.

Quinze segundos depois, a porta do banheiro se abre com um estrondo.

MARCADO PELO FANTASMA

ARI

FECHO OS OLHOS, respirando pelo nariz para acalmar meu coração acelerado. Antes de abri-los, antes de vê-lo no reflexo, eu o sinto.

Uma onda lenta de calor percorre minhas costas. *Maddox*. Minha espinha trava, minha respiração congela no peito. Abro os olhos de repente, encontrando seu olhar no espelho — escuro, indecifrável, ardendo com algo que não consigo nomear. Seu pescoço, coberto de tatuagens. Camisa preta de botões que lhe confere a aparência de um cavalheiro.

Mas eu sei que não é bem assim.

Ele não diz uma palavra, apenas fecha a porta atrás de si e a tranca.

Quando termina, ele dá um passo mais perto.

"Responda-me uma coisa", digo rapidamente, encarando-o pelo espelho.

Ele levanta as sobrancelhas e me olha com divertimento. "Vou me esforçar ao máximo."

"Foi você", digo simplesmente. "Os bilhetes na minha casa. Você os escreveu."

Ele inclina a cabeça enquanto se aproxima. "Foi sim, e eu fiz."

"Mas nós não nos conhecíamos", digo lentamente, observando seu reflexo enquanto ele se aproxima por trás de mim. "Você sabia que eu estava namorando o Asher?"

Ele sorri de canto, e quando suas mãos pousam nos meus quadris, minha respiração sai em suspiros curtos.

"Eu sabia. Eu já sabia há muito tempo."

"Como você conseguiu burlar meu sistema de segurança?"

"Essa é mais de uma pergunta, Ari."

"Diga-me", sussurro. Minha pele está *em chamas*.

"Desativei seu sistema de segurança em menos de um minuto. É isso que você quer ouvir? Assim que você voltar para casa, vou garantir que você tenha um sistema mais robusto instalado."

EU.

Não pode.

Respirar.

"Agora eu tenho uma pergunta para você, anjo." Arrepios percorrem meus braços nus. "Por que você resistiu a isso por tanto tempo?"

Engulo em seco, agarrando o balcão com tanta força que meus nós dos dedos doem. "Eu não —"

"Você fez isso." Seus lábios se contraem, como se ele estivesse se divertindo com a mentira.

O tom de sua voz é grave, sombrio, com um toque de malícia. Ele se move novamente, aproximando-se de forma que me encurrala contra a pia, seu corpo quente pressionado contra minhas costas.

"Não sei", sussurro, minha voz muito ofegante, muito afetada.

Ele ergue uma sobrancelha, inclinando a cabeça. "Já terminou de mentir?"

Eu deveria mandar ele se foder. Mas tudo o que consigo fazer é ficar olhando para o espelho, observando-o me observar. Meu reflexo parece diferente. Eu me vejo através dos olhos dele. Vejo o jeito que ele está me olhando.

Como se ele já me possuísse.

É como se eu fosse dele desde o momento em que ele chegou à minha casa.

Ele desliza um dedo pela minha lateral, percorrendo meu antebraço nu. Um arrepio me percorre.

Ele percebe, e seu sorriso irônico se afunila. "Se não é isso que você quer, diga-me para ir embora."

Meu pulso dispara e as palavras ficam presas na minha garganta. Eu *não consigo*. O dedo dele desliza lentamente de volta pelo meu braço, a pele áspera contra a pele lisa e nua, o calor lambendo meu estômago.

"Diga-me para parar", ele murmura.

Engulo em seco, meus lábios se entreabrem, mas nada sai. Uma risada rouca e sombria ressoa em seu peito.

"Era o que eu pensava."

Então, suas mãos agarram meus quadris novamente, e ele me gira.

Encostando-me à penteadeira, ele invade meu espaço e pressiona o corpo contra o meu. Ele é quente, e aquele cheiro familiar e inebriante atinge minhas narinas. Couro e algum tipo de colônia cara.

"Espere", sussurro, colocando a mão em seu peito.

Para minha surpresa, ele recua um pouco, dando-me espaço. Uma ruga se forma entre suas sobrancelhas enquanto ele me olha de cima. Sua presença vibra com algo bruto e implacável, uma energia que exige atenção sem uma única palavra. Seus olhos azuis claros, tão parecidos com os de Asher, deveriam me fazer sentir segura. Em vez disso, eles me perturbam. Eles me despem, expondo pensamentos que eu nem sequer admiti completamente para mim mesma. Meu pulso falha, uma mistura de nervosismo e algo muito mais perigoso percorrendo meu corpo.

"Você o matou?", pergunto, com a voz rouca. "Você assassinou aquele corretor de seguros para vingar sua esposa e filha?"

Ele dá uma risadinha, e o som me causa uma onda de energia quente. "Sim. Eu o matei." Consigo ouvir a pulsação correndo pelas minhas veias, mas antes que eu possa reagir completamente, Maddox dá um passo para trás. "Isso te assusta?"

A pergunta dele e a maneira como ele parece saber que deve me dar espaço me pegam de surpresa. Eu esperava que ele pegasse o que queria de mim, mas, em vez disso, ele parece inseguro sobre qual será minha resposta.

"Não", respondo rapidamente. "Mas... por que eu? É só porque te lembro da sua falecida esposa?"

O olhar de Maddox é firme, inabalável, como se ele estivesse decidindo quanta verdade me revelar. Ele me observa por mais um instante, depois expira, balançando a cabeça como se estivesse se divertindo consigo mesmo.

"Na verdade, não. Você enfrenta as mesmas dificuldades que ela, mas é diferente. Quer saber a verdade?" Eu aceno com a cabeça, e ele engole em seco, como se a verdade

fosse lhe causar dor. “Quando minha mãe me mandou uma foto sua, eu não conseguia parar de olhar”, ele finalmente diz, com a voz baixa e rouca. “Fiquei olhando, imaginando como você seria — como se moveria, comoalaria. Havia algo nos seus olhos, algo forte. Mas a foto não lhe fazia justiça. Nunca faria.”

Ele se aproxima, sem me tocar, mas perto o suficiente para que eu sinta o calor que emana dele, sinta a vibração de sua presença me pressionando como uma força à qual não sei se quero resistir.

“Sempre me senti atraído por coisas fortes”, continua ele, com a voz mais baixa agora, quase pensativa. “Não apenas coisas com poder, mas coisas que perduram. Coisas que foram quebradas e ainda assim se reconstruíram.” Seus lábios se curvam num gesto que não chega a ser um sorriso, mas algo mais como compreensão. “Coisas como eu.”

Um arrepio percorre meu corpo, mas não me afasto. Não consigo.

Seu olhar percorre meu rosto, demorando-se como se estivesse me memorizando. “E você... você é mais forte do que imagina”, ele murmura. “Talvez seja por isso que eu não consegui desviar o olhar. Talvez seja por isso que eu já sei que não vou conseguir parar.”

Seu maxilar se contrai, e algo indecifrável brilha em seus olhos. “Porque eu já consigo sentir — a atração, a necessidade. E não tem nada a ver com a sua aparência, embora eu deva admitir, você é ainda mais bonita pessoalmente.” Sua voz baixa ainda mais, quase um sussurro. “É você. E acho que tenho procurado por alguém como você há muito tempo.”

Suas palavras me pegam completamente desprevenida, e antes que eu perceba o que estou fazendo, meus dedos se enrolam na nuca dele, puxando seus lábios para os meus. Ele não hesita. Sua boca toma a minha num beijo profundo e avassalador, roubando meu fôlego, me desfazendo a cada movimento de sua língua. Ele tem gosto de algo obscuro, algo proibido, algo que eu sei que não deveria desejar — mas desejo.

Maddox rosna contra meus lábios, suas mãos deslizando pela minha cintura, agarrando meus quadris como se estivesse se ancorando a mim. Seus dedos pressionam o tecido do meu vestido, amontoando-o, puxando-o para cima. Mal tenho tempo de processar o que está acontecendo antes que ele me levante e me coloque sobre a penteadeira, posicionando-se entre minhas pernas, seu corpo colado ao meu.

“Ari”, ele geme contra minha pele. Suave. *Suplicante*.

Inclino a cabeça para trás enquanto seus lábios percorrem meu pescoço, suas mãos afastando minhas coxas, seu aperto firme, dominante. Um calor se acumula na parte inferior do meu estômago, e quando seus dedos deslizam pela parte interna da minha coxa, provocando, testando, eu arfo, minhas unhas cravando em seus ombros.

Um zumbido baixo e satisfeito ressoa em seu peito. “Se não me engano, diria que o fato de eu ter matado alguém te excita. Porque sua xoxota está chorando por mim, pequena guerreira.”

“Cala a boca e me fode”, sussurro, rebolando meus quadris contra a mão dele.

Ele ri baixinho, puxando minha calcinha para o lado. Ele me toca como se já tivesse feito isso mil vezes, como se já soubesse como me desfazer, como me levar ao limite.

Cada toque, cada pressão do seu corpo contra o meu, é deliberado, dominante. O som do seu cinto se soltando ecoa pelo pequeno banheiro, e eu arfo quando a cabeça grossa do seu pau pressiona minha entrada, me dilatando o suficiente para me fazer estremecer. Então, minha boca se abre num grito silencioso quando ele penetra em mim com uma estocada forte — profunda, implacável, me preenchendo completamente.

"Ai, *droga*", gemi, agarrando a borda da penteadeira com todas as minhas forças. Minhas unhas cravam no mármore frio, desesperadas por algo para me segurar, algo que me ancorasse contra a força avassaladora dele.

"Eu sabia que você conseguiria me satisfazer", ele murmura, com a voz reverente, quase incrédula. Seus dedos se flexionam contra meus quadris, possessivos, buscando se firmar, como se precisasse de algo para se agarrar antes de se perder completamente. Sua respiração falha, um gemido baixo e rouco roçando meu ouvido. "Você é muito melhor do que eu imaginava."

Uma faísca percorre minha espinha, acumulando-se na parte inferior do meu ventre. Nunca me senti tão plena, tão *tomada*. Não há hesitação em seus movimentos, nenhuma incerteza — ele me fode como se já tivesse feito isso um milhão de vezes, como se meu corpo tivesse sido feito para isso, feito para ele.

Asher nunca me tocou assim. Nunca *se moveu* assim.

Maddox não apenas pega — ele reivindica.

Suas mãos deslizam pela minha cintura, abrindo-me ainda mais, posicionando meus quadris no ângulo perfeito. E então, com uma estocada profunda e intensa, ele penetra algo devastadoramente perfeito dentro de mim — tão fundo, tão preciso, tão incrivelmente bom que um gemido sufocado escapa da minha garganta.

Uma inspiração profunda. Uma risadinha satisfeita contra meu pescoço.

"É isso aí", ele murmura, com a voz grave, suave, carregada de algo letal. "Era isso que eu queria ouvir."

Minhas coxas tremem enquanto me apoio na penteadeira, tentando me sustentar enquanto o prazer me invade, rápido e avassalador. Seus movimentos são profundos, deliberados, percorrendo cada parte sensível do meu corpo com uma precisão insuportável.

"Porra, você está me apertando tanto", ele geme, a testa caindo brevemente no meu ombro. Como se fosse demais. Como se ele mal conseguisse se manter inteiro.

Então, ele se retira lentamente, permitindo-me sentir cada centímetro dele, fazendo-me *sofrer* com a perda antes de penetrar com força e profundidade, forçando-me ainda mais para trás contra a penteadeira. O impacto envia uma onda aguda e intensa de prazer direto ao meu âmago.

Minha respiração falha. "Maddox —"

"Eu sei", ele rosna, penetrando-me novamente, com mais força desta vez, suas mãos apertando minha cintura. "Eu sei, *porra*, anjo."

Solto um suspiro quando seus dedos deslizam entre minhas coxas, encontrando meu clitóris sem hesitar. Ele não hesita. Não hesita. Apenas o circunda com precisão implacável, seus movimentos confiantes, controlados, como se já soubesse exatamente do que preciso.

E é isso que faz a diferença.

Maddox não apenas me fode, ele me lê . Me aprende. Me desmonta pedaço por pedaço como se sempre tivesse conhecido meu corpo melhor do que eu mesma.

Asher tem um pau grande, com certeza. Mas ele o usou como um mero acessório. Como se esperasse *que ele* fizesse todo o trabalho.

Mas Maddox? Maddox o *empunha* .

Ele me observa como um caçador de fraquezas, como se não fosse parar até que eu me desfça completamente. Até que ele me torne indestrutível para qualquer outra pessoa.

“Vinte anos”, ele sussurra contra meu pescoço, a voz tensa, quase dolorida.

Seus movimentos ficam mais intensos, mais urgentes, seu controle se esvaindo aos poucos. Eu consigo sentir — o jeito como ele está se descontrolando, como seu corpo treme, como seus dedos cravam um pouco mais forte na minha pele.

Mas eu não quero que ele se contenha. Quero sentir tudo.

“Já se passaram vinte anos, porra.”

Algo cru e desesperado se quebra em seu tom de voz, e o peso daquelas palavras me atinge como uma força. Ele estava faminto por isso. Por toque. Por calor. Por algo real. E agora ele está aqui, dentro de mim, e isso está o destruindo por dentro.

Então, alguém bateu à porta.

Eu congelo, meu corpo inteiro ficando rígido sob ele. Maddox não para.

"E se for o Asher?", sussurro, o pânico transparecendo na minha voz. Mas antes que eu possa sequer pensar em me afastar, a mão livre de Maddox está sobre minha boca, silenciando-me.

Seus lábios roçam minha orelha, sua voz baixa e pecaminosa. "Então eu te desafio a fazer um som enquanto ele estiver bem aqui fora desta porta."

Eu balanço a cabeça, implorando com os olhos, mas ele apenas sorri de canto, um sorriso lento e presunçoso. Ele quer isso, quer ver até onde eu vou, o quanto eu aguento. E o pior? Eu também quero.

Lá fora, a voz de Asher está abafada, confirmando meus piores temores. "Ari? Você está aí?"

Maddox pressiona ainda mais, a outra mão agarrando meu quadril, me mantendo no lugar. Tento conter o gemido desesperado que ameaça escapar, minhas unhas cravando em seus ombros.

“Não faça barulho”, ele avisa, a voz como uma lâmina contra a minha pele. “Deixe-o ficar aí parado, sem entender nada, enquanto eu te arruíno.”

Eu gemo contra a palma da mão dele, meu corpo tremendo ao seu redor. Ele sabe que estou perto do clímax. Ele consegue sentir.

Sua mão desliza da minha boca para a minha garganta, um aperto suave, me ancorando enquanto ele sussurra: "Eu sei do que você precisa. Sei como te dar tudo o que você sempre quis. E aposto que meu irmão nunca te fodeu assim."

Minha cabeça cai para trás contra o espelho, meus lábios se entreabrem sob seu aperto, e ele sente isso — o exato momento em que desisto da luta.

Eu aceno com a cabeça, rendendo-me, entregando-me completamente a ele.

"Desculpe por ter atendido a ligação, Ari." Asher solta um suspiro pesado do lado de fora da porta. "Me avise quando terminar aí dentro."

Maddox dá uma risada sombria, sem parar. "Isso mesmo, querida. Deixe-o ir embora sem saber o quanto você me pertence agora."

"Não há nenhum outro lugar onde eu preferiria estar", digo a ele sinceramente.

Porque, *caramba*, eu nunca fiz sexo assim.

Seu ritmo vacila por uma fração de segundo, como se ele estivesse lutando para se manter firme. Como se nunca tivesse sentido nada parecido antes.

Seus dentes roçam meu ombro, provocando um arrepio que percorre meus nervos. Um suspiro trêmulo escapa de seus lábios, seu corpo pressionando mais fundo, com mais força, seu controle escapando por entre os dedos.

Os dedos dele nunca param de circular meu clitóris, e quando ele pressiona com mais força, sinto meu orgasmo se aproximando cada vez mais a cada movimento. É como se ele conseguisse extrair o prazer de mim como um aspirador de pó.

"Eu não consigo —" Seu aperto se intensifica, seus quadris tremem, como se ele mal conseguisse se segurar. "Eu não vou aguentar..."

Ele estoca novamente, com mais força desta vez, e seu gemido é gutural, quase torturado. "Porra. Você sente..." Ele para de falar, como se as palavras não fossem suficientes, como se nada pudesse capturar o que este momento significa para ele.

Eu o aperto com força, o prazer se contorcendo dentro de mim como um fio desencapado. Meu corpo está em chamas, queimando de dentro para fora, mas preciso *de mais*. Preciso que ele me leve ao ápice.

Ele é *tão* bom — bom demais. Profundo, grosso, perfeito, roçando em cada parte sensível do meu corpo com uma precisão que me deixa tonta. E os dedos dele no meu clitóris... os sons obscenos de pele molhada encontrando pele molhada preenchem o ar, misturando-se com minha respiração ofegante e seus gemidos roucos...

Porra.

Suas estocadas diminuem, mas não perdem a intensidade. Cada uma delas atinge fundo, com precisão, acertando *aquele* ponto dentro de mim que envia uma onda de calor pelo meu corpo. Eu gemo, minhas coxas tremendo, meus dedos agarrando a penteadeira com tanta força que meus nós dos dedos ficam brancos.

Maddox percebe. Claro que percebe.

Uma risada rouca e satisfeita ressoa contra meu ombro. "Isso mesmo", ele murmura. "Pode pegar, anjo."

Mordo o lábio, tentando conter um grito. É demais. Não é suficiente. Meu corpo *implora* por mais.

Maddox solta um suspiro profundo, sua mão no meu clitóris diminuindo o ritmo deliberadamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, como se estivesse saboreando cada reação.

Um gemido rouco escapa da minha garganta, minha cabeça caindo contra o ombro dele.

Ele geme. "Porra, eu *adoro* esse som."

Seu toque é implacável, lento, mas devastador, enviando faíscas de prazer pelas minhas veias. Ele sabe exatamente o que está fazendo. Exatamente o que eu preciso. Seus dedos acompanham o ritmo de suas estocadas, provocando, seduzindo, me desvendando um movimento perfeito de cada vez.

Eu me arqueio contra ele, movendo os quadris, buscando-o.

"Boa garota", ele sussurra com a voz rouca, mas há algo mais áspero por baixo. Mais sombrio. Sua voz tão quebrada, tão crua de desejo, que me faz estremecer e meu estômago se contrair. "Eu sabia que você seria perfeita para mim."

Um som desesperado escapa dos meus lábios enquanto o prazer se enrosca, agudo e insuportável, apertando-se dentro de mim.

"É isso aí", murmura Maddox, quase cruel na suavidade com que diz. Sua mão então desfere um tapa forte e deliberado no meu clitóris.

Dou um pulo, um soluço abafado escapando de mim enquanto a súbita ardência se transforma em um prazer intenso.

Eu me fui.

Completamente desfeito.

"Pronto", ele rosna, arrastando as palavras pela minha pele como uma promessa. "Se entregue a mim. Dê tudo a mim."

Sua mão envolve meu pescoço, não apertando, mas o suficiente para garantir que eu permaneça exatamente onde ele quer. O peso disso me ancora, me imobiliza, mas é o desespero em sua voz que me despedaça completamente.

"Preciso que você venha comigo", ele rosna, as palavras baixas, ásperas, mal contidas. "Preciso sentir você desmoronar primeiro."

E eu concordo.

O prazer me invade como uma onda gigante, brutal e avassaladora, roubando-me o fôlego. Minhas coxas se fecham com força em torno de seus quadris, prendendo-o a mim enquanto meu corpo inteiro se curva sob a força do ato. Minhas costas se arqueiam, uma reação impotente e incontrolável, enquanto um calor incandescente explode de dentro de mim e se espalha em ondas implacáveis e avassaladoras.

Minhas paredes vibram ao redor dele, agarrando-o como um torno, puxando-o para mais fundo, exigindo mais. Um soluço escapa da minha garganta enquanto faíscas percorrem minha pele, minha visão embaçando, meus pensamentos escapando completamente do meu alcance. Minhas unhas cravam em seus ombros como se fossem a única coisa que me prende à realidade.

E é aí que ele desmorona.

Maddox rosna, um som rouco, quase torturado, e então ele me penetra com mais força, buscando o inevitável. Seu corpo treme sobre o meu, travado, desesperado. Seu pênis pulsa fundo dentro de mim enquanto ele se entrega, pulsando, se esvaziando até que eu juro que consigo sentir cada gota.

Um som profundo e dilacerante irrompe de seu peito quando ele ejacula — vinte anos de fome e necessidade desabando de uma só vez. Seu aperto é implacável, os dedos machucando, segurando-me como se, ao me soltar, eu pudesse desaparecer.

"Você é minha", ele sussurra, com a voz embargada e reverente, cada sílaba penetrando em meus ossos. "Meu anjinho perfeito. Essa é a minha garota."

Mal consigo respirar, mal consigo pensar enquanto ele pressiona a testa contra a minha, ofegando contra meus lábios. Seus elogios, sua possessividade, seu desespero — são as únicas coisas que me ancoram em meio aos tremores secundários.

E eu adoro isso.

Quando tudo acaba, quando ele finalmente se aquieta, a respiração ofegante e o corpo tremendo contra o meu, ele não se afasta. Ele simplesmente permanece ali, dentro de mim, o rosto enterrado na curva do meu pescoço, os braços me envolvendo como se soltar não fosse uma opção.

E talvez não seja.

"Porra", sussurro, sentindo o esperma dele escorrer de mim. "Você tem sorte de eu tomar pílula, seu idiota."

Maddox sorri de canto, seus dedos apertando meus quadris possessivamente enquanto ele se retira e observa seu sêmen escorrer de mim. Seu polegar desliza pela bagunça entre minhas coxas, empurrando-a de volta para dentro com uma pressão lenta e deliberada.

"Sorte?", ele murmura sombriamente, o olhar fixo no meu. "Acho que não. Se dependesse de mim, você nem tomaria a pílula." Ele se inclina, a respiração quente contra minha orelha enquanto os dedos pressionam mais fundo, garantindo que nada seja desperdiçado. "Eu te preencheria repetidamente até você estar encharcada de mim. Até seu corpo saber a quem pertence."

Um arrepio percorre meu corpo, e ele dá uma risadinha baixa e cúmplice. "E a melhor parte?" Ele roça os lábios no meu queixo, a voz pecaminosa. "Você me deixaria."

Que se dane. Eu o empurro para longe enquanto me levanto num pulo. Ele se esconde com facilidade, e assim que pego um papel higiênico para me limpar, sua mão aperta meu pulso, firme, mas sem pressa.

"Não." Sua voz é baixa, imperativa, carregada de algo sombrio e possessivo.

Eu franzo a testa, tentando me soltar do seu aperto, mas ele não me solta. "Não fazer o quê, Maddox?"

Seu sorriso é lento, deliberado. "Não limpe. Quero meu sêmen escorrendo pelas suas coxas quando você estiver sentada ao lado de Asher no nosso jantar em família."

Um calor intenso sobe pelo meu estômago, meu pulso falha. "Você está desequilibrado."

Maddox inclina a cabeça, os olhos alternando entre meus lábios entreabertos e o líquido que ainda escorre entre minhas coxas. "Talvez", murmura ele, o polegar traçando círculos preguiçosos sobre meu pulso. "Ou talvez eu só queira que você se lembre exatamente a quem pertence."

Soltei um suspiro trêmulo, e seu sorriso irônico se alargou.

"A cada passo que você der de volta para aquela mesa, a cada movimento das suas coxas, você vai me sentir." Ele se inclina para perto, sua respiração quente contra minha orelha. "E depois, quando você estiver fingindo que nada aconteceu, quero que saiba que *isso* ainda é meu."

Put a merda.

Seus dedos deslizam por baixo do meu vestido, pressionando contra meu centro, lentos, possessivos. "E da próxima vez que você tentar esquecer?" Sua voz se torna um sussurro rouco. "Eu terei que te lembrar de tudo de novo."

Um arrepio percorre meu corpo, traiçoeiro e inegável.

Me desvencilho com um puxão, meu coração disparado enquanto o encaro. "Você é um maldito desgraçado."

Maddox apenas sorri, preguiçoso e satisfeito, enquanto dá um passo para trás. "E mesmo assim, você me deixou arruiná-la."

"Vai se foder."

Ele ri. "Você já fez isso, pequeno guerreiro."

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ele se virou, destrancou a porta e me deixou ali parada, com as bochechas coradas e o sêmen dele ainda escorrendo pelas minhas coxas.

Minha respiração vem em rajadas curtas e irregulares.

O que eu fiz?

E o pior de tudo é que... não me arrependo.

Nem um pouco.

FANTASMA EM SUAS VEIAS

MADDOX

EU JAMAIS CONSEGUIRIA IR EMBORA.

Eu já sabia disso há algum tempo, mas sentada aqui nesta mesa impecável, à luz de velas, observando Asher alternar o olhar entre o lugar vazio de Ari e eu, a verdade se instala mais profundamente, criando raízes de uma forma que me enche de orgulho.

Isso nunca seria temporário, e acho que uma grande parte de mim sempre suspeitou disso.

Asher acha que a conhece. Acha que a compreende completamente, que a entende por completo, dentro da vida polida e previsível que criou para si mesmo. Mas Asher não a vê, não como eu a vejo. Não como a vi desde o início.

Ele não vê o fogo fervilhando sob a superfície, a maneira como ela se esconde atrás de sorrisos forçados e uma contenção cautelosa. Ele não vê a mulher que ela realmente é — aquela que me deixou tomá-la contra a pia, que se apertou em volta do meu pau com um pequeno gemido de impotência, que me deixou preenchê-la tão completamente que sei que ela ainda me sente agora e provavelmente sentirá por dias.

Aquela que provavelmente gosta da ideia das minhas impressões digitais machucadas nos quadris dela.

Aquela que gosta de coisas *mais intensas* e quer alguém que não a trate como um maldito cavalheiro.

O vinho na minha taça inclina-se enquanto o giro, fingindo não me importar com os comentários do meu pai sobre os frutos do mar. Não me interessa. Estou esperando.

O suave clique dos meus saltos contra o azulejo faz minha respiração diminuir, faz meu aperto em torno da haste delicada da minha taça se intensificar.

Meus olhos se voltam para Ari enquanto ela se senta em seu lugar à minha frente, sua expressão perfeitamente serena, seus movimentos fluidos. Mas eu sei que não é bem assim.

Eu vejo — eu *a vejo*.

A respiração excessivamente controlada, o rubor ainda presente em sua garganta, o jeito como seus dedos apertam o guardanapo com um pouco de força demais ao colocá-lo no colo.

Ela me sente por todo o corpo dela, assim como eu a sinto por todo o meu corpo.

A cada passo que ela dava daquele banheiro até esta mesa, a cada movimento, a cada oscilação de suas coxas — ela me sentia. Meu sêmen dentro dela, viscoso, quente e inegável.

Um fantasma meu ainda a possuindo.

Um calor intenso sobe pelos meus testículos, baixo e insistente, meu pau pulsando debaixo da mesa enquanto a imagino se contorcendo, tentando não se entregar. Tentando agir como se não estivesse louca por mim agora, no meio deste restaurante chique, ao lado do homem a quem supostamente pertence.

Asher olha para ela, provavelmente se perguntando por que ela demorou tanto no banheiro. "Você está bem?"

Ari se enrijece. Eu sorrio de canto enquanto a observo hesitar, procurando palavras, algo neutro, algo que a faça se sentir segura. Em vez disso, ela vira o copo inteiro de uma vez.

"Multar."

Dou uma risadinha enquanto bebo meu vinho.

Asher pisca. "Hum. Tem certeza?"

Ari pigarreia e pausa o copo com um tilintar. "Só estou com sede."

Estico as pernas debaixo da mesa, deixando meu joelho roçar no dela. Sutil. Possessiva. Ela inspira profundamente, mas não se afasta.

Ela aperta o garfo com força, os nós dos dedos brancos. Dou um gole lento de vinho, observando-a por cima da borda do copo. Ela está se desfazendo, pouco a pouco, aqui mesmo, nesta mesa, na frente de todos eles. E ninguém além de mim consegue ver.

Essa é a melhor parte de tudo isso.

Asher continua, alheio a tudo, falando sobre algum cliente, algo banal, algo que não importa porra nenhuma. Não me interessa. Mal consigo ouvi-lo.

O garfo dela raspa no prato quando me mexo, devagar e com cuidado, para garantir que ela me sinta. O jeito como ela segura a borda da mesa com a outra mão, como se precisasse de algo — qualquer coisa — para se agarrar.

Recosto-me na cadeira, casualmente, esticando os braços atrás da cabeça. Eu poderia dizer alguma coisa. Eu poderia arruiná-la agora mesmo, bem na frente de todos.

Eu poderia murmurar algo só para ela.

Algo sobre a forma como ela me acolheu bem.

Tem algo a ver com o fato de eu ainda estar dentro dela.

Em vez disso, me conformo com isso — essa destruição lenta e silenciosa.

Ela solta o ar, trêmulo e irregular. E eu não consigo evitar sorrir.

Ela sabe disso. Não estou apenas a incomodando agora, ou sendo algo que ela possa justificar como um pesadelo ou uma paquera inofensiva.

Eu me aprofundei, me infiltrei em seus ossos, deixei uma marca que nenhum homem jamais apagará.

E agora, a cada passo, a cada respiração, a cada movimento lento e dolorido de suas coxas, ela sente isso.

identifico com *isso* .

Um lembrete de que ela já foi reivindicada da maneira mais implacável.

LEMBRETES FANTASMA

ARI

ACORDO na manhã seguinte com a pele ardendo. Tudo parece usado e machucado, mas da melhor maneira possível. Quando penso no que Maddox e eu fizemos, meu corpo inteiro vibra com os resquícios da noite passada. A lembrança de suas mãos, sua boca, sua *reivindicação*, permanece em meus ossos.

Me mexo debaixo das cobertas e sinto. A sensibilidade entre minhas coxas. A dor que ele deixou como uma marca. Aperto as pernas e minha respiração falha com a sensibilidade, com a lembrança inegável do que fizemos. Como é possível que eu já esteja pronta para mais?

Eu deveria me sentir culpado, mas não me sinto.

Eu me espreguiço preguiçosamente, expirando lentamente, meu corpo ainda formigando com as vibrações residuais dele. Quando termino, levanto-me da cama devagar.

Sinto como se tivesse corrido uma maratona, o que é engraçado porque há alguns anos cheguei à conclusão de que não tenho resistência para ser corredor.

Enquanto me olho no espelho do banheiro, minha mão desliza distraidamente pela minha barriga, subindo até o meu pescoço —

E aí eu congelo.

Uma leve contusão. A contusão *dele*.

Respiro fundo, meus dedos traçando a marca enquanto um calor se alastra pelo meu estômago. Uma marca, uma lembrança silenciosa de como ele me tocou, de como sussurrou meu nome como se fosse a única coisa em que acreditava. Eu deveria sentir vergonha. Deveria estar em pânico. Em vez disso, sinto-me possuída.

E eu não odeio isso.

Uma batida na porta me assusta. Puxo minha camisola para cima para cobrir o hematoma, meu pulso acelera enquanto pigarreio e saio do banheiro.

"Sim?"

A porta se entreabre o suficiente para Asher entrar, com uma caneca de café na mão.

"Bom dia", diz ele suavemente, oferecendo um pequeno sorriso enquanto atravessa a sala. "Achei que você poderia usar isto."

A culpa me atinge com tanta força que quase me sufoca. Não porque eu me arrependa de Maddox, mas porque não me arrependo. Asher me fez café, e eu estou aqui admirando os hematomas que o irmão dele deixou na minha pele.

"Obrigada", murmuro, pegando a xícara de suas mãos estendidas. Meus dedos roçam brevemente nos dele. E penso em quando começamos a namorar — se *alguma vez* senti uma faísca entre nós. Mas... não. Não senti. E agora? Não há calor. Apenas um vazio oco que não consigo ignorar.

Ele se senta na beirada da cama, com uma expressão cansada. Como se estivesse se forçando a estar presente. "Você sumiu cedo ontem à noite." Sua voz é cautelosa, e o tom é definitivamente mais observador do que afetuoso. "Está tudo bem?"

Forço um pequeno sorriso, levando o café aos lábios para ganhar tempo. "É, eu só estava cansada."

Ele acena com a cabeça, mas há algo de derrotado no jeito como desvia o olhar. É como se ele soubesse. Soubesse que, não importa quantas xícaras de café ou desculpas tardias ele ofereça, eu já o deixei — só ainda não dissemos isso em voz alta.

Há uma breve pausa enquanto seus olhos azuis examinam meu rosto, e meu coração dispara quando seu olhar desce até meu pescoço.

"Eu não contei aos meus pais sobre nós." Seu olhar percorre meu corpo, buscando algo, mas, por sorte, ele não percebe o pequeno hematoma. "Mas quero que você saiba que espero que possamos ser amigos. Você ainda significa muito para mim, Ari."

Engulo em seco, apertando a caneca de café com mais força. Talvez algo nele pressinta a mudança, a ruptura que se alastra entre nós.

"Claro", minto. "Mas devemos contar a eles em breve."

Ele acena com a cabeça. "Certo. Contarei a eles quando todos estiverem em casa. Não quero nenhum drama no nosso último dia, sabe?"

Eu sorrio. "Claro."

Ele coça a nuca. "Bem, meu pai fez o café da manhã, se você quiser descer. Já são quase onze horas", acrescenta, dando-me um sorriso irônico.

Meus olhos se arregalam. "Caramba, não me dei conta de que dormi até tão tarde."

Ele se levanta. "Você devia estar precisando disso."

Concordo plenamente.

Com outro sorriso terno, ele me deixa sozinha para trocar de roupa e vestir mais uma peça que Maddox escolheu para mim. Hoje, é um macacão verde-escuro de seda, com amarração na cintura, shorts fluidos, decote coração e mangas esvoaçantes. Me sinto muito feminina, e apesar de ter trocado de roupa íntima, ainda não tomei banho — então o cheiro de Maddox continua bem presente. Estou com *o cheiro* dele, e o pior é que não quero me livrar dele.

Passo um pouco de perfume no pescoço e saio do quarto.

Quando desço as escadas, a cozinha está repleta de conversas tranquilas. O aroma de café e croissants recém-assados paira no ar, mas não sinto a menor vontade de comer.

Hannah sorri ao me ver. "Bom dia, querida. Dormiu bem?"

Antes que eu pudesse responder, Maddox falou. "Ela parecia satisfeita depois do jantar", ponderou, girando a xícara de café preguiçosamente, sem nunca desviar o olhar do meu. Algo parecido com orgulho brilhou em seu rosto. "Deve ter sido uma refeição satisfatória se ela dormiu por quatorze horas", disse ele arrastado, com os olhos azuis fixos nos meus, demonstrando conhecimento.

Eu me engasgo com o gole de café.

Asher franze a testa, alternando o olhar entre nós. "Tenho certeza de que Ari não precisa que você repare em cada detalhe dela."

Se Asher soubesse...

Maddox sorri, mordendo o lábio inferior enquanto se inclina para a frente. "Eu teria que estar morto para não notá-la, Asher", murmura ele.

Eu o odeio.

E, de qualquer forma, odeio como meu estômago se revira com as palavras dele.

Eu me obrigo a sentar, ignorando o jeito como o joelho de Maddox roça no meu por baixo da mesa, o calor do seu corpo penetrando na minha pele.

Estou quase terminando de engolir uma torrada quando Maddox se levanta. Ele vai até o balcão e pega algo que não consigo identificar, algo verde e azul e pequeno. Colocando ao lado do meu prato, eu congelo, meu estômago revirando enquanto olho para baixo —

Uma flor.

Uma *miosótis*.

Não toco, não reajo, mas meu pulso lateja nos meus ouvidos.

Meu celular vibra na mesa e eu quase dou um pulo. Desvio o olhar da flor, lançando um olhar rápido ao redor. Asher está concentrado nos pais, concordando com a cabeça enquanto Hannah discute os planos do dia. Ninguém está prestando atenção em mim. Ninguém vê a guerra que se trava sob a minha pele.

Baixo o olhar para a tela.

(858) 667-9960

Não preciso te lembrar, preciso?

Um tremor lento e involuntário percorre meu corpo. Meu pulso falha. Levanto os olhos e Maddox já está me encarando, sua expressão indecifrável, os dedos agarrados ao celular como se tivesse todo o tempo do mundo.

Sinto um arrepio de calor na nuca.

Eu me obrigo a tomar um gole de café, meus dedos apertando a cerâmica.

Meu telefone vibra novamente.

(858) 667-9960

Você está pensando na noite passada. Agora mesmo. Mesmo com ele sentado bem ao seu lado.

Uma inspiração brusca se prende na minha garganta. Meu corpo inteiro se tensiona. Levanto os olhos rapidamente, mas Maddox já está olhando para o lado, com uma expressão serena e uma postura casual. Como se não tivesse acabado de vasculhar minha mente e dissecar meus pensamentos com precisão cirúrgica.

Asher inclina-se ligeiramente para a frente, alheio à tensão que me mantém imóvel.

"Você está bem?"

Engulo em seco, forçando um aceno de cabeça. "É. Acho que preciso tomar um banho."

Hannah sorri gentilmente. "Bem, hoje deve ser um dia agradável e relaxante. Um dia perfeito para ir à praia. E esta noite, faremos uma fogueira. Não acredito que seja a última noite", acrescenta, sorrindo calorosamente para todos nós.

"Parece perfeito", respondo, afastando o prato enquanto me levanto.

Meu telefone vibra novamente.

(858) 667-9960

Você realmente deveria descansar mais, anjo. Você vai precisar.

Sinto o olhar de Maddox me seguir enquanto saio da cozinha, a excitação percorrendo a base da minha espinha.

A flor *miosótis* permanece sobre a mesa.

O FANTASMA ESPERA

ARI

O SOL DA TARDE brilha contra o cintilante Oceano Pacífico, lançando uma luz dourada na sala de estar. A casa está repleta de movimento enquanto eu saboreio meu vinho, e fico aconchegada no sofá com meu Kindle. Estou cansada do sol, mas de alguma forma me sinto... satisfeita.

Hannah e Otto já estão fazendo planos para a noite, debatendo os detalhes práticos de acender uma fogueira na praia. É a última noite antes de todos voltarmos à realidade, e embora eu devesse sentir algum tipo de desconforto com o que aconteceu aqui, não consigo me preocupar.

Minha realidade já mudou, quer eu goste ou não.

Estou quase... aliviada. Depois de hoje à noite, não precisarei mais fingir.

E Asher parece saber disso também.

Ajudo Hannah a carregar dois pedaços grandes de madeira até a praia, e os outros nos seguem. Depois de oferecer ajuda e sermos recusados, Otto, Maddox e Asher começam a empilhar a madeira e a usar os pedaços maiores para formar a estrutura externa e alta da fogueira. Hannah está ocupada ditando onde cada pedaço deve ser colocado, e eu me sento de costas, observando tudo acontecer.

Assim que Otto acende a parte de baixo, o resto pega fogo rapidamente, graças ao vento quente. Asher me oferece uma cerveja e se senta ao meu lado, enquanto Maddox se senta mais perto da margem com os pais. Eles parecem estar em uma conversa profunda, e é a primeira vez que sinto que realmente quero a atenção de Maddox.

Que irônico.

"Ei", diz Asher suavemente.

Viro-me para encará-lo, sentindo a gravidade do seu olhar. Ele me estuda como tem feito o dia todo. Como se eu estivesse fora de seu alcance, como se ele estivesse se agarrando a algo que está lentamente escapando de suas mãos.

"Ei."

Ele solta um suspiro profundo. O silêncio se estende entre nós, quebrado apenas pelo som rítmico das ondas quebrando na costa e pelo crepitar da fogueira.

"Você era feliz? Comigo, quero dizer." Sua voz é quase *inaudível*. As palavras são suaves, mas atingem como um soco. Meu estômago se revira, meu pulso acelera. Encaro o horizonte, sentindo a brisa do oceano acariciar minha pele, e digo a única coisa que consigo.

"Eu estava... no começo."

Asher fica rígido ao meu lado, mas eu não olho para ele. Não consigo.

O vento muda de direção, trazendo consigo o som distante da risada de Hannah. Asher solta um suspiro profundo, esfregando a nuca. Quando fala novamente, sua voz está mais baixa, com um tom que soa muito como uma derrota silenciosa.

"Sinto que tentei várias vezes fazer isso dar certo, mas simplesmente não funcionou. Não importa o quanto eu me esforçasse."

Mordo a parte interna da minha bochecha, engolindo a reação brusca que ameaça surgir.

Mas será que ele tentou? Porque tudo o que eu vi foram palavras sem ação. Promessas vazias. Gestos tímidos depois que o estrago já estava feito. Ele ouviu, claro, mas nunca me escutou de verdade. E talvez por muito tempo, eu tenha fingido que isso bastava. Que se eu tivesse paciência, se eu ficasse quieta, as coisas mudariam magicamente.

Mas eles nunca o fizeram.

Minha garganta se fecha. Aperto meus dedos na areia quente como se isso pudesse me dar firmeza.

Quero negar. Devo negar.

Porque, sim, Maddox faz parte disso. Sua atenção, seu toque, o jeito como ele me vê, tudo está envolvido nessa confusão.

Mas ele não é a única coisa. Nem de longe.

Esse desmoronamento silencioso entre mim e Asher começou muito antes de Maddox sequer pôr os pés naquela casa de praia. As ligações perdidas. Os jantares distraídos. O jeito como ele nunca realmente ouvia quando eu dizia o que queria.

Talvez Maddox tenha sido apenas a faísca.

Talvez... eu já tivesse partido antes mesmo de Maddox me tocar.

Mesmo assim, só de pensar nisso meu estômago se revira. Uma sensação gélida de pavor me invade. Essa coisa entre Asher e eu... acho que vem se dissipando há meses. Nós simplesmente a ignoramos, ambos confortáveis demais, relutantes demais em encarar a verdade.

E agora, não resta nada a ignorar.

Viro-me para encará-lo, com o peito apertado. "Não quero te machucar."

Ele me dá um sorriso pequeno e resignado, mas não há mágoa real nele — apenas aceitação. "Acho que você está sofrendo há algum tempo", diz ele baixinho. "E talvez eu estivesse confortável demais para perceber. Ou talvez eu simplesmente não quisesse." Ele solta um suspiro superficial. "Tivemos bons momentos juntos, Ari."

Uma pontada aguda me atinge as costelas. Estendo a mão para ele, apertando-a suavemente, e pela primeira vez em muito tempo, não estamos fingindo.

Nós dois sabemos como isso termina.

Ele suspira, passando a mão livre pelos cabelos antes de olhar para mim, examinando meu rosto. "E agora?"

Engulo em seco, olhando para a água. "Não sei", sussurro.

Asher me encara, algo indecifrável passando pelo seu rosto. "Acho que vamos para casa e resolvemos isso lá."

Não é dramático. Não é uma briga. Não é uma explosão de emoções.

O que, suponho, é exatamente como todo o nosso relacionamento. Seguro. *Estável*. Sem paixão ou drama de verdade. Simplesmente... é.

Quando levanto os olhos em direção à fogueira, eles se deparam com uma figura familiar encostada nas mãos, me observando.

Ele não se move, não reage, não tenta intervir.

Ele não precisa.

Porque ele sabe que Asher está me dispensando.

Meu estômago se revira de borboletas traiçoeiras só de pensar no que ele fará agora que oficialmente não estou mais ligada ao irmão dele.

E aí, instantaneamente, me sinto culpado por ter pensado isso, então peço outra cerveja e tento afogar meus nervos no álcool.

TOCADA PELO FANTASMA

MADDOX

A BATIDA na minha porta mais tarde naquela noite é suave. *Hesitante*. Como se ela não tivesse certeza se deveria estar ali.

Talvez... se ela cruzar esse limite, não haja volta. Porque não há mesmo. Pelo menos não de verdade.

Não respondo imediatamente. Saboreio o calor do momento. O jeito como ela veio *até mim* desta vez, como se soubesse que teria que dar o primeiro passo.

Saindo da cama vestindo apenas calças de moletom pretas, abro a porta devagar.

Ari está de pé sob a luz fraca do corredor, recém-saída do banho, com os longos cabelos úmidos levemente ondulados nas pontas. Ela veste apenas aquela camiseta larga que minha mãe lava para ela todos os dias, a barra roçando o meio da coxa, e suas pernas nuas estão lisas e bronzeadas pelos dias passados sob o sol de Malibu.

O olhar dela encontra o meu, e, caramba, agora é diferente. É aberto, vulnerável e... algo que faz meu corpo inteiro vibrar de desejo. E não apenas fisicamente, mas com tudo o que tenho. Tudo o que estou disposto a lhe dar, que é cada pedaço da minha alma.

Não há mais desafio, não há mais resistência, não há mais fingimento. Ela já tomou sua decisão. Vejo isso estampado em seu rosto.

Mas ainda assim, ela hesita. Há uma pequena parte dela que ainda está insegura.

"Eu... eu só queria conversar", diz ela, com a voz quase num sussurro.

Eu me encosto no batente da porta, cruzo os braços sobre o peito e deixo meu olhar percorrer seu corpo, lento e deliberado. "Sim?"

Ela acena com a cabeça, entrelaçando os dedos como se estivesse se preparando para algo. "Preciso dizer isso antes que qualquer outra coisa aconteça."

Antes que qualquer outra coisa *aconteça*.

Meu sorriso é preguiçoso, divertido, mas por baixo dele, meu pulso já está acelerado. "Continue."

Sua garganta se move enquanto ela engole em seco. "Preciso de tempo, Maddox. Essa coisa entre nós é enorme. É mais intensa do que qualquer coisa que eu já tenha experimentado. E eu só..." Ela solta um suspiro profundo, desviando o olhar. "Preciso me entender primeiro."

Sinto queimação no peito.

Mas eu não discuto. Eu *sabia* que isso ia acontecer. Sabia que não seria simples, que ela precisaria lidar com o peso do que somos, especialmente agora que Asher não está mais presente.

É claro que perguntei ao meu irmão sobre o que eles conversaram na fogueira mais cedo. E embora eu saiba que nunca mais seremos próximos, acho que ele apreciou o fato de eu ter perguntado se ele estava bem.

E agora Ari está tentando fazer a coisa certa.

O problema é que eu não dou a mínima para o que é certo.

Eu me importo com *ela*.

Observo-a por um longo instante, deixando o silêncio se instalar entre nós, denso e pesado. Então, dou um passo para trás, abrindo a porta mais.

"Entre, anjo."

Ela hesita.

Ergo uma sobrancelha. "A menos que você ache que ficar aqui parada vai facilitar as coisas."

Seus lábios se entreabrem, algo brilha em seu olhar, e então ela entra. Fecho a porta atrás dela, trancando-a. O quarto está escuro, apenas a tênue luz da lua vaza pelas portas da varanda, projetando longas sombras pelo chão. Ela caminha em direção ao centro do quarto, braços cruzados, como se estivesse tentando se manter firme.

"Você quer tempo", digo, aproximando-me. "Eu entendo." Ela se vira, nossos olhares se encontrando. Minha voz fica mais baixa, rouca. "Mas eu não sou um homem paciente, pequena guerreira."

Ela inspira profundamente, com os olhos arregalados.

Continuo. "E eu te conheço", murmuro, meus dedos deslizando pelo seu braço, levemente, provocantes, mas possessivos. "Eu sei como seu corpo reage a mim. Sei que você ainda me sente dentro de você agora, não importa o quanto tente lutar contra isso."

Um suspiro trêmulo escapa de seus lábios.

Inclino a cabeça. "E eu sei que você não veio aqui apenas para conversar."

Ari cerra os dentes, mas consigo ver sua determinação vacilar.

Então eu insisto. "Diga-me", murmuro, aproximando-me ainda mais, nossos corpos quase colados. "Diga-me que você não me quer, aqui e agora, e eu darei um passo para trás e observarei você ir embora."

Ela prende a respiração. Estendo a mão, roçando meus nós dos dedos na lateral de sua garganta, sentindo seu pulso acelerar. Ela é *tão* sensível ao meu toque. Sempre foi. É viciante observar como ela reage sob meu olhar atento. Nunca me cansarei disso.

"Diga-me, Ari", sussurro. "Dou-te todo o tempo que precisares. Vou parar com as cartas, com as mensagens. Vou esperar. Porque, embora seja divertido brincar contigo, quero que te entregues por *completo*. Preciso que estejas. Porque eu estou. Quero isto, e ti, para sempre. Decidi isso antes mesmo de te conhecer. Então..." Ergo uma sobrancelha, à espera.

"Isso não é justo", ela sussurra, alternando o olhar entre o meu e o dela. "Você, parada aqui, com essa cara de..." Ela engole em seco, sentindo a garganta delicada se mover.

"Como eu disse, não sou um homem paciente", digo a ela, minha voz um ronronar rouco. "Mas não faço nada pela metade", termino, minha voz baixa e firme. "Se você quer segurança, se você quer facilidade, você já teve isso. Comigo? É tudo o que há de feio e real. É caos e paixão. É intenso, mas é *real*. Eu quero você por inteiro, e não apenas as partes polidas ou palatáveis. Quero cada respiração, cada hematoma, cada pedaço quebrado que você tenta esconder. Eu quero tudo."

Faço uma pausa, meu polegar roçando seu pulso novamente, saboreando a batida frenética sob sua pele. Só de saber que minhas palavras estão surtindo efeito nela...

"Eu vou esperar", murmuro, agora mais baixo, mas não menos convicto. "Mas quando você vier até mim, Ari... tem que ser com todo o seu coração. Porque uma vez que você for minha, acabou. Sem volta. Sem fingir que isso não aconteceu. Sem fingir que eu não possuo cada parte de você."

Seus lábios se entreabrem como se ela quisesse discutir, como se *precisasse*. Mas ela não discute. Porque sabe que estou certo. O silêncio é denso e carregado. Por um segundo, uma insegurança surge por trás de seus belos olhos castanhos, e algo se quebra em meu peito.

Não sou um homem inseguro. Conheço o meu valor. Mas a Ari? Ela me faz sentir como se eu estivesse constantemente caminhando na corda bamba sem nenhuma rede de segurança embaixo de mim.

Porque, por mais confiante que eu esteja — por mais *certa* que eu esteja —, sei que uma palavra dela poderia me destruir. Ela é a única coisa que eu não planejei, não de verdade. Não *assim*. Ela é o caos que eu não vi chegar, a tempestade que eu pensei que poderia domar, mas agora? Eu não quero. Eu só quero ficar no meio disso e *queimar*.

Ela engole em seco novamente, o olhar desviando-se para minha boca como se estivesse pensando em me beijar. Como se estivesse se lembrando *exatamente* do meu gosto.

E talvez, só talvez, ela esteja finalmente percebendo o que eu sempre soube.

Nós não temos paz, ela e eu.

Temos *incêndio*. Temos *ruína*.

Nós nos entendemos.

Dou um passo à frente, minha voz se tornando algo desarticulado, quase desumano. "Diga a palavra. Mande-me recuar, e eu recuarei. Mas se não disser? Vou te beijar como se fosse a última coisa que eu faria na vida."

Ela inspira, trêmula. Seus lábios se entreabrem, e então ela fica na ponta dos pés enquanto sua boca se choca contra a minha.

Não é algo suave. Não é algo hesitante. É tudo aquilo que temos reprimido, tudo aquilo contra o que lutamos, tudo aquilo a que nos negamos durante tempo demais.

Eu gemo em sua boca, minhas mãos encontrando seus quadris, puxando-a contra mim com tanta força que ela solta um suspiro.

E que se dane *isso*.

Era isto que eu estava esperando.

Chega de joguinhos. Chega de fingir.

Só *nós*.

Eu a giro, pressionando suas costas contra a beirada da cama, meus lábios percorrendo seu maxilar, descendo por sua garganta, mordiscando, saboreando, *reivindicando*.

Suas mãos se enroscam em meu cabelo, as unhas arranhando meu couro cabeludo enquanto ela inclina a cabeça para trás, expondo seu pescoço para mim.

"Era o que eu pensava", murmuro contra sua pele, minha voz rouca e tensa.

Ari estremece. Agarro a barra da sua camiseta, puxando-a por cima da cabeça, expondo a pele lisa e nua e os mamilos arrebitados. Gemei, passando as palmas das

mãos pelas suas costelas, pela cintura, por cada centímetro dela que minhas mãos conseguiam alcançar.

"Você é minha agora", rosno, empurrando-a para a cama e rastejando sobre ela. "Está me ouvindo?"

Sua respiração falha, mas ela acena com a cabeça. Eu adoro como ela se submete a mim — ardente durante o dia e suave como seda sob mim quando se entrega. É *lindo demais* ver aquele fogo nela se apagar o suficiente para se transformar em algo completamente diferente. Algo cru. Vulnerável. *Meu* .

Porque é exatamente isso. A rendição dela não é fraqueza, é confiança. É ela saber, lá no fundo da alma, que eu nunca vou tirar mais do que ela está disposta a dar. Que eu só vou destruí-la da maneira que ela quiser. Que eu vou dar a ela *tudo o* que ela nem sabia que precisava.

Eu me inclino, beijando sua clavícula, mordendo suavemente enquanto murmuro contra sua pele: "Agora você é minha, anjo. E nunca vou te soltar." Meus dedos deslizam por sua barriga, entre suas coxas. *Droga, ela está tão molhada.* Meu pau pulsa enquanto passo delicadamente meu dedo médio por sua fenda antes de inseri-lo dentro dela. "Diga, Ari."

Ela geme, seus quadris se elevando, seu corpo ansiando pelo meu toque enquanto ela inclina os quadris contra minha mão.

E então, tão incrivelmente suave que quase sinto falta disso —

"Sou sua."

Meu coração para de repente.

Encosto minha testa na dela, meus dedos se contraindo contra sua vagina. Ela *está falando* sério. E pela primeira vez em vinte anos, percebo — finalmente *venci* .

Mas antes que eu possa responder, ela acaricia meu rosto, seu toque suave. E as palavras escapam antes que eu possa impedi-las.

"Elaine teria adorado você."

Ari permanece imóvel sob mim. Não sei por que digo isso. Talvez porque ela deva saber. Talvez porque ela mereça compreender a profundidade do que acabou de me proporcionar.

Não espero que ela responda. Mas então seus dedos percorrem meu queixo, tão levemente, tão incrivelmente *cuidadosos* .

"Desculpe", ela sussurra.

E isso me destrói completamente. Porque ela também sente isso de verdade.

Eu a beijo devagar... profundamente. E desta vez, não se trata de reivindicar, tomar ou provar nada.

E, caramba, isso é a coisa mais assustadora de todas.

Os dedos de Ari se enrolam em meu queixo, me mantendo ali, seus lábios se entreabrindo em um suspiro suave que é uma mistura de rendição e necessidade. Ela tem gosto de confiança, de fogo e doçura entrelaçados. Minha mão livre desliza pela sua lateral, reaprendendo o mapa do seu corpo agora que tudo mudou — agora que ela é minha em mais do que apenas as formas que eu tomei.

Ela se inclina para mim, soltando um suspiro suave enquanto pressiono a palma da minha mão contra o seu peito, bem em cima do coração.

"Sente isso?", sussurro. "Agora é meu."

Seus olhos se abrem, arregalados e brilhantes. "Você já tinha isso."

As palavras me deixam sem ar, mas dou uma risadinha. "É mesmo?"

Ela solta uma risada abafada. "Você realmente não me deu escolha."

Sorrindo, encosto minha testa na dela, inspirando seu perfume, tentando entender o que diabos ela está fazendo comigo. E talvez seja esse o ponto — não há lógica alguma neste quarto entre nós.

Deslizo minha mão livre para baixo, lenta e reverentemente, até abrir suas pernas e pressioná-la ainda mais contra a cama. Ela se ajeita no colchão e eu afasto seus joelhos enquanto deslizo por seu corpo. Sem dizer mais nada, inclino-me e a cheiro, gemendo com seu doce aroma. Antes que ela possa protestar, inclino-me para a frente e pressiono minha língua contra seu clitóris, deliciando-me com a forma como isso a faz estremecer.

"Porra, Maddox —"

Um segundo depois, acrescento um segundo dedo dentro dela e os enrolo enquanto roço minha língua em seu clitóris inchado. Não sou delicado — mordo, belisco e chupo. Não me barbeei esta manhã, então tenho certeza de que minha barba por fazer arde enquanto a devoro. Mas ela não parece se importar. Ela arqueia as costas enquanto continuo, e quando solta três suspiros trêmulos e rápidos, agarrando meu cabelo, enfio meus dedos nela com mais força.

Meu Deus, que sons infernais...

Sinto meu pau lubrificando enquanto a levo ao clímax. Vê-la se desfazer sob meu toque é viciante, e preciso manter meus quadris imóveis para não gozar nas calças de novo.

As coxas de Ari se tensionam ao redor da minha cabeça, sua boca se entreabrindo em um gemido suave e trêmulo enquanto a fodo ritmicamente com meus dedos, lendo seu corpo como se fosse uma escritura. Ainda bem que meu quarto fica nos fundos da casa, longe de todos os outros — senão eu teria que pedir para ela ficar quieta. Sua respiração falha a cada vez que circulo seu clitóris com a língua, seus quadris me perseguindo, tentando me puxar para mais perto.

Seus dedos percorrem a minha nuca, as unhas arranhando a pele. "Maddox", ela sussurra, desesperada. "Por favor. Estou tão perto."

Eu me levanto e me posiciono sobre ela, com o olhar fixo no dela. "Eu sei", murmuro. "Você não precisa perguntar."

Tiro os dedos e rapidamente os chupo. Ela me observa com os olhos semicerrados, as pupilas quase negras enquanto eu encaro sua fenda úmida. Os cachos escuros ficam tão bonitos em contraste com sua pele dourada, e eu sei que sua vagina ficará ainda mais bonita com meu esperma escorrendo dela em breve.

Ao tirar as calças, dou umas boas palmadas no meu pau antes de subir em cima dela. Ela é tão pequena comparada a mim, e eu me sinto enorme em cima dela. Alinhando meu pau, franzo a testa.

“Ari —”

“Pode pegar, Maddox. Você sabe que quer.”

Solto um suspiro irregular enquanto pressiono a cabeça do meu pênis contra a entrada dela. Ela arfa quando penetro, e começo a tremer com toda a reverência de um homem que encontra seu lugar. Ela ofega, suas pernas se enrolando instintivamente em meus quadris. Lentamente, penetro centímetro por centímetro, sua boca se abrindo quando estou completamente dentro dela.

“*Foda-se*, pequeno guerreiro.”

“Eu te disse”, ela debocha, com um sorriso malicioso enquanto eu me afasto, admirando como meu pau está lubrificado com a excitação dela.

Nos movemos juntos, devagar no início, deixando a paixão crescer, deixando-a arder. Beijo cada parte dela que consigo alcançar — seu pescoço, seu queixo, seus lábios, seu ombro — como se minha boca pudesse compensar todos os meses que passei sonhando com este momento.

Vou ter que desenvolver uma tolerância para transar com ela, porque agora estou a segundos de gozar. Ela é boa demais, como se tivesse sido feita para mim. O jeito que a buceta dela me aperta, o calor forte e intenso, a sensação do corpo dela sob o meu, a sensação dos mamilos castanho-claros dela enquanto brinco com eles, a expressão no rosto dela quando eu a penetro com força —

Sim.

Ela é a minha droga pessoal, e eu nunca vou conseguir ter o suficiente.

Principalmente quando consigo sentir o perfume dela, sabendo que ela sempre carrega um pedacinho de mim...

Vou contar isso a ela.

Um dia.

Ela crava os calcanhares nas minhas costas, ofegando enquanto eu penetro mais fundo. Seu corpo treme, ondulando ao meu redor, tão perfeito que acho que vou perder a cabeça.

“Olhe para mim”, digo com a voz rouca, afastando uma mecha de cabelo de sua bochecha. “Venha comigo, anjo.”

Sua boca se abre quando a penetro com força. Meu aperto marca seus quadris, meu ritmo implacável, obsceno. O ar está denso de suor, pele e desejo. A cama geme sob nós, e apesar de estarmos longe dos outros, uma parte doentia e primitiva de mim *espera* que alguém ouça a brutalidade com que a estou tomando, quer que ouçam o estalo úmido da carne e o quão selvagem eu fico com ela apertada em mim.

Estou perdendo o fio da meada de quem eu sou. Neste momento, não sou nada além de nervos à flor da pele e necessidade, a segundos de me despedaçar dentro dela.

Podem até alienígenas descer do teto e eu não daria a mínima. Tudo em que consigo pensar é na sensação de estar dentro dela, apertada, quente e incrivelmente molhada. A cada estocada, suas paredes se contraem ao meu redor, me puxando para mais perto do limite, me ordenhando como se seu corpo já soubesse que meu lugar é ali.

É o céu e o inferno, o jeito como ela me envolve. Seda quente e calor úmido, o tipo de prazer que percorre minha espinha e faz minha visão escurecer nas bordas. Meus

testículos estão tensos, dolorosamente contraídos, meu corpo inteiro enrolado como um fio desencapado. Sinto cada tremor dela, cada suspiro, gemido e suspiro desesperado enquanto ela se contrai novamente — *tão perto*.

Cerrei os dentes, os quadris se movendo com mais força agora, buscando a onda de adrenalina que cresce no meu estômago como uma explosão prestes a detonar.

"Porra, Ari", rosno, minha voz embargada. "Você é tão gostosa, tão apertada, eu —"

Ela geme, tremendo sob mim, seus dedos arranhando meus ombros enquanto eu a penetro repetidamente, mais fundo, mais forte, cada estocada uma promessa de que nunca mais a deixarei desejando nada.

Suas mãos deslizam para o meu cabelo, puxando, ancorando. Seu corpo se arqueia sob o meu, os quadris se elevando ao encontro de cada investida como se ela estivesse tão desesperada quanto eu — *tão destruída quanto eu*.

Encosto minha testa na dela, nossas respirações se misturam, nossos corpos se entrelaçam, a pele úmida de suor. Estou ali, *tão perto* de perder a cabeça de novo.

"Toque-se", eu rosno, minha voz rouca como se não houvesse amanhã. "Quero que você venha comigo."

Seus olhos tremulam, os lábios entreabertos, e ela obedece sem questionar, seus dedos deslizando entre nós, encontrando seu clitóris. Só a visão já me descontrola.

"Boa garota", sussurro, cerrando os dentes enquanto suas paredes internas começam a vibrar, me puxando para mais fundo. "Isso mesmo, anjo. Deixe-me sentir você."

Suas costas se arqueiam.

Sua boca se abre em um grito silencioso.

E então ela se desfaz.

Ela chega com força, seu corpo se convulsionando ao meu redor, gritando meu nome como se fosse uma oração e uma maldição ao mesmo tempo. Um calor repentino, rítmico e úmido arranca um som rouco da minha garganta. Sinto como se estivesse sendo engolida por inteiro, apertando a cada pulsação até que mal consigo me segurar. Meus músculos se contraem, cada centímetro do meu corpo se tensiona, queimando com a pressão, a necessidade. É cegante — aquela fração de segundo antes do clímax, quando estou presa entre a agonia e o êxtase, e tudo o que sei é ela.

Isso me tira completamente do sério.

Eu a penetro com força uma última vez, gemendo seu nome enquanto gozo — quente, profundo, cru — cada gota jorrando dentro dela enquanto meu corpo se contrai, o prazer me invadindo como uma onda gigante. Meu pau pulsa dentro dela, duro e rápido, preenchendo-a com tudo o que tenho. Eu a satisfaço lentamente, penetrando mais uma, duas vezes, como se eu nunca quisesse deixar seu calor. Como se eu pudesse ficar enterrado dentro dela para sempre.

E talvez eu faça isso.

Quando finalmente me acalmei, com o peito ofegante, dei-lhe um beijo nos lábios.

Afastando uma mecha de cabelo suada de sua bochecha, seguro seu rosto na palma da minha mão. "Você está bem?"

Ela acena com a cabeça, atordoada. Exausta. Radiante. "Sim", ela sussurra, e um sorriso trêmulo surge em seus lábios.

"Eu te machuquei?", pergunto, quase com medo da resposta. Não me contive, e fisicamente é tão fácil dominá-la.

"Não, você não me machucou, grandão." Ela sorri e coloca a mão na minha bochecha. "Você está bem?"

Dou uma risadinha discreta, depositando um último beijo em sua têmpora. "Pergunte-me de novo quando eu conseguir sentir minhas pernas."

Ela também ri — uma risada baixa, ofegante, genuína.

E sei, sem sombra de dúvida, que passarei o resto da minha vida perseguindo esse som.

FANTASMA NO RETROVISOR

ARI

A CASA DE PRAIA está mais silenciosa do que em toda a semana. Malas estão encostadas na porta — a minha, cheia de roupas novas, graças ao Maddox, e a Polly Pocket guardada em segurança em cima delas. A cozinha cheira a café fresco e nostalgia. Quando finalmente pego meu carregador de celular e minha bolsa, todos já estão esperando lá fora para se despedir.

Asher já está no carro, fechando o porta-malas. Quando me vê, um sorriso cansado se forma em seus lábios, mas não chega a alcançar seus olhos.

"Tem tudo?"

Eu concordo com a cabeça. "Sim."

Há um momento. Apenas silêncio. Só nós dois. E é estranho como algo tão constante ainda pode parecer tão distante.

Ele solta um suspiro, esfregando a nuca. "Acho que é um adeus."

Combinei com a Frankie para ela vir me buscar, e ela ficou super feliz em fazer isso. Imaginei que uma viagem de carro de três horas com o Asher só ia gerar mais constrangimento.

"Acho que sim." Minha voz está mais baixa do que eu pretendia.

"Espero que você encontre o que procura", diz ele. Sem amargura. Sem ressentimento. Apenas... aquele tipo de graça que dói mais do que a raiva jamais poderia.

"Espero que você também."

Não nos abraçamos. Não ficamos muito tempo juntos.

E, de alguma forma, essa parece ser a parte mais honesta de tudo isso.

Aceno para o carro dele enquanto ele sai. Hannah se aproxima de mim um instante depois. Seu sorriso é suave, como se soubesse de algo. Acho que Asher não contou para ela, mas imagino que ela saiba. Mães sempre sabem.

Ela estende a mão e me abraça forte. "Cuide-se, querida. Espero que possamos nos ver em breve."

Assinto com a cabeça, apoiando o rosto no ombro dela e engolindo o nó na garganta. "Você também."

Otto dá um tapinha no meu ombro por trás. "Não seja um estranho, tá bom?"

"Agradeço novamente por me receberem. Eu me diverti muito."

Nos abraçamos novamente e, em seguida, eles vão embora, os pneus do SUV rangendo contra a entrada de cascalho branco.

Frankie deve chegar a qualquer minuto. Me abraço, sento em cima da minha mala e aproveito o sol quente. Quando ouço a porta da frente da casa abrir, olho por cima do ombro e vejo Maddox caminhando até o carro, com os óculos de sol abaixados no nariz.

Ele não diz uma palavra. Não precisa. Ele apenas me observa como se eu já fosse dele, como se o adeus que acabei de dizer fosse a última barreira entre nós. Não há constrangimento, nada que me faça sentir que estamos prestes a nos despedir.

Depois de adormecer na cama dele ontem à noite, parece que toda a ilusão desapareceu da nossa relação. Eu o quero, e ele me quer. É simples assim. Com o Asher,

havia muita dúvida sobre se *ele ia ou não ia*. Mas com o Maddox, é como se a nossa história já estivesse escrita no universo, como se ele já tivesse decidido o nosso destino e eu não tivesse a menor chance.

Sinto que tudo o que sempre quis está se encaixando perfeitamente.

Ele larga a mochila no porta-malas do carro e depois caminha até mim. "Tem certeza de que não quer que eu a leve?", pergunta, em voz baixa.

"Tenho certeza. Obrigado pela oferta."

Maddox acena com a cabeça uma vez, mas percebo que ele não gosta. Não porque ele não confie na minha capacidade de tomar minhas próprias decisões, mas porque me deixar ir, mesmo que por pouco tempo, será um inferno para ele.

Sua mão repousa levemente no meu quadril. Só o peso dela já me faz prender a respiração.

"Me manda uma mensagem quando você voltar", diz ele, com a voz rouca.

"Eu vou."

"E aí, Ari?" Os dedos dele apertam com mais força, só um pouquinho. "Você não precisa fingir comigo. Sobre nada. Nunca mais."

Assenti com a cabeça, com a garganta apertada.

Ele se inclina, roçando os lábios na minha bochecha — quase não chega a ser um beijo, mais como um sussurro contra a minha pele. "Te vejo em breve."

Não é uma pergunta. É uma promessa.

Então ele dá um passo para trás, mas não antes de seus dedos roçarem os meus uma última vez, como se ele ainda não estivesse pronto para parar de me tocar. Como se precisasse levar consigo aquele último pedaço de mim para a estrada.

Mas, assim que se vira, ele olha para trás. "Ah, e quando você chegar em casa", diz ele, baixando a voz para aquele tom rouco e provocador, "não se esqueça de trabalhar naquela fanfic que você está escrevendo para mim."

Eu pisco os olhos. Meu coração despenca. "O quê?"

Seu sorriso irônico se alarga, claramente apreciando a expressão de espanto no meu rosto. "Não se preocupe. Eu não li. Eu jamais invadiria sua privacidade assim." Ele inclina a cabeça levemente. "Mas eu sei disso. E, só para constar? Eu acho isso foda pra caralho."

Sinto minhas bochechas arderem. Quero que o chão me engula por inteiro. "Não é... não é para você. É só..."

Ele recua antes que eu possa escapar, segurando meu pulso delicadamente. "Ei." Seu polegar roça meu pulso. "Desculpe se te constrangi. Não foi minha intenção. É sério. O fato de você ter escrito uma história tão grandiosa, com tanto coração, que as pessoas realmente se importam?" Sua voz suaviza, sincera. "Isso é incrível."

Engulo em seco, com a garganta apertada, enquanto o encaro.

"E", acrescenta ele, agora com um tom mais suave, "estou morrendo de vontade de saber o que acontece com Murtagh e Nasuada..." Ele me dá um sorriso maroto, mencionando dois personagens da minha história. Meus olhos se arregalam. "É, eu li um pouquinho. Não resisti. Você é meio famosa, sabia?"

Eu o encaro boquiaberta. "Você me procurou na internet?"

"Eu pesquisei tudo sobre você", diz ele sem qualquer remorso. "Como você acha que eu encontrei sua lista de desejos?"

Suspiro. "Psicopata", murmuro baixinho.

Ele dá uma risadinha, e seu rosto se ilumina. "Ei. Você deveria se orgulhar." Ele roça os lábios na minha bochecha novamente, desta vez com mais reverência. "Nunca tenha vergonha de ser apaixonada por alguma coisa."

E assim, sem mais nem menos, ele se afasta, me deixando ali parada, completamente desamparada — mas mais aquecida do que me sentia há muito, muito tempo.

Sou arrancada do meu devaneio pelo som de outro carro descendo a entrada da garagem. *Frankie*. Aceno para Maddox e o observo entrar no banco do motorista e ligar o carro. Sei que se eu lhe pedisse para ficar, mesmo que por apenas mais cinco minutos, ele ficaria.

Mas eu não, porque agora preciso do meu amigo.

O motor do carro de Maddox ganha vida, e eu observo o jeito como seus olhos me encaram através do para-brisa — um olhar intenso, possessivo, como se ele estivesse me memorizando novamente. Então, com um último aceno de cabeça, ele sai da garagem e desaparece ladeira abaixo.

Eu expiro, só agora percebendo que estava prendendo a respiração.

O som da porta de *Frankie* batendo me traz de volta à realidade. Ela já está na metade do caminho até mim, com óculos de sol enormes e um café gelado gigante na mão.

"Vadia!", ela grita, com um sorriso debochado e cheio de atitude. "Você parece que acabou de ter a melhor transa da sua vida."

Eu rio, o som saindo rápido demais, desfiado demais.

"Porque eu fiz."

As sobrancelhas dela se erguem acima dos óculos de sol. "Certo, não tenho certeza se as três horas de volta serão suficientes. Você precisa me contar *tudo*."

Balanço a cabeça negativamente e a puxo para um abraço, grata pelo peso reconfortante de sua presença alta e maternal.

Ao inalar o aroma familiar do seu xampu, olho para a estrada onde Maddox desapareceu, com o peito ainda palpitando.

"Isto é para você", diz ela, entregando-me o café. "Achei que você pudesse precisar."

Eu pego e engulo esse alimento vital. "Obrigada, melhor amiga. E obrigada por ter vindo de tão longe para me buscar."

"Seis horas sem filhos? É como uma recompensa."

Solto uma risada abafada e a ajudo com a minha mala. Assim que entramos no carro e voltamos para a estrada, ela estende a mão para o controle de volume e abaixa o som da música, depois me olha como se eu fosse um enigma que ela está tentando decifrar.

"Então", diz *Frankie*, batendo as unhas no volante, "vou dar um palpite. Você largou o queridinho pelo irmão dele, que já foi preso."

Eu gemi. Não tinha contado nada para *Frankie* sobre o que aconteceu nos últimos dias porque não sabia como abordar o assunto.

"Não consigo guardar nenhum segredo de você, consigo?"

"De jeito nenhum. Sou sua melhor amiga. Está literalmente no contrato."

"Tecnicamente... sim. Mas eu traí o Asher, Frankie." A culpa surge de repente, queimando meu peito. "E o Maddox é... intenso."

Ela bufa. "Você fala isso como se fosse algo *ruim*."

"É mais ou menos isso!"

Ela me olha de soslaio. "Certo, me explique isso. Ele te coagiu? Te ameaçou? Te levou para algum lugar contra a sua vontade?"

"Não. Quer dizer... talvez um pouco, mas eu queria. Tudo." Faço uma pausa. "Ele me devorou como um faminto e me fez ver Deus."

Ela ficou boquiaberta. "Meu Deus."

Eu apenas rio, e ficamos sentados em silêncio confortável por alguns segundos.

"Olha, se você está falando de um homem que é a cara do Asher, mas sabe como te agradar na cama, *tem* tatuagens e não tem um emprego chato? Ah, fala sério. Se você *não* fizesse sexo oral nele, eu teria que fazer uma intervenção."

Eu dou uma risadinha. "Senti sua falta."

Ela sorri, sem se desculpar. "Eu também senti sua falta. Falando sério, Ari... sim, você me traiu. E eu sei que isso te corrói por dentro. Mas isso não significa que você seja uma pessoa horrível, significa que você estava profundamente infeliz e não sabia como sair dessa situação."

Fico olhando pela janela, as palavras dela penetrando em mim como tinta no papel.

"Você ainda ama o Asher?", ela pergunta, agora com a voz mais suave.

"Acho que uma parte de mim sempre estará lá", murmuro. "Mas eu não estava mais *apaixonada*. Acho que eu só... me apeguei a ele porque era o que eu deveria fazer. Porque ele era uma pessoa segura."

Frankie acena com a cabeça. "Segurança nem sempre é o que você precisa, querida. Às vezes, é justamente o que te mantém presa."

Me remexo na cadeira. "Não é tão simples assim."

"Claro que sim", diz ela, pegando um croissant da sacola entre nós. "Você escolheu o irmão mais bonito, mais safado e mais perigoso. Agora você está vivendo o enredo de *todas as* fanfics que eu lia no ensino médio. Sinceramente, estou adorando."

Não consigo conter o riso que me escapa.

"Mas falando sério", ela diz entre mordidas, "eu entendo que Maddox é muita coisa. Tempo na prisão, o sorriso debochado, aquela energia de perseguidor de 'você é minha para sempre' —"

"Super intenso", murmurei, assentindo com a cabeça.

— Mas também? Aposto que ele olha para você como se fosse capaz de incendiar o mundo inteiro só para te fazer sorrir. E digo isso como alguém que se casou com um homem com uma vibe parecida, é assustador pra caramba. Mas também é a coisa mais poderosa do mundo quando é real.

Eu a encaro, sentindo uma pontada de emoção no fundo dos meus olhos. "Você acha que é real?"

"Acho que *você* acha que sim. E isso basta." Ela faz uma pausa, me observando.
"Mas também? Você está morrendo de medo."

"Sou eu", sussurro, e parece uma confissão.

Ela pega minha mão e aperta. "Bom. Isso significa que importa. O amor verdadeiro nem sempre parece seguro. Às vezes parece um furacão do qual você não consegue sobreviver. Mas talvez seja esse o objetivo. Talvez ele destrua toda a baboseira para que você finalmente possa construir algo real."

Engulo em seco, com a garganta apertada.

Então meu celular vibra no meu colo.

(858) 667-9960

(Enviado por mensagem de voz do carro) Ainda estou pensando no seu gosto ontem à noite. E no jeito que você sussurrou meu nome quando pensou que eu estava dormindo.

Fechei a tela com força, sentindo as bochechas queimarem como se estivessem em chamas.

Frankie nem sequer se abala. "Deixe-me adivinhar", diz ela secamente. "O criminoso."

Eu aceno com a cabeça, atordoadado.

Ela toma um longo gole de água, calma como sempre. "Você está muito ferrado."

E, de alguma forma, nunca me senti tão bem com isso.

SANTUÁRIO DO FANTASMA

ARI

DEITADA NA MINHA CAMA, encaro a mensagem que Maddox acabou de me enviar.

PERSEGUIDOR

Você também não está dormindo, né, anjo?

Ele sempre sabe. É irritante e... estranhamente reconfortante ao mesmo tempo. Mordo o lábio, pairando os dedos sobre o celular.

Não.

Passam-se alguns segundos antes que ele responda.

PERSEGUIDOR

Venha até mim.

Meu coração dispara.

Você nem pergunta mais?

PERSEGUIDOR

É como se você não me conhecesse.

Mordo o lábio para não sorrir. Ele pode ser um tremendo idiota. E ainda assim... eu adoro. Adoro que a gente possa trocar farpas e que ele consiga me encarar de frente. Mesmo assim, estou aconchegada na minha cama.

PERSEGUIDOR

Ari. Entre no carro.

Não respondo imediatamente. Encaro a tela brilhante, com o estômago embrulhado de nervosismo. Faz pouco mais de vinte e quatro horas que estou em casa. Finalmente cedi e o adicionei aos meus favoritos no celular como "Perseguidor" e, na noite passada, pedi um tempo para mim. Deixei claro que não estava fugindo, mas que precisava de uma noite em casa para clarear as ideias. E, apesar de ter passado quase doze horas hoje colocando o trabalho em dia, passei tempo demais pensando em Maddox.

Eu fecho os olhos.

Ele vai me arruinar. Eu sei disso.

Mas suponho que ele já tenha feito isso, não é?

Envie-me o endereço.

Dois segundos depois, ele passa.

PERSEGUIDOR

550 Front Street. 35º andar. Pergunte por Cross.

E assim, sem mais nem menos, pego minhas chaves e visto uma calça leggings e um moletom preto. Nem paro para me perguntar o que estou fazendo.

Porque eu já sei.

Sou tão viciada nele quanto ele em mim.

A viagem até a casa do Maddox é rápida. São pouco mais de onze da noite e, embora o centro de San Diego geralmente seja bem movimentado, é terça-feira à noite e a maioria das pessoas trabalha de manhã. Estaciono no estacionamento subterrâneo do prédio do Maddox, revirando os olhos para o preço exorbitante por hora.

Eu deveria enviar-lhe uma fatura.

Ao entrar no saguão do prédio, paro abruptamente. *Nossa, que chique!* Fico olhando para o piso de mármore do saguão do arranha-céu, admirando as paredes incrivelmente

brilhantes, a arte moderna e a figueira de quase nove metros de altura que fica num canto.

Em que enrascada me meti?

O concierge me cumprimenta como se já me conhecesse.

"O Sr. Cross está à sua espera", diz ele, deslizando um cartão de acesso pela mesa e indicando-me o caminho para o elevador privativo.

Enquanto o elevador sobe, aperto meu celular como se fosse minha tábua de salvação, com o coração disparado. Cada andar que passamos aumenta a minha ansiedade. Não sei por que imaginei que o apartamento dele seria em algum canto escuro e sombrio da cidade.

Eu não imaginava que seria uma cobertura.

Eu não imaginava que seria... isso.

Quando as portas de correr se abrem, entro num apartamento que parece ter saído da capa de uma revista. Paredes de vidro, iluminação aconchegante, linhas elegantes. Cheira a couro e perfume caro. Cheira a ele.

"Maddox?" chamo, com a voz embargada.

E então eu o vejo.

Descalço. Sem camisa. Calças de moletom pretas de cintura baixa que caem sobre seus quadris como se ele soubesse exatamente o que estão fazendo comigo. Cabelo úmido jogado para trás, tatuagens à mostra — a tinta subindo por seus braços, peito e pescoço.

Putá merda.

"Você veio", ele diz, com aquela voz rouca e grave que sempre me dá um nó no estômago.

"Eu disse que diria", consigo dizer, tentando olhar para qualquer lugar, menos para a linha de músculos que cortava seu torso. "Você não me disse que seu apartamento parece o de um vilão de James Bond."

Ele dá um sorriso irônico. "Isso é um elogio?"

"É simplesmente inesperado", digo, girando e admirando a vista panorâmica do centro da cidade e do oceano além. Janelas do chão ao teto se estendem por toda a largura do cômodo, e o céu escuro faz com que as luzes próximas se destaquem. "Mas não posso negar que é deslumbrante."

Ele dá de ombros, como se nada daquilo importasse. "Eu gosto. É tranquilo. Privado."

"Você devia ganhar muito dinheiro com segurança cibernética", digo, cruzando os braços. "Sabe, antes de se tornar um perseguidor em tempo integral."

Maddox dá um passo lento em minha direção, aquele sorriso irritante ainda repuxando o canto da sua boca. "Sim, eu fiz", responde ele com naturalidade. "Por sorte, eu tinha amigos influentes que guardavam meu dinheiro em segurança."

Inclino a cabeça. "Dinheiro legal?"

Ele dá uma risadinha, um som grave e profundo, como se eu tivesse dito algo que ele gostasse. "Na maior parte do tempo. O suficiente para que a Receita Federal não

esteja batendo na minha porta. Digamos que eu tinha planos de contingência... e algumas pessoas que acreditavam que eu conseguiria me recuperar."

"Lar", penso, olhando em volta novamente. "Isto é o meu lar?"

Seu olhar muda, como se ele estivesse realmente observando o espaço pela primeira vez. "São paredes, vidro e silêncio", diz ele depois de um momento. "Mas não é um lar sem você aqui dentro."

Isso me deixa perplexo.

"Maddox —"

Ele dá de ombros novamente, mas desta vez não há indiferença. Apenas algo cru e aberto nas linhas do seu rosto. "Gosto de coisas que são minhas. Coisas que posso controlar. Mas isto?" Ele gesticula em direção aos móveis modernos, à iluminação suave, às bancadas de pedra lisas. Então seu olhar volta para mim. "Este lugar não significa nada sem alguém de verdade aqui comigo."

Sua voz é calma, mas sua presença pressiona meu peito.

"Eu costumava dizer a mim mesmo que esta cobertura era o objetivo. Que se eu tivesse uma vista como esta e ninguém respirando na minha nuca, finalmente me sentiria livre", diz ele, agora com uma voz mais suave. "Mas acontece que a liberdade não significa absolutamente nada se você está sentado sozinho em uma caixa de vidro no topo da cidade, se perguntando quem vai se lembrar de você quando você se for."

Algo dentro de mim dói por ele, por tudo que ele perdeu. Sua filha. Os anos que passou na prisão. A solidão silenciosa que ainda o segue como uma sombra.

Sem pensar, estendo a mão, que roça uma das tatuagens em seu peito — um padrão de tinta preta que se assemelha ao interior de um caleidoscópio, fragmentado, porém simétrico.

"Você não precisa mais passar por isso sozinha", sussurro.

Ele prende a respiração — por pouco —, mas eu sinto isso na tensão entre nós, na forma como seus músculos se enrijecem sob meu toque.

Sua mão cobre a minha, mantendo-a plana contra o peito, ancorando-nos a ambos. "Eu não quero ser."

Sua outra mão se levanta, os dedos deslizando para a nuca, o polegar roçando atrás da minha orelha com uma delicadeza devastadora. Como se estivesse memorizando meu contorno. Como se tivesse medo de que eu desaparecesse se ele não me ancorasse.

"Você está nervoso?", ele pergunta baixinho.

"Um pouco", admito. "Não de você. Só... isto."

"Isto?" ele repete.

"Nós", esclareço. "Agora que não estamos mais nos escondendo. Agora que temos que estar no mundo real com Asher, seu passado e... tudo o mais."

Ele me observa, seus olhos azuis escuros e indecifráveis, aquela aura perigosa vindo à tona como sempre. Mas agora está atenuada por algo mais suave. Algo mais profundo.

"Você acha que isso não foi real o tempo todo?", ele pergunta, com a voz rouca. "Estou morrendo de vontade de te ver há mais de um ano, anjo. Construí meu mundo inteiro em torno da sua existência. Isso é real."

Tento respirar, mas parece que não há mais ar no quarto.

Ele se inclina, sua testa encostando na minha. "Você está aqui agora. É tudo o que eu preciso."

Então, seu tom muda, terno e incomumente hesitante. "E só para você saber... eu não espero nada de você. Eu sei o que sua casa significa para você, o que significou se mudar para um espaço que pertenceu à sua avó."

Meus olhos ardem, e antes que eu perceba o que estou fazendo, deixo escapar a primeira coisa que me vem à mente. "Ela foi a primeira pessoa que me fez sentir que eu não precisava merecer o amor. Ela me fez sentir em casa, não importava o que estivesse acontecendo lá fora."

Ele pressiona a mão na minha nuca. "Eu entendo. Essa casa faz parte de quem você é. Eu jamais pediria que você desistisse dela."

Pisquei rapidamente, tentando dissipar a emoção que turvava minha visão.

"Mas eu te seguiria para qualquer lugar, Ari", ele murmura. "Qualquer lugar. Eu moraria num apartamento de um quarto com baratas e sem água quente se isso significasse acordar ao seu lado."

Soltei um suspiro trêmulo e ele se inclinou para frente, roçando seus lábios nos meus.

"Não estou tentando te prender", ele sussurra. "Estou tentando te mostrar que você é livre. Contanto que você me permita te adorar onde quer que essa liberdade te leve."

Minhas mãos se aconchegam em sua pele, e desta vez, quando ele se inclina e me beija — lento, reverente, nada parecido com os beijos ávidos de antes — sinto como se algo completamente novo estivesse começando. Sua boca se move sobre a minha, lenta e cuidadosa a princípio, como se ele temesse romper algo delicado entre nós. Mas não é delicado. Não é frágil. É um incêndio descontrolado — voraz, devorador e impossível de conter.

Retribuo o beijo com toda a minha intensidade, meus dedos agarrando os músculos firmes de suas costas, puxando-o para mais perto. Ele geme baixinho, o som vibrando em seu peito, e então seus braços me envolvem — apertados, possessivos, ancorados. O hall de sua cobertura está silencioso, exceto pela nossa respiração, e juro que as paredes parecem se inclinar para observar.

Ele me levanta sem aviso, suas mãos fortes agarrando a parte de trás das minhas coxas enquanto eu enrolo minhas pernas em volta da sua cintura. Minhas costas batem na parede de mármore fria atrás de nós, mas o frio mal se faz sentir porque ele está ali — sua boca no meu pescoço, distribuindo beijos de boca aberta ao longo da pulsação que lateja sob a minha pele.

"Maddox", eu digo com dificuldade, agarrando seus ombros. "Aqui?"

Sua voz é rouca, quase sofrida. "Preciso de você. Agora. Não me importa onde estejamos."

O desespero nele me deixa sem palavras, a forma como suas mãos me seguram como se eu pudesse desaparecer, a reverência em seu toque, delicado e necessitado ao mesmo tempo.

Sua boca encontra a minha novamente, agora com mais fome. Seus quadris se movem contra mim, e eu consigo sentir o quanto ele está duro sob a calça de moletom — grosso, tenso, quente. Eu me esfrego nele instintivamente, a fricção me percorrendo como um relâmpago. Eu o sinto em todos os lugares — sua respiração em meus pulmões, seu coração batendo contra minhas costelas, suas mãos traçando cada centímetro de pele que encontram sob minhas roupas.

"Você não faz ideia", ele murmura entre beijos, "do que isso me causa... ter você assim. Saber que você é minha."

"Sou sua", respiro.

Um som baixo e entrecortado escapa dele. "Diga de novo."

"Sou sua, Maddox."

Com um gemido, ele deixa a cabeça cair no meu ombro, apertando o corpo contra o meu. "Porra, Ari." Ele beija meu pescoço de novo, mais devagar dessa vez, a língua traçando a curva do meu maxilar. "Eu poderia morrer feliz assim. Com seu corpo entrelaçado no meu e o gosto dos seus lábios nos meus."

"Por favor", imploro.

"Tenho uma confissão a fazer", murmura ele, passando a língua de leve no meu pulso enquanto inala o aroma do meu perfume. "Na casa de praia, coloquei um pouco do meu esperma no seu frasco de perfume."

Eu continuo indo. "Por quê?"

"Assim você sempre teria o meu cheiro."

Uma onda de calor me percorre. "Droga. Odeio achar isso tão excitante", murmuro, puxando seu rosto para perto do meu e o beijando intensamente.

Quando ele se afasta um pouco, uma de suas mãos desliza por baixo do meu moletom e sutiã, a ponta áspera do polegar roçando meu mamilo, e eu solto um gemido baixo, o som abafado por sua boca. Sua outra mão desliza entre minhas coxas, pressionando a fina camada da minha calça legging.

"Você está toda molhada", ele sussurra, passando a mão por baixo da minha calça legging e puxando o tecido da minha calcinha para o lado. Então, ele desliza os dedos na minha umidade quente. "Meu Deus, você está sempre tão pronta para mim."

Ele pressiona dois dedos dentro de mim, lenta e deliberadamente, sua testa encostada na minha como se precisasse da conexão tanto quanto da libertação.

"Preciso de você", sussurro, pressionando meu corpo contra sua mão, precisando de mais. Precisando de tudo.

Sua respiração roça minha bochecha enquanto ele estende e recolhe os dedos, curvando-os no ponto certo. Seu polegar encontra aquele ponto sensível e começa a circular, com movimentos preguiçosos e provocantes que me fazem arfar.

"Você já está tremendo", ele rosna, com a voz rouca e reverente ao mesmo tempo. "Tão apertada. Tão molhada para mim."

Minha cabeça se inclina para trás contra a parede, meus olhos se fechando enquanto o prazer se acumula no fundo do meu ser. É avassalador — o deslizar firme de seus dedos, a pressão deliciosa de seu polegar, o calor implacável se alastrando dentro de mim como um pavio aceso perto demais do fogo.

“Olhe para mim, anjo”, ele pede suavemente. “Quero ver seu rosto quando você vier.”

Forço meus olhos a se abrirem, e no instante em que nossos olhares se cruzam, quase desabo. Sua expressão é pura intensidade, desejo e algo muito mais perigoso.

Adorar.

“Isso mesmo”, ele murmura, curvando os dedos ainda mais fundo enquanto me fode com mais força. Como nas últimas vezes, adoro que ele não me trate com delicadeza. Que ele me dê exatamente o que eu preciso. “Se masturbe na minha mão. Mostre-me o quanto você precisa disso.”

Eu gemo, meus quadris se movendo contra a pressão da palma da mão dele enquanto faíscas percorrem minha pele. A fricção é perfeita, obscena e crua. Posso sentir a bagunça viscosa que ele está provocando em mim, encharcando minhas leggings enquanto seus dedos me penetram com força e profundidade, cada estocada me levando mais e mais perto do clímax. A cada movimento dos meus quadris, meu clitóris roça em sua junta, e *meu Deus*, eu já estou tão perto.

"Você vai gozar para mim?" ele sussurra, a voz rouca de desejo enquanto me penetra com força. "Molhar meus dedos antes mesmo de eu ter a chance de te alargar em volta do meu pau?"

Caramba, ele é bom demais.

“Maddox —” Eu arfo, a tensão dentro de mim prestes a explodir.

Ele se inclina, seus lábios roçando a concha da minha orelha. "Seja uma boa vadiazinha e goze. Bem aqui. Deixe-me sentir o quanto você me deseja."

É só isso que é preciso.

Me atinge como uma onda — forte, rápida, avassaladora. Meu corpo se arqueia contra ele enquanto grito seu nome, apertando seus dedos com força, pressionando meu clitóris trêmulo contra seus nós dos dedos. Minhas unhas cravam em seus ombros nus, e o prazer me atravessa em rajadas irregulares, intensas e cegantes. Não consigo pensar, não consigo respirar, só consigo sentir — a pulsação latejante do orgasmo e o delicioso alongamento de seus dedos ainda dentro de mim, seus nós dos dedos pressionando meu clitóris sensível com precisão implacável, guiando-me por cada tremor.

Ele me beija durante todo o processo, abafando meus gemidos como se fossem o ar que respira, sua mão nunca deixando meu corpo enquanto murmura elogios contra meus lábios.

“Boa menina. Isso mesmo. Assim mesmo.”

Seus dedos não se movem, ainda repousando profundamente dentro de mim, como se ele não conseguisse me soltar ainda. Como se estivesse memorizando a forma como me sinto perto dele. Como se já estivesse imaginando como vai me destruir em seguida.

Acabei de chegar, mas já estou com saudades.

Quando finalmente me deixo cair contra ele, tremendo e sem fôlego, ele retira a mão e beija minha têmpora, murmurando contra minha pele: "Aí está ela".

Eu me aconcheço nele, embriagada pelo êxtase posterior, pelo jeito como ele me abraça como se eu fosse algo precioso. Algo insubstituível.

"Sua cama?" murmurei, ainda sem fôlego.

Ele sorri contra meu pescoço. "Sim. Mas primeiro vou te fazer gozar de novo antes de te dar meu pau."

Ele me carrega o resto do caminho pela casa, como se eu não pesasse nada, como se tivesse esperado a vida inteira para me segurar assim. E quando ele abre a porta do quarto e me deita como se eu fosse um segredo que ele nunca pretendeu compartilhar, percebo que este é o começo de algo aterrador e belo.

E a minha.

Não é emprestado. Não é temporário. Não é roubado. *É meu*.

Seu quarto é minimalista, limpo, mas com cara de lar. Um edredom azul-marinho escuro, piso de madeira escura, cortinas blackout pesadas. Um espaço feito para privacidade. Para segredos.

Ele me deita como se eu fosse frágil, mas o olhar dele diz o contrário. Seu olhar percorre meu corpo como se ele estivesse tentando gravar a imagem na memória.

"Eu queria você aqui há tanto tempo", ele admite baixinho, rastejando sobre mim, me encurralando sem me tocar. "Eu nunca pensei que conseguiria te ter assim. De verdade."

Seus dedos deslizam pelo centro do meu peito, lenta e intencionalmente.

"Você me tem", sussurro.

Algo cintila por trás de seus olhos — alívio, possessão, admiração. Um sorriso lento e sombrio curva seus lábios.

"Ainda não", ele murmura. "Não em todos os sentidos que eu quero você, pequena guerreira."

"Ah, é? E de que outras maneiras você me quer?"

Ele me dá um sorriso torto. "Você realmente quer saber?" Eu aceno com a cabeça, ansiosa. Ele suspira, parecendo arrependido de ter dito algo. "Tudo bem. Quero você na minha cama todas as noites, com meu anel no seu dedo, e depois quero te engravidar. Feliz?"

Sua resposta me surpreende. "Sério?", pergunto, minha voz quase um sussurro.

"Sério? Mas por esta noite, vou me contentar em encher sua deliciosa buceta."

Sorrio enquanto seus olhos se demoram em mim. Ele rasteja lentamente sobre mim, como se estivesse me dando uma chance de fugir, de escapar da gravidade dessa coisa entre nós.

Mas eu não, porque ele já está enraizado demais.

Engulo em seco, observando-o, sentindo cada batida do meu coração martelar atrás das minhas costelas.

Casamento? E filhos?

Porra.

Seu corpo me cobre enquanto ele me beija novamente, mais devagar agora. Não com fome — com devoção. Sua boca mapeia cada centímetro do meu corpo, como se precisasse se lembrar de cada reação, cada tremor, cada suspiro.

“Você ainda está tremendo”, ele murmura, deslizando os lábios pela minha garganta até se acomodarem entre minhas coxas. Seus dedos me separam novamente, deliberados e lentos, como se ele não tivesse outro lugar para estar.

Mal consigo respirar. “Maddox...”

“Relaxe”, diz ele, com a voz baixa e reverente. “Você virá me buscar de novo, devagar e com calma desta vez.”

E quando ele penetra em mim e me faz gozar mais três vezes, quando ele me toca como se eu fosse a coisa mais preciosa e perigosa que ele já teve em mãos, não se compara em nada às noites desesperadas anteriores.

É cuidadoso. É absorvente.

Ele me beija a cada instante, suave, mas possessivo, absorvendo cada gemido ofegante como se fosse a única coisa que o mantivesse vivo. Sussurra palavras que jamais me lembrarei por completo, mas que sempre sentirei — como sou macia, como tenho um gosto doce, como fico perfeita estendida sob ele. E quando estou completamente exausta, sua mão esquerda acaricia a minha nuca, o polegar roçando delicadamente atrás da minha orelha como se soubesse que estou por um fio.

“É isso aí”, ele murmura contra meus lábios. “Porra. Você fica tão linda quando goza.”

Os elogios me atravessam com a mesma força dos próprios orgasmos. Eu gemo em sua boca, completamente à sua mercê, tremendo no círculo de seus braços. Seus dedos permanecem imóveis contra cada centímetro do meu corpo.

Quando os tremores secundários finalmente diminuem, eu me deixo cair contra ele, ofegante, sentindo-me sem forças e despedaçada. Ele retira a mão devagar, com cuidado, como se tivesse medo de que eu me quebrasse. E então ele deposita um beijo delicado na minha têmpora. Eu me agarro a ele, tremendo com a força de tudo aquilo. A terrível e vertiginosa constatação de que este homem — este homem obsessivo e implacável — me conhece melhor do que qualquer outra pessoa jamais conheceu.

Minha cabeça cai em seu ombro e eu me deixo ser abraçada. Pela primeira vez, não resisto. Ele me envolve em seus braços, aconchegando-me sob seu queixo, uma das mãos traçando círculos preguiçosos na pele nua das minhas costas. Sua respiração se acalma primeiro, depois a minha, até que ficamos apenas... em silêncio.

Inclino a cabeça, olhando para ele. “Você está bem?”

Ele cantarola. “Perfeito.” Seus dedos brincam com uma mecha do meu cabelo, enrolando-a distraidamente. “Fique esta noite”, ele murmura. “Por favor.”

E eu concordo.

Pela primeira vez na minha vida, não hesito.

UM FANTASMA OBSESSIVO

MADDOX

DOIS DIAS depois

São quase dez da manhã, e o sol já irrompe através de suas cortinas brancas e diáfanas, banhando seu quarto em tons dourados. Um vaso de miosótis repousa sobre sua mesa de cabeceira — uma lembrança minha, vinda de mim.

Fica bem ao lado da Polly Pocket que comprei para ela, que eu acho a coisa mais fofa do mundo.

Eu não tinha me dado conta do quanto aquilo significava para ela até que ela insistiu que o objeto deveria ficar bem ao lado da cama dela, e, *caramba*, isso me deu ainda mais vontade de comprar mais cem só para fazê-la feliz.

Ela está encolhida de lado, de costas para mim, com os cabelos emaranhados suavemente no meu travesseiro. Uma das minhas coxas está sobre as pernas dela, e sua respiração, lenta e profunda, me mantém perto.

Eu não dormia muito. Na verdade, nunca durmo direito. Não desde a prisão — era difícil dormir naquele lugar, para ser sincera. Havia muita gente querendo me prejudicar por causa da notoriedade do meu caso, e eu tinha que ficar vigilante. E aí, depois que eu me impus, depois que as pessoas perceberam que não podiam mexer comigo, eu ficava acordada sonhando com todas as coisas que eu não podia ter.

E todas as coisas que eu havia perdido.

Mas agora? Ela está aqui. Bem ao meu lado. Enrolada nos lençóis, vestindo apenas o meu cheiro e as marcas roxas que deixei em seus quadris nos últimos dois dias.

Não consigo ficar longe dela quando estamos juntos. Se não estou tocando nela, finjo que estou trabalhando, lendo ou cozinhando... mas estou sempre ciente de onde ela está.

É como se meu corpo estivesse perfeitamente sintonizado com o dela. Mesmo no quarto ao lado, eu escuto, espero, observo. E, claro, se ela me pega olhando para ela, se ela cora ou se mexe de um jeito que eu sei que significa que ela está excitada...

Acabou o jogo.

Ari cantarola baixinho enquanto dorme, me tirando dos meus pensamentos momentâneos, e eu a encaro como se ela pudesse desaparecer se eu piscasse por muito tempo.

Minha mão desliza pela sua cintura, lenta e reverentemente. Pressiono meus lábios contra seu ombro, naquela pequena curva da sua coluna, e a inalo profundamente. Ela se mexe, mas não acorda — não completamente. Sua bunda se move para trás contra mim, e, *caramba*, eu já estou duro.

Claro que sim.

Ela me possui agora. Cada centímetro do meu corpo pertence a ela.

Deslizo a palma da minha mão para baixo, roçando a curva da sua barriga, e depois mergulhando entre as suas coxas. Ela as abre instintivamente, ainda meio adormecida, a

respiração entrecortada enquanto meus dedos deslizam pelo calor úmido que me aguarda. Deus, se eu pudesse engarrafar essa sensação da sua vagina...

Tiro meu pau da calça de moletom e a deito delicadamente de costas. Ela suspira profundamente, mas não acorda. Subo lentamente sobre ela, deslizando a mão pela sua barriga e roçando levemente meus nós dos dedos em seus mamilos. Ela está completamente nua, e não penso duas vezes antes de pressionar a cabeça do meu pau contra sua entrada, espalhando sua umidade por toda parte e garantindo uma boa lubrificação.

Por algum motivo, apesar de ela ter me dado consentimento total para fazer isso ontem de manhã, parece errado penetrá-la sem o seu conhecimento. Talvez mais tarde, mas não agora. Não quando ela ainda é *minha há tão pouco tempo*.

Eu jamais me perdoaria se arruinasse isso antes mesmo de ter a chance de começar.

Soltei um suspiro trêmulo enquanto impulsionava meus quadris levemente para cima, pressionando suas dobras, mas não sua vagina. Isso deve estar estimulando seu clitóris, porque ela geme enquanto dorme e levanta os quadris, contorcendo seu canal úmido contra meu pênis, produzindo um som molhado que me faz soltar um gemido abafado.

Meu Deus, ela está sempre molhada de manhã.

E ela nem imagina o efeito que isso tem em mim, o quão perto estou de perder completamente o controle que finjo ter quando estamos juntos.

Seus quadris se movem novamente, lentos e instintivos, sua vagina macia deslizando pela parte inferior do meu pau. Solto um suspiro entre os dentes, lutando contra a vontade de avançar e me enterrar fundo dentro dela.

"Calma", sussurro contra o pescoço dela, com a voz rouca. "Você vai me fazer gozar antes mesmo de acordar."

Ela solta outro gemido ofegante, as sobrancelhas se franzindo, os lábios entreabertos como se estivesse perseguindo o sonho que pensa ser este. Minha mão envolve seu seio, o polegar roçando seu mamilo, e ela se arqueia sob mim, buscando mais.

Caramba, ela é perfeita.

Dou um beijo em seu queixo, depois em sua garganta, descendo pelo seu peito como se ela fosse algo sagrado.

"Não vou te foder enquanto você dorme, anjo", murmuro, com a respiração trêmula enquanto me esforço para manter o equilíbrio. "Mas, droga, você está tornando difícil ficar longe."

Continuo a esfregar-me lentamente contra ela, arrastando meu pau por entre suas dobras úmidas, a ponta roçando em seu clitóris o suficiente para fazê-la arfar novamente, com as pernas tremendo.

Meu corpo inteiro está em chamas. Começo a tremer quando ela levanta os quadris, ficando por cima de mim por baixo e lubrificando meu pau. A sensação é boa *demais*, e ela poderia facilmente me fazer gozar assim mesmo.

Meus quadris se movem para frente por conta própria, roçando contra o calor suave de suas dobras, e, caramba, a fricção é suficiente para me fazer revirar os olhos. Cerrei os dentes, tentando me conter, mas é inútil. A cabeça do meu pau roça seu clitóris

repetidamente, e seu corpo reage como se soubesse exatamente o que está fazendo comigo. Como se quisesse que eu me desfizesse ali mesmo, em cima dela, enquanto ela dorme.

Meus músculos abdominais se contraem enquanto me aproximo do limite e recuo, sentindo minha pele arrepiar.

"Porra, guerreirazinha", gemo, quase ofegante agora. "Você nem imagina o que está fazendo comigo." Deixo minha testa encostar em seu ombro enquanto a pressiono com mais força e rapidez, buscando aquela intensidade brutal que me atormenta desde o instante em que acordei pressionada contra sua pele.

A sensação aumenta rápido — rápido demais — um calor intenso se espalhando pela base da minha coluna, cada terminação nervosa tensionada, prestes a explodir. Meu pau está brutalmente duro, curvado para cima e perto do meu estômago enquanto paro de me mover, respirando fundo enquanto ele pulsa sem o alívio merecido. *Essa foi por pouco.*

Mordo a parte interna da minha bochecha, tentando conter a onda que está subindo rápido demais. Meu pau pulsa — *furioso*, insistente — lubrificado com a excitação dela, tremendo a cada pulsação desesperada de desejo. Cada vez que roço o clitóris dela com a glândula inchada, vejo estrelas atrás dos meus olhos. Minha visão fica turva. Meu corpo inteiro se tensiona como a corda de um arco esticada.

Aperto a base do meu pênis com força, tentando me controlar, mas só piora a situação. Meus testículos se contraem, puxando-me para perto do corpo, e minha respiração sai em suspiros entrecortados, formando uma névoa contra a curva da garganta dela. A pressão é intensa, cegante, uma queimação profunda no meu estômago que ameaça explodir com mais uma estocada. Minhas coxas tremem. Estou encharcado de suor, e ainda nem gozei.

Deus, quando eu fizer isso, vai ser *violento*.

Meus quadris se contraem novamente, o instinto se sobrepondo à razão, arrastando a cabeça úmida do meu pau pelas dobras dela até que eu sinta a pontada reveladora — *aquela pulsação*. Aquela que diz que vai acontecer, quer eu queira ou não.

Recuo a tempo, meu punho se fechando ao meu redor, apertando com força para conter o impulso. "Ainda não", sibilo, um rosnado de frustração e reverência na minha garganta. "Você não vai tirar isso de mim enquanto estiver dormindo, anjo. Você *vai* estar acordada. Vai me *ver* desmoronar e o único lugar onde quero meu esperma é escorrendo da sua boceta."

Mas, caramba, estou perto. Mais perto do que jamais estive sem conseguir terminar.

Meu corpo inteiro vibra — uma dor na coluna, uma pulsação entre as pernas, uma necessidade insuportável. Encosto minha testa em seu peito, inspirando-a profundamente, deixando que seu perfume, a sensação de seu corpo contra o meu, me mantenham ali, *pairando* na tênue linha entre o prazer e a dor.

E mesmo assim, ela continua dormindo.

E ainda assim, eu *adoro*.

Só de pensar nisso, me despedaça. Porque mesmo aqui, meio adormecido, ela ainda tem mais poder sobre mim do que qualquer outra pessoa jamais teve.

Ela se mexe um pouco mais, os cílios tremulando, e eu fico imóvel.

Ainda não.

Dou-lhe um beijo suave, primeiro uma vez, depois outra, os lábios macios contra sua têmpora. "Volte a dormir, meu bem", murmuro, com voz reverente. "Estarei aqui quando você acordar."

Vai doer, mas vai valer a pena quando eu finalmente me entregar completamente dentro dela.

Mas eu não paro de tocá-la. Eu não paro de precisar dela. Eu não paro de esfregar meu corpo contra a vagina dela e de me levar ao limite, repetidamente.

Mesmo que eu tenha que esperar pela recompensa.

"Maddox", ela geme, estendendo a mão para mim e se movendo ligeiramente para pressionar sua vagina molhada contra a cabeça hipersensível do meu pau.

Eu resmungo e me afasto, porque até um único toque me fará vibrar e gozar por toda ela.

Seus olhos se abrem de repente, e ela geme, respirando um pouco mais fundo enquanto olha para baixo. "Você me fodeu?"

"Ainda não. Eu queria — eu precisava esperar —"

"Então faça isso."

Essa é toda a permissão que eu preciso.

Eu estava prestes a entrar nela quando bateram na porta da frente.

Ari se desequilibra contra mim, gagueja e confusa. "O quê...?"

Cerrei os dentes e dei um beijo na base do pescoço dela. "Ignore isso."

Mas a batida na porta vem de novo, mais forte dessa vez. Paro de me mexer, paro de tocá-la. Estou respirando com dificuldade enquanto ela olha por cima do meu ombro com uma expressão preocupada.

"Ari", uma voz chama através da porta da frente. "Eu sei que você está em casa. Seu carro está na garagem."

"Asher", ela diz, com os olhos arregalados.

Eu continuo indo.

O mundo se inclina por um segundo.

Porque, é claro, é ele.

É claro que o maldito passado tem que aparecer no segundo em que tento dar a ela um futuro — e no segundo em que uma brisa suave pode me fazer gozar.

Ela se enrola no lençol e sai correndo, e eu visto uma camiseta, já com o sangue fervendo. Escondo minha ereção pulsante sob o cós da calça de moletom e depois visto um moletom largo porque sou muito comprido para esconder metade do meu pau, e que se dane se meu irmão vir.

No início, não entendi. Deixei que ela resolvesse. Mas quando ouvi a voz dele, aguda e acusadora, algo dentro de mim se quebrou.

Empurro a porta e saio no exato momento em que Asher cospe a mensagem.

"Você mentiu para mim." Seus olhos se voltam para os meus, e ele nem parece surpreso. Como ele descobriu? Talvez eu nunca saiba, mas é evidente, pela sua falta de choque, que ele já sabia antes de vir para cá.

E a Ari... droga, ela está tentando consertar. Tentando amenizar a situação. Mas eu já estou me aproximando.

"Asher, eu juro, simplesmente... *aconteceu*. Não consigo explicar, tá bem? Aconteceu depois que nós —"

"Na casa?" ele grita, aproximando-se.

Já estou atrás dela, depois ao lado dela, depois *na frente dela*, como se fosse instintivo. Porque é. Porque ela não precisa mais ser a única a se defender.

"Ela não te deve nada", digo, com a voz calma, até mesmo. "Vocês não estão mais juntos."

Os olhos de Asher se voltam para os meus, cheios de nojo. "Vai se foder. Você acha que eu não vi o jeito que você olhou para ela?" Seu olhar corta Ari. "Eu passei aí outro dia à noite. Vi ele saindo da sua casa." Seus olhos se voltam para mim. "O que você fez, Maddox? Esperou eu ficar à vontade para depois me atacar?"

"Confortável? Você quer dizer o jeito como a ignorou e ainda esperava que ela ficasse por perto como se fosse uma mera formalidade?" Eu disparo, com a voz rouca e definitiva. "Você não sabe absolutamente nada sobre ela. Sobre o que ela precisa. Sobre o que ela quer." Olho para Ari, e quando ela não desvia o olhar, é tudo o que preciso para me dar a permissão necessária. "Ela me escolheu. Não porque eu a atraí, mas porque você deixou a porta escancarada e nem percebeu."

E aí ele me vem com isso: "Você já transou com ela, então acha que tem o direito de falar por ela também? Acho que ela não perdeu tempo. Ela sempre gostou de manter as opções em aberto quando as coisas ficavam difíceis."

Ari solta um suspiro, e meu maxilar se contrai. O vermelho começa a invadir minha visão. Talvez seja o fato de eu estar tão cheio de testosterona, tão *excitado*, que me sinto ainda mais desequilibrado do que o normal.

"Diga mais uma coisa dessas para insultá-la", murmuro, aproximando-me, "e eu lhe mostrarei exatamente o quão arrogante eu posso ser."

"Vai me bater na varanda dela, Maddox?", ele retruca. "Vai em frente. Adiciona mais uma acusação à sua ficha criminal."

Eu sorrio. Não um sorriso amigável. Não o tipo de sorriso que você dá para alguém que um dia chamou de família.

"Você acha que eu me importo em voltar?" Minha voz baixa. "Se isso significa protegê-la? Voltarei com um sorriso no rosto e seu sangue sob as unhas."

A expressão de Asher se torna tensa. Mas eu ainda não terminei.

"Você não está com raiva porque ela te deixou. Você está com raiva porque eu a vi primeiro. A vi *de verdade*. E não hesitei em dar a ela o que ela precisava, ao contrário de você."

Ele ri, com amargura. "Você acha que é algum tipo de salvador do caralho?"

"Não", digo, aproximando-me até ficarmos quase nariz com nariz. "Acho que sou o homem que morreria por ela. Acho que sou o homem que não a trocaria por uma promoção ou uma agenda cheia de teleconferências. Eu jamais pensaria em deixá-la se contentar com menos do que ela merece. E só para deixar claro: nenhum de nós a merece, mas eu sou o único que incendiaria este mundo inteiro só para tê-la."

Asher pisca. E pela primeira vez, vejo em seus olhos — a constatação de que ele nunca teve uma chance.

Ele olha para Ari mais uma vez. "É isso que você quer?"

E ela não hesita. Ela não se esconde. *Minha pequena guerreira.*

"Sim", diz ela, com a voz firme.

É isso. Fim de jogo.

Ele acena com a cabeça uma vez. Sem se despedir. Apenas se vira e volta para o carro como um homem carregando uma perda que viu chegar a quilômetros de distância.

Espero até a porta se fechar atrás de nós antes de falar. "Você está bem?", pergunto, embora já saiba a resposta.

Ela não fala. Apenas se inclina para mim e encosta a cabeça no meu peito.

E juro por Deus, nunca quis proteger alguém tanto quanto quero proteger essa mulher. Essa mulher que me escolheu apesar do meu passado, apesar de tudo.

"Sinto muito que você tenha tido que lidar com isso", ela sussurra.

Dou um beijo no topo da cabeça dela. "Eu faria de novo. Além disso, é meio que minha culpa ele ter que trabalhar tanto."

Ela recua. "O que você fez?"

Dou de ombros, sorrindo. "Talvez eu conheça um cara que conhece um cara que comprometeu a empresa de Asher."

Ela ficou boquiaberta. "Foi você. O motivo da crise de trabalho dele."

Dou de ombros. "Ops."

Ela me lança um sorriso cúmplice. "Você é realmente implacável."

"Para você? Sempre."

O FANTASMA DOMÉSTICO

ARI

DUAS SEMANAS depois

O supermercado é o último lugar onde eu esperaria ver Maddox Cross destoando.

E, no entanto, lá está ele, parado ao meu lado no corredor de cereais iluminado por luz fluorescente, olhando para as prateleiras como se elas o tivessem ofendido pessoalmente. Ele veste uma camiseta preta lisa esticada sobre o peito largo, calça jeans escura e uma jaqueta de couro, como se tivesse acabado de descer da moto e se perdido por acidente nos subúrbios de Oceanside.

Não sei por que concordei com isso.

Era para estarmos na nossa. Ficando fora de vista, mantendo tudo em segredo enquanto decidíamos o que diabos era aquilo — seja lá o que *fôssemos*. Mas aí ele sugeriu como se não fosse nada demais. Como se fazer compras juntos fosse uma coisa normal de casal.

E eu estava curioso para ver como essa versão de nós se sentiria.

Uma versão em que não estivéssemos nos escondendo. Em que ele pudesse ser apenas o homem que carrega minhas sacolas e reclama dos preços exorbitantes dos produtos.

Então eu disse sim. Mesmo com o coração acelerado. Mesmo sabendo que não devia.

E aqui estamos nós.

"Você foi a um supermercado ultimamente?", provoco, dando-lhe uma cotovelada no ombro. "As coisas mudaram."

Maddox lança um olhar de soslaio, um sorriso irônico surgindo no canto de sua boca.

"É. O refeitório não oferecia exatamente cinco marcas de leite de amêndoa." Ele pega uma caixa, vira-a como se estivesse desconfiado. "E leite de aveia? Ainda não estou convencido de que seja comida de verdade. Parece golpe."

Solto uma risadinha antes que eu consiga me conter. Sei que não deveria rir; o tempo que ele passou na prisão não é motivo de piada. Mas ele fala sobre cumprir pena com tanta naturalidade que às vezes não consigo evitar provocá-lo por isso.

Abastecemos a despensa com meus itens favoritos, além de alguns peitos de frango e ovos para ele. Acho que não tinha me dado conta *de quanta* proteína é necessária para mantê-lo com essa aparência.

Ele aponta para o cereal. "Qual é o seu favorito? Eu deveria saber."

Ergo uma sobrancelha. "Você me perseguiu, Maddox. Você *já deveria* saber."

Aquele sorriso malicioso se espalha pelo seu rosto — preguiçoso, presunçoso, devastador. "Justo."

Sem pensar, estendo a mão para pegar uma caixa de Cocoa Puffs. A mão dele se estende ao mesmo tempo, seus dedos roçando os meus. Ficamos ambos imóveis.

É uma coisa tão boba — uma caixa de cereal — mas algo na delicadeza do momento me emociona profundamente. O polegar dele permanece sobre meus nós dos dedos,

como se relutasse em soltá-los. Sua expressão muda, aquele sorriso irônico se desfazendo em algo mais suave. Algo real.

"Chocolate Puffs?" pergunto, agora com a voz mais baixa.

Seu sorriso se suaviza ainda mais. "Eram os favoritos da Lila." Sua voz é baixa, quase frágil.

Eu não me afasto.

Em vez disso, eu aceno com a cabeça. "Sua filhinha tinha bom gosto. Elas também são as minhas favoritas."

E por um instante, ficamos ali parados. No meio de um supermercado lotado, com crianças pequenas gritando, carrinhos de compras fazendo barulho e um alto-falante anunciando uma promoção de atum enlatado, eu esqueço a gravidade de tudo. Esqueço o peso do que veio antes. Ele me olha como se eu tivesse pendurado as estrelas.

Então, sem aviso prévio, ele joga duas caixas no carrinho. "Uma para agora, uma para depois."

Soltei uma risada abafada. "Você é tão dramático."

Ele se inclina para frente, baixando a voz. "Você já sabia disso desde o começo."

E eu sorrio, porque é uma sensação boa. Real. Como algo que estamos construindo e que talvez realmente dure.

Nós perambulamos pela loja assim, discutindo sobre a qualidade dos produtos, compartilhando confissões sobre nossos petiscos favoritos, e de alguma forma, tudo parece tão... normal. Eu conto para ele como estou convencida de que os abacates não são sazonais, eles só os escondem para aumentar o preço.

Maddox ergue uma sobancelha, visivelmente divertido. "Você acha que existe um cartel do abacate?"

"Acho que há muita coisa que não sabemos", digo, falando muito sério.

Ele ri baixinho, balançando a cabeça enquanto beija o topo da minha cabeça. "Você é adorável."

Enquanto isso, Maddox, o homem que conseguia quebrar um pescoço sem suar, se transforma em alguém que debate sobre marcas de manteiga de amendoim porque "a orgânica tem gosto de castigo".

Ao chegar ao caixa, percebo que algo estranho aconteceu.

Pela primeira vez, não é o caos ou a obsessão entre nós que me deixa insegura. É a simplicidade de tudo. O *silêncio*. A ideia aterradora e inebriante de que talvez, só talvez, esta possa ser a minha vida. Ele. Eu. Supermercados. Discussões sobre manteiga de amendoim.

E, pela primeira vez, não detesto a ideia, porque é ele.

Depois de fazermos o check-out e voltarmos para minha casa, ele me ajudou a descarregar as compras na cozinha. Passamos a maior parte dos nossos dias e noites aqui. Por mais incrível que seja a cobertura enorme dele, acho que nós dois preferimos o pequeno bangalô da minha avó.

A cozinha está silenciosa, a luz quente do sol entra pelas janelas enquanto me abaixo para guardar as caixas de cereal na prateleira de baixo.

Atrás de mim, ouço o rosnado baixo de Maddox, o tipo de som que aprendi a reconhecer imediatamente. O som de um homem lutando com cada grama de autocontrole que lhe resta.

"Você está fazendo isso de propósito", ele diz com a voz rouca.

Dou uma olhada por cima do ombro. "Fazendo o quê?"

Seus olhos percorrem minhas leggings pretas e minha regata bege, escuros e perigosos. Seus punhos se fecham ao lado do corpo, o maxilar tenso, o peito ofegante. Lentamente, ele se aproxima até ficar atrás de mim, perto o suficiente para que eu sinta o calor que emana dele.

"Você sabe exatamente o quê", ele diz. "Se curvar desse jeito na minha frente."

Prendo a respiração. Sua voz, baixa, reverente, ressoa até o âmago do meu ser.

Ele pressiona uma das palmas das mãos contra a minha lombar, num gesto possessivo. A outra mão envolve meu pescoço por trás, inclinando minha cabeça suavemente para trás para que ele possa sussurrar no meu ouvido.

"Preciso de você, Ari. Agora mesmo."

A confissão quase me faz ceder as pernas.

E Deus me ajude, eu adoro isso. Adoro o quanto ele me deseja. Como ele não esconde isso nem me deixa na dúvida. Como ele mal consegue se controlar, mesmo agora, na minha cozinha ensolarada numa tarde de terça-feira, cercado por sacolas de compras sem graça.

Ele me quer o tempo todo.

E a pior parte? Eu adoro. Adoro ser desejada assim.

Como se eu não fosse um fardo. Como se eu não fosse demais. Como se eu fosse exatamente o suficiente.

Algumas horas depois, a cozinha cheira a alho e manteiga, o leve chiado do molho de tomate preenchendo o ar enquanto Maddox está no fogão, mexendo com uma facilidade surpreendente. Estou sentada no balcão, com as pernas balançando, a taça de vinho esquecida ao meu lado, enquanto o observo se movimentar pela minha pequena cozinha como se fosse seu lugar.

E talvez ele faça isso mesmo.

Coloco o cabelo atrás da orelha, observando-o. A camiseta preta esticada sobre seus ombros, o jeito como suas tatuagens se movem a cada gesto cuidadoso, a leve ruga entre as sobrancelhas enquanto ele prova o molho e ajusta a pimenta.

Não deveria parecer tão natural. Mas parece.

"Você está me encarando", ele murmura sem levantar o olhar.

Dou de ombros. "Você está cozinhando."

Ele esboça um sorriso raro e suave. "Tive vinte anos para pensar nas merdas que faria se um dia saísse daqui. Acontece que cozinhar para alguém de quem gosto estava no topo da lista."

As palavras me atingem com força. Meu peito se aperta. E, no entanto, não é o medo que surge — é o calor.

Um segundo depois, meu celular vibra com uma mensagem de Frankie.

FRANKIE

Eu e o Dante estamos só estacionando. Te vejo daqui a pouco. Mal posso esperar para conhecer seu príncipe encantado do presídio.

Sorrio ao ouvir o apelido que ela lhe deu, olhando para Maddox. Ele está picando manjerição fresco, assobiando e parecendo muito à vontade no meu espaço pessoal.

Algo se instala profundamente dentro de mim.

Com exceção daquela vez em que Frankie o viu rapidamente quando me buscou na casa de praia, ela nunca o tinha conhecido oficialmente. Esperei duas semanas enquanto Maddox e eu nos acostumávamos a conviver — ele abrindo uma nova empresa de cibersegurança com vários funcionários logo de cara... nada suspeito — e eu ocupada com meus clientes de contabilidade. Para falar a verdade, eu estava preocupada com o que Frankie e Dante pensariam... o que é bobagem, considerando como eles se conheceram.

O som da campanha me tira dos meus pensamentos. Meu coração dispara quando olho para Maddox, mas ele apenas ergue uma sobancelha e enxuga as mãos em um pano de prato, como se fosse um dia qualquer. Como se isso fosse normal.

Não é.

O encontro dele com minha melhor amiga e o marido dela é algo *muito* importante.

Abro a porta e encontro Frankie e Dante na varanda, com os braços cheios de vinho e uma caixa de bolo. Frankie sorri de canto assim que me vê, mas seu olhar logo se desvia para Maddox, que está encostado casualmente na ilha da cozinha, com a faca ainda na mão.

"Meu Deus", ela sussurra enquanto entramos. "Ele é mesmo o gêmeo mais bonito e perigoso do Asher." Seus olhos brilham maliciosamente. "E quando digo perigoso, quero dizer perigoso mesmo."

Dante resmunga atrás dela, com a carranca se acentuando.

Maddox caminha até a porta da frente, estendendo a mão como um cavalheiro. "Maddox Cross."

Frankie pega na mão dele, os olhos semicerrados, lendo-o daquele jeito que só ela consegue. "Frankie", ela diz. "Este é Dante."

Dante acena com a cabeça, rígido, sem estender a mão. "Eu sei quem você é."

O sorriso irônico de Maddox surge, mas não desaparece. "O prazer é todo meu."

A tensão é palpável, mas Maddox? Maddox é suave. Ele é charmoso à sua maneira letal e calculista, mas noto uma mudança sutil quando ele olha para mim, suavizando-se o suficiente para que só eu perceba.

Logo, Frankie está rindo baixinho, me ajudando a picar legumes enquanto Maddox se move com desenvoltura pela cozinha, preparando o jantar como se fizesse isso há anos. Dante fica por perto, de braços cruzados, observando cada movimento de Maddox, mas Maddox parece indiferente.

“Então”, diz Frankie, inclinando-se para perto enquanto Dante está distraído observando Maddox. “Ele cozinha, limpa e parece que mataria por você. Sem bilhetes.”

Solto um resmungo, sentindo as bochechas esquentarem.

Maddox olha por cima do ombro, me flagrando sorrindo, e juro que ele se endireita um pouco, como se soubesse exatamente o que está sendo dito.

E talvez, só talvez, ele faça isso.

Dante se encosta no balcão, observando Maddox como se estivesse esperando que ele cometesse um deslize. Não o culpo. Ele é tão protetor com Frankie — e, consequentemente, comigo — quanto Maddox.

Frankie me cutuca com o quadril. “Você está radiante.”

Eu bufo. “Está muito quente aqui dentro.”

Seus olhos se voltam para Maddox. “Certo.”

Dante não diz nada, mas seus olhos não se desviaram de Maddox desde que ele entrou. A tensão é quase cômica, se não fosse tão angustiante.

Enquanto o jantar fica pronto, me pego lançando olhares furtivos para Maddox, observando como ele discretamente me acompanha. Ele me oferece uma colher quando preciso, sem que eu peça. Puxa a cadeira para mim sem dizer nada. Seus dedos roçam a minha lombar quando ninguém está olhando.

Eu adoro isso — ser o centro do universo dele.

Eu *precisava* disso — ser vista sem ter que dizer uma palavra sequer.

Frankie percebe. Ela sempre percebe. “Você o ama”, ela sussurra enquanto colocamos a massa nos pratos.

“Eu — Frankie.”

“Você quer sim. E está apavorada.” A voz dela suaviza. “Você nunca deixou ninguém te desejar assim, não é?”

Sinto um nó na garganta. Não digo nada, mas ela sabe. Ela sempre sabe.

Na mesa, Maddox senta-se ao meu lado, a coxa roçando na minha por baixo da mesa como se estivesse me reivindicando. Cada toque parece deliberado. Possessivo. E talvez eu devesse afastá-lo, mas em vez disso? Eu me entrego ao contato.

Dante nos observa como um homem fazendo contas e percebendo que não gosta do resultado. Tenho que me conter para não rir. Ele é uma figura paterna superprotetora, e sou grata por tê-lo em minha vida. Além disso, talvez um dia esses dois homens taciturnos se tornem melhores amigos. Mas, por enquanto, pelo menos parecem se tolerar.

No meio do jantar, Frankie conduz a conversa para assuntos mais tranquilos — falando sobre trabalho, sobre como Dante ainda ronca como uma motosserra. Maddox entra na brincadeira, soltando comentários secos aqui e ali, mas de vez em quando, sua mão encontra a minha por baixo da mesa. Acariciando. Provocando. Como se não conseguisse se controlar.

E que Deus me ajude, eu não quero que ele pare.

Frankie percebe, claro. Suas sobranceiras se erguem como se ela fosse me confrontar. “Então, Maddox”, diz ela, girando a taça de vinho, com os olhos afiados e desafiadores. “Quais são suas intenções com a minha melhor amiga?” Frankie pergunta,

falando muito sério. "E, por favor, lembre-se de que Dante e eu assistimos a muitos documentários sobre crimes reais, e eu tenho uma confiança perturbadora de que conseguiria cometer um assassinato impunemente."

Eu gaguejei. "Frankie!"

Ela sorri. "Relaxa, querida. Tenho certeza de que ele é ótimo. Mas sabe... só por precaução."

Dante nem sequer se abala, apenas ergue o copo em concordância. "Ela não está brincando. Moramos perto de um pântano. Corpos desaparecem lá o tempo todo."

"Ai meu Deus", sussurro, cobrindo o rosto, mas me sentindo muito bem protegida mesmo assim.

Maddox, para seu crédito, não pisca. Seus lábios se contraem como se ele estivesse tentando não sorrir. "Anotado."

Frankie recosta-se, com os olhos semicerrados fixos nele. "Estou falando sério, Maddox. Gostamos de você — por enquanto. Se você estragar tudo, serei a primeira a garantir que desapareça sem deixar rastro."

O sorriso de Maddox se alarga ainda mais. "Entendido. Mas, só para deixar claro, pretendo ficar com ela. Para sempre."

Frankie quase se engasga com o vinho. Ela me lança um olhar do outro lado da mesa que diz que *ele não pode estar falando sério*, e eu lhe dou um sorriso forçado e um aceno de cabeça quase imperceptível.

Dante solta um suspiro lento. "Ari é da família. Sempre foi. Se você a fizer chorar, vamos cavar um buraco no pântano atrás da casa."

Então, após uma pausa, ele acrescenta, com a voz baixa e ponderada: "Asher também sabia disso. É por isso que ele sempre parecia nervoso perto de mim."

Seu tom é tão casual que leva um segundo para perceber que suas palavras são uma ameaça.

O polegar de Maddox acaricia meu pulso por baixo da mesa, calmo, até divertido. "Gosto de pântanos", murmura sem hesitar, mas o brilho em seus olhos promete que ele não está preocupado.

Os olhos de Frankie se arregalam como se ela não esperasse que Dante agisse como um mafioso de verdade, mas em vez de recuar, Maddox apenas se recosta, parecendo satisfeito e como se minha melhor amiga e o marido dela não o tivessem ameaçado de morte várias vezes.

Quando o jantar termina e estamos arrumando a mesa, Maddox lava as panelas na pia, com os olhos me seguindo de vez em quando, como se eu fosse a única coisa que importasse. Frankie também percebe. Ela me puxa para um canto enquanto colocamos a louça na lava-louças.

"Você está brincando com fogo", ela sussurra.

Meu estômago revira. "Eu sei."

O olhar dela se suaviza. "Mas eu também nunca te vi tão feliz."

Mordo o lábio inferior para não sorrir como um idiota. "Eu sou."

Ela me abraça e me segura por alguns segundos. "Aposto que o sexo é incrível."

Eu dou uma risadinha e a empurro. Dante se oferece para limpar, mas Maddox não se move do lugar na pia. Eu tomo um gole do meu vinho e observo Frankie e Maddox discutindo a melhor maneira de fazer pão de alho — aparentemente ela tinha algumas dicas para ele do nosso jantar de hoje à noite — e Dante permanece perto da esposa o tempo todo, observando Maddox com um olhar inseguro.

Eles saem por volta das nove para buscar Lucia na casa da mãe de Frankie, e assim que eles vão embora, eu me aproximo de Maddox para ajudar a limpar a bagunça da cozinha.

Maddox seca minha panela de ferro fundido enquanto eu me inclino sobre o balcão para guardar as taças de vinho, e então ele faz aquele som baixo e rouca de novo.

"Se você se inclinar assim mais uma vez", ele murmura sombriamente, "eu vou te dobrar sobre este balcão."

Eu engulo em seco.

Assim que deixo de segurar o copo, Maddox me pressiona contra o balcão, seu peito quente contra minhas costas. Sua mão desliza pela minha cintura, seus lábios roçando a concha da minha orelha.

"Então, você acha que seus amigos gostam de mim?", ele pergunta, com um toque de vulnerabilidade em sua pergunta.

"Frankie sim. Mas não tenho certeza sobre Dante."

"Sim. Não costumo dizer isso, mas aquele cara é intimidador pra caralho."

Eu bufei. "No fundo, ele é um grande sentimental. Só é muito protetor comigo."

"Então, isso significa que estamos namorando oficialmente?", ele pergunta, beijando a minha nuca enquanto eu deixo minha cabeça cair para trás, contra o seu peito.

"Pensei que já estávamos namorando oficialmente", digo, com uma voz fingidamente chorosa.

"Eu quero você, Ari. Quero tudo com você. Quero fazer compras no supermercado e acordar com você todas as manhãs. Quero jantar com seus amigos e almoçar com meus pais. Até tolero o Asher, contanto que ele não seja um completo idiota."

Eu rio. "Eu também quero isso."

Ficamos assim, abraçados, com o queixo dele apoiado no meu ombro.

É como se estivéssemos absorvendo tudo juntos. E, pela primeira vez, o silêncio não parece um peso, mas sim uma permissão.

Mas... e se não for suficiente? E se ele ficar entediado, ou em algum momento perceber que sua obsessão era apenas porque ele se sentia sozinho naquela cela?

"O que foi, pequeno guerreiro?" Sua voz é calma, mas carregada de aspereza, como se ele já soubesse a resposta.

Como é que ele sempre sabe o que estou pensando?

Fecho os olhos, encostando as costas no peito dele, deixando que as batidas constantes do seu coração me acalmem. "Estou preocupada porque não sei como fazer isso", admito, apertando os dedos contra as mãos dele que repousam sobre minha barriga.

Maddox não hesita. "Sim, você hesita."

Viro-me ligeiramente para olhá-lo por cima do ombro, buscando algum tipo de segurança em seus olhos. "Não. Eu sempre... me conformei. Fiz o que era esperado. Fui a boa filha. A namorada tranquila. Aquela que nunca precisou de muito. E mesmo com o Asher..." Minha voz falha, sentindo o rosto corar. "Mesmo com ele, nunca me senti tão próxima. Nem metade. É assustador, porque nunca consegui confiar em ninguém além de mim mesma. Mas... três semanas com você e sinto como se te conhecesse há uma eternidade."

Seu maxilar se contrai, mas seu polegar permanece suave enquanto traça o contorno do meu queixo. Seus olhos examinam os meus como se ele estivesse juntando as peças, como se estivesse vendo cada parte de mim que me esforço tanto para manter escondida.

"É porque você nunca se conteve comigo." Sua voz é baixa, firme, com um tom mais sombrio. "Nem uma vez." Seu polegar pressiona suavemente meu pulso. "Você me mostrou todas as suas versões — a boa, a assustada, a teimosa. Todas elas. Você não jogou pelo seguro, nem por um segundo."

Essas palavras me causam uma dor profunda. É verdade. Conteí mais para o Maddox nesses últimos dias do que para qualquer outra pessoa. Sobre meus medos, sobre querer mais, sobre o cansaço de sempre me moldar para atender às necessidades dos outros.

"Não quero ter medo de querer mais", sussurro, mal conseguindo admitir em voz alta.

Ele expira pelo nariz, o som rouco. Sua mão desliza para cima, envolvendo a minha nuca. "Você acha que eu também não estava com medo? Eu perdi tudo, Ari. Lila. Elaine. Minha vida inteira. Passei de ter tudo o que sempre quis a existir numa cela minúscula. E aí eu vi aquela sua foto, e senti como se fosse uma segunda chance impossível, e tudo o que eu conseguia pensar era: vou estragar tudo. Vou te destruir."

Eu pisquei forte, com lágrimas ameaçando brotar. "Maddox..."

"Mas eu não me importo mais em te arruinar", ele continua, com a voz carregada de algo que eu nunca tinha ouvido antes. Não era raiva. Não era possessividade. Algo mais próximo da dor. "Eu te quero demais. E sou egoísta o suficiente para te tomar."

Eu estremeço, o peso de suas palavras me atingindo em cheio.

"Você não precisa ter medo", ele sussurra roucamente. "Não comigo. Aceite. Aceite-me. Ninguém vai te impedir. Muito menos eu."

Minha garganta arde. A vulnerabilidade ameaça me destruir. Mas não me afasto. Em vez disso, me inclino para ele, pressionando meus lábios suavemente contra os dele.

E desta vez não é uma situação desesperada.

Não se trata de luxúria ou de provar um ponto.

É real.

O beijo se aprofunda lentamente, como se ele estivesse me deixando ditar o ritmo, como se estivesse colocando seu coração em minhas mãos e me desafiando a quebrá-lo.

Seus dedos se enroscam delicadamente em meu cabelo, me ancorando, me dando segurança. Quando me viro para encará-lo, ele me levanta enquanto enrolo minhas pernas em sua cintura antes de expirar profundamente contra minha boca.

Antes de me puxar para mais perto, como se nunca fosse me soltar.

"Agora eu te peguei", ele murmura, com a testa pressionada contra a minha. "Você por inteiro. Não ouse fugir."

Respiro fundo, trêmula, mas convicta. "Não vou a lugar nenhum", sussurro.

E de alguma forma, pela primeira vez em toda a minha vida, estou falando sério.

EPÍLOGO: O FUTURO FANTASMA

ARI

SEIS MESES depois

Na primeira vez que li o e-mail, acho que imaginei tudo.

Na segunda vez, pisquei duas vezes ao ler o e-mail e depois o reli mais dez vezes.

Na terceira vez, grito tão alto que assusto Maddox, que entra correndo da cozinha vestindo apenas cueca e um avental com a inscrição "Ex-presidiário Mais ou Menos do Mundo", com os olhos arregalados e a espátula erguida como se fosse brigar com alguém.

"O que houve?", pergunta ele, examinando a sala com o olhar.

"Consegui um contrato para publicar um livro!", grito de volta, segurando meu celular no ar.

Ele pisca. "Um contrato para um livro?"

"Consegui um contrato para publicar meu conto de fanfic!"

Maddox abaixa a espátula lentamente. "Aquela do coletor de ossos?"

Eu aceno com a cabeça, ainda sem fôlego. "Sim!"

Uma fantasia romântica sombria original, vagamente baseada em *uma mistura de O Estranho Mundo de Jack com A Bela e a Fera*. Estava fazendo o maior sucesso nos sites de fanfics, mas jamais imaginei, nem nos meus sonhos mais loucos, que uma *editora de verdade* fosse publicá-la.

O rosto de Maddox se abre num sorriso tão largo que me deixa sem ar. "Caramba, anjo." E então ele atravessa a sala em três passos largos, larga a espátula, me agarra pela cintura, me levanta no ar e me gira até eu ficar sem fôlego por um motivo completamente diferente.

O e-mail era claro. Uma editora boutique de romances, ligada a uma grande editora, viu minha fanfic viral, *Monstrously Yours*, e queria adaptá-la para um romance completo. Vou manter os direitos, a propriedade intelectual e receber um adiantamento generoso que torna a ideia de largar meu emprego de contadora realmente, e assustadoramente, real. É algo que venho considerando nos últimos meses, porque, por mais que eu ame meus clientes, escrever minhas histórias eróticas com monstros me deixa tão feliz que percebi, ao longo do último ano, que talvez eu gostaria de fazer isso em tempo integral.

E agora... eu posso.

Além disso, Maddox revisa todos os meus capítulos semanais e tem me incentivado a dedicar mais tempo à escrita.

"Caramba, Ari", diz Maddox, lendo o e-mail por cima do meu ombro. "Isso é muito importante. Estou muito orgulhoso de você."

"Obrigado."

Ele aninha o rosto no meu pescoço, os braços me envolvendo com força, como se nunca mais fosse me soltar. "Você fez isso. Sozinha."

Eu rio, piscando para conter as lágrimas repentinas. "Você me ajudou."

"Eu fiquei sentada ao seu lado enquanto você se debatia sobre furos no roteiro e questionava se alguém se importaria com um carrasco de cemitério taciturno que come ossos para obter poder, mas se apaixona por uma bibliotecária à luz de velas. Você fez todo o resto."

"Você adorou", sussurro, em tom de brincadeira.

Ele levanta a cabeça, com um sorriso irônico. "Eu me masturbei vendo isso."

"Maddox!"

"O quê?", ele dá de ombros, completamente impenitente. "O capítulo dezesseis foi obsceno, e você sabe disso."

Cubro o rosto com as mãos, gemendo entre as palmas. "Se eu não te amasse tanto, te sufocaria com esse avental."

"Hum." Ele se inclina, depositando um beijo logo abaixo da minha orelha. "Eu adoraria que você me sufocasse com outra coisa."

"Tenho certeza que sim."

Dou uma risadinha discreta, ainda sem fôlego, ainda atordoada pelo e-mail, pela sensação de calor que tudo aquilo me causou. Mas então a voz dele fica um pouco mais baixa.

"Então isso significa que você vai dizer sim hoje?"

Eu paraliso — não de pânico, mas de surpresa. Não porque eu não saiba o que ele quer dizer. Mas porque eu sei.

Não é a primeira vez que ele me pede em casamento. Não formalmente. Não de joelhos. Mas de passagem, na cama, naqueles pequenos momentos tranquilos em que estamos meio adormecidos ou assistindo reprises de documentários policiais enquanto comemos cereal direto da caixa. Ele me pede em casamento com aquele brilho travesso no olhar, como se fosse uma brincadeira. Como se estivesse testando o peso das palavras.

E eu sempre rio. Sempre desconverso. Digo "Ainda não" ou "Pergunte-me quando eu estiver usando calças de verdade", e ele sempre deixa para lá. Porque ele sabe que eu precisava de tempo.

Mas e agora?

Agora, tudo parece diferente.

Consigo *imaginar* nosso futuro: eu escrevendo nesta casa onde ele mora comigo agora. Ele trabalhando na escrivaninha ao meu lado, como faz hoje, e dando caminhadas na hora do almoço pelo meu bairro para sair de casa e aproveitar nossa vida tranquila. Talvez um gato ou um cachorro, e um dia, um bebê. Encontros duplos com Frankie e Dante, agora que Dante decidiu que Maddox é digno de mim.

Não consegui perceber de imediato. Precisava de tempo.

Mas e agora?

Ele me parece a decisão certa.

Eu o encaro, seus braços fortes me envolvendo, seu sorriso ainda suave pela emoção da *minha* boa notícia. Este homem — este homem obsessivo, lindo e perigoso — me ama mais do que qualquer outra pessoa jamais amou. Mais do que eu jamais permiti que alguém tentasse.

E talvez eu nunca lhe diga abertamente que hoje, *este dia*, parece um começo. Uma mudança que eu não esperava.

Mas eu me inclino e o beijo uma vez — um beijo profundo e convicto — e quando me afasto, sussurro: "Me pergunte de novo. *Oficialmente*."

O sorriso que ele me dá em resposta? É lento, devastador e absolutamente *revelador*. Ele me coloca delicadamente no sofá e se afasta. Meu estômago revira quando ele desaparece atrás da esquina da cozinha, apenas para retornar com algo escondido atrás das costas.

Meus nervos estão à flor da pele e sinto meus olhos começarem a lacrimejar antes mesmo que ele se aproxime. E quando ele se aproxima, segura uma pequena caixa em forma de coração na minha frente e se ajoelha.

A caixa é de plástico. Rosa brilhante. Com um leve brilho retrô que aperta meu coração e faz um soluço escapar da minha boca.

"Isso é uma... Polly Pocket?"

Ele abre um sorriso ainda maior. "Feito sob medida."

"Maddox."

"Eu queria algo especial. Só para você. Frankie me disse que essa era a melhor ideia que eu já tinha tido."

"Você perguntou ao Frankie?"

Ele acena com a cabeça. "E Dante. Eles aprovam, aliás."

Dou risada em parte e choro em parte diante da audácia desse homem.

Ele abre a caixa. Lá dentro, aninhado em veludo macio, está um anel. Uma aliança de ouro simples com uma pedra azul-escura no centro, esculpida no formato de uma flor. Uma... *miosótis*. É deslumbrante. Ousado e de uma beleza singular.

Assim como ele.

Assim como nós.

"Eu queria te dar algo que me lembrasse de você. Algo inesperado." A voz dele baixa, e consigo ouvir o tremor por trás da confiança. "Você mudou meu mundo inteiro, Ari. Você fez desta casa o meu lar. Você *se tornou* meu lar. Você me fez acreditar que eu poderia ser mais do que vim, ou de onde estive. Que eu poderia ter um futuro em vez de uma sentença. Que..." Juro que vejo um brilho de lágrimas em seus olhos azuis brilhantes. "Que eu poderia ter uma segunda chance no amor."

Eu pisco os olhos rapidamente, tentando me controlar. Ele engole em seco e pega minha mão.

"Quero ser seu maior fã. Seu maior incentivador. Seu parceiro para sempre. Aquele que sempre cuida de você e se certifica de que você esteja feliz. E acima de tudo... quero ser seu marido." Uma pausa. "Você quer casar comigo?"

Nem tento conter as lágrimas. Envolvero-o com meus braços, derrubando a Polly Pocket de sua mão no processo.

"Sim", sussurro em sua pele. "Sim. Seu maníaco. Sim."

Ele ri, aquele som baixo e delicioso que sempre derrete algo profundo dentro de mim e me levanta do chão novamente, girando nós dois.

O anel encaixa perfeitamente no meu dedo.

Não é tradicional. Não é nada como eu esperava.



Mas acho que nunca amei nada mais — acho que nunca amei *ninguém* mais.

MADDOX

Sete meses depois

Minhas manhãs agora são diferentes.

Chega de burlar firewalls de nível federal, chega de celulares descartáveis, chega de consultoria secreta para homens que nunca assinaram seus nomes. Ainda aceito trabalhos, claro — pequenos, tranquilos. O tipo de trabalho em que posso trabalhar no escritório que dividimos enquanto Ari escreve suas besteiras monstruosas ao meu lado, com seus óculos pequenos e meu moletom engolindo seu corpo.

Mas a verdade é que estou elaborando um plano de saída. Um plano limpo. Porque eu já vivi a vida de alto risco, e nada se compara a isso.

Para *ela*.

Ela está quase no sexto mês de gravidez, e vê-la com a barriga macia e fofa — a pele radiante, aquele jeito um pouco instável de se mover pela casa — me desfaz todos os dias.

Vou ser pai. De novo.

Só que desta vez, não estou em missão do outro lado do mundo. Desta vez, posso acordar ao lado da Ari, colocar a mão na barriga dela e sentir meu filho chutar. Posso preparar o café da manhã, dobrar as roupinhas dela e beijá-la até que ela geme na minha boca, como fazia quando tudo isso ainda era um silêncio.

Estou pronto para ser um pai que fica em casa. Pronto para cuidar do nosso filho para que ela possa perseguir seus sonhos de escritora — transformar fanfics em carreira, escrever sobre reis lobisomens, amantes com tentáculos e almas gêmeas monstruosas enquanto eu lavo mamadeiras e garanto que os dois estejam felizes e alimentados.

Agora que vislumbrei essa vida, eu incendiaria o mundo só para mantê-la — com a barriga inchada da Ari e nosso filho vivendo confortavelmente dentro dela.

E hoje? Hoje não é um dia especial. Não é um aniversário nem uma grande conquista. Somos só nós. Tranquilos. Confortáveis. *Em casa*.

Mas não consigo parar de olhar para ela.

Ela está usando uma das minhas camisetas velhas, surrada e apertada sobre sua barriga crescente, e cantarola algo baixinho enquanto limpa a bancada da cozinha. Seus cabelos estão soltos, escuros e ondulados, caindo pelas costas. Sua pele brilha na penumbra. Seu anel enrosca na borda da bancada, e ela se vira, sorrindo para mim como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

Minha *esposa*.

Um casamento às pressas há três meses, antes de ela começar a mostrar a barriga, e agora eu posso chamá-la de minha *esposa*, *porra*.

E assim, sem mais nem menos, eu me fui.

Atravesso a sala antes mesmo que ela perceba o que estou fazendo e a levanto em meus braços.

"Maddox", ela sussurra, assustada, mas sorrindo, e leva as mãos aos meus ombros. "O que você está fazendo?"

Não respondo. Simplesmente a levo direto para o quarto e a coloco no chão logo na entrada, como se ela fosse feita de vidro soprado.

Mas e os meus olhos?

Eles estão morrendo de fome.

Ela percebe imediatamente. Seu sorriso se suaviza, mas seu corpo fica imóvel.

"Maddox..." ela murmura, olhando nos meus olhos.

Eu caio de joelhos.

"Preciso que você entenda", digo asperamente, minhas mãos já deslizando por baixo da barra de sua blusa. "Preciso que você entenda o que você significa para mim."

Ela engole em seco. "Sim, eu aceito."

"Não", respondi com a voz rouca. "Acho que não."

Ela começa a falar, mas eu já estou levantando a blusa dela, já estou beijando o caminho até a parte interna de suas coxas.

"Ninguém", digo, com a boca contra sua pele macia. "Ninguém, porra, jamais me fez sentir como você me faz sentir."

Ela respira com dificuldade.

"Você sempre foi minha", murmuro. "Mas agora?" Dou um beijo em sua barriga enquanto a olho. "Agora vocês duas são minhas. Para sempre."

Ela já está ofegante quando minha língua desce entre suas pernas. Uma lambida, lenta e reverente, e ela começa a tremer. Ela está tão sensível, tão inchada, que agora atinge o orgasmo em meros segundos.

É uma das minhas coisas favoritas sobre a gravidez dela.

"Agora vou te adorar. E você vai me deixar."

Os joelhos dela cedem e eu a seguro facilmente, jogando sua perna sobre meu ombro. Meus dedos se cravam na parte de trás de suas coxas enquanto eu enterro minha boca entre elas, lambendo e chupando seu clitóris inchado como um homem possuído, deixando minha língua penetrar em sua vagina molhada enquanto ela grita.

E ela tem o gosto de tudo que eu sempre quis.

Os minutos passam como horas.

A cabeça dela pende para trás contra a parede. Sua voz está rouca de tanto gemer. Minha barba por fazer e meu queixo estão cobertos com a excitação dela, e meu pau está pulsando — vazando — mas eu não paro. Eu a mantenho bem na beira do clímax — circulando, beijando, murmurando obscenidades em sua pele.

"Isso mesmo, meu bem. Deixa eu te ouvir."

"Boa garota. Caramba, você é tão perfeita assim."

"Abra para mim. Assim, sem mais nem menos. Deixe-me provar o que é meu."

Quando ela chega pela quinta vez, é com um soluço desesperado. Seu corpo inteiro se contrai em minhas mãos, e eu a seguro durante todo o processo, gemendo em seu peito como se eu fosse morrer ao senti-la se desfazendo novamente.

Mas eu ainda não terminei.

Eu a levanto — gentilmente, com cuidado — e a levo até a cama. Deito-a como se ela não tivesse preço, porque ela não tem. Tiro aquela camiseta velha, traço cada curva, cada marca que nosso filho deixou em seu corpo, e me desvisto ao lado dela.

"Pensei que queria te virar de quatro e te foder como um louco", admito, em voz baixa, enquanto tiro minha camisa.

"Mas e agora?", ela sussurra, com os lábios entreabertos e os olhos brilhando.

Subo pelo corpo dela como se ele me pertencesse.

"Agora, eu só quero sentir cada centímetro seu. Devagar. Profundamente. Se eu pudesse, eu te engravidaria agora mesmo, deixando meu sêmen criar raízes dentro de você de novo." Eu gemo, beijando-a. "Meu Deus, você é tão perfeita, anjo."

Afasto as pernas dela com cuidado e pressiono a ponta do meu pau contra sua intimidade úmida e inchada. Ela já está ofegante, já está pronta, já é minha.

Quando eu penetro, devagar e com firmeza, ela arfa e se arqueia para fora da cama.

"Meu Deus, sim — Maddox —"

Eu não tenho pressa.

Eu não bato.

Eu me movo como se estivesse gravando-a em meus ossos, porque estou.

Uma mão acaricia seu queixo, a outra repousa espalmada sobre sua barriga. Algo primitivo pulsa em mim, como acontece sempre que vejo sua barriga inchada.

Eu. Eu fiz isso.

"Se você não estivesse grávida", rosno, "eu gozaria dentro de você com tanta força que você não pararia de pingar por dias."

Ela geme baixinho e suas pernas se apertam ao meu redor.

"Porra, Ari, goza pra mim. Goza com meu pau bem fundo em você."

Ela grita, todo o seu corpo tremendo, e eu não paro. Eu a beijo durante todo o tremor, a abraço forte, a fodo até o último tremor, até o último aperto em volta do meu pau.

E então eu gozo também, fundo e com força, derramando dentro dela com um som gutural que nem sequer parece humano. É alívio, obsessão e gratidão, tudo reunido em um orgasmo avassalador.

Não retiro o pênis. Não me mexo. Apenas a seguro.

Nossos corpos cobertos de suor, emaranhados, mas ainda conectados de todas as maneiras.

"Você ainda está tremendo", ela sussurra, com um sorriso provocador na voz.

Enterro meu rosto em seu pescoço e aceno com a cabeça.

"Sim", murmuro. "Mas acho que é só porque te amo."

Ela ri baixinho, seus dedos acariciando meu cabelo enquanto ela os desliza pelo meu couro cabeludo. E em algum lugar no silêncio entre as batidas do coração e a respiração constante, eu sinto tudo se acalmar.

Paz.

É assim que se sente a paz, e pela primeira vez na minha vida, estou a experimentá-la em primeira mão.

E eu farei qualquer *coisa* para mantê-lo.

—

MADDOX

Dois meses depois

As instruções do berço da IKEA estão em sueco.

Ou talvez seja finlandês. Seja lá o que for, não é inglês, e nem meu pai, que nasceu na Suécia, consegue entender.

"Que diabos é um *fjällsippa* ?", murmuro baixinho, segurando uma tábua do que presumo ser o lado A do berço.

Do outro lado do quarto, a risada de Ari ressoa como a luz do sol, quente e alta. Ela está sentada de pernas cruzadas no tapete do berçário, sua barriguinha redonda fazendo a blusa subir um pouquinho — o suficiente para me dar vontade de abandonar este berço e levá-la para a cama.

De novo.

Frankie se espreguiça ao lado dela, enfiando biscoitos Goldfish na boca com aquele tipo de energia caótica que só se consegue seis meses após o parto, à base de café com leite de avelã e quatro horas de sono.

Dante está andando de um lado para o outro atrás de mim, lendo as instruções como se estivesse decifrando uma bomba. "Você está segurando isso de cabeça para baixo."

"Não, estou segurando-a como ela merece ser segurada. Com violência", resmungo, virando a peça.

Ari bufou e se recostou, apoiando-se nas mãos. "Talvez devêssemos ter pago os cinquenta dólares extras para que eles construíssem."

Dou uma olhada por cima do ombro e a visão dela — radiante, relaxada, com a barriga cheia do nosso filho — faz com que algo apertado no meu peito se solte de repente.

"De jeito nenhum", digo. "Meu filho vai dormir numa cama que eu mesma construí, custe o que custar."

Dante resmunga. "Pode ser."

Frankie atira um biscoito nele. "Deixe eles aproveitarem esse momento. Você só está com inveja porque ninguém nunca te pediu para construir um berço."

Ele murmura algo inaudível e pega a pequena chave inglesa com uma carranca, e pela primeira vez, eu percebo o que este momento representa.

Um ciclo completo.

Todo o caos e os momentos sombrios que nos trouxeram até aqui? Ainda fazem parte da história. Mas agora, estamos na parte mais tranquila. A hora de ouro do que está por vir.

Ari me flagra olhando fixamente e me dá um pequeno sorriso, com os olhos brilhantes e a mão repousando sobre a barriga.

"Quase terminando?", ela provoca.

"Se você não estivesse olhando, eu já teria terminado", murmuro, endireitando-me.

Frankie dá uma gargalhada. "Não dê ouvidos a ele. Ele está encarando aquele parafuso há dez minutos."

"Só para ter certeza de que está bem apertado", digo secamente.

"Foi isso que ele disse", murmura Frankie baixinho, e eu não consigo conter o riso.

Mas isso definitivamente quebra a tensão.

Quando finalmente conseguimos encaixar a última peça, Ari insiste em tirar uma foto. Frankie diz que é para o Instagram, mas eu sei que não é bem assim. É para depois. Para o nosso filho. Para quando ele for grande o suficiente para ouvir a história de como o pai dele, um ex-presidiário, se envolveu numa discussão acalorada com uma caixa de tábuas de madeira.

Enquanto o sol começa a se pôr no horizonte, Dante e Frankie saem. Frankie grita algo por cima do ombro sobre trazer mais tâmaras Medjool para Ari — *boas para amolecer o colo do útero*, aparentemente — enquanto Dante resmunga sobre o trânsito durante todo o caminho até a entrada da garagem.

Tiro uma foto rápida para enviar para Asher e meu pai, e nós três trocamos algumas mensagens de texto.

Asher acabou percebendo que Ari e eu estávamos perdidamente apaixonados, e aceitou nosso relacionamento. Não o vemos muito hoje em dia — ele se mudou para a Costa Leste —, mas meus pais nos visitam com frequência.

Assim que a última luz traseira desaparece na rua, a casa fica em silêncio.

E aí, só restamos nós dois.

Fecho a porta e me viro para ela, com o coração apertado ao vê-la encolhida na cadeira de balanço, uma mão acariciando a barriga, a outra folheando um livro de nomes de bebês que nunca usaremos. Há alguns meses, decidimos construir um anexo ao nosso quarto para transformar o apartamento dela, que tinha dois quartos, em um de três para o bebê. Eu jamais pensaria em pedir para ela abrir mão da casa da avó, e agora não precisamos mais.

"Você está bem?", pergunto suavemente.

Ela acena com a cabeça. "Só estou cansada."

Caminho até ela, ajoelho-me à sua frente e encosto minha testa suavemente em sua barriga.

Seus dedos deslizam pelos meus cabelos. "Eu te amo", ela murmura.

E então, porque sou eu, levanto o olhar com um sorriso malicioso. "Eu também te amo. E mal posso esperar para te engravidar mais quando você estiver pronta."

Ela ri, ofegante e carinhosa. "Jesus, Maddox."

Eu me levanto, pego em sua mão e a ajudo a se levantar com cuidado.

"Não", digo baixinho, afastando uma mecha de cabelo do rosto dela. "Não Jesus. Só eu. O homem que vai passar o resto da vida garantindo que você saiba que nunca foi demais. Que você sempre valeu a pena ser escolhida."

Ela começa a lacrimejar imediatamente, como tem acontecido ultimamente. Dou um beijo em sua testa e depois em seus lábios.

"Agora venha para a cama e tire uma soneca", murmuro. "Deixe-me mimá-la bastante."

Porque cada pedacinho disso — essa família, esse amor, essa segunda chance — eu estou segurando com as duas mãos agora.

E eu nunca vou desistir disso.

ARI

Um mês depois

Está tarde.

Aquele tipo de noite que deixa tudo azul e suave, com sombras que se enrolam nos cantos do quarto como segredos.

Maddox está dormindo na nossa cama atrás de mim, com a mãozinha encostada na curva da minha barriga, como se tivesse medo de perder o contato até mesmo dormindo. Ele sempre acaba ali, como se fosse instinto. Como se já estivesse protegendo nosso filho do mundo.

Encaro o bercinho do outro lado do quarto. Aquele que ele construiu com as próprias mãos, apesar dos problemas que teve com o berço... e a cômoda... e a cadeira de balanço.

Chorei quando ele terminou. Não porque estava perfeito — o que, obviamente, não estava. Ainda tem um pequeno arranhão em um dos trilhos, de quando ele jogou uma chave inglesa e amaldiçoou os deuses da IKEA. Mas porque era nosso. E será o primeiro lugar onde nosso filho dormirá antes de ter idade suficiente para dormir no próprio quarto.

Construído com cuidado. Com amor. Com propósito.

Ainda não sei como cheguei aqui.

Há um ano e meio, eu estava em um relacionamento que já não me servia mais. Eu me contentava com alguém que me dava migalhas de pão e chamava isso de banquete. Estava exausta de ser boazinha, de me diminuir, de me moldar aos padrões que os outros esperavam que eu tivesse.

E agora... agora estou gerando uma pessoa inteira e vivendo o sonho de ser autora em tempo integral de dois livros e meio.

Esse menininho que ainda nem conhecemos? Ele já é tudo. Não porque ele seja perfeito, ou porque eu espere que ele seja. Mas porque eu já sei o que é ser criada por pessoas que acreditavam que o amor era algo que se conquistava.

Eu não farei isso com ele.

Maddox e eu conversamos sobre isso às vezes — que tipo de pais seremos. Geralmente termina com ele se emocionando e eu fingindo que não choro porque meus hormônios são um crime de guerra.

Mas sempre acabamos voltando ao mesmo ponto.

Ele nunca terá que se perguntar se é demais.

Ele nunca precisará ter receio de expressar seus sentimentos ou se moldar à versão de alguém que o considera adorável. Ele será selvagem, meigo, barulhento, raivoso e lindo, e nós amaremos todas as versões dele.

Nós o amaremos quando ele errar. Quando quebrar coisas. Quando esquecer de arrumar o quarto, tirar uma nota baixa na prova ou chegar em casa com o joelho ralado

e lágrimas nos olhos. Nós o amaremos quando estiver quieto e inseguro, quando estiver com raiva do mundo, quando estiver com medo.

Nós o amaremos mesmo que a única coisa que o faça feliz seja um brinquedo.

Nós o amaremos porque ele é *nosso*.

Porque ele é feito de todas as escolhas corajosas que nunca pensamos que teríamos a oportunidade de fazer.

Pressiono a mão contra o estômago, sentindo um leve movimento de rolamento na palma da mão.

E eu sussurro: "Você já é amada mais do que eu jamais imaginei ser possível."

Atrás de mim, Maddox se mexe enquanto dorme e murmura: "Você está falando com ele de novo?"

Eu sorrio, piscando para conter as lágrimas. "Sim. Ele está se mexendo."

Ele emite um som sonolento e roucamente. Então, ainda meio adormecido, diz: "Diga a ele que mandei um oi. E que, se ele for parecido com você, eu já estou morrendo de medo."

Dou uma risadinha suave, com o peito aquecido.

Meu Deus, vamos estragar tudo.

Mas vamos fazer isso juntos. Em voz alta. Em voz baixa. De forma imperfeita.

De todo o coração.

E pela primeira vez na minha vida, isso parece suficiente.

Muito obrigada por ler Brincando com o Fantasma!

Tenho outro lançamento previsto para o final deste ano, então, se você quiser receber notificações sobre novidades, promoções, sorteios e, de modo geral, me apoiar, a melhor coisa a fazer é se inscrever na minha newsletter:

Inscreva-se na newsletter da Amanda

(Psst... você também ganha uma novela gratuita de aluno/professor como agradecimento por participar!)

Se você gostou deste livro, talvez goste da minha série Castelo Devastado. Cinco irmãos bilionários? Mais heróis ricos e possessivos? Sim, por favor!

Contar à presa

(Melhor amigo do irmão, brincadeiras primais, angústia e cenas picantes)

Casar com mentiras

(Casamento por conveniência, heroína plus size, voyeurismo)

Ward Willing

(Diferença de idade, melhor amigo do pai, aluno/professor, Dom do prazer)

Pecados Mascarados

(Meio-irmão, identidade secreta, homem mascarado, Dom sádico)

Sagrados Corações

(MMF, despertar bissexual, representação poliamorosa, fetiche religioso)

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos que amaram Frankie e Dante, porque sem eles, Ari e Maddox jamais teriam existido. Ari era para ser apenas uma personagem secundária divertida em *Dance with the Devil*, mas tantas pessoas me pediram um livro sobre ela! Antes que eu percebesse, surgiu a ideia de Asher/Maddox, e aí não havia mais como me parar.

Obrigada Erica, Macie e Bryanna pela leitura alfa! Este livro começou de forma bem diferente e, por volta da metade, percebi que precisava de uma proximidade mais forçada, então surgiu a ideia da casa de férias. Graças a elas, consegui resolver tudo em tempo recorde, sem precisar adiar o lançamento! Tenho a melhor equipe. De verdade.

Obrigada ao meu marido por mais uma vez ser meu porto seguro, minha fonte de sustento (quer dizer, comida/caféina... parem com as malícias) e, acima de tudo, meu maior apoio. Te amo!

Aos meus membros do Patreon *do Heated Glance* e *Surrender ...* Lori, Tabitha, Drea, Devon, Jaime, Kristen, Kay, Ashlee, Jenna, Tina, Hannah, Pam, Rhiannon, Shannai, Megan, Mary, Stephanie S., Markayle, Aimee, Shayla, Calleigh, Nita, Gabriella, Shannon, Vivi, Candace, Sarena, Carla, Heidi, Allie, Suzi, Deani, Nicole, Katherine, Darcy, Stephanie K., Elizabeth, Jess, Hayley e Delanie... vocês são os verdadeiros MVPs. MUITO OBRIGADA pelo apoio, pelos comentários, pelo carinho e por serem tão incríveis! Amo vocês.

Para todos que perderam alguém que amavam... espero que este livro lhes dê alguma esperança de que o amor e a luz podem ser encontrados mesmo após nossos momentos mais sombrios.

Obrigada à Rumi pelas edições fantásticas. Peço desculpas por todos os *erros*, *amassados* e *rugos*. Prometo tentar melhorar na próxima vez, haha!

Obrigada à Kirsty por dar vida ao Maddox... três vezes! MUITO OBRIGADA por ser incrível e rápida.

E aos meus leitores, obrigada pela confiança. Escrevi *Dance with the Devil* como uma forma de combater alguns clichês que recebem muito ódio (gravidez) e, com *Play with the Phantom*, o clichê da traição. Sei que muita gente não gosta desses clichês, mas espero ter feito justiça a eles para quem gosta (como eu!). Espero que tenham gostado desses livros mais leves. Foi muito divertido escrevê-los.

Muito amor para todos vocês!! Obrigada por realizarem meus sonhos!

SOBRE O AUTOR

Amanda Richardson escreve de sua mesa de jantar caótica em Yorkshire, Inglaterra, frequentemente distraída pelo marido e pelos dois filhos adoráveis. Quando não está escrevendo romances contemporâneos e sombrios com reviravoltas, ela aprecia café (talvez até demais) e coleciona plantas domésticas como se não houvesse amanhã.

Você pode visitar meu site aqui:

www.authoramandarichardson.com

TAMBÉM POR AMANDA RICHARDSON

Para consultar a lista completa e atualizada dos meus livros publicados, visite meu site aqui:

www.authoramandarichardson.com/books